
LONDON MILLER
BOOK ONE IN THE VOLKOV BRATVA SERIES
IN
Can they fight past their demons...
THE
or were they doomed by fate before they ever met
BEGINNING

PEGASUS
LANÇAMENTOS

IN THE BEGINNING

Volkov Bratva 1

London

Tradução – Bella Reader e Anjinho
Revisão Inicial – Gislaine Vagliengo
Revisão Final – Monikyta
Formatação: Vivi



Avisos

Aviso 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook!
Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por email a quem pedir.
Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL!
Ajude-nos a preservar o grupo!

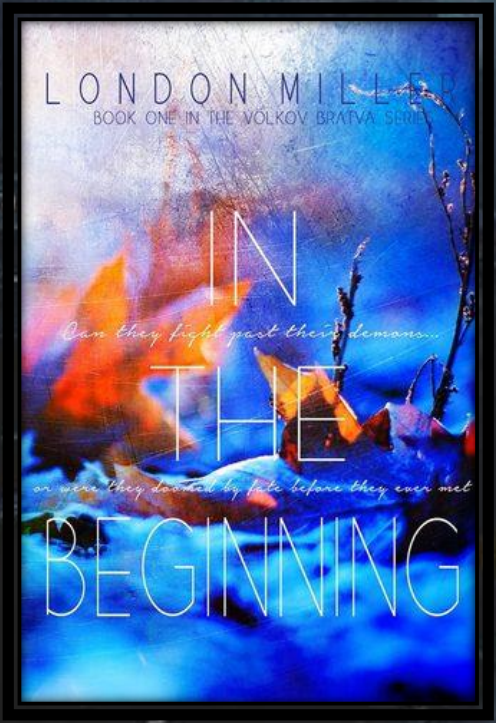
Aviso 2

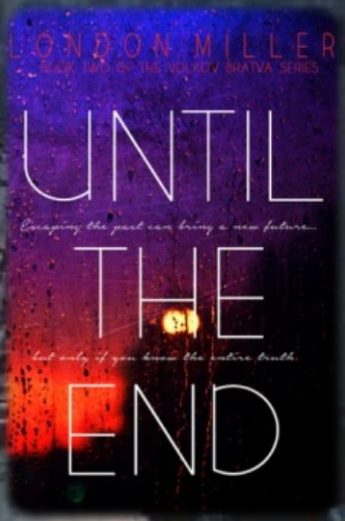
Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita? Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão! Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!
Ajude a preservar o seu grupo de romance!
A equipe do PL agradece!

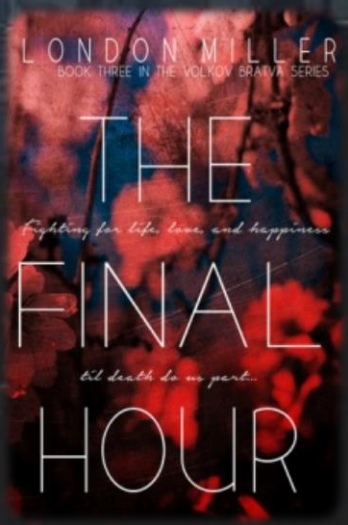
Aviso 3

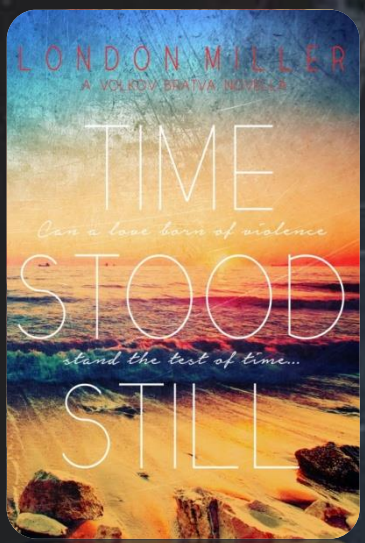
Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!
Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.
Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!
Seja esperta (o).

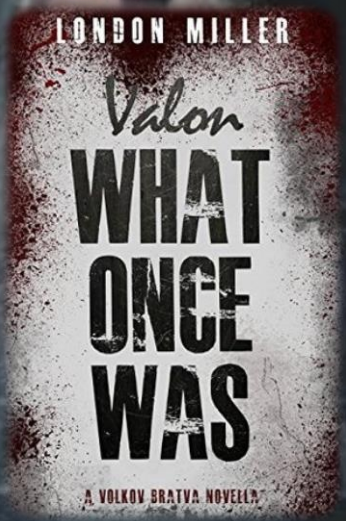
Volkov Bratva



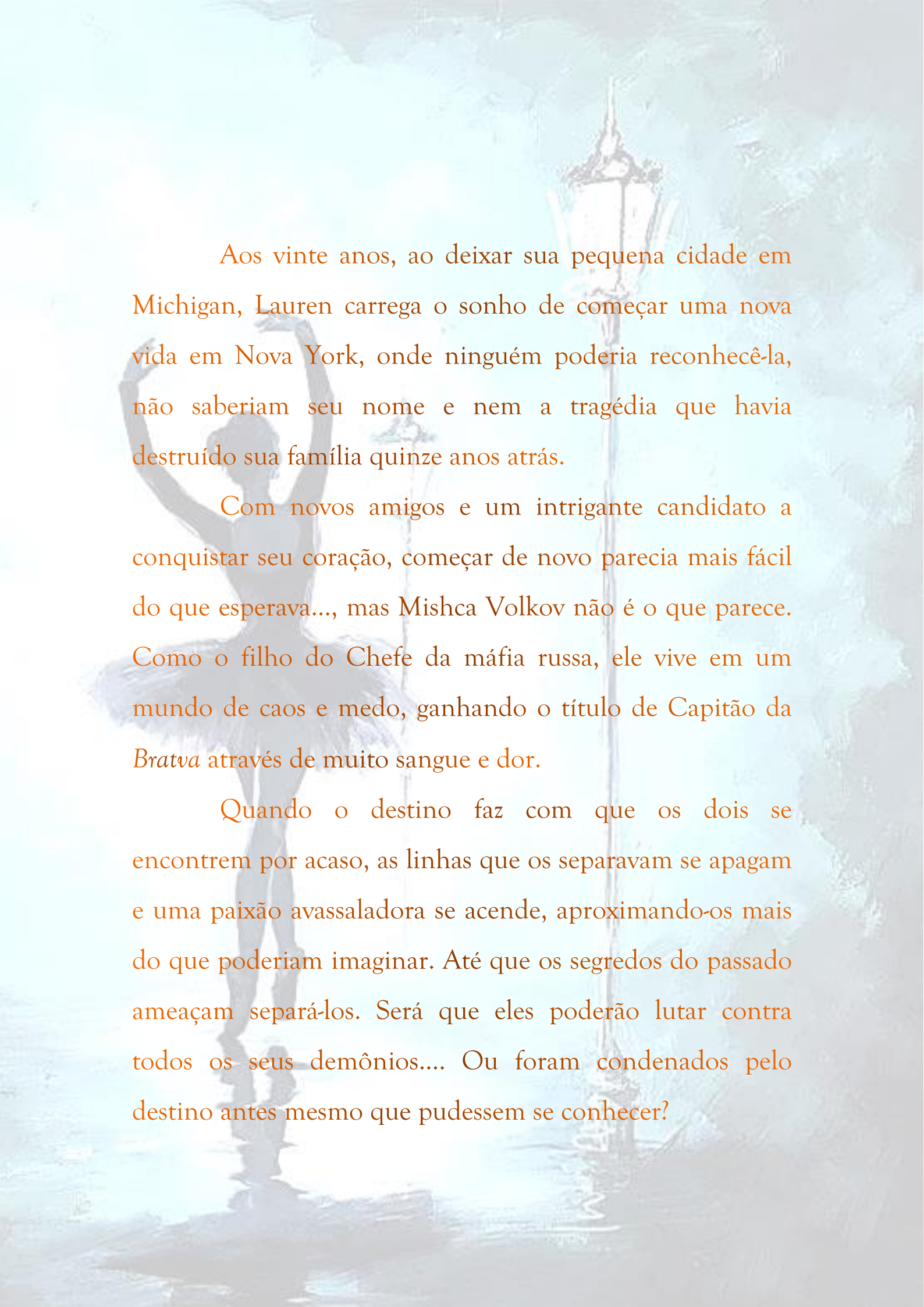












Aos vinte anos, ao deixar sua pequena cidade em Michigan, Lauren carrega o sonho de começar uma nova vida em Nova York, onde ninguém poderia reconhecê-la, não saberiam seu nome e nem a tragédia que havia destruído sua família quinze anos atrás.

Com novos amigos e um intrigante candidato a conquistar seu coração, começar de novo parecia mais fácil do que esperava..., mas Mishca Volkov não é o que parece. Como o filho do Chefe da máfia russa, ele vive em um mundo de caos e medo, ganhando o título de Capitão da *Bratva* através de muito sangue e dor.

Quando o destino faz com que os dois se encontrem por acaso, as linhas que os separavam se apagam e uma paixão avassaladora se acende, aproximando-os mais do que poderiam imaginar. Até que os segredos do passado ameaçam separá-los. Será que eles poderão lutar contra todos os seus demônios.... Ou foram condenados pelo destino antes mesmo que pudessem se conhecer?

PREFÁCIO

Os Volkov *Bratva*.

The Thieves' Code ou Código Vor[1]. O Código da máfia russa para todos os seus membros.

1- Renunciar a seus familiares – mãe, pai, irmão e irmãs....
Não permitir que nenhuma família se interponha entre suas obrigações para com a Volkov Bratva.

2- Não ter uma família própria – sem esposa ou filhos.
Não ter uma família para que não sejam utilizados como um ponto fraco.

3- Nunca, sob qualquer circunstância trabalhar, não importa quanta dificuldade isso traga.
Viver somente por meios que são permitidos pelos Volkov Bratva.

4- Ajudar outros ladrões – com apoio material ou moral, utilizando a comuna de ladrões.
Manter sagrados aos Bratva, eles são sua única família.

5- Manter em segredo as informações sobre a localização de seus cúmplices.
Jamais trair a confiança de um companheiro Vor.

6- Em situações inevitáveis, assumir a culpa de outro membro, comprando de outra pessoa o tempo para liberdade.
Proporcionar um álibi para um companheiro Vor.

7- Exigir uma convocação de investigação com fim de resolver os conflitos no caso de um confronto entre ladrões.
Se surgirem problemas com um companheiro Vor, levar o caso diretamente ao "Conselho".



[1] Vor – ladrão.

8- Se necessário, participar de qualquer investigação.
Fornecer evidências para apoiar a sua reclamação contra um companheiro Vor.

9- Realizar a punição do ladrão infrator como foi decidido pela convocação.
Uma vez que a convocação chegue a uma decisão, aplicar a justiça.

10- Não resistir a cumprir com a decisão de punir o ladrão infrator, que foi considerado culpado, com o castigo determinado pela convocação.
Nunca hesitar em castigar depois que a decisão for tomada.

11- Ter um bom domínio dos jargões utilizados pelos ladrões (Fehnay – Jargão dos ladrões da máfia russa).
Falar por falar.

12- Não apostar sem ser capaz de cobrir o valor perdido.
Não apostar mais do que pode se dar ao luxo de perder.

13- Ensinar o ofício aos jovens iniciantes.
Transmitir os conhecimentos Vor existentes e por existir.

14- Ter, se possível, informações da classificação e arquivos dos ladrões.
Mesmo os homens nas níveis mais baixas podem servir a um propósito.

15- Não perder sua capacidade de raciocínio quando utilizar álcool.
Não permitir que suas más decisões, atrapalhem seu julgamento.

16- Não ter nada a ver com as autoridades.
Nunca ajudar a polícia.

17- Não tomar as armas das mãos das autoridades, não servir nas forças armadas.



Servir nas forças armadas é considerado ser uma suka[2].

18- Cumprir com os compromissos assumidos com outros ladrões.
Ser um homem de honra entre os ladrões.

*Em uma reunião entre os funcionários de alta patente no *Vory v Zakone* – Máfia Russa, estas regras foram redigidas.



[2] Cadela.

Prólogo

18:30 p.m. 15 de novembro, 1997. Michigan
Casa do Dr. Cameron Thompson.

O Dr. Cameron sentou-se em sua confortável poltrona — um presente de sua esposa pelo seu terceiro aniversário de casamento — atrás de sua mesa olhando para o teto enquanto tentava acalmar um mau pressentimento em seu coração.

Desenhos feitos à lápis emoldurados estavam pendurados nas paredes, nas estantes, e até mesmo em sua mesa, mas nem mesmo as belas imagens, que normalmente o enchiam de grande paz e alegria, podiam tirar as preocupações de sua cabeça.

Há várias semanas, tinha descoberto erroneamente algo que nunca deveria ser revelado, um segredo com o qual se deparou no decorrer de seu trabalho.... Um que seria fatal para alguém como ele. Ninguém teria previsto essa sequência de acontecimentos, sobretudo quando foi um acidente tão peculiar, mas apesar das constantes garantias, ele e seu empregador não viam a situação com bons olhos.

O Dr. Cameron sabia que não importava quantas promessas fizesse, quantas vezes jurasse manter a boca fechada, era um homem morto. Como médico era estranho para ele saber que, a qualquer instante, morreria. Havia esperança, é claro, porém não neste mundo.



Quando concordou em ajudar empresários envolvidos no lado decadente do submundo, sabia que a lealdade era de vital importância para homens como estes, principalmente quando se trata de suas vidas pessoais.

Mas se aprendeu algo no tempo em que trabalhou para eles, foi que informação era poder, assim, em um último ato de preservação, se alguma coisa acontecesse com ele, tinha seus próprios segredos, sabendo que um dia, essa informação resolveria um crime que seria esquecido com o tempo.

Um crime, pensou com um sorriso amargo. Nunca foi fácil o planejamento do que aconteceria depois da própria morte.

Suspirando, esfregou seus olhos cansados, desejando que a tensão exaustiva deixasse seu corpo, nem que fosse por apenas alguns momentos. O Dr. Cameron estava vivendo como um homem com o pé na cova, mas nenhum de seus colegas de trabalho, nem sua mulher, notaram seu comportamento estranho.

Alegrou-se, pois se eles tivessem percebido haveria muitas perguntas, as quais seria incapaz de responder sem colocar a todos em perigo.

Se sua mulher tivesse se dado conta, perceberia que ele criou um fundo universitário para Lauren, o suficiente para que ela pudesse frequentar qualquer escola do país. Inclusive havia garantido que seu seguro de vida estivesse em dia, sabendo que quando se fosse, Susan precisaria dele para sobreviver.



Tocou sua aliança na mão esquerda, sentindo as palavras gravadas na parte inferior do anel.

Até o fim...

Eram as mesmas palavras que estavam gravadas na dela, assim como foram as mesmas que disseram no dia de seu casamento. Se de uma coisa se arrependia, era de que não cumpriria sua promessa a ela.

Ele estava em silêncio, desejando...

— Papai! Esconde-esconde!

O Dr. Cameron piscou, sorrindo para sua filha de cinco anos, Lauren, enquanto ela estava na entrada do escritório, segurando uma manta branca e rosa em sua mão. Ela era muito pequena para sua idade, chegando apenas até sua cintura, mas o que lhe faltava em tamanho, compensava em energia.

Entre suas horas no hospital e o tempo dedicado a se preocupar com seu destino, não a tinha visto muito e isso trouxe outra forte pontada de dor em seu peito. Por nunca mais ver seu sorriso radiante, por nunca mais poder ler outra história para dormir, ela seria a que mais perderia com sua morte.

Chegara em casa há vinte minutos, após dois dias de plantão no hospital onde trabalhava como cirurgião-chefe. Susan tinha saído para jantar, acostumada com sua agenda lotada. Lauren estava ocupada em frente à televisão, cantando junto com um desenho com sua voz aguda adorável.



O Dr. Cameron estava cansado, realmente exausto, mas nunca poderia lhe negar nada, ainda mais agora que seu tempo estava se esgotando.

— Apenas uma partida — disse-lhe com firmeza, mas carinhoso, sabendo que logo que a primeira terminasse ela diria “mais uma vez, papai”, como sempre fazia. — Logo será a hora de você se deitar.

Com um beijo rápido em sua bochecha, ele a enviou com um leve empurrão, indicando que ia cobrir os olhos e contar em voz alta. Ela saiu correndo, sua risada ecoando pela casa vazia. Não tinha nenhum problema para encontrá-la, quando ela sempre se escondia no armário perto da porta de entrada, enterrando-se nos casados de inverno.

Quando ouviu o cessar do som de seus pezinhos, o Dr. Cameron parou de contar, batendo seus pés alto o suficiente para que ela ouvisse enquanto ele virava no corredor. Com certeza a porta estava entreaberta e quase podia ouvir sua risada abafada.

— Agora onde.... Oh, onde foi minha pequena Lauren? — chamou, caminhando ao redor da sala de estar, coçando a cabeça. Pelo canto do olho, viu seu cabelo castanho por apenas um segundo antes que ela se escondesse, fazendo-o sorrir.

Assim que ele deu a volta na sala, com intenção de se aproximar silenciosamente dela, a campainha tocou duas vezes seguidas, parando-o.



O Dr. Cameron franziu a testa, uma série de possibilidades de quem poderia estar do outro lado da porta passou por sua cabeça, fazendo seu coração se acelerar, mas rapidamente enterrou esses pensamentos.

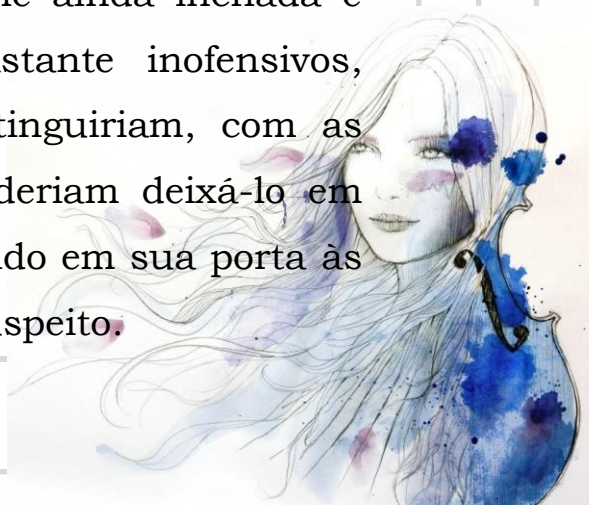
Eu cumpri com minha palavra.

Poderiam ser os criminosos, mas os homens para quem trabalhava eram bastante rígidos sobre como poderiam lidar com qualquer um que cruzasse seu caminho. Tinha que acreditar, pelo bem se sua família, que eles cumpririam sua palavra também.

Apesar de que não esperava nenhuma visita, Susan poderia ter convidado alguém e esquecido de mencionar. Ela era a costureira local e costumava fazer vários trabalhos para as mulheres, que queriam ter seus vestidos de noiva. Mais frequentemente do que não, elas vinham a qualquer hora da noite, por maior que fosse o pânico ao pensar em como ficariam menos do que perfeitas no altar.

O Dr. Cameron olhou para a porta do armário, empurrou as cortinas das janelas do alpendre para o lado e espiou para ver quem estaria ali uma hora dessas.

Dois rapazes — provavelmente em seus vinte anos — um com a cabeça careca reluzente e o outro com uma cabeça de tigre tatuada acima da jugular, a pele ainda inchada e vermelha da nova tinta. Pareciam bastante inofensivos, claramente sem as marcas que os distinguiriam, com as quais ele estava familiarizado e que poderiam deixá-lo em pânico. Entretanto qualquer um aparecendo em sua porta às sete da noite, que ele não conhecia, era suspeito.



Sentia vontade de não responder, fingir que não havia ninguém em casa e esperar que o deixassem em paz, mas eles já o tinham visto espiar pela janela, olhando-o com olhares frios... seria essa sua determinação? Soube então, sem dúvida, que estava prestes a morrer. Se corresse agora, ninguém estaria a salvo, nem sua esposa, nem sua filha, nem mesmo seus colegas de trabalho. Eles nunca deixariam nenhuma ponta solta em seu caminho.

Andando na ponta dos pés de volta ao armário, Dr. Cameron olhou para sua filha — Fique quieta, Lauren — disse em um sussurro — não importa o que ouça, não importa o que aconteça, não faça nenhum ruído, ok?

Em um aceno hesitante, deu-lhe um pequeno sorriso. — O papai te ama muito, querida.

— Eu também te amo, papai.

As palavras quase trouxeram lágrimas a seus olhos enquanto a olhava, fixando seu rosto na memória. Se ia mesmo morrer, havia a possibilidade de que perderia todas as lembranças de seu tempo na terra, mas esperava que, mesmo em sua vida após a morte, lembrasse de sua filha.

Com o coração pesado, deu um passo para trás, empurrando a porta do armário para sair, deixando aberta uma pequena fresta, para que Lauren não tivesse medo do escuro. Ele piscou rapidamente, as lágrimas ameaçando cair, não querendo demonstrar nenhuma fraqueza.

Engoliu em seco e limpou a garganta, finalmente saudando seus visitantes com um sorriso forçado.



— Como posso ajudá-los, senhores? — Perguntou com uma calma que não sentia.

— O Chefe está te procurando — disse o careca, sua voz com um forte sotaque do leste europeu.

O Dr. Cameron deu um passo para o lado, permitindo-lhes a entrada, inclinando seu corpo na frente do armário. Por sorte, era um homem alto e musculoso, e pode proteger a maior parte da porta.

— Eu não sabia que precisava de escolta — disse com tristeza, mantendo a atenção dos homens nele.

Claro, não era estranho que o Chefe chamasse o Dr. Cameron. Seu trabalho era estar disponível a qualquer momento, pronto para voar a Nova York em um abrir e fechar de olhos.

— Está sozinho aqui? — Perguntou o outro, com os olhos analisando o interior da casa com um brilho calculista. Ele se deteve na televisão, onde os desenhos animados ainda passavam, e nos brinquedos espalhados no chão na frente dela.

— Sim — disse, pensando rapidamente — minha esposa saiu para buscar o jantar e pegará nossa filha na casa da babá na volta.

Essa resposta pareceu aplacar a curiosidade do homem. Se o Dr. Cameron não fora grato por qualquer outra coisa, estava pelo fato destes homens serem estúpidos o bastante para não verificar.



Não houve tempo suficiente para que ele respirasse novamente, antes que estivesse olhando para o cano de uma pistola prata brilhante, com um silenciador na ponta.

O rapaz com a tatuagem de tigre sorriu friamente, baixando a pistola até que ela estivesse apontada para seu peito.

O Dr. Cameron ouviu passos na porta, um homem entrou na casa, tirando seu chapéu-coco e segurando-o na frente dele. Seus olhos se arregalaram em reconhecimento. Ele tinha assumido antes, mas agora tinha a confirmação do porquê estava prestes a morrer.

Com um sorriso sinistro, o homem disse — *Suzhenogo konyom ne ob "edyesh*[3].

O executor puxou o gatilho.

Conforme a primeira bala o atingiu, Dr. Cameron cambaleou para trás com o impulso, agarrando o peito, o sangue escorrendo entre seus dedos estendidos. Sentiu uma dor lancinante, uma agonia inimaginável tirando seu fôlego.

Quando a segunda bala o golpeou, ele caiu contra a porta do armário, fechando-a com um clique sonoro, mas apesar do som ecoando em seus ouvidos, pareceu-lhe ouvir um suave engasgar de Lauren.

O sangue rapidamente começou a encher seus pulmões. Tossiu, espirrando sangue em seus lábios enquanto



[3] Tradução: Você não pode escapar seu destino (mesmo) com um cavalo. Significado: Você não pode mudar seu destino.

tentava inutilmente liberar suas vias aéreas, também seus órgãos começaram a parar.

Com um olhar firme, enfrentou seu executor, que pairava sobre ele, mas sua visão foi ficando turva e sua respiração superficial.

O Dr. Cameron não suplicou, não perguntou a esses homens se poderiam poupar sua vida, porque queria que eles terminassem logo, sabendo que sairiam rapidamente, uma vez que estivesse morto. Fechou seus olhos enquanto o executor mirou uma vez mais em seu peito. Imaginou sua esposa e sua filha, sorrindo-lhe, lembrando de seu amor.

Seu último pensamento coerente antes da terceira bala que se alojou em seu coração foi:

Pelo menos eles não encontraram Lauren.



Capítulo 1

Bem-vindo a Nova York

15 anos depois...

— Tem certeza de que não prefere permanecer no campus? — Susan perguntou pela centésima vez desde que chegaram na interestadual, deixando Michigan. Tinham acabado de passar pelo letreiro de "Bem-vindo a Nova York", e Lauren Thompson estava secretamente agradecida. Não só porque estava desesperada para sair do carro depois de sua longa viagem de nove horas, mas porque sua mãe estava mais preocupada com sua mudança do que ela.

— Não é tarde demais para mudar de ideia — continuou — tenho certeza que ainda há dormitórios disponíveis.

Se houvesse, Lauren não queria estar neles. Leu muitas histórias de horror sobre a vida nos dormitórios na universidade de Nova York[4], não mudaria de ideia a respeito de procurar um lugar fora do campus e, principalmente, sem um terrível companheiro de quarto.



[4] A Universidade de Nova York (New York University) é uma importante universidade privada. Fundada em 1831, é formada por 14 faculdades. Seu campus principal situa-se no bairro Greenwich Village, na ilha de Manhattan. São mais de 2.500 cursos oferecidos, divididos entre 18 escolas e faculdades.

— Está tudo bem, mãe. Além disso, se houvesse algo de errado com Amber, tenho certeza que Ross teria encontrado quando checou seus antecedentes.

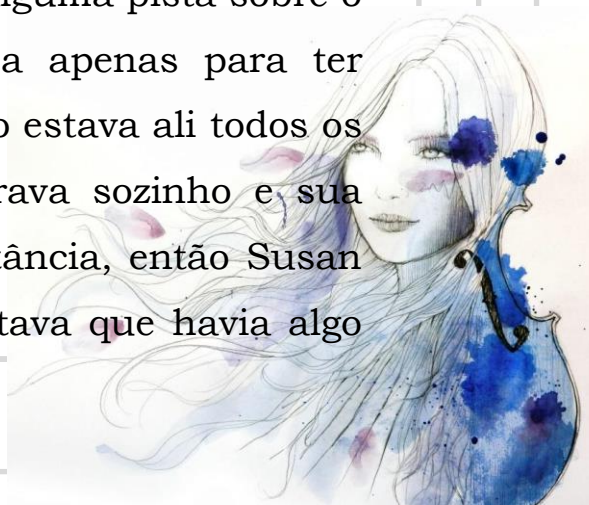
Lauren sorriu como o detetive Thomas Ross sentou rigidamente no banco do passageiro, encolhendo os ombros com culpa quando olharam para ele.

Ross era um detetive da polícia de Michigan, trabalhando nisso antes mesmo de Lauren nascer. Era de altura média e normalmente fazia uma carranca severa quando trabalhava em algum caso, tinha olhos castanhos e o usual corte de cabelo estilo militar, que se recusava a mudar embora já estivesse há anos fora de serviço.

Ela não estava chateada porque ele tinha checado os antecedentes de sua colega, não a incomodava que sua mãe estivesse surtando porque estava se mudando a centenas de quilômetros para estudar na Universidade de Nova York, depois de ter passado um ano em Michigan.

Durante a última década e meia só tinha sido eles três, formaram uma quase família depois da trágica morte de seu pai. Ross foi um dos primeiros a chegar na cena do crime e, conforme lhe contaram, foi quem a encontrou.

Desde então Ross sempre esteve em sua vida. No início só parava para lhes dizer se havia alguma pista sobre o caso, mas depois passava por sua casa apenas para ter certeza de que Lauren estivesse bem. Logo estava ali todos os dias, geralmente para o jantar. Ele morava sozinho e sua única irmã vivia a algumas horas de distância, então Susan sempre o convidava. Às vezes, ela acreditava que havia algo



mais entre eles, mas sua mãe apenas encolhia os ombros e dizia que simplesmente era um amor platônico.

Ele se recusou a vir na viagem com elas, sempre tentando não ultrapassar os limites da amizade, mas não demorou muito para convencê-lo a entrar na caminhonete, quando Lauren lhe disse que ninguém revisaria as fechaduras para que o lugar não fosse invadido.

— Ela tem razão, Susan — interveio Ross — sabe como ter cuidado com estranhos.

— Aprendi com o melhor. — Adicionou, batendo suas mãos nas dele.

Susan o olhou quando pararam em um sinal vermelho, muitos táxis amarelos ao redor. — De que lado está?

— Do meu, sempre, além disso, estive falando com Amber durante semanas e ela parece bastante agradável.

Susan ainda não parecia muito convencida, em seus olhos marrons podia ver o pavor que sentia, mas depois que Lauren tomava uma decisão nada que dissesse a faria mudar. Susan sempre a relembrava que esse era um dos traços que herdou de seu pai. Todo o resto, foi dela.

Elas eram muito parecidas fisicamente, ambas com o cabelo castanho claro e bochechas altas, mas Lauren sempre pensou que as semelhanças paravam por aí. Susan tinha certas diferenças em seus traços, o arco dos lábios, a inclinação dos olhos, enquanto ela só parecia mais... simples. Não tinha a impressão de que era feia, não era esse tipo de



garota insegura..., entretanto não acreditava que houvesse nada chamativo nela, simplesmente era normal.

Enquanto viajavam, Lauren tirou algumas fotografias aqui e ali, sentindo-se como todo turista. Eram tão diferentes, Nova York e Michigan. Nunca saiu da pequena cidade em que nascera, em todos os seus vinte anos. Com sua mãe trabalhando o dia todo, não teve tempo para viajar a nenhum lugar. Depois de graduar-se na escola preparatória, tirou um ano livre. Ela se deu esse tempo para pensar no que faria de sua vida, e até agora não tinha muita certeza.

Matriculou-se na Michigan State[5], mas mesmo ali, o passado estava preso a ela e queria escapar dele. Então, por um capricho, matriculou-se na Universidade de Nova York, sempre desejando deixar as pessoas que conheciam sua história para trás e começar novamente em uma cidade maior.

Quando deu a notícia a sua mãe de que havia sido aceita, não foi tão fácil quanto pensou. Ela se queixou que "seu bebê estava crescendo" e entrou em pânico com a ideia de Lauren estar por conta própria, mas por fim concordou e começaram com os preparativos para sua mudança.

Juntas procuraram pela internet algumas moradias disponíveis, depois que deixou claro que não viveria em um dormitório. Finalmente encontraram um perfil anunciando um apartamento em um prédio com três andares, que não ficava longe do campus.



[5] Michigan State - Universidade Estadual de Michigan, é uma universidade pública norte-americana localizada na cidade de East Lansing, no estado de Michigan. Foi fundada em 12 de fevereiro de 1855

Lauren gostou do que pode ver do lugar, e depois de falar com Amber a respeito dos custos da moradia, decidiu que era perfeito para ela. Fizeram um tour virtual, Amber pacientemente percorreu todo o apartamento com seu laptop para que ela pudesse vê-lo.

— E se ela for totalmente organizada? — Em outra tentativa de fazê-la desistir. — Às vezes é difícil lidar com toda a sua bagunça.

— Não é verdade.

— É totalmente verdade.

Isso era compreensível. O quarto de Lauren em casa era forrado com pôsteres e bugigangas, roupas atiradas por todo canto, livros amontoados em toda parte. Se Amber fosse uma maníaca por organização, definitivamente odiaria tê-la como companheira, mas normalmente conseguia manter sua bagunça em seu espaço.

— Mãe, você está mais assustada que eu — disse enquanto ria — Tudo ficará bem.

Susan lhe sorriu com os olhos cheios de lágrimas. — Seu pai estaria tão orgulhoso de você.

Lauren sorriu de volta, sentindo o familiar golpe no peito, cada vez que algo lembrava seu pai. Ela desejava saber se isso era verdade. Voltou-se para a janela, perdendo-se no tráfego da grande cidade.

Nova York era tão bonita na vida real quanto nas fotografias. A vida na cidade tinha certos atrativos. Construções que pareciam não ter limites em tamanho à medida que se estendiam até onde a vista alcançava.



Letreiros chamativos para os turistas, mostrando os melhores restaurantes, os melhores hotéis, as modelos usando os últimos lançamentos...

Mas, oh Deus, o trânsito!

Ninguém podia preparar uma pessoa para esse caos, empurrando os carros e pessoas através das ruas movimentadas, buzinas soando constantemente, enquanto os motoristas irritados gritavam pelas janelas de seus carros.

Depois de verificar a distância entre seu novo apartamento e a universidade, deu-se conta de que não precisaria de um carro e, agora que viu como era o tráfego de lá, não queria um sabendo que perderia horas presa no trânsito.

Outra hora transcorreu em silêncio, o tempo passava enquanto eles se moviam pela multidão de outros carros, mas felizmente eles finalmente chegaram a uma fileira de prédios com três andares, um pequeno pedaço gramado bem cuidado, com uma árvore plantada no meio alinhada em frente a cada um deles.

A rua não estava muito cheia, mas tiveram que estacionar a poucos quarteirões por falta de uma vaga mais próxima. Ross carregou as mochilas de Lauren, bufando quando ela se ofereceu para ajudar.

Subindo os degraus da entrada do edifício, Lauren leu os nomes junto as campainhas. Pressionando a de Amber, esperou enquanto o aparelho soava um pequeno zumbido.

— Olá? — Uma alegre voz respondeu



— Olá, sou Lauren, procuro por Amber Lacey.

— Oh, pode subir, estou no terceiro andar, primeira porta à sua esquerda.

Um zumbido alto veio da porta, seguido por um clique quando a trava da fechadura se soltou. Ross abriu a porta para elas, certificando-se de que estivesse trancada depois que passaram, e as seguiu. Enquanto subiam as escadas Lauren sorriu para sua mãe.

— Viu? Ninguém pode entrar no edifício se não destravarem a porta.

Susan deu-lhe um olhar divertido. — E se um homem te olha inocentemente e você vai para a porta? Ele finge ser agradável, talvez dar-lhe um pequeno sorriso tímido, enquanto você não presta atenção ele te segue e então... Bam! — Ela bate o punho de uma mão com a outra. — É assassinada no corredor com um taco de golfe.

— Quantos episódios de CSI[6] tem assistindo?

Quando chegaram ao terceiro andar, Susan suspirou derrotada — Thomas, diga a ela que o que estou falando é possível.

— Ela tem razão, Lauren. Tem que estar atenta quando estiver sozinha. Há gente louca que não hesitaria em ferir uma garota inocente. — A seriedade em suas palavras fez com que ela estremecesse, mas então sorriu e disse — porém creio que vi isso em CSI uma vez.

— Hah!!



[6] CSI: Crime Scene Investigation foi uma popular e premiada série dramática americana exibida pelo canal CBS. A série é centrada nas investigações do grupo de cientistas forenses do departamento de criminalística da polícia de Las Vegas, Nevada.

A porta do apartamento 33B estava aberta, um rock suave saia para o corredor. Lauren olhou, ia bater quando viu a garota sentada junto a janela. Amber tinha vinte e dois anos e era estudante do penúltimo ano de artes, na Universidade de Nova York. Tinha a pele morena e cabelos encaracolados, tingidos de castanho com mechas loiras.

Sorrindo de volta, colocou seus pincéis em um recipiente com água e limpou as mãos na calça, afastando-se do cavalete. Alta e esbelta, Amber parecia uma artista, vestida com calças jeans boyfriend[7]e um top branco, com um avental amarrado na cintura.

Com um controle desligou a música enquanto se aproximava deles.

— É um prazer finalmente te conhecer, Lauren. — Sua voz era ligeira e arrastava suavemente as palavras, não como os sulistas, mas como as pessoas das praias da Califórnia. Seus olhos eram cor de avelã com bordas mais escuras. Deu um caloroso sorriso a Susan e Ross. — Sou Amber Lacey.

Eles apertaram as mãos, apresentando-se e entraram no apartamento, olhando em volta.

— É aqui... — disse com um pequeno sorriso, levantando seus braços em um arco. — Não é enorme, mas é maior que a maioria dos apartamentos na cidade.



[7] A calça boyfriend possui uma modelagem mais ampla e corte mais reto. Fica larga e fofa no corpo. O gancho é mais alto, é como se você tivesse pego a calça jeans de algum homem emprestada.

As paredes eram brancas, mas as diferentes peças de arte penduradas rompiam com a uniformidade. Lauren se perguntava quantas dessas foram pintadas por Amber.

Havia livros e materiais de arte por toda parte, alguns empilhados perto da lareira, outros em estantes, e até mesmo em pilhas aleatórias no chão.

Lauren amou o apartamento imediatamente.

Havia um sofá em forma de L, grande o bastante para acomodar bem seis pessoas ou mais, em frente a uma tela plana gigante, que foi montada acima da lareira.

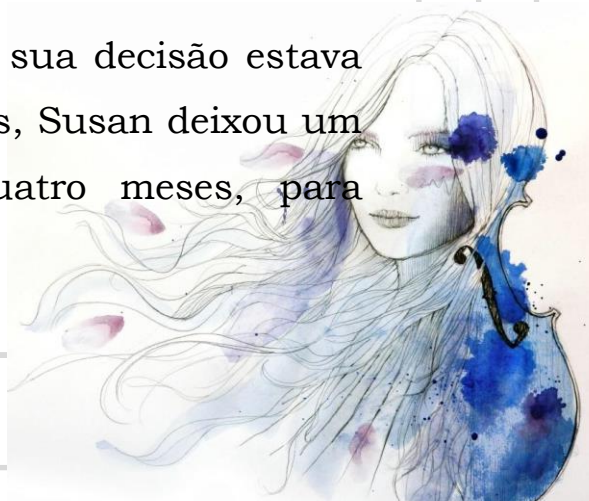
Os pisos de todo o lugar eram de madeira escura, a cozinha tinha eletrodomésticos de aço inox e bancada de granito. Ross acostumado a ser um “faz tudo”, revisou a pressão da água, verificando se tudo funcionava corretamente.

— Vamos, mostrarei seu quarto.

Lauren e Susan a seguiram por um curto corredor, onde ela lhes mostrou o banheiro, que ficava em frente ao quarto dela.

Este quarto também era branco, mas uma das paredes era de tijolinho à vista e Lauren ficou encantada. Era do mesmo tamanho do seu em casa, algo que não esperava, mas intimamente agradecia.

Assim que voltaram para a sala, sua decisão estava tomada. Combinaram o resto dos detalhes, Susan deixou um cheque pelo aluguel dos próximos quatro meses, para surpresa de Amber.



— Bom, vamos deixá-las para se conhecerem melhor e se acomodarem — disse Susan enquanto ela e Ross saíam do apartamento. — Voltaremos amanhã, quando chegar o caminhão com suas coisas para te ajudar a se instalar.

— Obrigada, mãe.

Susan sorriu, puxando-a para um abraço, que fez Lauren chorar. — Suponho que é hora de deixá-la ir.

Lauren tocou a mão de sua mãe, que estava em seu rosto, vendo o medo e a aceitação em seus olhos. — Você sempre está a apenas um telefonema de distância, Ross também.

Ele sorriu e lhe deu um grande abraço.

— Vamos — disse Susan — saia e divirta-se, nos vemos amanhã.

Uma vez que se foram, Lauren teve um pequeno momento de pânico porque sabia que tudo mudaria, deixando o ninho, como alguns diziam, mas também aprendendo a voar com o ar de um novo lar. Estava pronta e animada.

— Estava pensando — começou Amber quando ficaram sozinhas — Ia sair para fazer uma cópia das chaves para você. O que acha de darmos uma volta? Posso te mostrar os arredores, assim saberá chegar a faculdade na segunda-feira.

— Parece ótimo.



Nova York era enorme, esse era um fato conhecido, mas Lauren, que vinha de um lugar tão pequeno, sentia como se estivesse em um mundo completamente diferente.

Pegaram um táxi para o centro da cidade, Amber mostrando diferentes lojas e cafés. Não moravam tão distante do campus como Lauren suspeitava, mas não imaginava que fosse tão perto.

Saindo do táxi, sentia-se realmente como uma turista, admirando o tamanho de tudo, os negócios praticamente uns sobre os outros, bonitos letreiros chamando as pessoas para entrar nos locais. Seguiram em meio à multidão e Lauren respirou o ar fresco. ...Ok, não tão fresco.

Ela praticamente podia provar os gases dos escapamentos no ar, juntamente com os diferentes aromas que vinham dos diversos restaurantes alinhados na calçada.

Atravessando uma rua, observava quando um senhor fez sinal para um táxi, mas outro homem rudemente o empurrou para o lado, gritando em seu celular.

Bem-vinda a Nova York, pensou.

Encontraram um lugar para fazer a cópia das chaves, que não demorou muito. Não tinha comido nada desde cedo essa manhã, e decidiram parar em um lugar que Amber adorava.



Assim que acharam uma mesa, um homem claramente bêbado aproximou-se delas. — Olaaaá, bonitas senhoras.

Ele arrastava as palavras, Lauren baixou a cabeça e olhou o seu telefone celular para ver as horas, eram apena cinco e dez da tarde.

— Chocolate e baunilha, bem como eu gosto.

Lauren se virou olhando para Amber, que apenas revirou seus olhos.

— Não se preocupe — respondeu notando sua preocupação — acontece o tempo todo, especialmente quando estão tão bêbados.

— E você apenas os ignora? — Para Lauren pareceu difícil de acreditar.

— Vivo aqui há cinco anos. Estou acostumada. Além disso, é divertido vê-los se comportando como asnos.

Lauren riu enquanto a garçonete anotava os pedidos. Deu-se conta de que Amber era boa companhia, e gostou de perceber que facilmente seriam amigas.

Antes que o dia terminasse, estavam de volta ao apartamento. Lauren estava ansiosa sobre o que todo o ano lhe traria.



Com a ajuda de Ross e dos homens da empresa de mudanças, ela pode colocar todos os móveis no lugar em meia hora, mas organizar tudo era outra coisa. Ross riu, tirando seu kit de ferramentas para montar o quarto dela.

— Você deve ser a garota mais preguiçosa que já conheci. — disse ele, balançando a cabeça.

Amber sorriu enquanto ia para o próprio quarto. — Meu colchão continua no chão porque a base da cama ainda está na caixa.

Ross olhou para Susan — Cristo, são iguais.

— O que aconteceu com sua última companheira de quarto? — Perguntou Susan enquanto Amber lhe passava um copo de limonada.

— Está em um intercâmbio na Itália esse ano, e acredito que ficará com seus pais quando terminar.

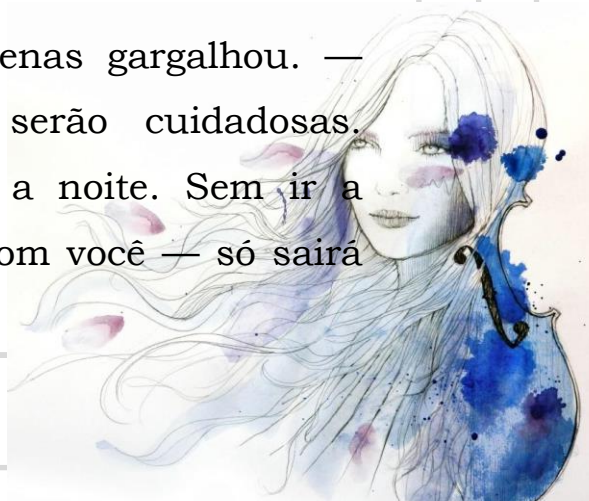
Susan sacudiu a cabeça, olhando-a como se tivesse sido abandonada. — Por quanto tempo morou sozinha?

Encolhendo os ombros, ela respondeu — Um pouco menos de seis meses.

— Isso é muito tempo. Uma jovem como você não deveria viver sozinha. Não é seguro.

Lauren inclinou-se e sussurrou — Ela tem fixação por programas de crimes.

Susan a olhou, mas Lauren apenas gargalhou. — Falo sério. Prometam-me que vocês serão cuidadosas. Trancarão as portas e janelas durante a noite. Sem ir a encontros. — Lauren, eu estou falando com você — só sairá



depois de passar os nomes para que Ross cheque os antecedentes.

— Mãe! — Mas seu momento de indignação foi ofuscado pelas gargalhadas de Amber.

— Se eu der nomes, pode checá-los para mim também?

— É claro!

— Com essa atitude, jamais sairei com alguém — queixou-se Lauren.

— Não terá encontros até que tenha trinta anos, mocinha! — falou Ross, saindo do quarto.

— Esses serão dez anos a mais de celibato! — ela gritou, quase rindo ao ver as expressões de horror dele e de sua mãe. Amber parecia achar tudo muito divertido, rindo enquanto caia sentada no sofá.

— Será que precisamos ter a conversa? — Perguntou Susan, sem notar que Lauren brincava. — Ela não pode ser sexualmente ativa, pode Thomas? Digo, ela não teve oportunidade, não é verdade?

Ross coçou a testa como se tivesse dor. — Não posso responder a isso. Eu teria sabido desde que tive aquela conversa com alguns dos rapazes.

— Foi você! — Gritou Lauren para Ross. — Eu me perguntava por Adam parou de falar comigo.

— Não gostava de como esse menino olhava para você. Ele não tinha uma má reputação na escola? Escutei alguns coisas.



— Deus, que ódio de cidades pequenas. Vocês poderiam me envergonhar mais? Estava brincando.

— Brincadeira ou não, você pode me contar tudo — declarou Susan, ficando em pé — se alguma vez precisar conversar com alguém, estarei sempre aqui.

Lauren olhou para Ross, esperando que ele lhe dissesse o mesmo, mas ele apenas ergueu as mãos e negou com a cabeça.

— Não, obrigado. Deixo essa para sua mãe.

Horas mais tarde, Lauren os acompanhou até o carro, Susan imediatamente começou a chorar enquanto a abraçava.

— Sentirei saudades. Prometa-me que nos veremos nos feriados.

— Eu prometo — soluçou Lauren.

Era tempo de seguir em frente no mundo e se sentia feliz, mas era doloroso saber que sua mãe não estaria ali quando voltasse das aulas.

— Cuide bem de minha mãe, Ross — sussurrou enquanto o abraçava.

Ele lhe deu um beijo na testa. — Sabe que irei e se cuide. Ligue-me de vez em quando para me contar como você está indo, está bem?

— Está bem.

Lauren ficou ali vendo-os entrarem no carro e irem embora. Depois voltou ao apartamento.



Amber a esperava com um olhar compreensivo. — Quer que te ajude a desempacotar suas coisas? Será mais rápido, depois podemos ver um filme e tomar sorvete.

Grata por ter uma companheira tão legal, Lauren concordou. Definitivamente amaria Nova York.



Capítulo 2

A Cafeteria

O alarme de Lauren soou às 06:30h da manhã. Esticando-se às cegas, tateou ao redor até que sua mão encontrou o botão para parar o apito irritante. Quando o som enfim desapareceu, suspirou e rolou de costas, caindo no sono em segundos.

Tocou novamente às 06:45h, às 07:00h e às 07:15h, mas ela ainda não fazia nenhum movimento para se levantar. A cama era muito confortável para deixá-la, seu edredom enrolado nela como um casulo, aquecendo-a.

Uma batida suave na porta fez Lauren resmungar tristemente, sabendo que deveria se levantar ou sua mãe viria aqui, obrigando-a a isso. Vagamente podia escutar alguém falando através da porta, mas as palavras foram amortecidas pela madeira, deixando os sons ininteligíveis para seu cérebro adormecido.

A porta se abriu, Amber andou suavemente até o lado de sua cama. Ela se esticou batendo levemente no ombro de Lauren, que pediu apenas mais cinco minutos, mas as palavras saíram em uma série de monossílabos enquanto se virava, apertando os olhos fortemente para escapar da luz.

— Lauren!



Levantou-se rapidamente, seu coração acelerado enquanto olhava com os olhos arregalados para Amber, em pé à sua esquerda. — O que aconteceu? Está tudo bem?

Olhando divertida, negou com a cabeça. — Estou bem, mas você não tem aula?

Lauren amaldiçoou, olhando para o relógio na mesa de cabeceira, que havia pressionado constantemente pela última hora. Agora eram 07:25h.

Tropeçando para fora da cama, agradeceu rapidamente a Amber, que ria muito. Correu para o banheiro, ligando o chuveiro. Enquanto a água esquentava parou em frente a pia e escovou os dentes. Normalmente, a espuma de hortelã ajudava a afastar o resto do sono, mas hoje nem mesmo isto estava ajudando.

Definitivamente, não veria mais filmes românticos bobos quando tivesse aula às 08:15h da manhã seguinte.

Tomou um rápido banho, decidindo que não teria tempo para arrumar seu cabelo, desistindo de lavá-lo e preferindo vasculhar seu armário por algo para usar. Felizmente, preparou seus livros na noite anterior, então voltou ao quarto para se vestir, ficando pronta e saindo de casa às 07:45h.

Vários nova-iorquinos estavam nas ruas e ela finalmente entendeu porque era chamada de a cidade que nunca dorme. Ninguém andava devagar, apesar de ser tão cedo, e ali deveria ter o triplo de pessoas comparando-se ao que Lauren normalmente veria em sua cidade natal sonolenta.



A poucas quadras do prédio de artes, onde teria sua primeira aula, viu uma pequena cafeteria, entre uma padaria e um edifício de escritórios. Poderia não tê-la notado, mas a xícara brilhante de café abaixo do nome do lugar chamou sua atenção.

Assim que o semáforo abriu, ela atravessou a rua, seguindo o fluxo de pessoas até encontrar-se apenas a alguns metros de distância. O aroma celestial de bolos e cafeína a atraía cada vez mais para perto, e se alguém corresse pelado pela rua, nem perceberia.

A cafeteria estava decorada em tons de bege e verde, com mesas alinhadas ao longo da parede, deixando um caminho até o balcão. A vitrine exibia croissants amanteigados, bolos glaceados e muffins, tudo parecia fresco e apetitoso.

Lauren ficou na fila, baixando o volume da música em seu celular, para que a barulhenta canção não distraísse o empresário, que falava rapidamente ao telefone atrás dela. Seus olhos observaram a vitrine, tentando decidir qual dos bolos pediria, antes que fosse a sua vez.

As paredes eram decoradas com algumas imagens emolduradas de grãos de café e frases inspiradoras sobre o prazer da manhã. Música clássica tocava suavemente no ambiente, uma canção que ela reconheceu de um seus filmes favoritos.

Gostou imediatamente do lugar, decidindo que pararia aqui todas as manhãs antes das aulas começarem,



sabendo que, provavelmente, não se levantaria cedo suficiente para preparar seu próprio café em casa.

Quando chegou sua vez de pedir, Lauren olhou para o cardápio — as palavras rabiscadas com giz ao longo de uma placa pendurada no teto. A cafeteria não tinha as opções usuais como eram oferecidas em lugares como Starbucks[8], ao menos não que pudesse dizer, já que as bebidas tinham um nome diferente.

— O que vai pedir? — Perguntou a garçonete, dando-lhe um sorriso amável, embora também aparentasse cansaço.

— Uh, não tenho certeza — respondeu, um pouco aflita por todas as opções — O que você recomenda?

— Sou grande fã de Morning Ray — um mocha, preparado com sorvete de caramelo, no estilo frappuccino[9] — explicou ante seu cenho franzido — mas se quiser algo um pouco mais forte, sempre pode escolher o café expresso duplo.

Lauren assentiu, tirando uma nota da carteira — Gostaria de provar o frappuccino então!

— Perfeito.

A garçonete a chamou, escrevendo seu nome em um copo de papel com o logotipo da cafeteria estampada na



[8] Starbucks é a empresa multinacional com a maior cadeia de cafeterias do mundo; tem a sua sede em Seattle, EUA.

[9] O Frappuccino é uma bebida exclusiva da rede Starbucks (marca registrada). O nome é uma mistura da palavra frappé (do francês bater) com o cappuccino, que é o café expresso com leite vaporizado. A bebida é preparada com café, gelo, leite, chantilly e outros complementos conforme a variação: chocolate, caramelo.

frente. Pagando, pegou seu troco e foi para o lado, deixando que o homem atrás dela fizesse seu pedido.

Não havia muitas pessoas na cafeteria, apenas um grupo de estudantes em uma mesa na ponta, uma mulher com fones de ouvido escrevendo furiosamente em seu notebook, e do outro lado um rapaz que parecia um pouco mais velho que ela, digitando em seu Blackberry[10].

Lauren olhou seu celular, garantindo que ainda tinha tempo suficiente. Eram poucos minutos depois das oito horas.

Seu nome finalmente foi chamado uns instantes depois. Pegando sua bebida, vagamente escutou outro nome ser chamado também, e foi até a parte de trás do café, onde ficava uma pequena mesa com diferentes complementos.

Tomando um gole, sorriu diante do fraco sabor, mas decidiu que preferia com um pouco mais de leite. Retirou a tampa de seu café e despejou uma pequena quantidade de leite com creme, provando outra vez.

Satisfeita, virou-se para a saída enquanto tentava tampá-lo novamente. Não notando o rapaz que estava atrás, chocou-se com ele derrubando uma pequena quantidade de café em sua camisa branca.

— Oh não, sinto muito! — Soltou apressando-se a pegar um punhado de guardanapos para secar a bagunça em sua camisa, mas parecia que só estava piorando.



[10] BlackBerry é uma empresa canadense de produtos sem fio, mais conhecido pela produção do equipamento de telecomunicação handheld BlackBerry e pelo tablet BlackBerry PlayBook

Uma mão quente e calejada cobriu a sua, impedindo-a de esfregar mais. Ele não a afastou como esperava que fizesse, mas simplesmente tomou os guardanapos dela.

— Não tem problema.

Ante o sotaque que marcava suas palavras, ela finalmente olhou para cima. Era o rapaz com o Blackberry.

Piscou novamente para olhá-lo melhor.

Um dos cantos de sua boca se curvou em um meio sorriso tímido. A barba de alguns dias marcava suas bochechas e queixo, dando a seus traços infantis um aspecto de perigo. Ele era vários centímetros mais alto que ela e se tivesse de adivinhar, diria que tinha por volta de um metro e noventa.

— Poderia acontecer a qualquer um — continuou, tirando-a de seus pensamentos.

Ela corou, percebendo que o encarava descaradamente.

— Eu realmente lamento muito — desculpou-se outra vez — uh, posso te pagar pela camisa?

Ele sorriu, afastando sua oferta. — Não se preocupe. Tenho montes destas.

Jogou a bola de guardanapos que usou para se secar no cesto de lixo. Não parecia estar chateado, mas sim que realmente falava sério.

Entretanto, ainda estava duvidosa. — Se você tem certeza.

Ele se virou para olhá-la com suas sobrancelhas levantadas. — Positivo.



Sem saber mais o que dizer ou fazer, dirigiu-se a saída. Enquanto abria a porta olhou para trás mais uma vez, e para sua surpresa, ele estava de pé no mesmo lugar, sorrindo-lhe antes de virar e voltar para o lugar em que estava sentado, voltando sua atenção ao seu celular.



Lauren encontrou o curso de História da Arte sem dificuldades, no entanto, subiu as escadas até o último andar quando sua sala estava apenas no segundo.

A classe estava quase cheia, com umas duzentas pessoas inscritas para o curso. Na sala de aula, estilo auditório, poderia caber mais gente ainda, com assentos no chão, bem como dois balcões onde alguns estudantes se sentaram.

Ela achou um lugar no meio da sala, porém preferiu sentar-se no canto da parede, que dava acesso a saída. Ia por sua bolsa no assento ao seu lado, mas mudou de ideia, apoiando-a na parede.

Depois da morte de seu pai — especialmente em uma cidade tão pequena — as pessoas sempre a encaravam, sussurrando quando ela passava. Se isso não bastasse, tinha também os olhares de compaixão ou a forma como falavam num tom suave com ela, com medo de que começasse a chorar se fosse tratada como qualquer outra pessoa.



Durante o ensino fundamental, não entendia porque todos, principalmente os adultos, tratavam-na tão diferente. Quando era uma menina sentia como se fosse uma anomalia, mas enquanto crescia e amadurecia, escutou casualmente muitas conversas sobre ela, fofocas dos professores, rumores do que teria acontecido.

O que não entendiam era que não se lembrava da noite em que seu pai foi morto. Os psicólogos sugeriram que poderia ter reprimido a memória, por ser muito traumática para ela assimilar, e por um tempo esteve agradecida por isso. Durante suas pesquisas leu sobre pessoas não podiam processar o trauma, pois suas mentes não suportariam.

Naquela época, Lauren não quis confrontar as lembranças, temia o que poderia acontecer, mas agora, desejava saber. Parecia que no último ano, ansiava saber mais sobre essa noite e se sentia frustrada por ser a única que pudesse ter as respostas.

Não importa o quanto tentou explicar sua falta de conhecimento às pessoas ao seu redor, ainda assim pensavam que ela poderia sofrer um surto psicótico, por isso durante o ensino médio e cursinho, afastou-se de todos, encontrando consolo em si mesma.

Mas agora em uma nova cidade, a centenas de quilômetros de distância de onde todos sabiam seu nome, teria a oportunidade de começar do zero e fazer novos amigos, que a conheceriam por si mesma e não pelo que aconteceu com sua família.



Tirando seu notebook da bolsa, Lauren o ligou, tamborilando os dedos distraidamente enquanto abria um documento novo, pronta para fazer anotações. Passado o medo de que pudesse ter chegado tarde, parecia que seu professor era o único que estava atrasado.

— Este lugar está ocupado? — Perguntou-lhe uma linda garota, com cabelos pretos e olhos cinzentos enquanto apontava para o assento ao lado de Lauren.

— Não, está vago.

O professor Martin entrou naquele momento, correndo para sua mesa na frente da sala, perto da tela do projetor de imagens. Era um homem de meia idade com cabelos escuros, lisos e usava óculos.

— Sinto muito por ter tomado o tempo de todos. — Respirou fundo, revirando sua maleta e tirando uma pilha de papéis. Passou metade da pilha para um lado da sala e o restante para o outro.

— Sou o professor Robert Martin. No caso de que alguém possa estar aqui por engano, isto é História da Arte. Se estão na sala errada, agora é o momento de sair.

Apenas um par de estudantes saiu.

— Bom. Não faremos muito hoje, simplesmente revisaremos o programa de estudos e o início da primeira seção.

O programa chegou até Lauren, que pegou um maço de folhas grampeadas, passando o restante para sua vizinha. Examinou os pontos principais da página da frente,



observando as datas importantes que precisaria anotar em sua agenda.

— Se ainda não tiverem, eu recomendo que comprem o livro logo que possível. Os exames neste curso não serão apenas sobre as aulas e conferências, mas também sobre a leitura de textos.

A aula foi rápida, o professor Martin passou pelo programa de estudos inteiro e respondeu algumas perguntas. Sua primeira apresentação no powerpoint[11] foi sobre arte Mesopotâmica, as imagens de rochas marcadas com hieróglifos nelas, a Pirâmide de Giza, e as estátuas de deuses com cabeças de animais, mantendo a atenção da sala.

Quando os setenta e cinco minutos da aula terminaram, ele os dispensou, insinuando que poderia fazer uma prova surpresa sobre os temas que foram discutidos, em um futuro próximo.

A aula seguinte, Literatura Americana, seria do outro lado do campus. Levou quase quinze minutos para chegar até lá, mas enquanto andava pela multidão de estudantes, ninguém lhe deu um olhar diferente. Pela primeira vez, sentia o que era ser uma anônima e não a garota que teve o pai assassinado, apenas uma pessoa normal, e não poderia estar mais feliz com isso.

Esta aula em particular foi agitada. Sua professora, uma mulher que mais parecia uma cigana cortesã ao invés de



[11] Microsoft PowerPoint é um programa utilizado para criação/edição e exibição de apresentações gráficas.

uma acadêmica, pediu que se apresentassem e compartilhassem um pouco de sua história.

Era fascinante ver todos os estudantes, que vinham de todos os lados do mundo, em uma única classe. Vivendo apenas no meio dos Estados Unidos, Lauren nunca antes conheceu um grupo tão diversificado.

Com o fim das aulas do dia, voltou para seu apartamento, falando com Amber, que estava no seu lugar habitual em frente à janela, antes de se retirar para seu quarto e desmaiar em sua cama.

Teria que se acostumar a acordar ao amanhecer todos os dias, mas até então...

Lauren se aconchegou embaixo de seu edredom e dormiu.



Capítulo 3

O grupo

O final da primeira semana de aula chegou antes do esperado e Lauren estava contente pela pausa. Já tinha um trabalho para a aula de História, e prova de História da Arte na quarta-feira, para a qual precisava estudar.

Mas estava mais nervosa pelo encontro com os amigos de Amber do que pelo trabalho e prova da faculdade, pois para eles poderia estudar ou pesquisar, mas não havia maneira de se preparar para encontrar com um grupo de pessoas que não sabia se iria agradar. Provavelmente estava analisando as coisas antes do tempo, mas era algo importante para ela, já que encontraria com eles sempre no apartamento.

Toda semana, ou a cada duas semanas, quando ninguém mais poderia, Amber preparava um jantar para todos. Mesmo que fosse uma comida chinesa encomendada de um restaurante ou um gorduroso hambúrguer de três mil calorias, o qual os meninos sempre preferiam, ela mantinha todos eles juntos para passar bons momentos.



Era uma excelente cozinheira, graças aos segredos culinários aprendidos com sua mãe, com quem sempre pegava receitas por telefone. Lauren apreciava, principalmente porque tudo o que sabia fazer era macarrão instantâneo.

Esta noite estava fazendo enchiladas, a cozinha cheirava a carne moída e queijo fundido, as entradas estavam no forno até que os outros chegassem.

— Deixe de se preocupar — disse Amber de seu lugar no sofá, mexendo a cabeça enquanto observava Lauren, que saia de seu quarto pela terceira vez, muito ansiosa. — Eles não são tão incríveis, acredite em mim.

— Estou bem — não estava. Trocou de roupa uma dúzia de vezes, desde que soube que os amigos de Amber viriam. Enquanto pensava em dar uma última checada em seu quarto para ter certeza de que parecia bem, alguém esmurrou a porta como se fosse o exército, tentando abri-la aos chutes.

Amber fez uma careta, revirando os olhos. — A cavalaria chegou.

Ele abriu a porta, conversando calorosamente com todos, enquanto os conduzia para dentro onde Lauren estava sentada no sofá, porém um dos rapazes ficou perto dela. Todos sorriram e a cumprimentaram.

— Meninos, esta é Lauren, minha nova companheira de apartamento. Lauren este é Matt.



Matt era magro com um tufo de cabelos castanhos encaracolados e olhos azul marinho, escondidos por óculos de armação preta. Era o menor dos três rapazes e tinha um lindo sorriso enquanto se aproximava de Lauren para apertar sua mão. Vestia uma camiseta com símbolo de computadores, shorts cargo e um tênis Converse[12] surrado.

— Este é meu namorado Rob — disse, apontando para um rapaz ao seu lado.

Rob era o único que se vestia bem, com uma camisa de listras azuis e brancas, gravata e calça social preta. Seu cabelo estava penteado com estilo, uma parte para um lado e as ondas bem penteadas para trás de seu rosto. Ele era maior que os outros, e mais velho também, talvez trinta anos. Estava um pouco tenso, mas parecia amigável enquanto acenava.

— Tristan...

Agora Tristan parecia ser o mais selvagem do grupo, tinha uma cara de músico esfomeado: jeans rasgados, botas gastas e uma camisa cavada com um logotipo na frente já ilegível por ter sido muito lavada. Seu cabelo era loiro, desordenado, caindo abaixo de suas orelhas. O mais peculiar nele eram seus olhos. Um era verde, mas o outro tinha uma mancha verde perto da pupila e o resto era lindo como o céu azul. Quando se aproximou e a puxou em um abraço, Lauren pode ver as tatuagens em volta do dorso de ambas as mãos, os ossos perfeitamente delineados pela tinta negra.



[12] Converse é uma empresa de calçados estadunidense que fabrica sapatos desde o início do século XX. É especialmente famosa pela fabricação dos calçados All Star.

— E finalmente, esta é minha prima, Piper.

Ela era linda no sentido clássico, pele pálida, um punhado de sardas sobre o nariz e bochecha, cabelos avermelhados caindo por suas costas. Se ainda não era uma modelo, estava desperdiçando seu potencial. Não era muito alta, mas com o salto suas pernas pareciam ser enormes. Tinha as perfeitas curvas de uma ampulheta, e parecia saber o efeito que causava pelo modo que caminhava. Sorriu, porém não fez nenhum movimento para se aproximar de Lauren.

— A comida estará pronta em um minuto.

Rob seguiu Amber até a cozinha, oferecendo ajuda. Piper pegou o controle da televisão, mudando os canais aleatoriamente, enquanto descansava o queixo na mão. Matt e Tristan vieram sentar no sofá, ambos desmoronando ao mesmo tempo como se fosse coreografado, mas enquanto Matt tentava manter uma conversa com Piper, Tristan se aproximou de Lauren.

Ele se esticou, apoiando as botas na mesa e fixou sua atenção em seu próprio peito, assobiando uma melodia imaginária e mexendo os dedos como se estivesse tocando.

— Você toca piano? — Perguntou Lauren, inclinando a cabeça e indicando com as mãos.

Suas sobrancelhas se levantaram pela surpresa, olhando-a com admiração enquanto coçava a ligeira barba abaixo do queixo. — Sim, e você?



Encolhendo os ombros respondeu — Escolhi o piano como atividade eletiva na escola, e uma coisa que me recordo é como sempre nos diziam para mantermos os dedos juntos enquanto tocamos.

— Oh, Deus! Não deixe que ele comece. — interrompeu Piper quando Tristan abriu a boca para responder, cortando Matt que falava com ela. — Uma vez que ele começa a falar de música, nada o faz parar.

Matt pareceu triste por ter perdido a atenção de Piper, o que fez Lauren pensar que talvez ele sentisse algo por ela, mas sua expressão apagou-se ao ver que Tristan atirava uma almofada em sua cara, antes que pudesse reagir. Ela sorriu abertamente e deu início a uma guerra de almofadas.

Lauren tentou sair da frente sem que fosse apanhada, mas Matt a agarrou e usando-a como escudo humano, enquanto as almofadas voavam por todas as direções, o que fez com que Amber tocasse um sino para que parassem. Todo mundo congelou na posição em que estava: Tristan montado em Piper e com uma almofada na mão e Lauren segurando outra sobre o rosto de Matt.

— Se vocês já tiverem terminado — disse divertida, enquanto olhava para todos eles. — O jantar está pronto.

Eles ficaram em pé e foram para a cozinha, cada um sabia o que fazer devido à rotina que mantinham. Um pegou os pratos, outro os talheres, copos e guardanapos. Lauren se encaixou facilmente, os meninos ajudaram-na. Formando uma fila, eles se serviram e voltaram para o sofá para que pudessem comer e ver o filme que Rob tinha escolhido, porém



só prestavam atenção nela, enquanto tentavam saber um do outro ou falando deles mesmos, para que ela os conhecesse melhor.

Era fácil falar com eles, ia aprendendo sobre a personalidade de cada um. Eram um grupo bem eclético, mas estava claro o amor que sentiam uns pelos outros.

Rob (diminutivo de Robin, nome dado por sua avó que achava que o bebê seria uma menina) e Amber estavam juntos a cerca de um ano e meio. Rob fazia direito, e estava em seu último ano, com esperança de se tornar promotor público algum dia. Não só isso, mas ele estava estagiando em uma empresa local quarenta horas por semana também. Apesar do tempo limitado, Amber e ele davam um jeito de estarem juntos sempre que possível.

Os pais de Piper e Amber eram gêmeos e escoceses, de onde Piper havia herdado seus cabelos avermelhados. Amber também tinha os cabelos vermelhos, antes que os tivesse tingido no salão. Piper estudava jornalismo no Instituto de Arte, e fazia estágio em uma importante revista, graças as conexões de sua mãe no meio. Enquanto falava, Tristan tinha o hábito de interrompê-la apenas para irritá-la e ela o olhava fixamente.

Matt esteve silencioso durante todo o jantar, falando apenas quando alguém lhe perguntava algo diretamente. Depois de muita insistência, Lauren conseguiu que contasse que também estudava na Universidade Columbia[13], dividia o



[13] A Universidade Columbia é uma instituição de ensino superior privada localizada na cidade de Nova York, Estados Unidos.

apartamento com Rob, mas estava esperando transferência para o MIT[14], para estudar engenharia da computação, já que era o melhor de sua turma. Isto não parecia surpreendente, julgando pelo logotipo de sua camiseta e por seus olhos que brilhavam enquanto falava do novo jogo que estava desenvolvendo.

E logo, é obvio estava Tristan, que era o membro mais descontraído e jovem do grupo, com apenas dezenove anos. E, apesar de sua opção de não continuar os estudos e sem nenhum objetivo sério em seu futuro, ele e Matt eram melhores amigos. Cada vez que um deles começava a contar alguma história, o outro tinha o costume de terminar as frases, ou entender uma piada que ninguém mais entendia.

— Estou em uma banda — disse, mordendo um pedaço de sua quarta enchilada, depois que Lauren perguntou o que estava fazendo de sua vida. — Eu e outros três caras, tocamos em alguns shows ao redor da cidade, mas nada muito grande.

Piper tossiu escondendo sua risada, mas Tristan lhe atirou uma pipoca e continuou a falar.

— Quando não estou tocando ou ensaiando com a banda, trabalho para meu pai em uma loja em Yorkville[15]. — Diferente de seu pai que dirigia uma velha Harley Davidson[16], Tristan era dono de seu próprio carro, que de acordo com

[14] MIT - Massachusetts Institute of Technology - Instituto de Tecnologia de Massachusetts é uma universidade privada de pesquisa localizada em Cambridge, Massachusetts, Estados Unidos.

[15] Yorkville é um bairro do grande Upper East Side no distrito de Manhattan, em Nova York.

[16] Harley-Davidson Motor Company é uma empresa estadunidense fabricante de motocicletas, fundada em 1903.



Matt não passava de um jeep como aqueles que se usavam no deserto do Iraque — Imagino que se não puder mais fazer essas coisas, trabalharei me chateando das nove às cinco horas em um cubículo ao lado do de Matt.

Matt riu. — Podemos ser vizinhos de cubículo.

— Matem-me agora. — Queixou–se Tristan, atirando um pedaço de pão na cabeça de Matt.

Lauren chamou a atenção assim que todos terminaram. Não sabia realmente o que dizer, mas decidiu contar que seu pai havia morrido quando era criança, deixando de lado os detalhes de como foi. Quando lhe perguntaram qual seria sua área de especialização ela disse que ainda não tinha decidido.

— Então porque está na faculdade? — Piper perguntou e ela quase podia ouvir o tom de condescendência em sua voz.

Amber revirou os olhos, observando sua prima. — Nem todos têm resolvido cada aspecto de sua vida aos vinte anos, Piper.

— Da próxima vez — disse Tristan falando com Lauren sozinho —diga-lhe que você fará o que malditamente quiser.

Alguns momentos depois que todos terminaram de comer e se dirigiam para a porta, Lauren viu espantada como Piper segurou Tristan e eles discutiam, parecia que ele tentava se afastar dela, até que puxou o braço e saiu.



— Qual é o problema? — Perguntou Lauren quando seu apartamento já estava vazio. Deu a volta e foi para a cozinha para limpar e arrumar tudo.

— Piper vê Tristan como seu desafio pessoal, está acostumada a ter tudo que deseja e neste momento ela o quer, mas ele não dormirá com ela.

— Por causa de Matt.

Amber sorriu melancolicamente. — Você percebeu? Matt sente algo por Piper já a algum tempo, mas ou ela não se importa, ou está muito preocupada consigo mesma para sequer notá-lo.

Ambas olharam para a pia de louça suja que estava transbordando e depois se olharam. Não era necessário dizer nada. Elas enxaguaram-nas e colocaram na máquina de lavar.

— Ele parece ser um cara legal... — Mas, mesmo ela poderia ver que Piper normalmente não ficaria com alguém como Matt. Ela não parecia gostar do tipo.

— Ele é um grande cara, mas... bem, você viu como Piper é. Ela não lhe dará nenhuma chance a não ser que ele se encaixe em uma de suas duas categorias: ser bom de cama ou permitir subir na carreira.

— É sério isso? Como ela sabe que Tristan é.... é bom?

Amber riu, olhando para Lauren com curiosidade. — Estamos em Nova York. Aqui todo mundo conhece alguém que conhece alguém, entretanto, isso não importa. Tristan



nunca a tocaria por causa do código entre irmãos, ou ao menos foi o que me disse.

— Vocês duas parecem ser tão diferentes — disse Lauren enquanto limpava o balcão — Você parece ser tão mais... madura.

Amber encolheu um ombro, sentando-se sobre a mesa. — Educação diferente, suponho. Eu sou filha única, enquanto ela tem uma irmã cinco anos mais nova. Nossos pais praticamente nos obrigaram a passar muito tempo juntas. Ela não foi sempre assim sabe? Quando mais jovens, éramos inseparáveis, mas às vezes a vida te leva por caminhos diferentes. Tudo tem uma razão de ser, não é?

Durante a noite Lauren ainda estava pensando nas palavras de Amber, quando sentiu a repentina vontade de mexer em uma das caixas transparentes que ainda tinha que desempacotar, recuperando o porta-retratos envolto em plástico-bolha.

Sem pressa, retirou a fita que prendia o plástico e o desembrulhou, revelando a velha foto dela e de seu pai em seu aniversário de cinco anos. No porta-retratos de moldura prata, estava gravada a frase “feliz 5º aniversário” em uma letra cursiva ao longo da borda inferior. Ela estava sentada em seus ombros, sorrindo bobamente para a câmera. Estavam na praia, o sol brilhando no horizonte, vermelhos e dourados que davam a água ao fundo um reflexo quente.



Foi o último presente que ganhou de seu pai, que embrulhou e manteve escondido no armário do corredor, o mesmo armário onde ficou na noite... limpando a garganta, piscou para conter as lágrimas, levando o retrato até sua cama.

Lauren sorriu, abraçando a imagem no peito, brevemente, antes de colocá-la em sua mesa de cabeceira para que visse da cama. Desse ângulo, sempre pareceria que seu pai estava sorrindo sobre ela.



Capítulo 4

Diego's Bar & Grill

Na quarta-feira seguinte, Lauren corria pela rua até o café, só evitando ser atropelada por um táxi, que passou no sinal vermelho. Levantou-se mais cedo que o habitual, e com vontade de ter mais um tempo de estudos antes da prova de História de Arte.

Quando alcançou a maçaneta da porta da cafeteria, outra mão segurou-a ao mesmo tempo. Olhou para cima, surpresa ao ver o rapaz em quem derrubou o café na primeira vez que esteve aqui.

Ele pareceu reconhecê-la, ao mesmo tempo, seu sorriso se ampliou quando abriu a porta para que ela passasse. — Vejo que tornamos a nos encontrar.

Devolvendo-lhe o sorriso, o aroma quente que parecia desprender-se dele envolveu Lauren enquanto permanecia de pé a seu lado. Do lado de fora, seus olhos azuis estavam muito mais claros, como um azul celeste, mas agora sob as luzes fracas, eles eram quase um turquesa. Não notou o quanto seus olhos azuis eram claros na última vez que se encontrou com ele. Contrastavam com seus cílios escuros e cabelos levemente ondulados.

— Espero que desta vez eu não derrube nada em você.



Ele sorriu, seguindo-a para o interior do café. — Se isso acontecer pensarei que esta é sua maneira para tirar as minhas roupas.

Em vez de pé atrás dela, ele estava à sua direita, seu telefone tocou capturando sua atenção. Enquanto estava ocupado com seu BlackBerry, ela se esticou a seu lado, tendo assim uma boa visão dele todo.

Ele tinha um olhar preguiçoso, elegante, uma mandíbula quadrada e maçãs do rosto destacadas. Tinha a mesma quantidade de barba que na semana anterior. Usava uma camiseta de malha cinza e jeans escuros justos, que estavam presos em um par de botas. A roupa escura fazia com que seus olhos se destacassem ainda mais.

Com toda honestidade, ele era lindo, o suficiente para tirar o fôlego e simplesmente olhar por um tempo, um homem magnifico. Entretanto, havia algo nele um tanto perigoso que Lauren não podia adivinhar o que era. Parecia que sua presença era magnética, e se sentia obrigada a ficar perto dele.

— Espero que esteja gostando do que vê.

Lauren saiu de seu devaneio, piscando rapidamente quando percebeu que se manteve no mesmo lugar, encarando-o.... outra vez. Limpando a garganta, tentou dar um sorriso e estendeu a mão. — Sou Lauren.

O canto de sua boca se levantou enquanto guardava seu celular. Tomou a mão de Lauren na sua muito maior, seu aperto era suave enquanto passava o polegar pelos seus dedos.



Por um momento, sentia como se fossem os únicos na cafeteria enquanto olhava para ele, cativada pela curiosidade que viu em seus olhos. Era isso que era? Essa atração instantânea? Nunca ficou sem fôlego antes, nunca sentiu mais que um interesse casual por um rapaz, mas neste momento, de pé diante dele, o sangue corria por seu rosto, e isto sem dúvida era mais que um interesse casual.

— Mishca Volkov — respondeu em voz baixa, como se fosse apenas para que ela ouvisse.

Uma garganta pigarreou atrás deles, um homem que parecia perigoso como o fio de uma navalha, fazia um gesto para que fossem para frente.

Perdida no momento, Lauren não notou que a fila andou. Sorriu desculpando-se com o homem, retirou sua mão da de Mishca e deu um passo para frente. Ainda podia sentir o toque da pele dele contra a dela.

— Acho... que nunca ouvi seu sotaque antes. — Disse assim que teve certeza de que o homem atrás não estaria lhe ameaçando, para que fizesse logo seu pedido.

Ele riu. — É russo.

— Sério? Não é como nenhum dos sotaques russos que já ouvi.

Ele parecia divertido. — Se está falando sobre aquele latido raivoso que normalmente escuta nos filmes, nem todos nós soamos assim, eu te garanto. — Isso era verdade. Seu sotaque era mais suave, fluía facilmente com suas palavras. — Além disso, vivo aqui há muitos anos.



Ambos deram mais um passo adiante, quando duas pessoas saíram da fila após fazerem seus pedidos. — Aposto que você também não é daqui.

Lauren sacudiu a cabeça, sorrindo com tristeza. — O quê? É o meu sotaque?

Novamente ele sorriu, mostrando dentes brancos encantadores. — Eu só sei.

— Mudei de Michigan para cá.

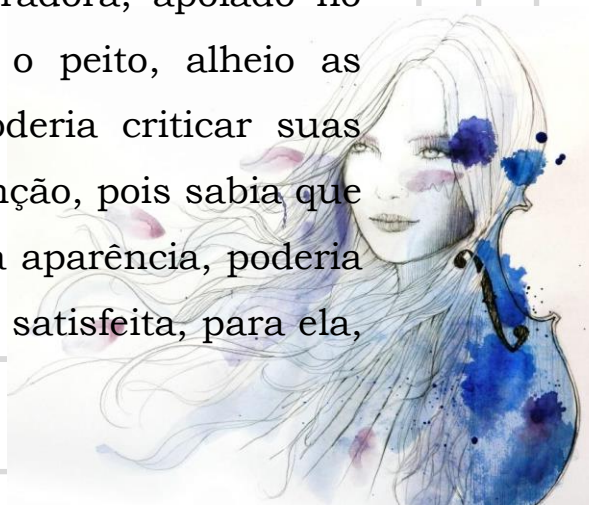
— Parece muito longe, não? — Perguntou Mishca.

Encolhendo os ombros Lauren respondeu. — NYU é uma ótima universidade.

Mishca não pode responder, já que era a vez de Lauren fazer seu pedido. Ela pensou em experimentar outro de seus cafés, mas desistiu, pedindo o de costume, com um pouco mais de leite. Não queria repetir o acidente da última vez em que esteve aqui com ele.

Apesar de parecer que estavam no café por muito tempo, só chegaram há dez minutos, e ainda poderia repassar suas anotações. Encontrou uma mesa em um canto relativamente privado, revendo as fotos da apresentação uma a uma, mas frequentemente olhava furtivamente para Mishca por cima da tela do notebook.

Ele ainda estava na caixa registradora, apoiado no balcão, com os braços cruzados sobre o peito, alheio as moças que suspiravam por ele. Não poderia criticar suas tentativas descaradas de chamar sua atenção, pois sabia que se fosse um pouco mais confiante em sua aparência, poderia ter tentado algo mais com ele. Mas estava satisfeita, para ela,



ter uma conversa com um cara sem tropeçar nas palavras era bom o suficiente.

Balançando a cabeça, voltou-se de para seu computador, concentrando-se nas imagens à sua frente, tentando achar um elemento específico da foto que facilitasse decorar sua descrição, um truque aprendido no ensino médio.

— Importa-se?

Lauren piscou surpresa quando Mishca estava na sua frente, apontando para a cadeira vazia em sua mesa.

Borboletas faziam festa em seu estômago, mas negou com a cabeça de todo modo. Havia algo diferente em estar na fila com outras pessoas e falar com um estranho, mas estavam praticamente sem ninguém por perto. Isto parecia um pouco mais íntimo, sentados juntos, umas poucas mesas de distância de qualquer outro cliente. Talvez por isso sua coragem momentânea em flertar com ele evaporou. Porque enquanto se sentava de frente para ela, sentia-se consumida por sua presença, sem saber o que dizer.

— Você é estudante? — Perguntou, tomando um gole de seu café, enquanto o vapor ondulava pela tampa.

— Sim, e você? — Quem sabe poderia vê-lo ao redor do campus

— Não, eu me formei há alguns anos.

Isso o faria ter o quê, vinte e três anos? Vinte e quatro? Não muitos mais que ela.

— Entretanto está de pé tão cedo.



Ele traçou a borda do copo com o dedo, e na parte interna de seu braço, ela pode distinguir uma frase tatuada. — Poderei dormir quando estiver morto.

Quase engasgou, fazendo-o sorrir. — Isso foi bem mórbido.

Ele riu enquanto bisbilhotava a tela de seu computador. — Código de Hammurabi. Deixe-me adivinhar, História da Arte?

— Você sabia isso apenas de olhar para a figura?

— Minha madrasta insistiu que eu fizesse alguns cursos de arte. Odiei realmente a arte da Babilônia, porque em cada prova que eu fazia sobre ela, sempre errava as questões.

— Parece justo que agora você se lembre. — respondeu.

Ele revirou os olhos, olhando o restante das fotos nas transparências. — Você não faz ideia.

Aproximou-se mais, apontando coisas diferentes sobre a imagem, que ela memorizou, mas enquanto tentava manter o foco, sua atenção foi roubada pelo cheiro da colônia que ele usava. Pelo menos achava que era uma colônia. Tinha um toque quente, o aroma almiscarado, como sândalo e era difícil não inclinar-se para ele e inspirar profundamente, mas mesmo com sua falta de habilidade social, sabia que provavelmente o faria se afastar.



Então, ao invés disso, prestou atenção a suas dicas enquanto passavam por cada uma das imagens, feliz que ele estivesse apontando certos detalhes que não teria notado se estivesse sozinha. Era fácil falar com ele. Perdeu a noção do tempo até que a campainha soou na porta quando um jovem casal entrou. Ela confirmou as horas em seu celular, quase triste que teria que sair.

— Oh, eu tenho que ir! — Disse, pegando sua bolsa.

Mishca se afastou, dando espaço para que ela pudesse guardar suas coisas. Depois que terminou, ficou de pé como ela, fazendo-a corar por sua atenção.

— Foi um prazer conhecê-lo, Mishca.

Ficaram na saída da cafeteria, um de frente para o outro. Ele parecia tão relutante em deixá-la como ela estava. — Talvez nos vejamos por aí, Lauren.

Antes que pudesse ir embora, ele tomou sua mão entre as dele e a beijou suavemente, logo se virou e caminhou na direção oposta à dela. Lauren não acreditava que seus pés estivessem tocando o chão quando ia para sua aula.



As aulas terminaram com relativa rapidez e Lauren tinha certeza de que passou na prova com um grande B+, se não um A. Depois que saiu, ao invés de ir para casa, pegou um táxi para o centro da cidade, prendendo o cabelo em um rabo de cavalo alto, para que estivesse mais arrumado.

Foi ótimo que sua mãe tivesse se oferecido para pagar todas as suas despesas, mesmo com o fundo de universidade considerável que seu pai deixou, mas desde que ela se recusou a falar sobre isso, Lauren não sabia quanto era. Como não queria ser um peso, disse à Susan que tentaria encontrar um trabalho para ajudar nos custos de moradia, apesar de seus protestos. Quando ela não desistiu, chegaram a um acordo, a contra gosto, de que se encontrasse algo de meio período e que não interferisse em seus estudos, poderia aceitar se realmente quisesse isso.

Assim saiu em busca de um trabalho, mas não estava preparada para o grande número de pessoas que procuravam a mesma coisa, e o tanto de lugares que teria de ir para que pudesse finalmente encontrar um.

Passaram-se horas, e vários “não estamos contratando no momento, mas ligaremos assim que surgir uma vaga”, frustraram Lauren, sabendo que suas recusas foram sem dúvida devido a sua falta de experiência.

Eles não se importavam que sua mãe tivera tanto medo de que lhe acontecesse algo, para deixá-la sair, que nunca tentou encontrar um emprego. Já tinha renunciado à viverem em uma fortaleza, completamente isoladas depois que Ross conversou com ela.



Já cansada e disposta a desistir, chamou um táxi quando viu um restaurante na esquina, seu nome escrito em letras itálicas perfeitas numa placa branca e preta.

Diego's Bar & Grill

Ficou parada ali por um momento enquanto o táxi manobrava para estacionar. Poderia supor que lhe diriam o mesmo "não estamos contratando no momento" e voltar para casa, ou poderia esperar pelo melhor... e a última opção ganhou.

Ao entrar Lauren passou a mão em seu rabo de cavalo enquanto se aproximava da recepcionista de pé em um pequeno balcão.

No crachá com seu nome estava escrito Tara. Era bonita, de pele morena e longos cabelos negros. Usava um vestido preto justo na altura dos joelhos, com um pequeno avental preto em cima.

Focando em Lauren a moça sorriu calorosamente, perguntando — Olá, em que posso te ajudar?

— Olá, vocês estão contratando?

As sobrancelhas de Tara franziram enquanto olhava em direção ao bar. — Eu não tenho certeza. Diego pode estar contratando, já que estamos com poucas garotas para atender no momento. Posso perguntar se ele está precisando?

Lauren assentiu ansiosamente.

— Um momento, por favor.

Tara saiu de seu balcão e correu para o bar, onde um homem musculoso com cabelo estilo moicano, servia bebidas. Falou em voz baixa com ele, apontando em direção a Lauren.



Olhou-a brevemente e logo assentiu com a cabeça, enviando Tara de volta.

— Diego gostaria de falar com você.

Lauren a seguiu, tentando manter um sorriso em seu rosto enquanto mentalmente preparava uma lista de como deveria se portar. É certo que nunca esteve em uma entrevista de emprego antes, mas havia certas coisas que uma pessoa apenas sabia.

Mantenha a calma, seja educada, respeitosa, e se assegure de que ele note sua força de vontade para aprender.

O barman, Diego, limpou as mãos em um pano de cozinha branco, lançando-o sobre seu ombro enquanto lhe dava um sorriso agradável.

— Sou Diego, proprietário e barman. Qual o seu nome?

— Lauren Thompson — apertou-lhe a mão.

— Prazer em conhecê-la. Alguma vez trabalhou como garçonete antes?

Lauren negou com a cabeça, lembrando a forma como os outros tinham lhe perguntado a mesma coisa, e sua resposta a faria perder qualquer chance que poderia ter. — Não, mas aprendo rápido.

Ele sorriu coçando a barba grisalha. Tara caminhava perto de onde estavam, e parecia tentar transmitir uma mensagem para ele apenas com os olhos.

— Com qual frequência você poderia estar aqui? Preciso de alguém disponível na maioria das noites e aos



finais de semana, e que não solicite folgas nas sextas ou sábados.

— Isto está ótimo para mim. — Não era como se ela estivesse saindo muito mesmo.

— Não diga isso — avisou Tara com uma risada — ou ele vai mantê-la sempre aqui.

— Não, ela concordou. — Diego arqueou uma sobrancelha, dando-lhe a mão novamente como um desafio. — O trabalho é seu, se você quiser.

Tara balançou a cabeça, mas estava sorrindo. Lauren estreitou seus olhos encarando Diego. — Posso ter um sábado?

— Uma negociadora. Eu gosto. Dois domingos.

— Uma sexta e um sábado, porém não na mesma semana. — propôs Lauren.

Ele riu muito. — Fechado!

Apertaram as mãos e ele lhe deu uma ficha para preencher. — Prepararemos o contrato para que na próxima semana treine com Tara. Se acreditar que pode fazê-lo, montaremos um horário e você começa a atender.

Sorrindo triunfante, agradeceu pela oportunidade, e a Tara também, porque sabia que ela ajudou a conseguir o trabalho.

Lauren ficou mais um tempo, para preencher a papelada necessária e logo pegou um táxi para casa.

Amber e Rob estavam no sofá assistindo algum documentário sobre as florestas tropicais quando ela entrou.

— Onde estava? — Perguntou Amber.



— A procura de emprego. — Desabou no sofá, cumprimentando Rob quando ele jogou uma pipoca nela.

— E como foi?

— Encontrei um lugar chamado Diego onde serei garçonete.

— Parabéns! Devemos comemorar com sorvete e bolo esse fim de semana.

Lauren riu enquanto Rob balançava a cabeça. Pensou ter ouvido um murmurar “mulheres”, quando ele foi à cozinha.

— Não ligue para ele. Está ranzinza porque a mamãe não está disponível.

— Amber! — gritou Rob, provocando em Lauren e Amber um ataque de riso.



Capítulo 5

Mesa dezesseis

Diego's era um restaurante relativamente novo, inaugurado em 2008. Seu proprietário era um ex-jogador de futebol americano, que, devido a uma lesão no joelho, teve que desistir de seu esporte favorito. Mas não foi em vão. Logo começou a aprender um novo ofício, e com o dinheiro que ganhou no futebol, e um investimento de sua esposa, foi capaz de abrir um restaurante em uma das cidades mais difíceis para ter um.

O negócio começou devagar, mas logo foi descoberto, e ficou conhecido por todo o campus da universidade como um ótimo lugar para comer sem ter que pagar mais de trinta dólares o prato. Tinha suas opções de comida sofisticada, mas não ofuscava o resto de seu cardápio modesto.

A semana de treinamento de Lauren passou rapidamente, o trabalho era mais fácil do que esperava. Tara foi paciente com ela, revisando cada aspecto de sua função, em alguns casos duas vezes, se ela precisasse. Cada membro da equipe era muito amável, principalmente porque seu chefe não os incomodava por andar brincando quando os clientes não podiam ouvir.



Aprendeu o cardápio na primeira noite, ficando até tarde para degustar os diversos pratos, assim poderia ser honesta com os clientes ao lhe perguntarem sobre algum em particular.

A princípio, ficou confusa com a disposição das mesas e quem era responsável por servir cada uma.

— Pense da seguinte maneira — explicou tara em sua primeira noite — o salão é um grande quadrado. À direita da porta, as mesas de um a dez estão dispostas em ordem de parede a parede. À esquerda, as mesas de onze a vinte e um, então, é só segui-las ao redor do salão. Bem fácil, não é?

— Sim, mas... o que acontece com o bar?

— Na maioria das noites eles raramente pedem comida, mas se o fizerem, Diego provavelmente terá uma pessoa à mão na cozinha para isso, já que é tão perto.

Além de atender as mesas, teria que escrever à mão rapidamente. Felizmente entendia seus próprios pedidos, porque se alguém tivesse que interpretar os rabiscos aleatórios de seu bloco de notas, teria que reescrevê-los.

Este era, oficialmente, seu terceiro dia de trabalho e aos poucos ia se tornando uma boa noite. Pagavam seu salário regular semanalmente, mas a cada noite, qualquer gorjeta que recebia era completamente sua. Enquanto treinava, Tara foi suficientemente generosa para oferecer uma parte das suas, porém Lauren sentiu-se culpada por aceitá-las.

— Ouça, L?



Levantou o olhar ao som da voz de Tara quando ela saiu da sala de descanso, lutando para colocar sua jaqueta enquanto segurava o celular no ouvido.

— Poderia atender à mesa dezesseis por mim? Tenho que ir buscar meu filho na casa de minha irmã.

— Claro, vá — disse Lauren, acenando, saltando da cadeira em que estava sentada.

Conheceu Timmy, o filho de Tara, há alguns dias quando ela o trouxe por não ter quem cuidasse dele. Diego pareceu não se importar, deixando-o se sentar no bar com um livro de colorir e alguns lápis, servindo suco e sobremesa, para desgosto de Tara, que ficaria com uma criança hiperativa em casa no final da noite.

Apertando o avental em volta da cintura, Lauren empurrou as portas duplas que davam para o salão, sorrindo para os clientes com quem cruzava. Durante as manhãs até o meio da tarde, atendiam uma multidão de senhores de idade. Os especiais de almoço do Diego's era um sucesso entre eles. Por volta da uma da tarde e nas últimas horas do dia eles eram invadidos pelos alunos da universidade, e por casais que saíam para um jantar romântico.

Havia dois lugares reservados, os que Diego considerava como as mesas especiais do restaurante: a dezesseis na esquerda e a oito à direita. Ambas colocadas embaixo de intrincados lustres artesanais com velas naturais. Foram feitos pela esposa de Diego, que era decoradora de interiores, e também fez o projeto do restaurante. Essas mesas eram apenas para alguns clientes seletos, ás vezes



reservadas antecipadamente para pedidos de casamento, ou quando Tara sabia que eram clientes que dariam boas gorjetas.

Esta noite, era uma mesa para quatro pessoas. Duas garotas e dois rapazes, provavelmente um encontro duplo a julgar pela forma como as cadeiras foram arrumadas.

Quando já estava a uns poucos metros de distância, Lauren reconheceu o cabelo despenteado de um dos rapazes, embora não pudesse dizer como ela sabia. Parecia que estava suficientemente concentrado enquanto falava com o outro rapaz na mesa, mas quando sua acompanhante pôs a mão carinhosamente em seu braço, inclinando-se para sussurrar em seu ouvido, ele perdeu seu sorriso fácil.

Ao vê-los juntos, ele não pode ignorar a ligeira dor em seu peito. Não tinha o direito de se sentir assim, poxa, a única coisa que sabia sobre ele era seu nome, mas pensou que haviam tido uma conexão na outra manhã. Esperando não ser intrometida — e desejando não ter aceitado atender essa mesa — Lauren foi em sua direção.

Não importava o que ela pensava. Talvez tivesse interpretado mal sua interação no café, não só no primeiro dia em que se esbarraram, mas de novo apenas alguns dias atrás. Sentaram-se juntos, falando sempre sobre ela, embora tentasse, em vão, saber mais sobre ele. Isso pode ser o porquê dele evitar falar sobre si.

Pela primeira vez desde que começou a trabalhar ali, sentia-se incomodada, não só porque estava enrolando para ir até sua mesa, mas porque qualquer um podia ver que a



garota estava praticamente em cima dele, que parecia bastante frio e distante.

Decidindo que não podia mais perder tempo, Lauren forçou um sorriso e se aproximou da mesa. — Olá, sou....

— Lauren! É sempre um prazer revê-la. — Mishca afastou-se ainda mais da garota a seu lado, virando até que ficou de frente para ela. Antes que pudesse protestar, levantou-lhe a mão e beijou os nós dos dedos, um hábito, que parecia reservado para quando se encontravam.

Não pôde lutar contra o rubor em seu rosto por mais que tentasse. — Mishca, olá.

A garota a sua direita limpou a garganta dramaticamente e Lauren fez uma careta, sabendo que se estivesse em um encontro com um rapaz e ele fizesse isso, estaria chateada também.

— Você a conhece? — Perguntou a garota acenando uma mão delicada em sua direção, embora seus olhos estivessem exclusivamente em Mishca.

Diante de seu tom sarcástico, toda a sua culpa desapareceu. Fez soar como se Lauren não estivesse à altura. Embora, com um olhar para ela, podia ver porque pensava que era um presente de Deus a todos os homens.

Tinha o cabelo escuro, torcido em um coque elegante. Seus olhos delineados, com uma sombra preta esfumaçada, e seus seios — será que eram falsos? — ameaçavam sair pelo quase indecente decote de seu vestido.



— É obvio — continuou com facilidade, olhando para ela com o cenho franzido, mas não lhe deu nenhuma explicação. Virou novamente para Lauren. — Este é Jonathan, meu sócio e amigo próximo, e sua namorada Tiffany Montgomery, e creio que esta é sua melhor amiga, Rebecca Turner.

Provavelmente foi um golpe duro no ego de Rebecca, mas até Jonathan disfarçou um sorriso levantando a mão sobre a boca pela forma como Mishca a havia apresentado. Pela forma que Rebecca agora olhava, feio, para Mishca, devia pensar que havia algo mais entre eles do que um amigo e uma amiga jantando juntos.

— Se já tiver terminado — disse Rebecca com frieza — eu gostaria de fazer o pedido.

Lauren retirou sua caderneta e uma caneta. Ainda sorrindo perguntou. — O que posso lhes oferecer para beber?

Desta vez, foi Mishca quem tomou a palavra. — Vocês teriam um Merlot safra 93?

Lauren disfarçou sua surpresa, conhecendo o cardápio suficientemente bem para saber que esse vinho em especial custava um mês de seu salário. — Esse é vendido apenas por garrafa.

— Isso está bem.

Ela limpou a garganta, com esperança de que não fosse um incomodo e disse — Posso ver sua, hummm, carteira de identidade?



— Para quê? — Perguntou Rebecca como se ela fosse a pessoa mais idiota que já conhecera.

Respirou fundo, olhando para Mishca em busca de apoio. — Não servimos bebidas a menores de idade aqui. Poderia perder meu trabalho se não verificar.

— O qual sem dúvida você precisa — murmurou Rebecca.

Lauren não sabia como reagir a sua óbvia atitude, já que nunca esteve em uma situação parecida. As garotas em seu antigo colégio apenas a evitavam totalmente, escolhendo fazer de outras pessoas seus alvos. Sabia que cedo ou tarde ela iria se deparar com alguém como Rebecca. Nova York era conhecida por ter esse tipo de gente, mas ao menos esperava que tivessem uma razão. Não importava o motivo torto que fosse, ao olhar de maneira insignificante para alguém.

— Aqui — Mishca retirou a carteira, mostrando-lhe sua identidade.

Ela sorriu agradecida, antes de baixar os olhos para o documento. Nascido em 10 de abril de 1988, vinte e quatro anos de idade, por volta da que havia imaginado.

Os outros seguiram seu exemplo. Ambas as garotas tinham vinte e dois anos, e Jonathan tinha a mesma idade de Mishca. Pela forma como Rebecca estava agindo, Lauren pensou que ela estaria abaixo da idade permitida para beber. Agora, deu-se conta que sua atitude era apenas cretina mesmo.

— Estarei de volta com o seu pedido.



Quando estava se afastando, Rebecca limpou mais uma vez a garganta, o som já irritando os nervos de Lauren — Além disso, poderia me trazer um copo de água com gás e um pouco de gelo?

— Perfeitamente.

Com um sorriso forçado, Lauren andou tão rápido quanto seus pés permitiam em direção ao bar, onde Diego limpava as vitrines de bebidas, assobiando baixinho uma canção suave.

Diego era um homem bastante intimidante à primeira vista. Passava dos trinta anos. Tratava a maioria do pessoal como irmãos mais novos, sobretudo os garçons, já que todos eram ao menos uma década mais jovens que ele, além dos dois chefs.

— Em que posso te ajudar agora, querida? — Perguntou com seu característico sorriso, fazendo um gesto para o homem no final do balcão que tentava chamar sua atenção.

— Eles querem uma garrafa de Merlot `93.

Ele lhe deu aquele olhar de dúvida.

— Sim, pedi as identidades, e sim eles sabem que esse vinho só é servido a garrafa.

Diego deu um tapinha em sua mão, enquanto mexia no cabelo distraidamente. — Boa garota.

Colocou a mão embaixo do balcão de bebidas, abrindo uma pequena caixa para pegar seu pedido. Enquanto isso, ela pegou uma bandeja no armário atrás do bar,



agachando-se em frente à geladeira para conseguir uma garrafa de Perrier, e encher um copo com gelo.

— Já sabe como tirar a rolha? — Perguntou Diego colocando a garrafa e um saca-rolha de prata brilhante sobre a bandeja.

— Posso fazer. — Ao menos pensou que poderia. Sempre lhe pareceu bastante simples.

— Não deixe que estes esnobes te afetem — sussurrou, parecia ler sua mente — simplesmente os ignore e seja amável. Normalmente deixam boas gorjetas.

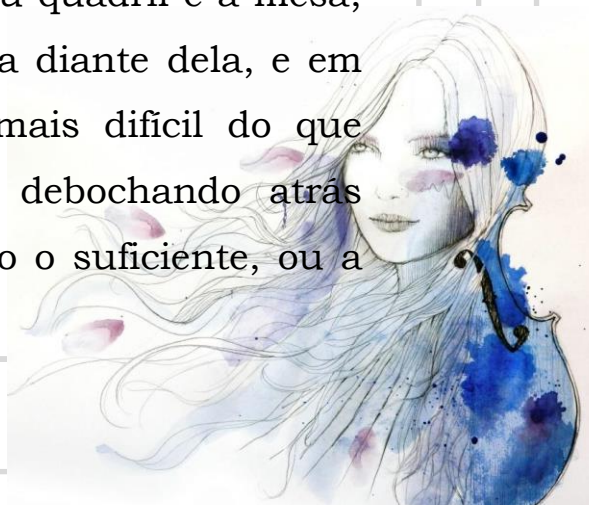
— É fácil para você falar — disse, já com um humor melhor — O máximo que pode fazer é lhes dizer que chegaram ao limite por essa noite e chamar um táxi.

Encolhendo os ombros — Vale a pena ser o chefe.

Lauren retornou à mesa, tendo uma mini conversa consigo mesma no caminho. A probabilidade de que visse Rebecca novamente era provavelmente nula. Podia fazê-lo por uma noite sem novos incidentes e sem o risco de perder seu emprego.

O cliente tem sempre razão. O cliente tem sempre razão. Talvez se repetisse isso para si mesma muitas vezes isso, conseguiria realmente acreditar.

Equilibrando a bandeja contra seu quadril e a mesa, pôs o copo com gelo de Rebecca e a água diante dela, e em seguida foi abrir o vinho. No fim era mais difícil do que imaginava, especialmente com Rebecca debochando atrás dela. Ou não colocou o saca-rolhas fundo o suficiente, ou a garrafa estava conspirando contra ela.



— Permita-me — Mishca estava fora da cadeira e com a mão sobre a dela, enquanto habilmente tirava a rolha da garrafa — presunçoso — mas lhe permitiu servir a bebida.

Lembrando como Diego fazia, Lauren serviu uma pequena quantidade na taça de Mishca, para que ele provasse. Tomando um gole, ele assentiu e piscou para ela.

Jonathan olhava entre os dois com uma expressão estranha em seu rosto, mas não disse nada enquanto Lauren servia o restante das taças.

— Estão ...?

— Eca, este vidro está sujo. — Rebecca segurou o ofensivo copo para cima, franzindo a testa para ela. — Quero outro.

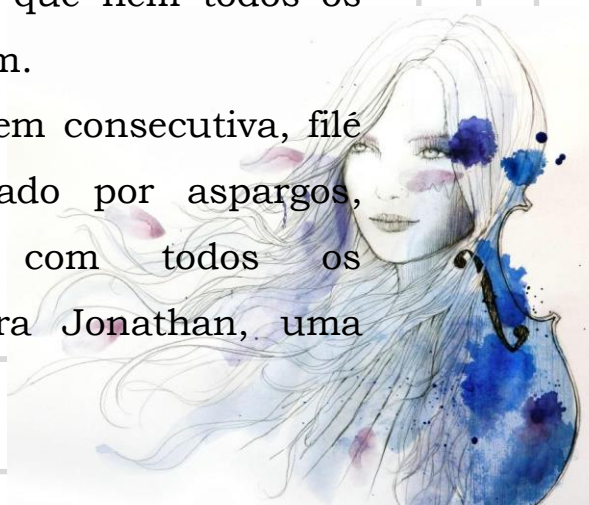
O sorriso de Lauren foi desaparecendo lentamente. — Claro. Querem que ...

— Preferiria — continuou, cortando-a de novo — pedir uma bebida agora.

Tiffany riu, embora tenha soado forçado enquanto dava um olhar glacial a sua amiga. — Estou certa de que pode esperar até depois que pedirmos o jantar, não é? — Parecia que até ela estava cansada de sua atitude. — Estou pronta para fazer o pedido, Lauren.

Nesse momento, Lauren decidiu que nem todos os amigos são da mesma opinião. — Está bem.

Anotou todos os pedidos em ordem consecutiva, filé mal passado para Mishca, acompanhado por aspargos, hambúrguer completo ao ponto, com todos os acompanhamentos e batatas fritas para Jonathan, uma



salada da casa com um pouco de vinagrete para Tiffany, e para Rebecca o especial da noite, Ratatouille[17]. Lauren repetiu os pedidos, confirmando que anotou tudo corretamente, e logo se dirigiu para o balcão de pedidos.

Sentiu o começo de uma enxaqueca na parte de trás de seus olhos, mas afastou o pensamento, retornando à mesa para levar um novo copo que revisou duas vezes, antes de ir para Rebecca, desta vez sem nenhum incidente, e se retirou para a cozinha.

Tara já estava de volta, sentada na sala de descanso com seu filho enquanto lhe ensinava suas tarefas da escola. Com a chegada de Lauren, ele sorriu e acenou, correndo para abraçar suas pernas, como fazia com todos os que vinham aqui atrás.

Falando em voz baixa, Tara o levou para dentro da sala novamente, fechando a porta quando ele entrou, prometendo checá-lo a cada momento. Algo parecia estranhamente familiar para Lauren, mas não podia dizer o que era. Interpretando mal sua expressão, Tara a guiou para as portas.

— Por que está tão chateada?

Saindo de seu estado de estupor, Lauren a olhou. — Te odeio agora.

Tara engasgou com uma indignação fingida. — A mim? O que eu fiz?

— Mesa... de-zes-seis...



[17] O ratatouille é uma receita do século XVIII e pode ser servida quente ou fria, sozinha ou como acompanhamento. É um prato rústico, típico da região da Provença. O termo significa “picar, triturar”, mas pode-se traduzir também como ragôut de legumes ou prato de berinjelas.

Através do pequeno painel de vidro nas portas, Tara olhou e assobiou baixo. — É essa mesa, não é? Tem que ignorar a Rebecca, ela se esquece de tirar a coroa da cabeça quando deixa seu castelo no céu.

— Você os conhece? — Soava quase tão incrédula quanto Rebecca quando fez a mesma pergunta a Mishca.

— Não pessoalmente, mas os vi aqui o suficiente para saber quem são. Apontou para os rapazes — Aquele é Jonathan e....

— Mishca, sim o conheço.

Tara levantou uma sobrancelha perfeitamente arqueada, sorrindo maliciosamente — Conheceu agora?

— Não é assim. Eu o vi duas vezes em uma cafeteria perto do campus.

— É desse nome que os rapazes chamam hoje em dia? Além disso, eu entendo totalmente porque o faria. É para desmaiar. Ficaria sem chocolate durante um mês por uma noite com ele.

Lauren riu baixinho, mas não fez nenhum comentário, simplesmente voltou para onde os chefs colocavam os pedidos prontos, tocando um sino.

— Você se importaria de me ajudar a levar? — Perguntou, e em seguida acrescentou. — Era sua mesa antes de tudo.

Tara deu uma gargalhada. — Já está fazendo eu me sentir culpada.



Com sua ajuda Lauren levou a comida deles à mesa, com cuidado para evitar cair na risada quando Tara sussurrou algo sobre lamber o peito de Mishca.

Uma vez que a comida foi servida, e se dirigiram para a cozinha, Rebecca engasgou, alto o bastante para chamar a atenção das poucas pessoas ao redor, inclusive Diego.

Quando saíram da cozinha, Lauren viu que Rebecca estava ainda mais furiosa que antes, mas assumiu que ela continuava fingindo devido à presença de Mishca, mas quando se apressou a voltar à mesa, soube no mesmo instante que deveria ter pedido para Tara ir em seu lugar, já que parecia que a maior parte de sua ira era dirigida a ela.

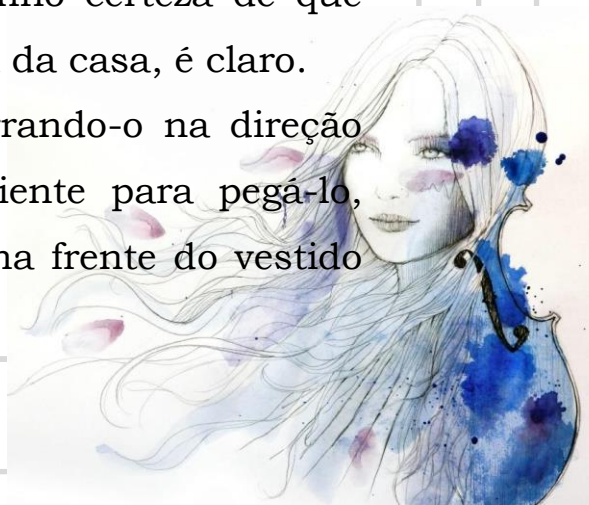
Esperava buscar novos talheres, ou uma nova toalha, no entanto, Rebecca se levantou da mesa.

— Tem um cabelo na minha comida.

Jonathan esfregava seus olhos em sinal de constrangimento, Tiffany disfarçava olhando para seu celular, mas Mishca estava de testa franzida, pressionando os lábios em uma fina linha firme. Já não parecia divertido enquanto olhava para Rebecca.

Lauren foi amável, embora relutante, não acreditava no que ela dizia, já que todos os cozinheiros usavam toucas para prender os cabelos e lenços. — Tenho certeza de que podemos oferecer algo diferente, por conta da casa, é claro.

Rebecca agarrou o prato, empurrando-o na direção de Lauren, não lhe dando tempo suficiente para pegá-lo, derrubando todas as batatas e o molho na frente do vestido de Lauren, que ficou gotejando no chão.



Desta vez Lauren perdeu de vez seu sorriso e sabia que devia estar tão vermelha quanto um tomate, já que seu rosto estava quente. Alegrou-se de que os outros clientes tivessem retornado às suas refeições, para que não presenciassem um dos momentos mais vergonhosos da sua vida.

Não conseguia pensar no que fazer. Nunca teve uma tendência à violência, embora neste momento, sentiu-se tentada. Estava parada em seu lugar, tentando entender o que aconteceu. Quando escutou os sons úmidos das batatas batendo no chão, sua ira aumentou, suas mãos se fecharam em punhos.

Tara e Diego apareceram ao seu lado, Diego parado com o peito estufado enquanto apontava para todos eles.

Tara agarrou o braço de Lauren, puxando-a antes que fizesse algo que se arrependeria.

— Acredito que é hora de vocês irem embora. Não voltem ao meu restaurante. — A voz de Diego era dura e cheia de autoridade.

Tiffany corava envergonhada, disparando a Lauren um olhar simpático e tanto ela quanto Jonathan se apressaram a sair de lá. Rebecca agarrou sua bolsa e caminhou alegremente atrás deles. Mishca estava em pé, sem pressa enquanto tirava várias notas de sua carteira, colocando-as sobre a mesa. Ao passar junto a Lauren, sem se importar com Diego que já tinha os braços cruzados sobre o peito, ele disse — Sinto muito!

E logo se foi.



Diego suspirou — Você pode ir para casa mais cedo hoje. O dinheiro sobre a mesa é seu.

— Isso não é....

— Confie em mim — disse de maneira reconfortante com uma mão em seu ombro — você merece.

Para Lauren não importava o dinheiro. Nem sequer o queria, mas o guardou no bolso de qualquer modo, dirigindo-se a sala de descanso para recolher suas coisas.

A próxima vez que visse Mishca devolveria seu dinheiro e uma parte de seus pensamentos.



Capítulo 6

Clube 221

— Ele se desculpou, mas ela arruinou meu vestido. — Terminou Lauren, ao relatar sua horrível noite de trabalho para Amber enquanto descansava na sala de estar.

Desde aquela noite, não tinha visto Mishca na cafeteria, mas o dinheiro que guardava na carteira começava a queimar um buraco nela.

— Cadela. Eu teria acertado sua cara com um pincel.

Lauren riu enquanto Amber lhe estendia um dos maiores pincéis que possuía, empunhando-o como uma arma, cortando o ar. Confiava em Amber para alegrar a situação e fazê-la se sentir melhor.

— Que seja, já deixei isso para trás...

Calou-se quando o telefone de Amber tocou, com uma música contagiante que programou para Piper.

Amber ouviu com atenção depois de atender, logo cobriu a parte inferior do telefone enquanto girava para sorrir para Lauren. — Quer sair esta noite? Há um clube novo que os meninos querem ir.

— Conte comigo.

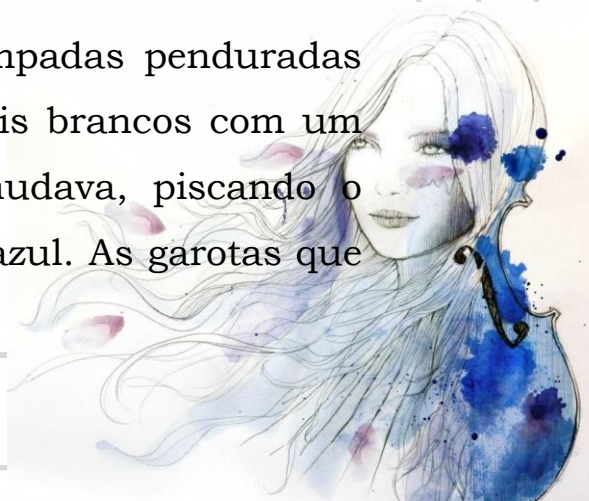


Lauren e Amber se encontraram com Rob, Piper, e Matt na esquina do Clube 221, porque queriam entrar todos juntos. Tristan surpreendentemente não estava devido aos ensaios de sua banda. Uma larga faixa rodeava a entrada do edifício, e um carpete preto levava até as portas escuras na parte da frente.

Dois seguranças com ternos escuros estavam de pé na entrada, perfeitamente em forma e imóveis enquanto as pessoas ao seu redor imploravam para entrar. Com uma considerável multidão, Lauren achava que levariam horas para conseguir, mas Piper não hesitou, passeando com seus sapatos de salto alto foi para o começo da fila e deu seu nome a um dos seguranças. Ele a olhou de cima a baixo, com um brilho interesseiro em seus olhos, murmurando algo em seu ouvido, que a fez sorrir timidamente. Com uma gargalhada, deixou-nos entrar.

Do lado de fora, você só podia ver as luzes coloridas piscando nas janelas sombreadas, mas no interior, o baixo pesado golpeava os alto-falantes, e o lugar estava quase lotado. Manobrou cuidadosamente para conseguir passar através das pessoas na pista de dança. Era um lugar exclusivo, coisa que Lauren podia dizer pela forma como foi concebido.

As luzes da pista vinham de lâmpadas penduradas no teto, banhando as paredes e os móveis brancos com um brilho azulado. Em intervalos, a cor mudava, piscando o vermelho, verde, amarelo e novamente a azul. As garotas que



serviam as bebidas vestiam saias brancas e tops curtos, levando garrafas de espumante e bandejas com doses.

O DJ estava em sua cabine com vista para a pista de dança usando enormes fones de ouvido, as mãos ocupadas em seu notebook. À direita dele havia um escritório. Ninguém estava dentro, mas quando a porta se abriu, o vidro tornou-se opaco, criando privacidade.

Encontraram uma cabine vazia perto do bar e se acomodaram, mas Piper permaneceu de pé, gritando acima da música palpitante — A primeira rodada é por minha conta.

Como a multidão se separava para ela passar, ficou perfeitamente claro como foi capaz de colocá-los para dentro. Usava um vestido vermelho, grudado ao corpo, com alças cruzadas nas costas e nos seios. Isso junto a seus saltos faziam-na parecer o sonho molhado de qualquer homem.

Mas não era só ela. Era incrível como Nova York tinha pessoas atraentes. Claro, havia gente assim onde quer que fosse, no entanto, imaginar que isso era o que parecia Hollywood, homens e mulheres igualmente esperando pela chance de fortuna e fama, sendo observados por agentes de talentos ou organizadores de desfiles de moda.

Piper reapareceu pouco tempo depois com uma bandeja com doses de vodca, bem como doses que ela chamou de Martini de limão. Quando todos foram distribuídos, Amber levantou seu copo com um sorriso.

— Pelos novos amigos — falou, olhando para todos — e começos épicos.



Brindando, Lauren hesitou um pouco, então virou sua primeira dose, quase cuspindo quando o álcool deslizou por sua garganta, caindo como chumbo em seu estômago.

— Como vocês podem beber isso? — gritou para ninguém em particular, tossindo e agitando seus olhos enquanto, repentinamente, se sentia quente.

Matt riu, empurrando seus óculos para cima no seu nariz. — Anos pulando de clube em clube, novata. Você vai se acostumar com isso, eventualmente.

Mais rodadas de doses chegaram a Lauren, e depois da segunda ou terceira mal sentia a queimadura, apenas um calor agradável enchendo-a. Sentia-se eufórica, rindo das brincadeiras de Matt, embora nem que sua vida dependesse disso podia entender porque era tão engraçado. Piper saiu da pista de dança, agarrando o primeiro cara que viu dançando. Rob e Amber estavam perdidos em seu próprio mundo, deixando Matt e Lauren por conta própria.

Olhou para a pista de dança, vendo como as pessoas se perdiam na música. Apesar de que não estava suficientemente confiante para se aventurar sozinha como Piper fez, estava se divertindo do mesmo jeito apenas sentada e conversando com Matt.

Ele saiu por alguns minutos, voltando com uma cerveja para ele e uma água para ela — explicando-lhe que as doses poderiam acabar com o próximo dia dela.

— Está gostando daqui? — Perguntou Lauren, inclinando-se para que pudesse ouvi-lo sobre a música alta.

— Oh, sim — disse revirando os olhos — explodindo.



Riu, sacudindo a cabeça. — Por que veio se você não gosta?

Ele encolheu os ombros, olhando para a pista de dança, onde Piper estava grudada em um cara e ao mesmo tempo dançando com outro.

— Você sente algo por ela, não é?

Ele fez uma careta. — É assim tão obvio?

— Talvez um pouco — disse, não querendo envergonhá-lo, recordando-se de sua conversa com Amber, a um mês atrás.

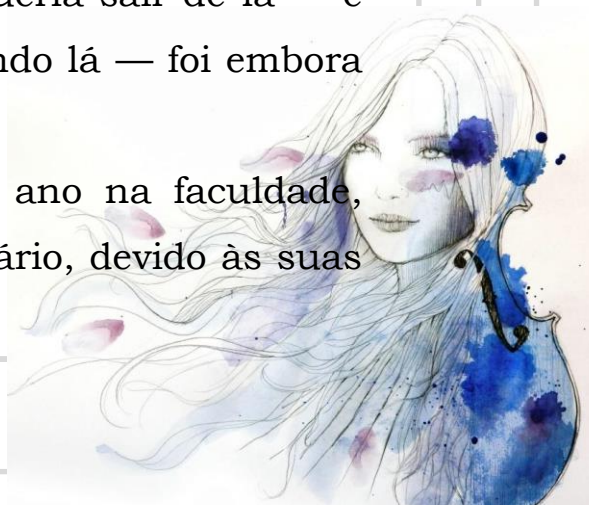
Ele encolheu os ombros tirando seus óculos para limpar as lentes com a barra de sua camisa. Ficava bem melhor sem eles, o ângulo de sua mandíbula mais proeminente. Foi quase chocante ver a diferença que fazia. Matt era charmoso com óculos, mas sem eles, ia muito além de atraente.

— Eu gosto de pensar que se lhe der algum tempo, ela perceberá o que eu sinto — disse colocando o óculos de volta.

Lauren riu. — Se ela tiver sorte.

Quanto mais falavam, mais Lauren descobria o quanto tinham em comum. Ele também veio de uma pequena cidade rural do Alabama e decidiu que queria sair de lá — e desde que era mais esperto que todo mundo lá — foi embora sem olhar para trás.

Conheceu Rob em seu primeiro ano na faculdade, quando ele vivia em um lugar muito precário, devido às suas



condições de vida. Rob por acaso deu-lhe uma carona, por fim, passaram a morar juntos.

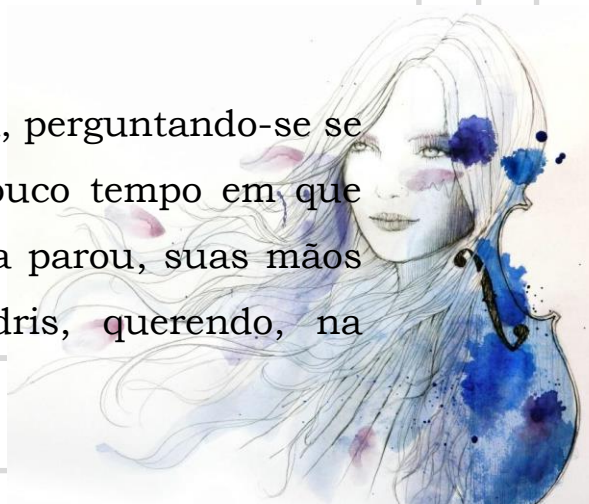
Depois de uma hora, a bebida finalmente alcançou-a. Desculpou-se com Matt, pensando em pedir a Amber para ir ao banheiro com ela, mas mudou de ideia. Ao crescer com um policial, sabia o básico de autodefesa e tinha uma lata de spray de pimenta na bolsa, caso realmente precisasse.

Levou um tempo para atravessar a multidão, mas estava agradavelmente surpresa com os banheiros. Esperava os típicos banheiros públicos, o tipo que fazia você pensar seriamente se não poderia mesmo esperar. Estes, entretanto, estavam limpos e claramente projetados pensando no bem-estar das mulheres, do espelho que se estendia de uma parede a outra, as lâmpadas gigantes alinhadas de forma a iluminar qualquer ponto, e até mesmo as cestas no balcão da pia com sabonetes perfumados e outras coisas.

Garotas de pé em frente ao espelho, reaplicando a maquiagem, falavam sobre o dono do clube, embora Lauren não tivesse descoberto o nome antes que elas saíssem de lá. Terminou o que foi fazer rapidamente, lavando as mãos e secando com toalhas de papel. Tudo tinha sido relativamente rápido, fazendo-a se sentir uma tonta por ter entrado em pânico.

Maldito Ross.

Dirigiu-se novamente para a pista, perguntando-se se a multidão se tornou ainda maior no pouco tempo em que passou no banheiro. Então, um homem a parou, suas mãos no ar enquanto empurrava seus quadris, querendo, na



opinião dele, fazê-la dançar. Sorriu educadamente, tentando passar, mas ele agarrou seu pulso, puxando-a com força para a frente até que estivessem quase se tocando.

— Só uma dança, doçura. — suplicou, cheirando fortemente a álcool e algo amargo. — Não vou te machucar.

Tentou se soltar, mas quando isso não funcionou, tentou racionar. — Não obrigada. Tenho que voltar para meus amigos.

— Vamos lá — disse com um sorriso, apertando-a mais.

Calma, tinha de manter a calma, porque se entrasse em pânico só pioraria as coisas. — Eu não....

— Acredito que ela disse não.

O alívio a inundou ao som desse sotaque russo, já sentindo o calor de seu corpo atrás dela. Agora bem, não era como se não estivesse tentando soltar-se, mas o homem retirou as mãos como se tivesse sido queimado por ela, desculpando-se repetidamente antes sair apressado e desaparecer no meio da multidão.

Com ele longe, respirou profundamente aliviada, voltando sua atenção à única pessoa que não esperava ver esta noite. Seus olhos ainda estavam focados no homem que desaparecia, pelo menos até que estivesse longe o suficiente para que ele pudesse se acalmar.

Então ele voltou seus olhos azuis para ela não parecendo se importar que ele estivesse em espaço pessoal, mas quem era ela para reclamar? Não era como se estivesse fazendo algum esforço para se afastar dele.



Segurou sua bolsa com ambas as mãos, olhando para ele, que realmente era alto. — Obrigado.

Mishca inclinou a cabeça, sua expressão séria derretendo. — Sem problema.

— É obvio que encontraria você aqui de todos os lugares — disse, procurando por uma explicação. Realmente esperava que ele não fosse um desses tipos psicopatas, e tendo em conta que a grande maioria dos celulares de hoje tinha GPS[18], poderia muito bem tê-la seguido até aqui.

— Poderia ajudar — disse segurando um sorriso — que sou o dono do clube. Eu poderia pensar que veio aqui por mim.

Lauren pensou que ele estava apenas brincando com ela, pelo menos até que um grupo de pessoas passou explicando sobre as novas reformas que ele havia feito ali. Suas bochechas coloriram enquanto ele piscava para ela.

— Eu não sabia — disse rapidamente — que este clube era seu, quero dizer. Na realidade você não se parece com um dono de clube.

— Oh, não? E como os donos de clubes se parecem?

Ela encolheu os ombros. — Não sei, talvez mais sórdidos?

— Tomarei isso como um elogio.

— Certo — olhou por sobre seu ombro tentando ver sua mesa — Eu deveria voltar para meus amigos.



[18] O sistema de posicionamento global (global positioning system, **GPS**) é um sistema de posicionamento por satélite que fornece a um aparelho receptor móvel a sua posição.

— Espere — tocou sua mão, esse calor familiar que ele irradiava a fez estremecer — Quero me desculpar novamente pela outra noite. Às vezes alguns favores se tornam mais trabalhosos do que se planejava.

— Tudo bem. Houve algum mal-entendido?

Ele sorriu e assentiu — Posso te acompanhar até sua mesa?

— Claro.

A multidão parecia se separar facilmente agora que Mishca estava com ela, tornando a volta para sua mesa muito mais suave. Só podia ver a parte superior das cabeças de seus amigos quando Mishca a deteve.

— Vai estar no café na segunda-feira? — Perguntou

— Mais do que provável.

— Talvez a veja lá, então poderemos conversar melhor.

Por dentro Lauren estava encantada com a perspectiva, mas manteve a calma, fazendo-se de tímida. — E se eu não quiser falar com você?

— Então, eu ficarei enormemente decepcionado. Como é que vou fazer as pazes, se você se recusar a falar comigo?

Rindo Lauren disse. — Tenho certeza que você pensará em algo.

Uma gritaria repentina eclodiu do outro do andar, perto do bar. Mishca tirou um Walkie-talkie de seu cinto, gritando o que soava como ordens em russo. — Até na segunda-feira, não é?



— Verei você lá.

Com uma piscadela e um rápido beijo em sua mão — o gesto sempre fazia seu interior se agitar — ele se foi, deixando Lauren olhando-o durante alguns segundos, antes de voltar para seu grupo de amigos, onde todos a esperavam.

Piper realmente parecia chocada enquanto a olhava, perguntando — Você conhece Mishca Volkov?

Lembrou-lhe a forma como Rebecca fez a pergunta no Diego's. — Humm, sim! — Para Amber, disse — Esse é o cara sobre o qual te falei.

Amber riu, para grande espanto de seus amigos. — Se ele é a razão pela qual a garota derramou comida em você, olhe, jogue um pouco sobre mim também.



Capítulo 7

Compensação

Domingo à noite Lauren não conseguia dormir. Cada vez que olhava os brilhantes números vermelhos em seu despertador, seu coração acelerava um pouco mais. O que ela diria quando o visse?

Poderia fazer uma cena, atirar o dinheiro em sua cara para demonstrar que tinha razão, mas ela não era esse tipo de garota. Queria ser dura com ele, poder falar tudo o que sentia como quisesse, sem ficar insegura e nem deixar nada guardado dentro de si.

Será que ele se importa? Certo, foi ele que disse que estaria lá, mas o que não conseguia entender era o porquê de tanto interesse nela? Não é como se fosse uma mulher feia, que não atraísse atenção — apenas olhe para ele — mas ela parecia ser o alvo e não sabia se ficava emocionada por isso ou desconfiada de seus motivos.

Parecia suficientemente interessado quando estavam em seu clube, mas ela tinha o hábito de ler muita coisa nas entrelinhas, sem ter nada acontecendo na realidade.

Rolando Lauren fechou os olhos, desejando poder acalmar seus pensamentos acelerados, assim conseguiria dormir. Neste ritmo estaria acordada a metade da noite,



repassando as diferentes possibilidades que poderiam acontecer nesse encontro.

Dez minutos se passaram... quinze... vinte. Suspirando, finalmente se levantou pegando sua manta para ver televisão na sala. Se fosse para ficar a noite toda acordada, ao menos passaria vendo um filme.

Para sua surpresa Amber estava na sala, sentada no parapeito da janela, olhando o céu noturno, seu olhar viajava entre sua pintura atual e a noite estrelada que recriava. Parecia exausta, sem sua habitual abundância de energia.

— Hey, está tudo bem? O que está fazendo acordada? — Perguntou Lauren.

Amber tentou sorrir, mas não chegou até seus olhos — Não consigo dormir. Parece que a única coisa que posso fazer esses dias é pintar.

Esquecendo a TV, Lauren deu a Amber sua completa atenção. — Quer conversar sobre isso?

Ela suspirou, deixando seus pincéis na água, pondo a tela no cavalete. — Trarei o sorvete.

Voltou com um pote de meio litro de sorvete de creme com biscoito e duas colheres, entregando uma para Lauren enquanto sentava ao lado dela no sofá.

— Isto — começou Amber, apontando para sua tela — significa tudo para mim. É para o que eu vivo. Tive muita sorte por ter pais que não se importavam com o que eu queria fazer, enquanto eu me esforçasse para conseguir fazer algo.



— Mas... — incentivou Lauren quando ela fez uma pausa.

— Rob... é um grande cara, mas ele não vê minha arte da mesma maneira que eu. Para ele é mais como um passatempo, e que eu deveria começar a pensar mais no que farei no meu futuro. — Olhou tristemente para baixo, pegando outra colherada de sorvete.

— Não o conheço tão bem, mas acredito que conheço você, ao menos uma quantidade aceitável. — Isso conseguiu lhe arrancar uma risada. — Se quer ser uma artista, então é isso que deve fazer. Não deixe que ele te faça duvidar de si mesma.

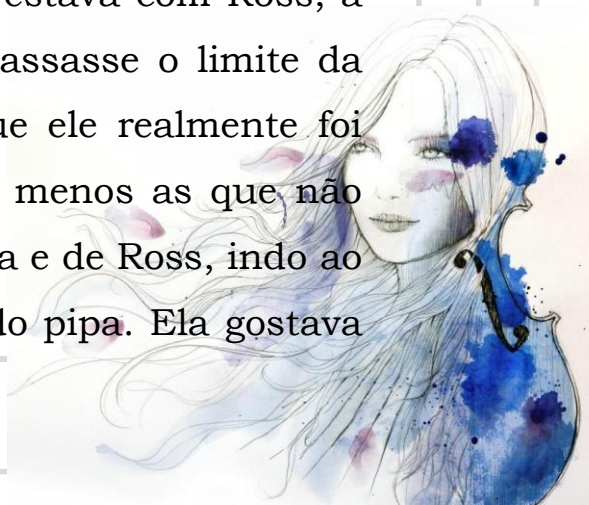
— Embora todo o resto é maravilhoso entre nós.

— Mas ele tem que te aceitar como é. Todos os dias pinta algo novo. Poxa, olhe ao redor do nosso apartamento. É como viver em uma galeria aqui. Se ele te ama, e não estou dizendo que ele não o faça, não amaria seu talento também?

Amber lhe deu um sorriso choroso limpando suas bochechas. — Sou mais velha que você, supõe-se que fosse eu quem deveria te dar conselhos.

Lauren riu. — Tirei-o de uma mãe muito protetora e tendo um policial como pai.

Lauren nunca disse isso quando estava com Ross, a ideia sempre a fez sentir como se ultrapassasse o limite da amizade, mas sem dúvida, isso era o que ele realmente foi para ela. Suas primeiras lembranças, ao menos as que não estão bloqueadas em sua mente, eram dela e de Ross, indo ao parque comer cachorro-quente, empinando pipa. Ela gostava



desses momentos com ela, mesmo estando sempre preocupado que pudesse magoá-la.

— Assim.... o que você está fazendo acordada?

Lauren fez uma careta, não muito segura se devia contar sobre sua paixão quando Amber tinha problemas em seu relacionamento.

— Deixe-me adivinhar, ele é um russo alto de um metro e noventa? — Ela riu com expressão de Lauren — Foi bastante óbvio na outra noite quando os dois estavam um em cima do outro.

Ela engasgou. — Não estávamos. Ele apenas me ajudava a voltar do banheiro.

— Oh, que estranho!

Lauren golpeou o braço dela, mesmo que lutasse contra a própria risada. — Estou falando sério. Eu fui quase agarrada a força por um cara, enquanto você estava ocupada chupando a língua de Rob.

— Sim, sim, não mude de assunto. O que ele te fez para que esteja tão nervosa?

— Bom, lembra-se do que te disse a respeito da noite no Diego's? Ele deverá se encontrar comigo amanhã para conversarmos.

— E você gosta dele ...

Ela assentiu.

— Mas está preocupada sobre sua relação com aquela garota?

Novamente Lauren concordou.



— Então a resposta é simples. Você tem duas opções: uma é agarrá-lo imediatamente, a outra é fazê-lo suar para conseguir ter você.

Lauren riu, soltando sua colher no pote agora vazio. — Não estou segura se gosto de suas opções.

— Espere, vou explicar melhor isso. Para a opção A. Na minha experiência, a mente dos garotos é extremamente simples. Se ele quisesse apenas ter sexo com você, ele já teria feito seu movimento para conseguir, certo? Embora eu duvide que você só saltasse na cama com ele, Ross poderia ter que matá-lo. — Isso era certeza — Já que não vamos com a opção A, resta a opção B. Se ele te convidar para sair, o que estou noventa por cento certa que irá, você recusa seu convite.

— Mas...

Amber levantou suas mãos. — Não, deixe-me terminar. Seu trabalho é deixar claro para ele que não vai esquecer o que aconteceu, e se estiver mesmo interessado, terá que se esforçar.

— E se isso não funcionar? E se essa for à única vez que vai me convidar?

— Então ele não valia a pena, em primeiro lugar.



IN THE BEGINNING

VOLKOV BRATVA 1

Mishca estava sentado sozinho em uma mesa no café, alternando entre mandar ordens em seu Blackberry e tomar café, enquanto outra xícara repousava na sua frente.

Era uma bebida particularmente feminina, mas era mais que isso. Era uma oferta de paz pela merda que aconteceu na outra noite.

Estava sentado aqui pelos últimos quinze minutos, olhando para cima sempre que o sino soava, esperando para ver Lauren entrar. Não conseguia se lembrar da última vez que fez um esforço consciente para tentar conhecer uma garota, e não ajudava que não soubesse quando ela chegaria, e ele vivia do outro lado da cidade.

A primeira vez que entrou neste café foi pura coincidência. Uma noite com Rebecca era exaustiva e ele precisava de uma dose de cafeína extra na manhã seguinte. No início, ela aceitou que só ficariam juntos por uma noite, foi algo que ele deixou claro muito antes que a tivesse levado para a cama, mas ela estava acostumada a ter todos a sua inteira disposição, entretanto Mishca não aceitava ordens de ninguém. E uma garota tão chata como Rebecca? Só poderia suportar por uma noite.

Algumas noites depois, Jonathan ligou pedindo um favor, e embora estivesse cansado das exigências de Rebecca, aceitou acompanhá-los no jantar.

Ela era tão pretensiosa como imaginou, mas podia tolerar sabendo que seria a última vez que a veria, entretanto, sua noite se tornou muito mais animada quando Lauren apareceu.



Havia algo a respeito dela que atraiu a sua curiosidade. As mulheres a que estava acostumado em Nova York eram criaturas vaidosas, especialmente aquelas que frequentavam seu clube, na esperança de seduzi-lo, usando sua boa aparência para atrair sua atenção. Entretanto, ali estava Lauren, quase tímida em sua abordagem.

Sorriu fracamente recordando a maneira como ela reagiu quando o viu. Havia algo tão inocente a respeito dela que sentiu a necessidade de corrompê-la.

A porta da frente se abriu, e desta vez era Lauren quem entrava. Viu-a observar o ambiente, sua boca movendo-se até que finalmente parou, seus olhos abrindo-se gradualmente quando o viu, e em seguida estreitando-se.

Quando ela não desviou o olhar, levantou sua oferta de paz, esperando que se aproximasse.

Não parecia se dar conta do quanto estava atraente. Tinha um sensual balanço em seus quadris, que era acentuado pelas calças jeans baixa que vestia. Não veio aqui tentando impressioná-lo, mas chamou sua atenção sem muito esforço.

Quando ela estava ao lado da cadeira vazia, seus dedos apertados no encosto, decidindo-se antes de sentar. Os fios de cabelo ondulados escapando do nó desordenado no alto de sua cabeça.

Mishca empurrou o copo extra para ela, esperando até que aceitou antes de sorrir.

— Bom dia, Lauren, um frappuccino de caramelo, correto?



— Obrigado. — Suas palavras foram suaves, quase apenas um sussurro, mas o que planejava quando entrou com aquele olhar determinado em seu rosto, se foi. — Não tinha que fazer isto.

Os cantos de sua boca se levantaram. — Sem problemas.

Lauren tomou um pequeno gole, arqueando uma de suas delicadas sobrancelhas enquanto bebia. Parecia ter notado que ele a observava.

Tornou-se uma batalha de vontades: Mishca estudando-a e Lauren procurando não reagir ao ser estudada, mas não pôde esconder sua reação a ele. Mishca poderia dizer que ela não queria gostar dele, mas achava-o atraente mesmo assim. Suas bochechas coraram enquanto o encarava, como no primeiro dia que se encontraram.

Ela tinha olhos bastante expressivos, e que neste momento estavam fechados, mas por trás dessa máscara que tentava manter, ele podia ver algo escondido em suas profundezas.

Limpando a garganta, ela remexeu em sua bolsa, tirando um envelope e empurrando-o para ele, como ele tinha feito com seu café.

Baixou o olhar para o pacote antes de encontrar seus olhos de novo. — O que é isto?

Com um levantar sutil em seu queixo, praticamente o desafiou a abrir. Desembrulhando-o, notou que continha várias notas de cinquenta dólares dentro. Ele podia adivinhar



de onde vinha enquanto o fechava e lhe devolvia. — Isto era para você — disse.

Ela balançou a cabeça, tentando devolvê-lo, mas ele colocou sua mão sobre a dela, parando-a.

Olhou de suas mãos para seu rosto. — Aprecio a gentileza ... — começou a dizer antes que ele a cortasse.

— Não tem nenhuma gentileza nisso, foi apenas uma compensação. Seu vestido foi arruinado.

— Não foi você quem o arruinou.

— Mas foi o meu encontro. — contestou.

— Não foi sua culpa.

— Eu insisto. Quero que fique com esse dinheiro.

— Mishca...

— Lauren...

Fulminou-o com seu olhar, recusando-se a recuar, mas nunca cruzou com alguém como ele, isso era certo. E mais vezes sim do que não, conseguia o que queria.

Sua mão tremeu debaixo da dele. — Eu não preciso do seu dinheiro.

Mishca arqueou suas sobrancelhas. — Eu nunca disse que precisava.

Revirando seus olhos, finalmente concordou, deixando suas mãos livres e colocando-as longe. — Ok.

— Ok. — Seus lábios tremeram antes de finalmente se abrir em um sorriso. — Estamos bem?

— Estamos bem.



Ele se inclinou para frente, descansando suas mãos na mesa. — Quero me desculpar pelo que aconteceu. Não pensei que ela descontaria em você.

Suas sobrancelhas se arquearam em confusão, e ela perguntou. — O quê?

— Foi algo que eu disse a ela antes que você voltasse.

— O que foi? Acredito que tenho direito de saber depois de ter batatas jogadas para mim — disse com uma risada.

— Jonathan perguntou quem era você. Eu disse que você era uma garota que se negou a ter um encontro comigo.

O canudo estava em seus lábios, mas quando ele parou de falar, começou a observá-lo como se tivesse crescido outra cabeça.

Ele riu. — Você parece surpresa.

— Bom... uh, eu nunca me recusei a ir em um encontro com você.

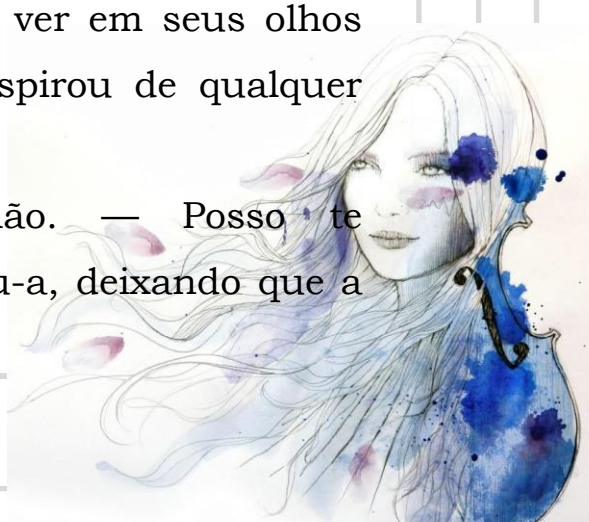
— Oh, então está dizendo que irá?

Sorriu, sacudindo sua cabeça. — Essa técnica sempre funciona?

— Não tenho certeza. Uma vez que você me responda eu vou saber.

Ela checou as horas, e ele pôde ver em seus olhos que não estava pronta para ir, mas suspirou de qualquer maneira. — Tenho aula.

De pé, ele ofereceu sua mão. — Posso te acompanhar? — Surpreendendo-o, tomou-a, deixando que a ajudasse a ficar de pé.



Vlad esperava por ele do lado de fora, em pé de braços cruzados perto do carro enquanto esperava que Mishca terminasse seus negócios. Tinham uma reunião com um traficante de armas do outro lado da cidade, era um grande investimento que seu pai estava fazendo.

Mas apostou que tinha tempo suficiente para se despedir dela antes de ter que ir. Quando deixavam o café, ele acenou para Vlad, uma mensagem silenciosa para que permanecesse parado até que voltasse. Só piscou uma vez antes de recostar-se no carro e retornar ao jornal que lia desde que chegaram ali. Era uma coisa que Mishca podia apreciar a respeito de sua posição na organização.



Chegando de frente a sala de aula, Mishca puxou Lauren para detê-la, colocando as mãos em seus bolsos, e ignorando os curiosos espectadores, que caminhavam ao redor deles para entrar. — O que eu preciso fazer para que saia em um encontro comigo?

Olhou-a nos olhos, o brilho neles fazendo-o sorrir.

— Eu não vou a um encontro com você.

Sério? Mishca não podia se lembrar, qual foi à última vez que alguém recusou uma noite com ele. — Por que não? Sou uma excelente companhia.



Ela murmurou algo que ele não pôde ouvir, mas não desistiria tão facilmente. Sempre gostou de desafios. — O que disse? Posso te mostrar que não sou de todo ruim.

Lauren sacudiu sua cabeça, ajustando a alça de sua bolsa em seu ombro, enquanto olhava através dele para a porta. — Eu nunca disse que você era.

Ele arqueou uma sobrancelha. — Então isso é um sim?

— Não — disse, rindo — é um não.

— Ah, vamos lá, Lauren. Está partindo meu coração. — Colocou uma mão no peito, fazendo beicinho como se ela tivesse pego seu cachorrinho favorito.

Sorriu timidamente. — Tenho aula, Mishca.

Ele sabia que não mudaria de ideia hoje, mas nunca foi dos que desistiam facilmente.

Tomando sua mão, beijou os nós de seus dedos. — *Ty khochesh', chtoby presledovat' vas*[19]? — Perguntou em russo, vendo seus olhos se dilatarem e suas mãos tremerem.

Sorriu. Se ela queria que a perseguisse, ele faria.



[19] Ty khochesh', chtoby presledovat' vas – Você quer que eu te persiga?

Lauren realmente pensou que se o evitasse ou fingisse desinteresse, Mishca perderia o interesse nela, mas estava enganada, ele parecia mais determinado ainda. Respeitosamente a acompanhava a aula todas às segundas e às quartas-feiras, apesar de não tê-la convidado para sair outra vez, não escondeu que a queria. Eram as coisas sutis que fazia que derrubavam suas defesas. A maneira como estava atento a tudo o que ela dizia, como sempre, mesmo que a tivesse visto umas poucas horas antes, beijava sua mão. Parecia, neste momento, que ele só estava esperando que ela cedesse.

Mas aprendeu rapidamente que era difícil não gostar de Mishca. Ele era encantador, frequentemente a fazia se ajoelhar de rir durante suas curtas caminhadas, e a cada manhã quando chegava ao café, ele já estava esperando-a com um copo especial só para ela. Começava a ansiar por isso, empolgada para ver seu sorriso irônico e o morno azul de seus olhos.

Era uma quarta-feira lenta no Diego's, o trabalho passando em um ritmo agonizante enquanto Lauren e Tara estavam na cozinha rindo com os chefs, já que o restaurante estava praticamente vazio.

— Bem, olhe quem chegou. — disse Tara de repente, sua atenção presa em algo fora das janelas da cozinha. Lauren franziu a testa, seguindo a linha de visão para o bar, onde ninguém menos do que Mishca estava sentado, conversando amigavelmente com Diego. Ignorando a vibração de borboletas em seu estômago, não querendo acreditar que



estava ali por ela, mas quando Diego apontou para as portas da cozinha, ela recuou com o coração acelerado.

— Acredito que é certo assumir que alguém aqui sente algo pelo infame senhor Volkov.

— Não sinto. — Na realidade sentia.

Tara continuava olhando pelo vidro. — Diego está vindo para cá.

— O que?

Realmente, Diego apareceu segundos depois, parecendo animado enquanto enfiava a cabeça no vão da porta, olhando para ela.

— Tem um cliente aqui perguntando por você Lauren.

— Não, obrigado. Mande Tara atendê-lo.

Diego sussurrou algo para Tara. — Sinto muito, L. Estou em meu horário de descanso.

— Você deveria estar do meu lado!

— Eu estou. Você gosta dele, o que significa que devo agir em favor de seu melhor interesse.

— Bem, farei com que ele corra para longe de mim eu mesma.

Andando de cabeça erguida — ignorando o riso suave de seus colegas de trabalho — Lauren alcançou o bar, lembrando-se que não iria a um encontro com ele, não importava o que dissesse ou — ele se virou para ela quando estava só a alguns passos de distância, seus olhos brilhando de felicidade e então sabia que estava perdida. Malditos olhos azuis.



— Olá, Mishca. O que posso fazer por você? — Estava contente que sua voz não soasse tão instável como se sentia.

— Eu gostaria de pensar que você e eu somos amigos, não é?

Encolhendo os ombros sem comprometer-se. — Talvez.

— E em meu país, as pessoas levam seus amigos para se divertir.

Lauren ia cair nessa, mas se esquivou. — Eu adoraria, mas Diego precisa de mim trabalhando no turno do fim de semana, e sabe que tenho aulas nos dias de semana.

— Não se preocupe, L — disse Tara enquanto aparecia no final do bar, onde ela e Diego faziam um trabalho terrível em disfarçar que não queriam escutar. — Eu posso cobrir o seu turno.

Mishca olhou de volta para Lauren com as sobrancelhas levantadas, parecendo infantil e encantador. — Então o que me diz? Quer jantar comigo?

Estava negando com a cabeça, mas seus lábios disseram — Sim.



Capítulo 8

Encontro

— Piper pode ser um pouco parecida com uma dor de cabeça, mas quando ela está se sentindo generosa, sempre me dá suas roupas que ficam grandes — disse Amber enquanto entrava no quarto carregando alguns cabides.

Lauren estava surtando sobre o que vestir em seu encontro, prestes a sair de jeans quando Amber lhe disse que poderia ter algo para ela.

O primeiro vestido que provou era uma peça preta elegante, que fez Lauren se sentir mais velha do que era. Embora fosse muito bonito, não se sentia segura para usá-lo esta noite.

O segundo era laranja, com linhas brancas contornando a parte da frente, o que fez com que Lauren se recusasse a usá-lo foi que o decote nas costas chegava a sua cintura, cobrindo apenas sua bunda.

Agora o último, ela gostou com apenas um olhar. Era um lilás suave, com um corpete ajustado, uma saia rodada. Pequenos partes foram cortados nas laterais, substituídas por renda preta.

— Oh, este ficou perfeito — disse erguendo o vestido diante dela, enquanto se via no espelho.

— Onde vocês irão?



— Não sei, só que vamos sair para jantar. Ele disse que estaria aqui por volta das sete.

Amber olhou seu relógio. — Bom, vou deixá-la para que termine de se arrumar.

Pelo tempo em que Lauren tomou banho, colocou o vestido e fez um coque alto, Mishca estava batendo na porta.

Amber saltou, ultrapassando Lauren como um vulto impreciso de cabelos encaracolados para abri-la. — Oh, eu quero um desse para mim.

Mishca sorriu timidamente, o seu sorriso infantil encantador. — Mishca Volkov.

— *Priyatno vstretit'sya s vami*[20], Mishca.

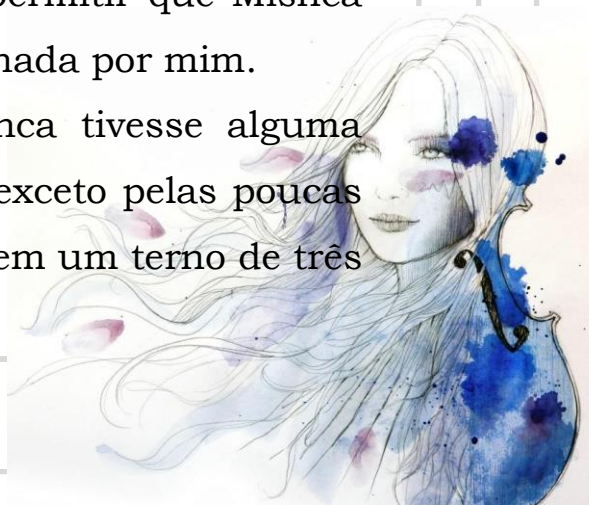
Mishca pareceu impressionado e começou a falar em russo, rindo entre as palavras quando notou que ela não tinha ideia do que ele dizia.

Uma vez que lhe devolveu a saudação, Amber sorriu e lhe deu a mão. — Visitei a Rússia apenas uma vez, e "prazer em conhecê-lo", é a única coisa que me lembro como se diz. Sou Amber.

— A artista, certo? Lauren me contou várias coisas sobre você.

Juntando as mãos, Amber soprou um beijo para Lauren, parando de lado na porta para permitir que Mishca entrasse. — Ela está secretamente apaixonada por mim.

Lauren não acreditava que Mishca tivesse alguma ideia do que significava vestir-se casual, exceto pelas poucas ocasiões em que o viu no café. Ele estava em um terno de três



[20] Priyatno vstretit'sya s vami – Prazer em conhecê-lo.

peças, feito sob medida, em um azul que combinava perfeitamente com seus olhos, e uma gravata azul marinho. Seu cabelo estava um pouco mais em ordem, suas mechas onduladas penteadas para trás com algum tipo de gel.

Ele também a observou, começando nos pés e indo até seu rosto. Seu olhar era como o de um predador, quente, fazendo-a se sentir nua, como se a acariciasse sem tocá-la.

Lauren desviou os olhos primeiro, sentindo seu rosto corar quando olhou para Amber, que os olhava com curiosidade, abanando o rosto. Agarrando sua bolsa, ia para a porta quando a amiga puxou-a para o lado.

— Lembre-se do que eu disse. Só porque ele é quente e faz aquela coisa quando ele fala russo, não significa que recebe a mercadoria. Não significa que não, e se precisar, chute seu traseiro.

Mishca tossiu da porta, as garotas notando seu sorriso divertido.

Amber sorriu de volta. — Sem querer ofender. De qualquer maneira, divirtam-se. — E fechou a porta atrás deles.

Descendo as escadas, Mishca se virou para olhá-la e perguntou — O que é essa coisa que eu faço?

— Você já sabe... toda essa coisa sexy... "ouvir a maneira como você pronuncia as palavras e exagera com os Rs." — disse tentando imitar seu sotaque.

Suas sobrancelhas se levantaram até a linha do cabelo enquanto ele começava a rir. — É assim que pareço quando falo?



A Mercedes de Mishca estava na calçada, soltando fumaça pelo escapamento.

— Deixou seu carro ligado? — Perguntou Lauren olhando ao redor. Não estavam em um bairro ruim, mas mesmo assim....

— Jogo de chaves extras — disse, mostrando seu controle remoto, destravando as fechaduras e abrindo a porta do passageiro para ela.

O interior do carro era simplesmente tão espetacular quanto o exterior, todo em couro preto, as luzes internas e o painel brilhando com luzes vermelhas ao invés de brancas. Ainda tinha o cheiro de novo.

Mishca foi para o assento do motorista, fechando as portas de uma vez. Assim tão perto, podia sentir a colônia que ele usava, parte almíscar e algo mais quente. Eles não saíram imediatamente, e quando percebeu isso voltou a olhá-lo.

Ele tinha um leve sorriso, que fez com que ela inclinasse sua cabeça timidamente, colocando uma mecha de cabelo perdida detrás de sua orelha.

— O que está errado?

Um dos cantos de sua boca se levantou ainda mais antes que ele se inclinasse através do console do carro, e pressionasse um pequeno beijo bem naquela parte abaixo de sua orelha. Não podia ter durado mais do que alguns segundos, mas foi suficiente para fazer com que seu coração se acelerasse, e sentisse uma quase irresistível necessidade de devolvê-lo.



Sabia a reação que causou nela. Podia sentir seu sorriso contra sua pele.

— *Ya dumaya, vy seksual'nyy*[21] — sussurrou, o profundo timbre de sua voz provocando um arrepio em sua coluna. — É esta a coisa a qual você se referia? — Perguntou enquanto colocava o cinto de segurança.

Como se ele realmente tivesse que perguntar.



Havia tantos restaurantes bons na cidade que Lauren não poderia escolher um ao qual quisesse ir. Durante o caminho, suas mãos estavam ao lado das dele, até que ambos tiveram a mesma ideia. Quando suas mãos se uniram, pensou em como se sentia bem, como seu medo inicial de ser desagradável com as pessoas parecia desaparecer.

Encontraram um estacionamento do outro lado da rua do parque, caminhando uma curta distância até o restaurante. Sem dúvida nenhuma era um local para casais, visto que tinha uma atmosfera romântica. Luzes de lanternas penduradas em uma grade de ferro forjado, que rodeava todo o restaurante, cada uma das dez mesas estava ocupada com casais desfrutando um jantar privado.



[21] Ya dumaya, vy seksual'nyy – Estou pensando, você é sexy.

Quando Mishca deu seu nome ao hostess[22], foi quase cômico ver o homem desabar pela atenção enquanto acenava para outros dois homens segui-los.

— É sempre assim com você? — Perguntou Lauren, olhando disfarçadamente para os outros garçons, que os observavam passar.

— Ia te perguntar a mesma coisa — disse com uma piscadela.

Eles foram levados ao terraço do restaurante, ocupado por uma única mesa. Uma tigela de vidro estava no centro dela, com pequenas velas e pétalas de rosas brancas flutuando na água. Uma vez que estavam sentados, o hostess se afastou, retornando pouco depois com uma garrafa de vinho e duas taças.

— Cortesia da casa, senhor. — disse mostrando com orgulho a gasta etiqueta da garrafa.

Mishca assentiu. Com uma precisão de perito tirou a rolha da garrafa — um truque que Lauren estava determinada a aprender — e lhes entregou o menu.

— E pensar que pedi sua identidade. — Brincou Lauren enquanto os garçons se desculpavam.

— Meu pai e eu estamos frequentemente aqui. Eles me conhecem.

— É por isso que recebemos um tratamento especial?

— Ou talvez porque você está maravilhosa neste vestido.



[22] Hostess é uma profissão tanto masculina quanto feminina. Uma espécie de recepcionista de restaurantes, bares, eventos, festas, discotecas ou hotéis. Nascida nos Estados Unidos, a função tem conquistado o mercado comercial e social de todo o mundo.

Sorriu. — Sutil Mish. Muito sutil. — Pegou seu cardápio, vendo as diferentes opções. — O que me recomenda?

— Você é vegetariana?

— Não.

— Vegana?

— Como qualquer coisa. Exceto caracóis, não me atrevo a comê-los. — Estremeceu-se. — Tentei isso uma vez e odiei.

Ele fechou seu menu, inclinando-se para frente. — Quer escutar um segredo?

Intrigada, olhou em seus olhos. — Claro.

— Só peço o filé.

— Sério? Quantas vezes estiveram aqui?

Ele riu. — Não faço ideia. Mais vezes do que posso contar.

O garçom voltou alguns instantes depois. — O que posso lhes servir para a entrada essa noite?

Mishca lhe devolveu o menu. — Pedirei o de sempre.

— Muito bem, senhor. E para a senhorita?

— Pedirei uma salada Caesar e um frango recheado do dia como acompanhamento.

— Num instante. — Ele pegou seus menus e inclinou-se levemente, afastando-se.

— Que me diz de um jogo amistoso enquanto esperamos — disse Mishca, batendo com seu polegar contra a mesa enquanto se reclinava em sua cadeira.



Lauren arqueou uma sobrancelha. — Oh? Que tipo de jogo?

— Vinte e uma perguntas.

— Quais são as regras.

— Há regras?

— Sempre há regras.

— Mmm... — Cruzando seus dedos, apoiou seus cotovelos na mesa, olhando-a fixamente. — Pode pular uma pergunta, mas tem que respondê-la mais tarde no jogo. Pode invocar até mesmo a quinta emenda, mas perde sua vez. E pode forçar a outra pessoa a responder a pergunta. Concorda?

Ele sorria maliciosamente, o que a fez se perguntar como se envolveu nisso. — Concordo. Primeiro as damas, certo?

Ele sorriu, inclinando sua cabeça.

— Tem vinte e quatro, verdade? Acredito que vi isso em sua carteira de identidade.

Assentiu, limpando sua boca com um guardanapo. — Certo, e quantos anos você tem?

Encolheu os ombros, olhando para seu prato para esconder seu sorriso. — Dezessete. Terminei a escola cedo. — Riu quando o viu empalidecer, com os olhos arregalados e engasgando com seu vinho. — Vinte. Tirei um ano livre logo depois de me formar.

— É bom saber — disse, limpando sua garganta.



Seus aperitivos foram entregues uns minutos mais tarde, a salada de Lauren estava coberta de molho, e para Mishca, uma batata assada ao forno com uma pequena salada.

Pegando um bocado, perguntou — Está ficando com alguém, além de mim, claro?

Ela riu. — Não sabia que estava ficando com você ainda.

— Ai está! Você quem disse. Ainda. É apenas uma questão de tempo.

— O que tem com a Rebecca? — Perguntou Lauren, observando seu prato enquanto pegava um crouton. — Ela sabe que está aqui comigo?

— Nós não temos esse tipo de relacionamento.

— Não? Que tipo de relação vocês tem, então?

— Eu não considero um relacionamento. Tivemos apenas sexo.

Lauren tossiu, engasgando.

Ele a olhou, sorriu e balançou sua cabeça. — Foi apenas uma vez e isso é tudo o que deveria ser.

— Então, fez sexo com ela, e depois a levou para um encontro onde descaradamente flertou comigo...

Ele limpou a garganta, esfregando sua mandíbula. — Não colocaria isso em tantas palavras.

— Uh, huh. Portanto, estamos pulando a parte do sexo ou é para depois do encontro?



Elevou-se um dos cantos de sua boca, dando esse encantador sorrisinho que a provocava a sorrir de volta. Ele se esticou sobre a mesa colocando as mãos em cima das suas, o calor de seu toque passando para ela. — Não era a minha ideia inicial, mas adoraria ter você em minha cama.

Lauren limpou sua garganta, tirando suas mãos das dele. — Se não foi pelo sexo, por que me chamou para sair?

— Porque queria saber mais do que o seu tipo favorito de café?

Ela sorriu. — Essa é uma de suas perguntas?

— Isso é uma afirmação. Queria te conhecer melhor. — O garçom se aproximou para encher seus copos, perguntando se havia algo mais que precisassem. Ambos negaram. — Por que a Universidade de Nova York?

Encolheu novamente os ombros. — Queria sair de Michigan. Nunca saí de meu estado antes, então pensei, por que não? Realmente não esperava conseguir entrar, entretanto aqui estou.

— E o que te parece? Valeu a pena?

Pensou em suas aulas, seus novos amigos e particularmente no fascinante tipo sentado frente a ela. — Com certeza valeu. De que parte da Rússia você é?

— Moscou.

— Vai sempre?

— Ainda tenho família lá, mas não vou tanto quanto gostaria.

— Tem...



— Acredito que é minha vez e tenho duas perguntas seguidas, certo?

Revirando seus olhos preguiçosamente, ela assentiu.

— O que você está estudando?

— Durante um tempo quis ser uma paramédica — em homenagem a seu pai — mas estou indecisa neste momento.

— Paramédica? — Ele parecia impressionado — E por que não vai fazer isso?

Agora ela não sorriu. — Declaro a quinta emenda.

Olhando-a fixamente por um tempo ele apenas assentiu, aceitando. — Parece justo.

— Quantos idiomas você fala?

— Fluentemente? Três, mas posso ler em latim também. — Encolheu seus ombros como se não fosse grande coisa.

Seu jantar chegou, os garçons retiraram seus pratos vazios, mas eles continuaram com suas perguntas.

— Quais línguas você pode falar?

— Russo e inglês, isso você já sabia. Falo também o francês.

— Posso ouvi-lo falar?

Limpou sua boca com um guardanapo e olhando em seus olhos disse — *J'aimerais vraiment à vous dans moon lit.*[23]



[23] *J'aimerais vraiment à vous dans moon lit*. - Eu realmente quero você na minha cama.

Ficou toda arrepiada... Se quando ele falava em russo já era uma experiência, escutá-lo em francês então... era alucinante.

— O que foi que disse?

— Eu disse que eu acho que você está linda.

Ele olhou para baixo, mas podia ver seu sorriso. — De jeito nenhum, duvido disso.

— Você nunca saberá.

Continuaram assim durante horas, mesmo depois de terem acabado de comer. Eles ficaram na mesa, perguntando cada coisa que podiam imaginar. O tempo voou e inconscientemente, aproximaram-se, inclinando-se um para o outro. Foi apenas quando Lauren notou que o último casal se dirigiu para a saída, que se deu conta que eram os últimos.

— Acredito que eles estão fechando — disse com um sorriso.

Mishca pagou a conta, dando um olhar indignado quando ela se ofereceu para dividi-la. Em troca lhe disse — Quando você me chamar para sair, então poderá pagar... e isso ainda é fortemente discutível.

Fora do restaurante, as estrelas brilhavam, Lauren olhou para Mishca, que a observava.

— Quer ir ao parque?

Parecia que ele ainda não estava preparado para que a noite terminasse.



Entrelaçando suas mãos, atravessou a rua para o parque, ainda explicando suas ideias para o clube até que chegaram a uma parte isolada, parando embaixo de uma árvore de carvalho gigante, com vista direta para uma estátua de Alice no País das Maravilhas. Tirando o paletó, colocou-o no chão para que ela se sentasse antes de ir ao seu lado.

— Como foi seu primeiro encontro ou algo parecido? — Perguntou, recostando-se contra a árvore.

— Não posso responder a isso — disse ela. Tecnicamente, este era seu primeiro encontro e não tinha terminado ainda. — Estou forçando essa resposta em você.

Ele sorriu, olhando para longe. — Eu tinha quinze anos, frequentava um colégio interno... minha madrasta, pensou que era o melhor para mim embora eu tenha voltado para casa no ano seguinte. Seu nome era Olivia Janis, nunca esqueci seu nome. Ela tinha um ano a mais que eu, embora não saberia isso apenas por olhá-la. Ela era mais madura também. Todos no internato pensavam que era a garota mais genial dali.

— Parece ser bastante impressionante.

— Oh, espere — disse, sacudindo sua cabeça — fica melhor. Eu pensava que eu era o melhor, pelo dinheiro do meu pai e, uh, por seus recursos. Tinha certeza de que, no final da noite, ela iria voltar para o meu quarto.

Lauren enrugou seu nariz. — Que nojento.

Ele revirou seus olhos. — Naquela época, eu estava desesperado para transar com alguém.



Pensou em Rebecca e no número de garotas que viu cochichando sobre ele. — Suponho que não está mais desesperado agora?

Sorriu, piscando para ela. — Bom, nos falaremos sobre isso em um segundo. Enfim, levei-a ao boliche, e de todos os jogos, esse é o que sou pior. Tivemos um bom encontro até que um homem imenso avançou para nossa pista. A princípio pensei que ele simplesmente passava, mas o que eu não sabia era que Olivia gostava de sair com rapazes mais velhos e que aquele era seu antigo namorado.

Mishca ria silenciosamente agora, seus olhos ficando animados enquanto contava a história. — Eu era um menino pequeno e magrelo, então a última coisa que queria era estar em uma briga com este cara, mas tinha que manter minha posição. A surra que meu pai me daria teria sido pior se ele ouvisse que eu fugi de alguma briga. Ele gritou com Olivia, me aproximei dele, ainda segurando a bola de boliche, e disse: “Ouça, deixe-a em paz”. Então eu fui criativo, amaldiçoando-o em russo, pensando que não entenderia a droga que eu dizia. Ele virou-se assim que terminei de falar, sua mãe é russa ou algo assim, e entendeu tudo o que eu disse, é obvio que isto o irritou ainda mais. O que eu fiz? Tentei andar para trás, escorreguei e cai com a maldita bola em cima do meu pé.

Lauren cobriu sua boca enquanto uma risadinha escapava, mas ele não parecia muito envergonhado pela história.



— Meu pé estava me matando, mas em minha cabeça, ele ainda me perseguia. Disse para mim mesmo: levanta, levanta. Eu até tentei, mas meu pé foi errado e tropecei na maldita bola — a mesma que caiu no meu pé — eu cai desajeitadamente, sem conseguia respirar.

Lauren não conseguiu segurar sua gargalhada por mais que tentasse. Abraçou sua cintura para respirar, rindo ainda mais enquanto ele a olhava fixamente, segurando sua risada.

— Como conseguiu chutar sua própria bunda, Mish?

— Foi vergonhoso, eu sei. O cara se sentiu tão mal por mim que chamou uma ambulância e foi comigo ao hospital. Quebrei um dedo do pé e machuquei minhas costelas. A parte mais triste foi que ela só saiu comigo para irritá-lo. Evitei-a pelo resto do ano.

Ela inclinou sua cabeça sobre seu ombro, ainda rindo baixinho. — Não sei se sento pena de você ou rio ainda mais.

Ele fez uma careta de dor. — Eu era um menino traumatizado.

— Obrigado por me dizer isso, de qualquer modo.

— Eu precisava te contar minha versão antes da minha irmã. Ela contaria a todo mundo se tivesse a oportunidade. Quando a conhecer, verá o que quero dizer.



Ele disse isto tão casualmente, sem pensar antes de falar, que Lauren sorriu. Não era como se fosse conhecer sua irmã. Ela não sabia se todas com quem se envolvia conheciam sua irmã, ou se era mais especial para ele, mas gostava de pensar que era a última opção.

— Imagino que seria justo se você compartilhasse agora uma história embaraçosa sua.

Mishca deitou na grama, suas mãos atrás de sua cabeça. Ela deitou também, apoiando sua cabeça no peito dele e brincando com as pétalas das flores.

— Eu tinha doze anos e pensei que era idade suficiente para ter meu primeiro beijo.

Mishca olhou de seus olhos a seus lábios para depois encontrar com seu olhar novamente.

— Não teve seu primeiro beijo até os doze anos?

Ela estremeceu. — Sim, se é que se pode chamar assim. Eu não era muito popular em minha cidade. — Especialmente quando todos da sua idade te tratavam como se tivesse algum tipo de doença.

— Provavelmente eu deveria ter esperado mais tempo — continuou — porque definitivamente não foi nada como eu esperava.... Assim, havia um cara, Stephen. Ele escrevia poesia, vestia-se todo de preto e em certas ocasiões usava um delineador.

Mishca sussurrou. — Sério?



Batendo de brincadeira em seu peito, ela sorriu. — Stephen era um bebê, ok? Ele se sentava a meu lado na aula de saúde e nesse dia, usava um desses óculos escuros. Agora como eu disse, não era muito popular na escola. Era um pouco desajeitada, e tinha uma franja estranha como resultado de uma experiência mal sucedida com um par de tesouras, mas ele não se importava com nada disso. Sempre foi agradável comigo.

— Aposto que você era tão linda quanto agora.

Podia sentir seus olhos nela, mas estava muito envergonhada para encará-lo.

— Eu planejei na minha cabeça o que eu faria: andar pela classe e ficar em cima dele. Eu estava na porta e ele estava sentado sozinho na sua mesa, desenhando em seu caderno. Respirei fundo, fui e toquei no seu ombro. — Escondeu o rosto no pescoço de Mishca, quase podia imaginar sua reação. — Quando ele me olhou, eu fechei os olhos, franzi os lábios para beijá-lo e sair correndo. Devo ter calculado mal a distância porque basicamente, bati minha testa no seu nariz.

Mishca fez nenhum ruído, mas todo seu corpo se sacudia com suas risadas. — Isso não foi tão ruim.

Ela gemeu, sua mortificação piorando enquanto terminava o resto da história. — Ele tinha um problema de saúde, seu sangue não coagulava ou algo assim. Quer dizer, se alguma vez ele levasse um soco ou qualquer coisa que o fizesse sangrar, poderia ficar muito mal rapidamente. Apesar



de que eu senti que só o toquei, ele estava jorrando sangue. Poxa, eu pensei que estivesse morrendo.

Agora ele estava rindo histericamente, segurando-a antes que ela rolasse para longe dele. — Vamos... por favor... eu não estou... — tentou falar — eu não estou rindo de você.

— Todo mundo pensou que eu o ataquei, e sai correndo e gritando da sala de aula. A polícia foi chamada — Ross não achou engraçado na hora, mas precisava deixá-la viver esse dia ruim — e até mesmo o corpo de bombeiro apareceu na escola. Foi um grande problema durante meses. Ninguém falou comigo, só me davam aquele olhar. Só fiquei sabendo, no final do ano seguinte, que ele era gay.

Mishca gargalhava tanto que os pássaros na árvore em cima deles saíram voando. — Você ganhou de mim, amor.

Sim, essa poderia ganhar de qualquer um.

— Vamos falar sobre algo um pouco menos vergonhoso, concorda? — Sugeriu Mishca.

Durante horas, eles ficaram no parque, conversando, rindo, confessando tudo que não deveria ser dito em um primeiro encontro, estava sendo fácil, porque ficaram em temas mais seguros. Ele não conversou outra vez sobre seu pai e ela estava agradecida por isso. Pelas primeiras horas da manhã, Lauren sentiu como se soubesse mais sobre ele do que sua própria mãe.

Era por volta das quatro chegou uma mensagem de Amber perguntando se ela estava bem.

Mishca olhou seu próprio telefone, confirmando as horas. — Deveria te levar para casa.



Ela pensou em protestar, estava se divertindo muito para que a noite chegasse ao fim, mas quando lembrou que o veria nos próximos dias para seu habitual café da manhã, concordou.

Voltaram ao carro, saindo do centro da cidade e retornando a seu prédio. No caminho, Mishca se aproximou e pegou sua mão, passando o polegar sobre a sensível pele de seu punho. Foi quase um ato reflexo, como se ele nem percebesse o que fazia, mas Lauren sentiu algo mais, uma sensação que não tinha ideia de como descrever.

No momento que já estava em casa e Mishca tinha ido embora, depois de levá-la até porta de seu apartamento, Lauren pôde sentir o cansaço chegando. Vestiu seu pijama, usou o banheiro antes de apagar as luzes, e deitar. Seu telefone se iluminou com uma nova mensagem.

Nosso café habitual na quarta-feira, certo?

Ela sorriu, sentindo-se muito emocionada com a ideia de se encontrarem novamente, e respondeu a mensagem confirmando o encontro. Lauren não pôde tirar o estúpido sorriso de seu rosto.



Capítulo 9

A primeira vez

Três semanas se passaram enquanto Lauren se acomodava a sua nova vida em Nova York, equilibrando trabalho, escola e o tempo que passava com Mishca. Desde seu encontro, eles saíram juntos mais duas vezes, seguindo uma espécie de rotina nas manhãs antes de suas aulas.

Encontravam-se na cafeteria e o que chegasse ali primeiro — mais provável que fosse Mishca — pedia o café, e logo juntos iam para sua aula antes que ele fosse trabalhar em seu clube.

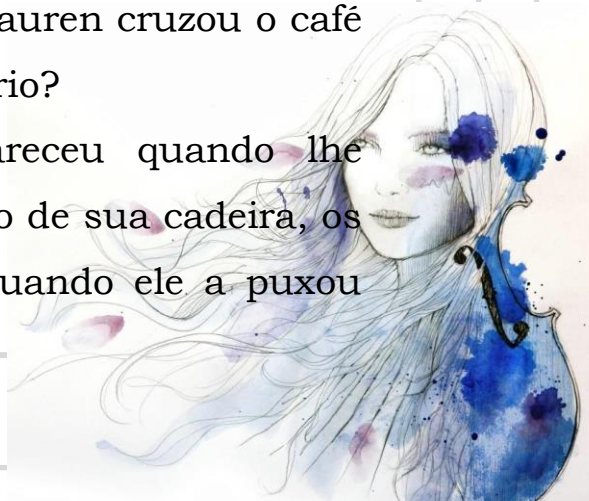
Hoje não foi diferente.

Mishca a esperava em sua mesa de sempre, escrevendo em seu telefone. Eram momentos como estes que faziam Lauren sorrir. Não era pelo fato de que ele sempre parecia incrível mesmo sem tentar, mas porque sabia que ele se deslocou de Manhattan até ali apenas para encontrá-la.

Descobriu isto uma manhã quando ele chegou tarde, se queixando do trânsito sempre presente.

Pondo o cabelo atrás da orelha, Lauren cruzou o café até onde ele estava. — Por que está tão sério?

O sulco em sua testa desapareceu quando lhe entregou sua bebida. Segurando o assento de sua cadeira, os músculos em seu bíceps se esticaram quando ele a puxou



para cima, passando seu braço em sua cintura, e mostrou a tela de seu telefone.

Alex: A apresentação de balé será na próxima semana. Não é opcional, quero te ver. Ah, e leve sua namorada. Quero conhecê-la. :)

— Apresentação de balé? — Lauren perguntou, olhando-o.

— Minha irmã ia a uma escola especial de balé na França. Infelizmente, ela está voltando a morar aqui. Desde que a dança é uma coisa sua, sempre assistimos ao espetáculo de gala anual.

— Isso soa... divertido? Você não parece muito emocionado.

— Porque é a coisa mais chata que já assisti, mas a minha irmã adora, assim não tenho outra opção. — Sorriu inclinando sua cabeça para o lado — Seria uma honra se me acompanhasse.

— Como posso dizer não a um convite como esse.

Lauren olhou para frente da cafeteria, notando o mesmo homem que sempre esperava lá fora quando estavam aqui, provavelmente seguindo-os, ao que ela presumia, a uma discreta distância quando Mishca a acompanhava até sua aula.

— Você o conhece? — Perguntou, apontando com a cabeça em direção ao homem.

Mishca seguiu seu olhar. — Venha, vou te apresentar.



Saindo da cafeteria, ele acenou para chamar a atenção do homem, que não pareceu alarmado por se aproximarem, piscando para Mishca por um breve segundo antes de olhar para ela.

— Lauren, quero te apresentar meu braço direito, Vlad.

Ele era alguns anos mais velho que Mishca, com feições bem marcadas. Seu brilhante cabelo preto estava puxado para trás em um rabo de cavalo na nuca.

— Prazer em conhecê-la, Srta. Lauren — ele cumprimentou com o sotaque mais acentuado que já ouviu.

Ela sorriu e adicionou — Apenas Lauren.

Mishca sorriu. — Ela te notou.

Não era muito difícil, Vlad era um homem enorme. Enquanto iam para sua aula, Lauren continuou conversando com ele, já que ficou ao seu lado ao invés de atrás como antes. Distraídos, não perceberam um fotógrafo do outro lado da rua tirando fotos deles.

Lauren olhou para cima do ginásio, Knockdown, enquanto saia do táxi e relia o endereço que Mishca lhe passou. A frente do ginásio era feita de janelas, o que permitia uma visão clara da recepção, mas não de seu interior.



Pagando ao taxista, pisou na calçada, afrouxando o lenço que tinha em seu pescoço e entrou no edifício úmido. Apesar de estar frio lá fora, dentro parecia verão com um calor quase sufocante. Os sons de punhos e pés batendo em sacos de areia, enchiam o ambiente ao redor do grande espaço, mas uma parede de troféus e certificados impedia a vista interna.

Uma morena com batom roxo escuro estava sentada atrás do balcão da recepção, com suas pernas apoiadas no topo, com botas plataforma. Estava vestida inteiramente de preto, apesar do calor no lugar, com uma coleira como a de um cão fixa firmemente ao redor de seu pescoço. Quase não percebeu a sua entrada enquanto folheava uma revista de tatuagens.

Lauren olhou ao seu redor, esperando encontrar o caminho sem ter que incomodar a garota, mas quando não achou qualquer sinal que apontasse a direção correta, deu um passo para frente. — Olá, você pode me informar onde será a luta?

Soprando uma bola de chiclete, a recepcionista antipática revirou os olhos, apontando atrás dela sem olhar para cima.

Ok...

Lauren contornou a parede, sentindo-se uma estúpida por não ter percebido isso logo de cara, até que pôde ver o ginásio inteiro. Havia um grande octógono no centro, filas de sacos de pancada pendurando em ganchos no teto e um lugar para levantamento de pesos ao lado da parede



oeste. A maior parte do piso era coberta por tatames, onde os homens e algumas mulheres lutavam.

Tentou encontrar Mishca entre os corpos suados, mas era difícil de ver claramente os rostos com a multidão em torno do octógono. Em seu breve olhar ao redor, Lauren não notou os dois caras dentro, circulando um ao outro, ambos com calções na altura do joelho.

Um tinha a cabeça raspada, tatuagens cobrindo a maior parte de seu peito e costas. Seu calção era branco com chamas negras, e tanto seu protetor bucal quanto seus dentes eram igualmente brancos com uma palavra escrita bem no centro dele, que ela não pôde distinguir pela distância.

Seu oponente, entretanto, parecia um tigre. Era alto, com os músculos recortados e definidos como se tivesse sido moldado dessa maneira. Uma cinta estava enrolada ao redor dos seus tornozelos e do calcanhar. Luvas sem ponteiras protegiam os nós dos dedos, mas parecia que quase não havia nenhuma proteção.

Mishca parecia ser um lutador nato quando limpou o suor da testa, tirando os fios pretos de seu cabelo do rosto. Seu olhar encontrou o de Lauren, seus olhos claros brilhando quando ele sorriu e piscou para ela.

Ela deu um ligeiro aceno, caminhando até a borda da gaiola para que tivesse uma melhor visão da luta. De perto, podia ver o leve brilho de suor no peito, com algumas gotas escorrendo. Era difícil não ficar olhando para a perfeição que ele escondia embaixo de suas roupas.



Duas estrelas de oito pontas foram tatuadas em ambos os lados de seu peito, logo abaixo da clavícula, outro conjunto nos seus joelhos. Em seu antebraço estava um pôr-do-sol, e uma frase em seus bíceps. Havia também mais duas tatuagens em seus ombros, mas Lauren não conseguia lembrar como eram chamadas.

Ele se aproximou com seu habitual caminhar lento, agachando-se para ficar na altura dos seus olhos. Sorriu, revelando o bocal verde fluorescente, antes que o retirasse, limpando a boca com as costas de uma mão enluvada.

— Fico feliz que você pode vir para minha última luta.

— Eu não podia perder isso. — Olhando a seu redor, notou que ele parecia ser o objeto da atenção de todo mundo. — Você deve ser muito popular por aqui — disse em tom de brincadeira, gesticulando, mostrando todas as pessoas.

Mishca olhou por cima de sua cabeça. Gritou algo em russo, sua expressão se tornou agitada por apenas um segundo antes que se acalmasse e voltasse a olhar para ela. — Ignore-os. Não estão acostumados a ver alguém tão bonita.

Ela revirou os olhos. — Eles te veem todos os dias.

Ele sorriu, tocando a mão em seu peito. — Você me envaidece.

O repentino clamor dos aplausos do público fez com que olhassem para o árbitro, que estava escalando a gaiola. Era um homem atarracado, que parecia estar genuinamente assustado, embora Lauren tivesse certeza que não corria perigo real com os lutadores.



— Hora de defender meu título.

Antes de se dirigir para o centro do octógono, entretanto, Mishca tirou uma de suas luvas, passando suas mãos através da grade para atrai-la para frente. Quando ela estava suficientemente perto, ele deu um rápido beijo em sua bochecha, colocando uma mecha de seu cabelo atrás da orelha.

Lauren se sentia quente com seu toque, desejando não corar tanto quanto corava sempre que ele estava envolvido. — Boa sorte, Mish.

Ele atou sua luva. — Quem precisa de sorte quando tenho você, *moy dorogoy*[24]?

Com uma saudação de dois dedos, deu um passo adiante, seu comportamento passou de uma fria indiferença, a de um predador.

O árbitro começou citando as regras, dizendo aos dois para tocar as luvas antes da luta começar. A multidão que rodeava a gaiola aumentou e pelos seus murmúrios excitados, Lauren soube que estavam muito empolgados por ver Mishca lutando depois de sua vitória brutal contra um antigo adversário.

O sino tocou e as pessoas ao redor explodiram animadas, incitando-os. De alguma forma, durante a primeira rodada, ela perdeu seu lugar na frente, homens gigantescos obstruindo sua visão. Não era baixa, tinha aproximadamente um metro e setenta e dois, mas se sentiu muito pequena perto desses homens.



[24] Minha querida.

— Talvez isto te ajude, não?

Vlad apareceu na sua frente carregando uma cadeira para que subisse. Diferente de todos os outros que vestiam roupa de treino, ele ainda estava com seu traje habitual, dava a impressão de estar totalmente deslocado, mas não parecia se importar.

— Ei, Vlad — disse quando subiu na cadeira com sua ajuda. — Não te vi quando cheguei.

— Estava andando por aí.

Lauren esperou, olhando-o, para que ele continuasse a falar, mas como ele ficou em um incomodo silêncio, voltou a olhar para o octógono. Ela descobriu que ele era um homem de poucas palavras.

Quando voltou sua atenção à luta, ela se perguntou se ele poderia ter a noite livre. Na sexta-feira passada, Tristan teve razão ao perguntar: “Então, quando vamos conhecer o bastardo da Rússia?”, enquanto pegava a tigela de pipocas dela, sentando-se em seu lugar habitual no sofá. Era verdade que ela optou por sair nas últimas três noites em que todos foram ao seu apartamento, preferindo passar seu tempo livre com Mishca. Por isso, todos lhe deram o "tratamento especial" como chamavam, principalmente deixando Tristan tirar sua comida.

Mas não tinha sido esse o ponto decisivo. Foi Amber que casualmente mencionou que poderia revelar a Ross, na próxima vez que falasse com ele, que tinha um namorado, caso não o trouxesse para que eles o conhecessem. Assim eram essas as suas opções: apresentar Mishca a seus amigos



loucos, ou saber que Ross ia verificar os antecedentes, bem como fazer algumas ligações para assegurar que eles eram legítimos... isso era uma decisão fácil.

A despeito de seu nervosismo, Mishca foi surpreendentemente a favor da ideia, apesar do modo reservado que parecia ter em alguns momentos. Foi ele que optou por esta noite. Como tinha o clube, tornou mais fácil de marcar a reunião semanal, já que não devia satisfação para nenhum patrão. Esta foi a parte fácil, mas não saber que tipo de coisas Tristan iria questionar a deixava mais ansiosa que qualquer outra coisa.

Mishca recuou de repente, quando seu adversário deu um soco selvagem, sorrindo com satisfação quando bloqueou uma cotovelada e devolveu um soco na cara do homem, afastando-se antes que ele revidasse.

Lauren sempre achou a arte do MMA[25] intrigante, os anos de dedicação que os lutadores levavam para aperfeiçoar sua arte eram um testemunho de dedicação. Os campeões de combate que viu na televisão em várias lutas de UFC[26] se moviam com a graça de um animal, já que habilmente o faziam ao redor do octógono, esquivando-se de golpes que caiam sobre si enquanto lutavam contra seus oponentes, e embora ela não soubesse se Mishca tinha algum tipo de treinamento especial, ele era hábil enquanto sem esforço vencia seu adversário.



[25] As artes marciais mistas, mais conhecidas pela sigla MMA (do inglês: mixed martial arts) é um esporte de combate de contato completo que permite a utilização de técnicas de golpes e grapplings, tanto em pé quanto no chão, a partir de uma variedade de outros esportes de combate.

[26] O Ultimate Fighting Championship é uma organização de MMA que produz eventos ao redor de todo o mundo. Tem sua base atualmente nos Estados Unidos.

— Ele é muito bom — disse ao Vlad.

— Ele está bem. Sua guarda é muito alta. Mishca está protegendo sempre o rosto. — Respondeu e Lauren acreditou ter visto uma sugestão de um sorriso em seu rosto normalmente impassível. — Viu o que estou querendo dizer?

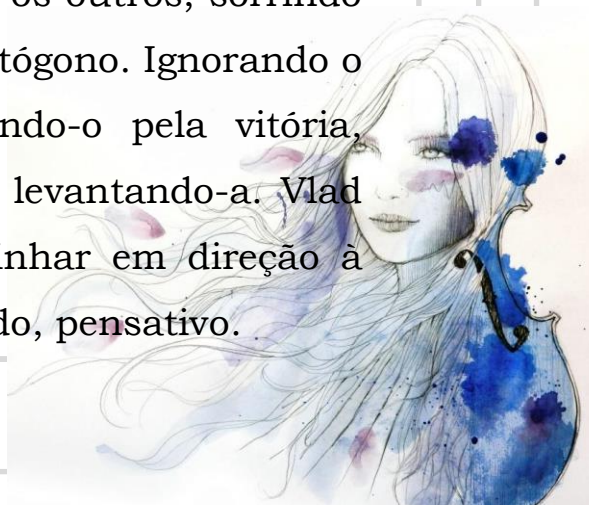
Seu adversário foi capaz de acertar um golpe em seu estômago, apressando-se para frente para derrubá-lo no chão.

Lauren estremeceu com o jeito que ambos caíram, Mishca de costas e o outro cara por cima dele, montando sua cintura, mas não pareceu afetado enquanto trabalhava rapidamente para retirá-lo, fazendo uma complicada manobra para levantar suas pernas e enganchá-las em torno da cintura do outro homem, trocando suas posições até que ele o prendeu em uma chave de cabeça.

Ele segurou apertado, os músculos de seus braços tensos enquanto cortava o ar do oponente. Em pouco tempo, começou a bater repetidamente no dorso de Mishca e o árbitro terminou a luta.

Levantaram-se, embora lentamente, e se cumprimentaram um ao outro nas costas. O árbitro declarou Mishca o vencedor, levantando seu braço no ar.

Lauren aplaudiu tão forte quanto os outros, sorrindo enquanto Mishca escalava para sair do octógono. Ignorando o grande número de pessoas parabenizando-o pela vitória, chegou até ela e abraçou-a pela cintura, levantando-a. Vlad sussurrou algo em russo antes de caminhar em direção à gaiola, onde outro homem estava esperando, pensativo.



Ela fez um suave som de protesto, movendo-se para sair de seus braços, e ficar em pé. Enrugando o seu nariz disse — você está todo suado!

— Isto não é nada. Eu quase nem lutei.

— Você foi muito bem lá. — disse quando ele pegou uma toalha e enxugou o rosto, deixando-a sobre seus ombros.

Sua sobrancelha arqueou-se enquanto a guiava para o vestiário. — Então ficou impressionada, não é?

— É obvio que fiquei. Você foi fantástico.

—*Spasibo*.

— Obrigado? — Perguntou.

Ele pareceu apreciar sua rápida tradução. — Espere apenas um minuto, então iremos.



— O que está pensando? — Perguntou Mishca, rompendo o silêncio enquanto se dirigiam para o apartamento de Lauren.

— Meus amigos podem ser um pouco... estranhos, e não tenho certeza de como fazer esta coisa das apresentações.

Ele pareceu estar chocado — Você nunca apresentou nenhum namorado?

Ela sorriu timidamente. — Não, nunca.



Ele pareceu satisfeito com essa informação quando beijou sua bochecha. — Não precisa se preocupar. Contanto que você se importe comigo e eu me importe com você, o resto é indiferente.

Após suas palavras de consolo, Lauren estava ansiosa para o encontro, esperando que acontecesse sem problemas... isso até que abriu a porta da frente.

Matt estava consolando Piper enquanto ela soluçava sobre seus novos Christian Louboutin[27] que estavam cobertos por uma espécie de gosma e por tinta vermelha. Tristan estava sentado no banco de Amber, com uma toalha envolta do pescoço, coberto pela mesma coisa, mas também por um pó branco, glitter e plumas. A pegajosa tintura vermelha estava espalhada por todo o seu cabelo, fazendo-o parecer como se tivesse enfiado o dedo na tomada.

Como se isso não bastasse, ele vestia apenas uma cueca boxer do Superman.

— Eu nem sequer vi a porra do gato! —Tristan reclamou enquanto Amber tentava não rir, conforme penteava seu cabelo.

Quando entraram, todos olharam para eles e ela considerou tentar fugir arrastando Mishca, quer ele gostasse ou não.

— Lauren, não esperávamos vocês tão cedo — disse Amber, seus olhos brilhando com malícia. — Que bom te ver de novo Mishca.



[27] Christian Louboutin é um designer francês, que lançou sua linha de sapatos, principalmente femininos, na França, em 1991. Sua marca registrada é a sola vermelha.

Estreitando seus olhos para o sorriso de Tristan, ela estava inclinada a crer que ele planejou... qualquer que fosse a porra que aconteceu com ele.

— Deveria...

— Não, nem sequer pergunte — disse Rob saindo do quarto de Amber. — Você não acreditaria nele se ele te contasse.

— Bom — disse Lauren alongando a palavra enquanto juntava suas mãos, pensando que não poderia ficar pior do que já estava. — Pessoal, este é Mishca. Mish esta é minha companheira de quarto Amber, seu namorado Rob, Matt, Piper e o idiota com glitter é Tristan.

Todos falaram ao mesmo tempo, embora Tristan tenha feito uma careta e mostrado a língua como uma criança. Piper parecia ter esquecido tudo sobre seus sapatos quando jogou seu cabelo sobre seu ombro, dando a Mishca um sorriso quente.

Lauren franziu a testa, ficando irritada enquanto tentava, sem êxito, justificar as ações da outra garota. Preferindo acreditar que ela era assim com todos os caras, Lauren limpou a garganta e olhou para Mishca.

— Quer conhecer o apartamento?

Não havia muito que mostrar, mas permitiu afastar Mishca de Piper.

— É este o seu quarto? — Disse Mishca olhando ao redor de seu espaço.

— Em toda sua glória. — Felizmente, limpou o lugar antes de ir para o ginásio.



Ele tocou sua mão. — Não estou interessado na ruiva.

Ela balançou sua cabeça, a ponto de negar que pensou nisso, mas mudou de ideia e disse — É bom saber.

— Eu acho que você fica uma gracinha quando está com ciúmes.

— Eu... o que? Eu não estava com ciúmes. — mas olhou para a direita dele, seu tom um pouco mais alto.

— Está tudo bem se estiver — disse rindo — Meu ego agradece.

— Tanto faz.

Seu telefone tocou, um tom insistente que ele não pôde ignorar. Respondendo, falou rapidamente em russo, sua expressão mudando de diversão a irritado e divertido novamente. Depois de desligar, olhou-a.

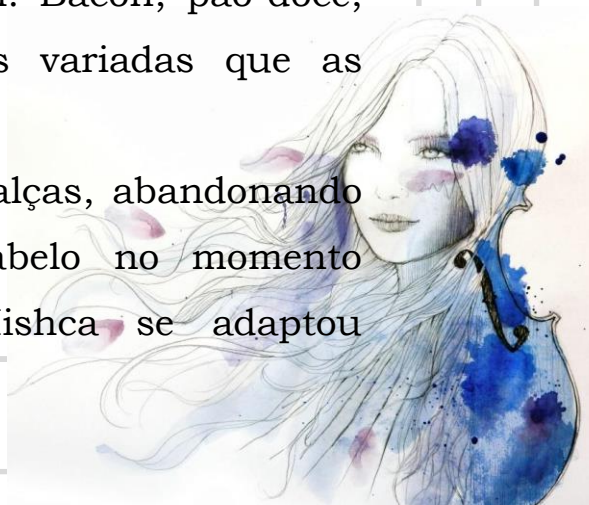
— Algum problema?

— Acredito que eu quem deveria estar te perguntando isso. — Ele soou sério, guardando seu telefone. — Dirigir um clube não é fácil.

— Eu pensei que eram apenas noites longas e música alta — disse brincando, andando com ele de volta para a sala.

A escolha da comida desta semana foram hambúrgueres de um lugar no Brooklyn. Bacon, pão-doce, pretzel, tomate, alface, com coberturas variadas que as faziam uma experiência em si mesmas.

Tristan finalmente vestiu suas calças, abandonando qualquer esperança de limpar seu cabelo no momento enquanto se entregava à comida. Mishca se adaptou



facilmente com os caras, finalmente ouvindo a história completa de Tristan do que aconteceu. Para encurtar a história, um zangado fisiculturista chegou em casa e encontrou Tristan na cama com sua namorada. Segundo ele, quase não escapou com vida.

Depois de comer, todos se sentaram no sofá. Quando Lauren se sentou ao lado de Mishca, ele a puxou para seu colo. Virou sua mão, traçando linhas nela enquanto Tristan punha o DVD.

A tela se tornou negra por uns segundos, a logo branca, do filme começando.

— Que porra é essa? Sério! — Matt exclamou quando os primeiros segundos do filme escolhido por Tristan começaram.

Lauren não o notou a princípio, estava muito ocupada apreciando a maneira como Mishca esfregava seu polegar pela palma de sua mão. Com a explosão de Matt, olhou para a tela e imediatamente focou seu olhar na camisa de Mishca, o sangue correndo para seu rosto com a visão do casal na tela.

Ele olhou dela para a tela, seus lábios se curvaram lentamente quando percebeu o que a fez corar.

— Não seja um maldito hipócrita Matt. — gritou Tristan em resposta, mas pela maneira que mordia o lábio, estava tentando não rir.

— Esta é a última vez que você escolhe o filme — disse Lauren secamente, lutando contra sua vergonha para soar normal.



— Eu amo esse filme! — Tristan se queixou — É um clássico e, porra, aluguei a versão suave, nem sequer viram os bons pedaços.

Sim, definitivamente ele fez isso de propósito. — Será que ninguém vai realmente mudar o filme?

Tristan vaiou e atirou um travesseiro nela, jogando suas mãos para cima Mishca o pegou facilmente. Tristan tirou o filme, preparando-se para pôr outro quando Matt o empurrou, checando o filme antes de colocá-lo.

Mas ninguém mais estava assistindo.

— Então, como vocês se conheceram? — Perguntou Matt.

— Eu derramei o meu café nele — respondeu enquanto Mishca dizia — Ela derramou café em mim.

Tristan riu. — Clássico.

— Então seus amigos derramaram comida em mim — disse Lauren sorrindo para ele. — Acredito que estamos quites.

Piper parecia confusa. — Espere, o quê?

Pelas próximas duas horas, Lauren contou como eles se conheceram e as semanas seguintes, Mishca adicionando sua versão das coisas logo em seguida, lançando acusações de um lado para outro, enquanto Amber e Rob julgavam quem estava certo e quem estava errado.

— Não foi sua culpa, esta garota Rebecca decidiu que queria fazer uma cena.

— Exatamente — Mishca concordou, segurando sua garrafa de cerveja acima em saudação.



Amber revirou seus olhos. — Como Lauren ia saber que ela era uma psicótica, e o que dizer dele? Sem ofensa.

Mishca estava muito ocupado rindo para se ofender. — Eles são sempre assim? — Mishca perguntou em seu ouvido.

— Normalmente.

— Para que conste, achei seu encontro bem romântico.

Todos pararam e olharam para Matt, sua explosão inesperada fazendo-os sorrir.

— Ah, Matt. Não sabia que você era tão romântico — Tristan disse em uma voz excepcionalmente alta. — Quer derramar um pouco desse encanto em mim? Sou uma presa fácil.

Ao final da noite, Lauren acompanhou Mishca para fora, fechando a porta atrás deles para que pudessem conversar em particular. Ele estava com as mãos em seus bolsos dianteiros, um sorriso fácil nos lábios.

— Como eu fui?

Ela encolheu os ombros. — Eu gostei de você.

— Bom.

Ela hesitou, não estava pronta para deixá-lo ir ainda. — Mesma hora e lugar como sempre?

Ele pareceu notar sua relutância, dando um passo mais perto dela. Encontrando seus olhos, viu a curiosidade neles e foi suficiente para que fizesse algo que nunca teve coragem.



Ficando na ponta de seus pés, ela o beijou. Quando ele não correspondeu, ela se afastou.

Deu um passo para trás, sentindo-se corar, não tendo certeza de como deveria agir depois de fazer algo tão ousado, mas ele não a deixou ir muito longe, puxando-a de volta pela frente de sua blusa até que estavam próximos um do outro. Segurando seu rosto, ele levantou sua cabeça até que estavam a um só suspiro de distância.

Queria acreditar que como foi ela quem iniciou o beijo, ele devia saber que ela não ia voltar atrás agora, mas ele ainda hesitou, dando-lhe a chance de voltar atrás antes que a beijasse. Primeiro, ele pressionou seus lábios nos dela suavemente, depois se afastou como fez antes, mas em seguida, estava forçando seus lábios a separar-se, entrelaçando sua língua com a dela.

Lauren agarrou sua camisa, logo acima de sua cintura, segurando-o contra ela, mas não parecia estar perto o suficientemente enquanto se arqueava contra ele. Ele devolveu sua reação, uma mão passando por seu pesado cabelo, agarrando os fios. Seu outro braço foi ao redor de sua cintura, suas mãos na parte baixa das costas.

Nenhum dos dois se importava que estivessem no corredor de seu apartamento, sem nada que impedisse que todos os vissem. Lauren gemeu, o som perdido em seu beijo urgente, a maneira em que ele tomou controle do beijo, a maneira em que se encaixavam juntos e se moviam como se tivessem feito isto mil vezes antes.



Estava muito concentrada no momento para notar que a Sra. Carter, sua vizinha idosa, apareceu no topo das escadas. Ela limpou a garganta dramaticamente, olhando-os com desaprovação, então voltou para seu apartamento, sacudindo a cabeça.

O peito de Mishca subia e baixava com sua risada e quando a Sra. Carter desapareceu atrás de sua porta, Lauren riu também.

— Nos vemos mais tarde, não é?

Ela assentiu, sentindo-se tímida de repente com o jeito que ele a encarava. Ele parecia tão afetado pelo beijo quanto ela.

— Boa noite, *moy dorogoy*.

Ela sorriu, notando que ainda agarrava sua camisa. — Você sabe que eu não sei o que isso significa.

Ele lhe deu outro rápido beijo, e saiu em direção às escadas. — Minha querida.



Capítulo 10

Compras Black Tie

Três dias antes da apresentação de balé, Lauren estava em sua mesa, trabalhando arduamente em sua lição de casa quando a porta abriu, Piper e Amber ficaram paradas.

— Levante-se. — ordenou Piper enquanto cruzava os braços sobre seu peito abundante. — Vamos às compras.

— Uh. — Lauren olhou para a montanha de trabalho que precisava terminar antes da semana seguinte. — Tenho que ir?

— Amber me disse que irá para a abertura da apresentação de balé nesse fim de semana. — Seus lábios se curvaram enquanto olhava ao redor do quarto de Lauren. — E eu duvido que você tenha algo em seu armário que seja suficientemente bom para usar ao redor dessa multidão.

— O que ela quer dizer... — Amber interrompeu olhando para sua prima — é que estes eventos podem ser muito..... formais e sei que talvez você irá querer se apresentar bem.

— Certo, em dez minutos.

Comprar com Piper era um evento especial por si mesmo. Parecia que não havia nenhum dono de boutique que



ela não conhecesse e por consequência tratavam Amber e Lauren com a mesma atenção efusiva que davam a ela.

No entanto, esta extravagância de compras não era apenas para encontrar um vestido para Lauren, mas também ajudar Piper a encontrar um apropriado para usar em uma festa que ia participar no Upper Eastside. As primeiras lojas que entraram eram um beco sem saída, embora Piper tenha encontrado pelo menos uma coisa para comprar em cada uma delas.

Estava andando com os braços cheios de sacolas de compras enquanto Lauren e Amber iam atrás dela.

— Você já experimentou um destes? — Perguntou Amber, apontando para um vendedor de cachorro-quente no canto.

Piper enrugou seu nariz. — Isso é detestável.

— Não, mas estou disposta a provar.

Elas pediram dois cachorros-quentes com todos seus acompanhamentos, porque Amber disse que não havia outra maneira de comê-los. Dando sua primeira mordida, Lauren estava esperando o sabor de costume, mas ficou surpresa de quão diferentes eram daqueles que comprou no supermercado.

— Bom, não é verdade? — Perguntou Amber sorrindo com a boca cheia.

Comeram devagar, encontrando um lugar cômodo em um banco em vez de seguir Piper a cada loja.

— Já teve a oportunidade de falar com Rob sobre... já sabe.



Amber jogou a embalagem de seu lanche na lata de lixo a alguns metros dali. — Sim, mas... realmente não houve nenhuma diferença. Ele não entende meu amor pela pintura.

Lauren franziu a testa, ainda segurando seu próprio lanche. — E o que é você vai fazer?

Ela suspirou, parecendo triste de repente. — Nada.

— Mas...

— Um dia pode ser que eu olhe para trás e dizer o quão estúpida fui por ficar com alguém que não apoiava meus sonhos, mas por agora, aproveitarei o que posso.

— Estou pronta.

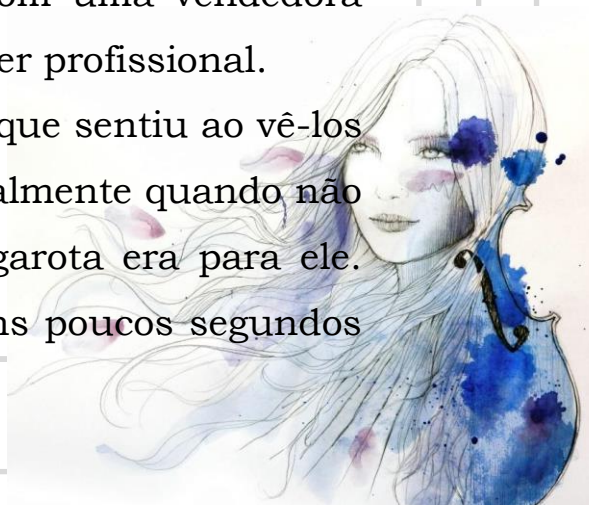
Lauren não teve outra oportunidade de falar com Amber, Piper as levou para outra loja. Estavam se aproximando da Broadway quando Piper parou de repente.

— Imagino que ainda não está fazendo sexo com seu namorado — disse Piper com um sorriso irônico, olhando pelas janelas da loja da Calvin Klein.

— Que tipo de pergunta maldita é essa? — Perguntou Amber, no exato instante em que Lauren perguntou — O que você quer dizer?

Piper apontou com uma unha perfeitamente feita, assinalando atrás dos elegantes manequins para onde Mishca estava, falando amigavelmente com uma vendedora que se encontrava muito perto dele para ser profissional.

Lauren não pôde evitar o ciúmes que sentiu ao vê-los assim. Era injustificado, ela sabia, especialmente quando não tinha ideia do que falavam ou o que a garota era para ele. Nunca o viu fazer algo mais que olhar uns poucos segundos



para uma garota desde que estiveram juntos, mas é obvio não sabia o que ele fazia quando ela não estava por perto.

Não...não, confiava nele. Ele nunca deu razões para não acreditar, mas quando a garota pôs a mão em seus bíceps, um gesto inocente se ela não estivesse olhando para ele como se fosse um deus, Lauren tomou uma decisão.

— Devemos entrar e dizer oi — Amber sugeriu já abrindo a porta.

A loja era esteticamente agradável e os vendedores que trabalhavam lá estavam bem vestidos e se comportavam da maneira que Piper fazia, embora eles fossem mais amigáveis. O barulho do sino atraiu a atenção da vendedora, seus olhos castanhos viraram para elas brevemente enquanto sorria, e logo as desprezou. Ela realmente tocou o braço de Mishca levemente, guiando-o para outra prateleira de camisas a uns metros de distância.

— Não se preocupe — sussurrou Amber como se eles pudessem escutar. — Eu te ajudarei a enterrar o corpo mais tarde.

Lauren conteve uma gargalhada, negando com sua cabeça quando Amber fez um triângulo com as mãos, referindo-se a garota.

— Sabe, você é muito violenta quando quer ser. — O segurança de Mishca se aproximou parando a seu lado, aparentando estar completamente sem graça enquanto esperava estoicamente.



— Vlad — Lauren o cumprimentou com um gesto, olhando sua expressão de pedra derreter-se por uns segundos enquanto assentia para ela.

— Este é o guarda-costas de Mishca. — explicou diante o olhar confuso de Piper e Amber.

Amber franziu o cenho. — Por que ele precisa de segurança?

Lauren se perguntou muitas vezes a mesma coisa, mas nunca falou sobre isso com ele. Talvez todos os donos de clubes bem-sucedidos tenham um. — Não tenho ideia.

O som da voz de Lauren chamou a atenção de Mishca para elas, e se sentiu contente que ele não tivesse um olhar de culpa em seu rosto como a maioria dos rapazes ao serem apanhados fazendo algo que não deveriam. Ao contrário, ele parecia feliz, e sua dúvida momentânea se apagou enquanto ele virou as costas à vendedora, aproximando-se para beijar sua bochecha.

— Olá amor. — Ele virou seus olhos claros para sua companheira de quarto — É sempre um prazer de vê-las, Amber. Piper.

Piper sorriu com superioridade, como se nunca tivesse sido casualmente descartada por um homem em toda sua vida. Lauren estava inclinada a acreditar nisso. Amber, por outro lado, bateu os cílios — exatamente como a vendedora fez há uns minutos.

— Será que ele sempre soa tão — ela imitou seu sotaque — gutural?



Mishca riu com bom humor. — Somente às quintas-feiras.

Percebendo que ele não estava disponível, ou pelo menos não ousado o suficiente para fazer um movimento com Lauren lá, a vendedora limpou a garganta, fazendo sua presença ser notada — Sr. Volkov, terei as roupas selecionadas prontas para o senhor. — Ela se afastou com pressa, nem perto de estar tão sedutora como foi quando elas chegaram.

— O que está fazendo aqui?

— Estamos procurando um vestido para a apresentação de gala e te vi pela vitrine.

Amber olhava uma fileira de camisas para homens de cor rosa quando se meteu na conversa. — Acredito que o salvamos da súcubo[28].

— Obrigado por proteger minha virtude. — disse com um sorriso. — Você encontrou alguma coisa?

— Ainda não.

Piper apoiou seu quadril contra o balcão da vitrine, girando uma mecha de cabelo entre seus dedos.

— O que estará usando?

— Cinza. — Ele não tirava os olhos de Lauren — Você gosta do cinza?

— Sim.

A vendedora voltou carregando uma grande caixa preta com a tampa de vidro. Expondo-a na frente de Mishca,



[28] Súcubo: Demônio que toma a forma de uma mulher atrativa para seduzir os homens.

levantou a tampa, apontando para a variedade de gravatas dentro.

Ele olhou para Lauren. — Qual a dama escolheria?

Olhou às diferentes cores, tentando escolher uma que combinasse com seu terno cinza. Apontou para uma azul marinho.

Mishca assentiu. — Levarei essa.

— É claro, Sr. Volkov. Suas coisas serão entregues amanhã de manhã.

Com todos seus negócios terminados, Mishca olhou para Lauren. — Sei de um lugar onde a minha irmã adora comprar, se não se incomodar de ter companhia extra.

Ela entrelaçou seus dedos. — Eu adoraria sua companhia.

Dez vestidos, e seis pares de sapatos, e um monte de lojas depois, Lauren ficou surpresa que Mishca estivesse ainda sentado no lobby, esperando para vê-la no último modelo escolhido por Piper.

Para ser honesta, Lauren nunca foi comprar um vestido em sua vida, já que faltou a maioria dos bailes na escola secundária. Ela realmente odiava as cidades pequenas.



Mas gostava das reações de Mishca. Estava olhando para seu Blackberry, suas sobrancelhas juntas em concentração enquanto digitava, mas assim que ela saía do provador, sua expressão se abria, com um suave sorriso que fazia Lauren sentir-se quente por toda parte

— Vamos, L. Estamos morrendo aqui fora — Amber chamou do outro lado da cortina.

Sorrindo, Lauren segurou o vestido contra seu peito com uma mão enquanto puxava a cortina para o lado. Mishca estava esperando e ao vê-la, passou a mão pelo rosto.

— Quer que eu feche para você? — Perguntou, já indo em direção a ela.

Dando-lhe as costas, ela olhou ao trio de espelhos, observando-o subir o zíper com facilidade.

— Eu gosto deste — murmurou ao lado de seu ouvido.

O vestido era colado em seu corpo, com um tom brilhante de prata. Era um modelo simples com mangas compridas, a saia acumulando-se a seus pés, com uma cauda na parte de trás. Tinha um decote modesto na parte da frente, mas o que fazia o vestido realmente especial era o decote profundo nas costas, parando no centro de sua coluna.

Mesmo sem a aprovação de Mishca, já estava decidida. Ele olhou para o relógio.

— Tenho que ir a uma reunião. Ligarei para você depois, tudo bem?

Assentiu. — É claro. Até logo.



Beijou-a logo abaixo da orelha e se apressou para sair da loja.

Lauren se trocou rapidamente, levando o vestido à caixa registradora para que o guardassem enquanto ia ao piso de cima para escolher alguns sapatos. Com todas as opções, os olhos de Amber se iluminaram. Era uma pessoa de sapatos.

— Estou contente que você more comigo — disse Amber sentando-se nas cadeiras de camurça, enrolando as pernas de sua calça — Agora, posso justificar comprar sapatos só pelo traje de gala.

O sorriso do Lauren se ampliou. — Você e Rob também irão?

Amber deu um suspiro, acenando com a mão. — É claro que não, mas já que você sim, eu posso vivê-lo indiretamente através de você.

— Tem alguma dica?

Piper apareceu com dois pares de sapatos, o primeiro era nude, o outro a mesma cor do vestido, ambos com saltos que faziam os pés de Lauren doer com apenas um olhar.

— É como qualquer outra festa, apenas melhores roupas e melhor comida.

— Você já esteve em alguma, Piper? — Lauren perguntou provando o primeiro par.

— Não desde ano passado quando estava com David.

Lauren olhou para Amber. — David?

— Era um herdeiro rico. Eles namoraram por uns dois meses.



Piper suspirou, estudando sua manicure. — Até que o apanhei na cama com outra pessoa.

Lauren fez uma careta. — Sinto muito.

— Oh, mas não foi porque a enganou que ela rompeu com ele — Amber disse. — Foi porque descobriu que era secretamente gay.

— Ele poderia ao menos ter esperado até que eu estivesse fora da cidade antes de se envolver com aquela prostituta.

Amber e Piper experimentaram os sapatos, e depois de outra meia hora, estava pronta para pagar, Lauren escolheu o par prateado.

A fila estava relativamente curta, a espera foi mais rápida do que pensaram. Quando chegaram à frente, Lauren colocou seus sapatos no balcão, apontando o vestido que era dela.

A caixa — sua identificação dizia que seu nome era Tasha — retirou o vestido, então olhou para Lauren com apreciação enquanto o levantava.

— Aquele rapaz era é seu namorado? — perguntou soando positivamente aturdida.

— Uh, sim.

— Conheço a irmã dele. Não é dono de um clube na Quinta avenida? — Lauren nunca teve que responder a nenhuma das perguntas da garota, ela simplesmente continuou falando, efusivamente sobre sua amizade com Alex e quão quente era Mishca. Quando parou de falar havia uma grande fila atrás de Lauren.



— Quanto é o vestido? — Perguntou o mais agradável que pôde, ignorando a risada dissimulada de Amber ao seu lado.

— Oh, ele já foi pago. — Entregou-lhe a sacola com seu traje.

Mishca. Ele nunca deixava de surpreendê-la.

— Bem, obrigado.

— Pode me ajudar a entrar no clube? — Falou Tasha atrás delas enquanto saíam da loja.



Capítulo 11

Vory v Zakone

Localizado na esquina da Quinta Avenida com a Rua 55 estava o Península de Nova York, um exclusivo hotel que proporcionava acomodações luxuosas, junto com a privacidade que os homens na Suíte Península precisavam.

Mishca Volkov saiu de sua Mercedes, acenando para o porteiro que se apressou a abrir a porta para ele. No átrio, uma mulher vestida com uma saia lápis preta e uma blusa rosa clara, saudou-o com um sorriso, segurando um tablet em suas mãos. Trabalhava ali há tanto tempo quanto Mishca estava no negócio, e ainda mais, desde que ela trabalhou para seu pai.

Heather, acreditava que esse era seu nome embora nunca tenha se preocupado o suficiente para verificar.

Era boa o suficiente, mas artificial em todos os sentidos da palavra. Duvidava que houvesse algo nela que não fora alterado ou implantado cirurgicamente e apesar de suas tentativas de tentar se aproximar de Mikhail, e uma vez de Mishca, ela ainda era só outra quinquilharia que se encontrava ao redor. Anya nunca deixou que nenhuma mulher estivesse perto o suficientemente de Mikhail para fazer algum dano.



— Sr. Volkov — saudou-o formalmente, embora tenha estufado seu peito para chamar sua atenção — seu grupo está esperando apenas sua chegada.

Mishca e Vlad tomaram o elevador até o décimo nono andar e entraram na sala onde se encontravam reunidas As Quatro Famílias.

No salão, as cortinas estavam abertas permitindo uma vista para a rua movimentada e para os pontos turísticos de Manhattan. Um piano de cauda preto estava no canto, harmonizando com os móveis de luxo no centro do espaço.

Mas mais que a decoração, os homens e uma mulher solteira chamavam a atenção, embora todos estivessem sentados em silêncio. Isto era uma grande reunião, três membros por família. Podia ter sido menos, mas desde que Mishca e Viktor estavam presentes, assim como Mikhail, era certo que cada família tivesse a mesma quantidade de membros para se chegar a uma opinião justa.

Quando Mishca entrou, cada um deles ficou de pé e um por um, saudou-o com um aperto de mãos e um beijo em cada bochecha. A prática era um pouco antiquada, na opinião de Mishca, mas sendo filho de Mikhail lhe demonstravam respeito.

Tomou seu lugar habitual, uma aconchegante cadeira de couro cor manteiga perto do piano. Ficava no canto da sala, longe da visão direta das janelas, e suficientemente longe da porta. Estava em torno desse mundo por tempo o bastante para saber que havia alguns



que cobiçavam o poder e não hesitariam em matá-lo, se tivessem a chance.

As Quatro Famílias consistiam nos Volkovs, os Zolnerowiches, os Pavlovs e os Kaminskis. Encontravam-se espalhados ao longo da costa oriental americana, governando seus estados, embora todos respondessem ao pai de Mishca.

Mikhail Volkov era tanto um cidadão exemplar como alguém com uma carreira criminal. Era dono de uma cadeia de restaurantes bem-sucedida em Brighton Beach, onde também dirigia a maior parte de seu negócio. Embora como *Pakhan*[29], o Chefe tinha o controle sobre todos os territórios designados, normalmente limitando-se a Brighton Beach, deixando as outras cidades para seus oficiais.

Era tão encantador como era letal, com cabelos grisalhos e duros olhos cinzentos. Poderia estar perto dos sessenta anos, mas tinha o físico e a atitude de um homem de uns trinta. Enquanto que Mishca era esbelto, Mikhail tinha ao menos uns cinquenta quilos mais que ele.

Tatuagens cobriam uma grande parte de seu corpo, algumas visíveis em seus dedos, em torno de seus pulsos e nos braços. Ganhou cada uma delas, por passar uns trinta anos de sua vida atrás das grades em uma das prisões mais cruéis no norte da Rússia.

Viktor Volkov não pretendia ser um cidadão exemplar, obtendo sua fortuna com o contrabando de armas, o tráfico de pessoas e de drogas. Se algo era ilegal ou mortal,



[29] Pakhan – padrinho.

ele tinha uma mão nisso. De todos eles, foi quem passou o maior tempo no cárcere.

Mesmo sendo irmão de Mikhail, não tinha o mesmo nível de estima, principalmente porque as pessoas o viam como alguém um pouco instável. Para ser um bom líder, ao menos um que estes homens seguiriam, teria que pôr o bem da *Vory v Zakone*, em primeiro lugar, mas para Viktor o que mais importava era o benefício pessoal do que os homens a quem governava.

Não era nenhum segredo que ele queria sua posição.

Cada um deles desempenhava um papel no grande esquema das coisas. Havia o *Pakhan*, o Chefe da máfia russa, que controlava tudo. Era um posto cobiçado, mas não um que poderia ser tomado pela força. Era ganho através de derramamento de sangue e guerra.

Dois espiões, os *Sovietnik*,[30] e os *Obshchak*[31], eram os braços direitos adequados para o *Pakhan*, sendo o primeiro mais como um assessor, enquanto que o último recolhia as dívidas e as taxas do resto dos *Bratva*.

Brigadeiros ou simplesmente, Capitães. Essa era a posição de Mishca e de Viktor e que cada um lutou por conseguir. O Capitão dirigia um pequeno grupo de homens, frequentemente chamados *Boyeviks*[32], que respondiam a ele, logo ele respondia ao *Pakhan*.



[30] Sovietnik, - assessor
[31] *Obshchak - general*
[32] Boyeviks - guerreiro

Em Nova York, cada um tinha sua própria área designada, um território das classes que governavam de forma individual. Viktor se encontrava no Brooklyn, Mishca tinha Manhattan, um lugar que Viktor estava constantemente tentando conseguir, devido a seus lucrativos negócios legais que ajudava a mascarar os negócios escusos. Enquanto Mikhail podia trabalhar em qualquer lugar, ele normalmente se localizava em Brighton Beach, por razões similares às de Mishca.

Mikhail entrou e todos se levantaram, seguindo-o à mesa preparada no centro do quarto. Quando todos estavam sentados, bebidas foram servidas, um copo de vodca, colocado na frente de cada um deles, uma tradição que seguiam em todas as reuniões.

Mishca sustentou seu copo em uma mão calejada, estudando as cicatrizes que pontilhavam a parte posterior de seus dedos, quase imperceptíveis, a menos que as procurasse. Não havia nada particularmente diferente em cada uma, mas podia recordar como as adquiriu. Muitos dos mafiosos usavam seus homens para resolver os seus assuntos, mas antes que Vlad começasse a trabalhar, ele mesmo se colocava nas disputas.

Ele não mentiu quando disse para Lauren que Vlad era sua mão direita, mas o trabalho dele era muito mais que isso. A princípio, começou como um *Byki*[33], mas enquanto os anos passaram, obteve a posição do *Kryshas*[34]. Mishca não



[33] Byki – literalmente "touro", é o guarda-costas
[34] Kryshas – literalmente "telhado", é o assassino, executor

confiava em ninguém tanto quanto em Vlad porque sua lealdade não era para com Mikhail, e sim para com ele.

— Como está o negócio? — Perguntou agradavelmente Mikhail, tirando um charuto havanês do bolso do paletó e o acendeu.

Todos ao mesmo tempo, cada membro sentado retirou um envelope — escondidos previamente em seus casacos, pastas ou levados por seus guardas — e colocaram no centro da mesa e os *Obshchak* recolheram.

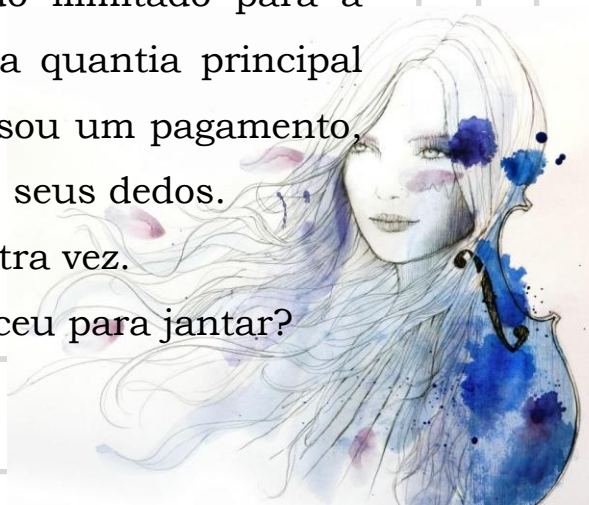
Mesmo Mishca jogou um pesado sobre a pilha. Ao contrário do que as pessoas pensavam, a Mishca não era concedido qualquer privilégio especial porque era o filho do *Pakhan*. Ele pagava suas dívidas como outros soldados, respondia por cada ação e tratava a seu pai como os outros membros quando estava em sua presença.

Fora destas paredes, sua relação com ele não era diferente da que levavam ali, mas a dinâmica era outra, uma que Mishca aprendeu a aceitar desde tenra idade. Negócios e relações pessoais não se misturam bem. Havia um tempo e um lugar para cada coisa.

Quando tinha vinte e um anos, ainda na universidade, Mischa fez um empréstimo com seu pai — o dinheiro provinha do *obochek*, um fundo ilimitado para a *Bratva* — e com isso, aceitou pagar uma quantia principal bem como os juros. Apenas uma vez atrasou um pagamento, e como resultado, seu pai quebrou dois de seus dedos.

Desde esse dia, nunca atrasou outra vez.

— Algum de nossos amigos apareceu para jantar?



Isso era um código, assim como a maioria das coisas que seu pai dizia durante estas reuniões. Se em algum momento os federais pudessem colocar microfones — e frequentemente eles tentavam — só escutariam uma conversa agradável. É obvio, poderiam interpretá-las da maneira que quisessem, mas essas "interpretações" nunca seriam relevantes na corte.

Mishca presenciou, ao longo dos anos, seu pai driblar as técnicas.

O encontro não durou muito mais tempo, Mikhail a finalizou muito antes do que Mishca esperava. Não questionando isto, mas bem ansioso por sair dali e talvez passar pelo apartamento de Lauren, colocou seu telefone no bolso, engolindo sua dose de vodca antes de se dirigir aos elevadores. Viktor o deteve.

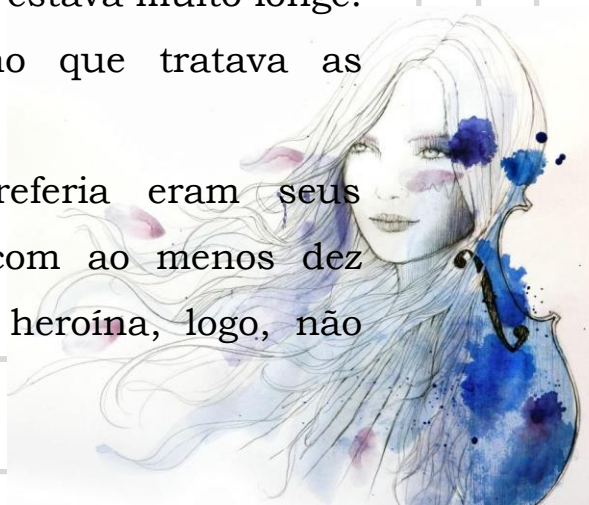
— Mishca, como está meu sobrinho favorito? — Perguntou, bloqueando sua passagem.

Respirando profundamente, pedindo por paciência, enfrentou o olhar de seu tio. — Bem.

— Ouvi que há uma nova garota em sua vida, ela é uma de meus estábulos?

Mishca apertou sua mandíbula, recordando de onde estavam e que Mikhail provavelmente não estava muito longe. Viktor era um velho bastardo grisalho que tratava as mulheres como gado.

"Os Estábulos" aos que se referia eram seus prostíbulos no Brooklyn, cinco casas com ao menos dez garotas cada um. Foram viciadas em heroína, logo, não



sabiam nem próprios nomes e menos ainda o que eram obrigadas a fazer noite após noite.

Enquanto Mishca não concordava com a forma como Viktor ganhava seu dinheiro, não havia muito que pudesse fazer a respeito. E pelo fato dele saber disso e ainda ter a audácia de lhe perguntar, Mishca sabia que estava propositalmente sendo desrespeitoso.

— Eu tenho lugares para ir, Viktor — disse Mishca ousadamente olhando-o nos olhos, deixando que o outro homem soubesse que não tinha o mínimo de medo dele.

— Bom... dê a seu tio uma chamada na próxima semana. — O que significava que tinha uma proposta de negócios que queria discutir. Seria um dia frio no inferno antes que ligasse.

Sorrindo, disse — Farei isso.

Antes que continuasse a sua conversa fiada, Mishca entrou no elevador, observando as portas se fecharem.



Capítulo 12

Beije-me sem parar

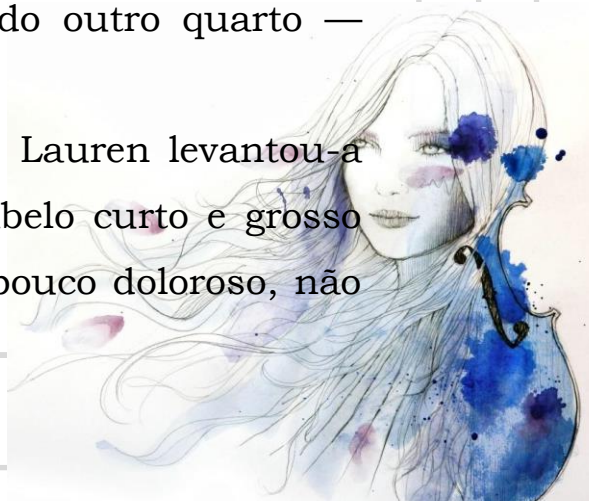
No mundo de Piper, aceitar participar de um evento black-tie era um caso elaborado. Lauren só queria tomar banho, depilar-se, talvez criar algo elegante em seu cabelo e uma leve maquiagem, mas já eram quase cinco horas em ponto, e estavam nisso pelas últimas quatro horas. Havia sido depilada, fios das sobrancelhas arrancados — levado uma bronca por pedir uma pausa — e praticamente deslocada como se fosse uma boneca de pano, não que se queixasse.

Ela não estava completamente certa do porquê Piper estava deixando de fazer suas coisas para ajudá-la, mas era grata ao mesmo tempo.

— Felizmente para você — disse Piper subindo o zíper de seu vestido, respondendo à pergunta de Lauren sobre usar cinta modeladora — Não vai precisar dela — disse, dando um passo para trás para admirar seu trabalho — Agora sim, terminamos.

— Finalmente — gritou Amber do outro quarto — estive esperando por anos.

Agarrando a saia de seu vestido, Lauren levantou-a enquanto andava. Embora arrancar o cabelo curto e grosso de suas pernas com cera quente foi um pouco doloroso, não



podia evitar admirar a maneira que a seda roçava contra sua pele.

Quando saiu do banheiro, se a reação de Amber fosse algum indício, ela parecia uma pessoa completamente diferente. Sentia-se como uma pessoa completamente diferente.

— Você está fantástica, Lauren, de verdade. Deixe-me pegar um espelho. — Amber pegou um grande e ovalado de seu quarto e levantou. Se não levasse horas, Lauren poderia pedir à Piper dicas de como fazer isso todos os dias.

Seu cabelo estava preso no alto com vários grampos, mechas onduladas caíam livres de seu coque desordenado. Delineador preto acentuava seus olhos, apenas o suficientemente para se parecer com o olho de gato pelo qual Marilyn Monroe era famosa, combinando com seus lábios vermelhos.

— Deixe-me pegar minha câmera — disse Piper enquanto procurava dentro de sua enorme bolsa, tirando uma volumosa câmera preta, que qualquer fotógrafo estaria orgulhoso — Estou no meu limite de mágica aqui, e nada melhor que fotografar a minha criação.

Ela tirou várias fotos, dizendo-lhe como deveria posar, quais poses faziam com que o vestido parecesse melhor.

— E onde está a outra metade?



Nesse momento, estava mais preocupada com o que Mishca pensaria do que se sentir ofendida. Ele saiu tão de repente quando procuravam vestidos que não viu o resultado final.

Ela olhou para o relógio. — Ele é sempre pontual... — A campainha da porta tocou.

— Ele é assustadoramente pontual — disse Amber com uma risada.

Mishca entrou, carregando um buquê de lírios tigrados[35], e ao vê-los ela riu. Ele nunca se esqueceu de nada.

— Senhoritas — entregou-lhe as flores com um beijo na bochecha.

— Sério? — Tristan gritou de seu lugar no sofá, comendo um punhado de pipocas. — Cara, você está nos fazendo parecer maus.

— Não o culpe — disse Lauren.

— Você faz isso por si mesmo — acrescentou Amber.

— Bastardos desleais.

— De forma alguma. — disse Piper sobre o discurso inicial de Tristan — Preciso tirar algumas fotos antes que saiam.

Para agradar a Piper, Lauren e Mishca posaram ao redor do apartamento, dando-lhe fotos suficientes, enquanto



35 

ele respondia algumas perguntas. Saíram e foram ao carro, que ele alugou para a ocasião.

— Você está muito bem, Mish.

— Estou tentando não te envergonhar, amor.

Revirou os olhos, sorrindo enquanto olhava pela janela. — Você tem se olhado no espelho ultimamente? Você está... você.

Ele riu, beijando as costas de sua mão. — Sou apenas um homem.

— Não um homem qualquer — disse olhando-o — você é especial, Mish.

— Atrás de cada grande homem — disse, dando-lhe outro beijo — está uma mulher extraordinária.

E assim, ganhou-a mais uma vez.

Lauren esperava que a abertura de gala fosse ser um evento simples, alguns poucos fotógrafos para tirar fotos antes que os convidados entrassem, mas enquanto estacionavam ao lado da calçada, ela engoliu em seco, vendo o bando de fotógrafos que se debatiam como abutres para obter uma foto das numerosas celebridades, que caminhavam pelo tapete.



Mishca pareceu notar sua hesitação, apertando sua mão enquanto o carro parava completamente, Vlad desligando o motor.

— Você está linda — ele sussurrou.

Ela sorriu. — Você já disse isso.

Beijou sua mão enquanto Vlad abria a porta. — Nunca vou conseguir dizer o suficiente.

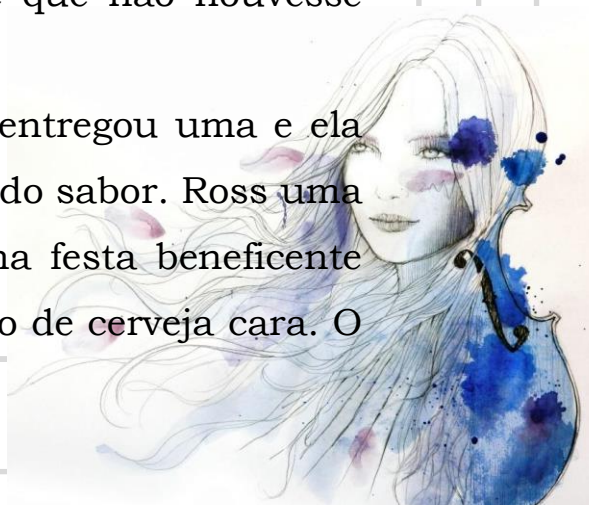
Mishca manteve uma mão na parte de baixo de suas costas, guiando Lauren para as portas. Vagamente podia ouvir os fotógrafos clamando pela atenção dele, o sangue correndo em seus ouvidos.

— Você acha que a câmera irá me engordar cinco quilos? — Inclinou-se para frente para murmurar em seu ouvido. — Estive tentando manter a forma.

Lauren sorriu, achando graça de seu humor. Ele sorriu e piscou de volta, luzes estroboscópicas piscando no fundo.

Continuando, entraram no prédio, as pesadas portas fechando atrás deles. Dentro do teatro da Ópera o entusiasmo era contagiante, garçons vestidos de preto passavam, carregando várias taças de champanhe em bandejas de prata. Eles habilmente manobravam ao redor do salão, sendo atentos e certificando-se de que não houvesse uma taça vazia.

Pegando duas taças, Mishca lhe entregou uma e ela experimentou, surpreendeu-se por gostar do sabor. Ross uma vez lhe disse que serviram champanhe na festa beneficente da polícia, mas se queixou que tinha gosto de cerveja cara. O



que seja que provou, pensou Lauren, provavelmente não era tão bom quanto isto, nem provavelmente era tão caro.

O salão estava cheio de vestidos assinados por estilistas famosos, alguns Lauren viu em programas de televisão e em filmes, outros que sabia serem de estilistas de acordo com o que disse Piper mais cedo. Ninguém estava com algo que pudesse ser chamado de simples. Era quase uma competição de quem usava o vestido mais extravagante, mas na moda. Uma mulher atravessou o salão usando um que era quase transparente, apenas algumas plumas ocultando suas partes mais íntimas.

— Mishca!

Lauren se virou ao som da voz estridente de uma garota. A proprietária da voz era pequena, pouco mais de um metro e meio, com o cabelo loiro brilhante e impressionantes olhos verdes.

Seus sapatos, que lhe davam certa ilusão de altura, graças aos saltos de doze centímetros, eram nude com pontas ao redor, e quando ela se virou ligeiramente, pode-se ver a sola vermelha.

Usava um vestido rosa suave que era curto na frente, mas ia até o chão na parte traseira, o tecido transparente flutuando atrás dela. O top ajustado revestido por rendas e cristais brilhantes incrustados ao longo de todo o material.

Não prestando atenção aos outros convidados enquanto eles a olhavam com curiosidade, continuou a andar até que pôde colocar seus braços ao redor de Mishca. Rindo



baixinho, ele retribuiu o abraço entusiasmado antes de afastá-la com um sorriso.

— Estou feliz que você pode vir — disse ela, olhando apenas à direita onde Lauren ficou esperando.

— Lauren, esta é minha irmã Alex. Alex, Lauren.

Os olhos de Lauren se arregalaram de surpresa quando Alex estendeu a mão, agarrando-a antes que pudesse se mover. Ela não podia ter mais que dezesseis anos, embora houvesse algo mais antigo na maneira em que se comportava. Não tinha o mesmo sotaque que Mishca, o seu era mais suave e lírico.

Alex devia se parecer com sua mãe, pensou Lauren, não vendo a semelhança entre ela e seu irmão. Enquanto Mishca era todo escuro e largo, Alex era toda iluminada.

— Ouvi falar muito sobre você — disse Alex, ignorando o olhar que Mishca estava lhe dando. — Ele fala sobre você o tempo todo.

Mishca resmungou algo em russo, o que só pareceu diverti-la.

— Estou apenas sendo sincera.

— Seu nome é Alex? — Perguntou Lauren.

Assentiu, entendendo a pergunta.

— Não soa muito russo, não é verdade? — Sua cara ficou séria enquanto ela limpava a garganta. — Mas é muito mais fácil do que dizer às pessoas que meu nome é Aleksandra Mikhailova Volkov.



Quando falou seu sotaque tornou-se mais pronunciado, fazendo Lauren rir. — Agora sim, definitivamente russo.

— Aleksandra, que adorável vê-la esta noite. — Um homem de seus quarenta e tantos anos a saudou enquanto se aproximava deles abraçado a uma morena muito magra.

— Sr. McCalvin. — cumprimentou Alex demonstrando todo seu encanto. — Estou certa de que se lembra de meu irmão, Mishca, e esta é sua acompanhante, Lauren Thompson.

Mishca foi educado como sempre, mas quando o Sr. McCalvin deu um sorriso interessado para Lauren, descaradamente encarando-a, ele estreitou os olhos para o homem careca.

Lauren viu espantada como ele ficou vermelho, tropeçando em suas palavras enquanto encarava Alex outra vez.

Falaram sobre a próxima temporada, Roger McCalvin era o diretor da ABT[36], uma conversa que Lauren não entendeu, mas descobriu que Alex era bailarina e estudava em uma escola na França, isso explicava o sotaque, e esperava entrar na escola Juilliard[37].

Lauren e Mishca se desculparam e foram ao redor da sala, misturando-se aos demais convidados enquanto esperavam pela chegada da madrasta da Mishca.



[36] American Ballet Theatre (ABT) é uma das mais importantes companhias de balé do mundo, posição que conquistou durante o século XX e continua a exercer nos dias de hoje.

[37] A Juilliard School, em Manhattan, New York, foi criada em 1905. A escola tem cerca de 850 alunos entre graduação e pós-graduação em dança, teatro e música. É considerada uma das escolas de música mais importantes do mundo, com alguns dos programas de arte de maior prestígio

— Mishca, querido.

Quando se aproximaram de um pequeno grupo, Lauren não precisava nem perguntar qual mulher era Anya. Com boa aparência e pose, ela era a classe em pessoa

Anya Volkov era linda em todos os sentidos da palavra, mas havia algo frio nela que a fazia parecer quase inalcançável.

Tinha uma pele pálida como alabastro, sem um único defeito, com cabelo loiro claro preso em um imaculado coque francês na nuca. Suas unhas combinavam com seus lábios, um impactante vermelho sangue.

Mas não eram estas coisas que faziam Anya parecer intocável, eram seus olhos.

Eram esmeralda, um verde que brilhava como folhas florescendo na primavera. Em seus olhos, Lauren não viu bondade, mas algo mais sombrio, e um pouco assustador.

Definitivamente Alex era a cara de sua mãe.

Anya abraçou Mishca, beijando no ar ambas as bochechas enquanto ele fazia mesmo. Afastando-se, olhou para Lauren, julgando cada parte dela com apenas um olhar. Ela poderia ter encolhido pela análise dela, mas Mishca pegou sua mão, oferecendo-lhe apoio.

— Eu vejo que trouxe alguém.

Apesar de sua apreensão, Lauren sorriu, estendendo a mão enquanto ele as apresentava. — Anya, esta é Lauren Thompson. Lauren, minha madrasta Anya.



Anya deu a Mishca um olhar de desaprovação e Lauren assumiu que ela estava chateada pelo uso de “madrasta”. Embora parecesse como se fosse doer, ela pegou sua mão, sacudindo-a por um momento antes de soltá-la com a desculpa de pegar uma taça de champanhe da bandeja que passava.

— Meu pai está aqui? — Perguntou Mishca pondo seu braço ao redor da cintura de Lauren.

— Ele não pôde vir. Terei certeza de que ele saiba que você foi capaz de vir.

E a julgar pela sua expressão, também diria sobre a presença de Lauren. Era estranha a maneira como ela agia. Tentando o melhor que podia ser cordial, mas Lauren via que ela estava descaradamente estudando-a, como se procurasse por algo, mas por mais que tentasse não conseguia entender o que era.

— Se nos derem licença — disse Anya educadamente, virando-se para um grupo de homens de smoking. Antes que Alex a seguisse, revirou os olhos dramaticamente, lançando uma piscadela cúmplice para Lauren.



Socializar com a elite de Nova York era exaustivo. Alguns a excluíram das conversas, desculpando-se, perguntando continuamente — Como é mesmo seu nome, querida? — Lauren não podia entender porque alguém realmente gostava desses eventos.

Mishca a deixou apenas por um momento, em busca de um banheiro, deixando Lauren sozinha em frente a uma pintura com a qual estava familiarizada. Leu o pequeno cartão branco preso a um pódio em miniatura só para confirmar.

O suave clique dos saltos foi a única evidência de que alguém se aproximava.

— É um dos melhores aqui, não é mesmo? — Perguntou Anya tomando um gole de seu champanhe — Embora eu não tenha certeza se você sabe algo sobre arte.

Seu tom de voz estava praticamente gotejando com condescendência e embora Lauren fosse bastante passiva quando se tratava destas coisas, sentiu uma necessidade de provar que podia viver em seu meio. Não por Anya, mas porque percebeu que se queria estar com Mishca, teria que mostrar a eles que não seria olhada com superioridade.

Elevou seu queixo, tomando um gole de seu champanhe.



— Acredito que seja bastante bom. Talvez seja a pincelada pós-modernista que me agrade, mas Gustav Klimt[38] ainda é o meu favorito de todos os tempos.

Lauren tinha que de admitir, uma emoção a atravessou ao ver a expressão surpresa de Anya. Ela tentou disfarçá-la tomando um gole de seu champanhe, mas Lauren estava satisfeita.

— Está torturando o meu encontro? — Perguntou Mishca reaparecendo.

— Não — disse Anya sem deixar de olhar para Lauren, como se tentasse ver além da superfície. — De fato, estávamos discutindo esta peça. Talvez nem todos os americanos sejam uns bárbaros em seu conhecimento de obras de arte. — E sorriu para Lauren embora não alcançasse seus olhos. — Tornaremos a nos falar em breve.

Ela saiu e o clima aliviou com sua partida. Lauren mordeu seu lábio, lutando para manter sua diversão controlada enquanto esperava até que Anya estivesse a uma distância que não pudesse escutá-la, mas Mishca não estava ajudando enquanto a abraçava pelas costas, cruzando seus braços sobre o peito dela, parecendo impressionado.

— Ela sabe que sua perícia é graças a uma aula de uma hora e meia?



[38]Foi um pintor simbolista austríaco (1862 – 1918).

Ela levantou sua taça em um brinde. — E os bárbaros americanos têm a última risada.



Finalmente era o momento da apresentação e Lauren estava emocionada, ainda mais quando Alex começou a explicar as complicadas manobras que veriam. Tinham os melhores lugares da casa, localizando-se na sacada principal, onde o presidente se sentava quando ia à ópera.

Anya e Alex se sentaram juntas, enquanto Lauren e Mishca no canto a frente, ele no assento do corredor.

Um garçom trouxe outra rodada de champanhe rosa, acompanhado de morangos frescos. Lauren aceitou o seu com um suave agradecimento, o tinido dos sinos começando a ecoar pelo salão.

As luzes piscando nos candelabros se apagaram, e a suave conversa vinda de baixo silenciou-se quando os holofotes acesos focaram o centro do cenário. Lauren colocou sua taça para baixo enquanto as cortinas douradas se abriam, homens em trajes elaborados se moveram naturalmente pelo palco quando o ato um começou.

Já que este era seu primeiro balé, apreciou a experiência muito mais que as pessoas que viram dezenas destes. Com cada salto, pirueta ou pulo no palco, ela ficava mais encantada. Os bailarinos faziam parecer simples como



se equilibravam nas pontas dos pés, embora provavelmente doesse muito para qualquer um que tentasse pela primeira vez.

Sentiu o braço de Mishca roçar o seu quando ele apoiou no braço da cadeira entre eles, parecendo casualmente sofisticado enquanto via o balé se desenvolver. Lauren estava ansiosa por participar, não estando segura de como se encaixaria, mas agora não tinha nenhum arrependimento por ter aceito o convite.

Deslizando sua mão na dele, deu um sorriso hesitante, ele olhou para ela com o canto de seus olhos, sua boca inclinando-se em um sorriso quando ele a apertou de volta.

Ficaram para a apresentação inteira, e no final, Lauren estava em lágrimas, observando os bailarinos contarem histórias com seus movimentos. Quando as cortinas se fecharam, Lauren aplaudiu, ocasionalmente, enxugando uma lágrima perdida.

— É quase tão molenga quanto Alex — disse Mishca olhando para onde sua irmã estava de pé, provavelmente aplaudindo mais alto que todos.

— Isso é porque ela adorou — respondeu Alex, olhando-os de volta. — Você é só um cara.

— Eu gostaria de pensar assim.



Mishca ajudou Lauren a se levantar, seus pés protestando pelos saltos que usava nas últimas horas. Despedindo-se e prometendo se ver outra vez no futuro, Lauren e Mishca saíram. Mishca ligou para que Vlad trouxesse o carro e eles esperaram embaixo de uma passarela, protegendo-se da chuva que caía.

— Duvido que você possa correr com esses sapatos — disse Mishca apontando para eles. — Quer que eu te carregue?

Ela pareceu perplexa. — Não iremos mais devagar se você me carregar?

— Quer apostar? — E tocou seu queixo.

— Quais são os termos?

— Você estipula um tempo e se eu vencer, você passa a noite comigo. — Ela prendeu a respiração quando ele se virou, toda a força daqueles olhos azuis sobre ela.

— E se perder...

Ele colocou seu cabelo atrás da orelha, seguindo o gesto com os olhos. — Então o que quiser será seu.

Nesse momento, a única coisa que queria era passar a noite com ele. — Você não vai ganhar — sussurrou de volta.

Ele riu inclinando-se para sussurrar em seu ouvido — Eu adoro um desafio.

Ela gritou quando ele se abaixou pegando-a e jogando-a sobre seu ombro, como se não pesasse mais que um saco de penas. — Ainda não estipulei um tempo.

Sua mão apoiou em suas coxas. — Trinta segundos.



Como se ela fosse cair nessa. — Quinze. — Desbloqueou seu telefone, acionando o cronômetro e mostrou a ele. — E.... vai.

Mishca disparou e, como ela contava mentalmente, estava surpresa que não estivesse pulando para cima e para baixo com seus movimentos. De fato, ele manteve um firme aperto nela, e estavam no carro antes que seu telefone chegasse aos dez segundos.

— Lembre-me — disse Lauren quando Mishca fechou a porta — de nunca apostar contra você outra vez.

— É uma parte do meu treinamento, mas normalmente carrego três vezes o seu peso. Você, minha querida, foi uma mudança muito bem-vinda.

Apesar de saírem mais cedo ficaram presos no trânsito. Lauren tirou seus sapatos, suspirando de alívio quando mexeu seus dedos, aliviando sua rigidez.

—Permita-me. — Antes que Lauren pudesse queixar-se, arrastou-a por suas pernas, colocando seus pés em seu colo. Tirou sua jaqueta, desabotoando os punhos da camisa e enrolando suas mangas para dar a seus braços mais liberdade.

— Mish, não tem... — suas palavras foram cortadas enquanto gemia, seus polegares massageando o arco de seu pé. — Esqueça. Continue.

Ele riu, enquanto continuava com sua massagem até que ela era como um pudim em suas mãos. Por um momento, só desfrutou do que estava ele estava fazendo, mas a atmosfera foi mudando gradualmente.



Seu toque se transformou de metódico, para persistente, seus dedos se movendo do tornozelo a suas panturrilhas, amassando lentamente os músculos, alternando entre cada perna. Lauren suspirou desejando que a chuva estivesse mais alta que seu pulso acelerado em seus ouvidos.

Olhando para seu rosto, ela encontrou seus olhos fixos nela em vez de no que estava fazendo. Suas pálpebras estavam semifechadas e isso a fez imaginar no que estaria pensando. Ele estendeu a mão, puxando-a para seu colo, o vestido subiu quando ela montou em suas pernas.

As janelas estavam escurecidas e o painel de vidro obscuro que separava o motorista dos passageiros bloqueava a visão de Vlad para eles. Com suas mãos nos ombros dele, inclinaram-se um para o outro, beijando-se suavemente. Mishca moveu-se embaixo dela, seus braços rodeando-a para pressioná-la mais perto.

Suas mãos continuaram a roçar seu vestido, ao longo de suas coxas, agarrando-a firme como se nunca quisesse deixá-la ir. Ele fez um som forte, no fundo de sua garganta, que a fez corresponder, aprofundando o beijo, traçando o contorno de seus lábios com sua língua.

Ela recuou para tomar um fôlego, um pouco ofegante quando ele se moveu de seus lábios para seu pescoço, mordendo gentilmente em sua base.



Prendeu seus olhos nos dela enquanto voltava a sentar, sussurrando palavras em russo, explicando seus significados ao deslizar as mãos por seu corpo, começando por sua garganta, entre seus peitos, abaixo por seu estômago, até que alcançou suas coxas.

— Você pode mudar de ideia — sussurrou.

— Como se eu pudesse... — ela disse com uma risada.

Ele sorriu, passando a mão em seu cabelo antes de puxá-la para baixo para outro beijo, perdendo-se um no outro, não percebendo que alguns minutos depois, chegaram ao edifício de Mishca.

Correram através da chuva, de mãos dadas, dando boa noite a Vlad em seu caminho. Havia um porteiro na entrada, que tirou o chapéu em sua direção, cumprimentando Mishca pelo nome e dando Lauren um sorriso caloroso. Tomando o elevador até o vigésimo andar, Mishca tirou suas chaves e abriu a porta.

— Uau!

Quando entraram no apartamento, a primeira coisa que Lauren viu foi o vidro. Uma parede inteira foi feita de janelas do chão ao teto, divididas por enormes cortinas cinza. Era tranquilo, somente o som da chuva torrencial contra o vidro. Seguiu-o até seu quarto, indo olhar para o parque, que ficava de frente para seu apartamento enquanto ele brincava com o termostato.



Era uma vista espetacular, embora fosse difícil de ver lá fora. O pouco que viu de seu apartamento lembrava ele. Se tivessem dito a ela que, em poucos meses, estaria em um sofisticado apartamento, namorando com alguém que era mais fantasia que realidade, nunca teria acreditado.

Lauren se virou para olhar por cima de seu ombro, surpresa por encontrar Mishca encostado na parede, estudando-a. Não era tímido com sua leitura, olhos claros passeando sobre ela lentamente. Ele tinha tirado o paletó e colete, sua quase transparente camisa branca marcando seu peito, mostrando a tinta das tatuagens, mas Lauren tinha dificuldades para não se fixar nos músculos esculpidos de seu abdômen.

Ele se aproximou, lentamente, como se estivesse tentando não assustá-la. Lauren deu um passo para trás, soltando as mãos para pressionar contra o vidro, sentindo o frescor contra suas palmas. Deteve-se poucos centímetros antes de chegar a dela, com as mãos subindo e passando através de seu cabelo, o tecido da camisa estendendo-se sobre seu peito.

Pensou em tocá-lo, perguntando-se qual seria sua reação, se ele a tocaria também.

— Lauren.

Seu olhar capturou o divertido dele, percebendo que ele estava falando enquanto ela estava muito ocupada admirando-o. — Sinto muito, o que disse?

— Perguntei se você gostaria de se trocar.



Rompendo o contato visual, assentiu. Estava tão ensopada quanto ele. — Você poderia me emprestar uma de suas camisetas?

Procurou em seu armário e tirou uma de suas habituais camisetas brancas.

— Onde fica o banheiro?

Lauren pensou ter visto um olhar de decepção antes que, educadamente, apontasse para a porta fechada atrás dele. Em voz baixa se desculpou, roçando nele, escapando para o banheiro, respirando profundamente enquanto fechava a porta e se apoiava nela.

Encontrando uma toalha, esfregou seu rosto para retirar sua maquiagem, olhando seu reflexo no espelho.

— Você quer isto — recordou-se. Isso era verdade. Pensou nisso muitas vezes ao longo das últimas semanas.

Mas estava preparada para isso? Não havia nada a temer. Poderia apenas ir para ele e se ela mudou de ideia, não o deixaria ir mais longe ... mas ele comprou seu vestido, e talvez esperasse algo, mesmo se ela não quisesse que isso acontecesse. Então, e se ele pensou que ela estava apenas...

— Lauren? — Chamou Mishca através da porta. — Está tudo bem?

— Bem... só um segundo.

Com um último olhar no espelho, apagou a luz e saiu. Mishca estava sentado na beira da cama, com os sapatos em um canto, seus dedos brincavam com sua gravata-borboleta. Deteve-se ante a vista dela ainda vestida.



— Pode me ajudar a desabotoar? — Perguntou, virando-se para que ele não visse o rubor subindo em suas bochechas. — Não consigo alcançá-lo.

Deixou escapar um suspiro quando ouviu seus passos atrás dela, percebendo o calor de seu corpo enquanto permanecia de pé em suas costas durante uns segundos. Mas em vez de ir para o zíper, suas mãos estavam em seu cabelo, tirando os grampos que o prendiam, roçando os fios ondulados sobre um ombro.

Lauren deixou cair sua cabeça para frente quando a mão dele se fechou ao redor de sua nuca, sem apertar, só uma suave carícia antes de continuar para baixo. Seu toque era suave, marcando-a enquanto seus dedos deslizavam por sua pele nua, detendo-se no zíper em suas costas. Abriu o botão com um toque de seus dedos, puxando o fecho para baixo e seguindo as metades de seu vestido com hábeis dedos, suas mãos quentes sobre sua pele.

Um arrepio profundo surgiu sobre sua carne enquanto sustentava o tecido sobre seu peito, as alças deslizando de seus ombros.

Quando ele deu um passo para trás para dar-lhe espaço, Lauren teve que tomar uma decisão. Poderia ou vestir a camiseta que ele deu e ficar em segurança, ou fazer algo que nunca fez antes...

Determinada, Lauren olhou-o, soltando o tecido em suas mãos. A camiseta caiu e o vestido caiu amontoado a seus pés, deixando-a apenas com a roupa intima que escolheu para esta noite.



Mishca perdeu o fôlego quando ela se virou para ele, brincando com as pontas de seu cabelo com nervosismo. Olhou-a nos olhos durante um segundo... dois... três, mas finalmente seu enfoque desceu, bebendo-a. Suas pupilas se dilataram e ele esfregou a mandíbula, mas não fez nenhum movimento para ir até ela.

Em vez disso, ela se aproximou.

Lauren levantou a mão, tocando a gravata borboleta ao redor de seu pescoço, à espera de seu aceno antes de desatar o nó e deixá-la cair no chão. Logo começou em sua camisa, imitando seu gesto ao deslizar os dedos pela abertura da peça, sentindo o batimento de seu coração dentro de seu peito, sua pele suave e aveludada, passando pelos sulcos e contornos de seu estômago. Ele tirou a camisa sem nenhum comentário, acrescentando-a a crescente pilha de roupas no chão.

Quando Lauren pôs seus dedos na cintura de suas calças, ele a deteve, puxando suas mãos para que ele pudesse estar mais perto, até que estavam quase colados. Ela atirou sua cabeça para trás para poder ver seu rosto, e o que viu ali deixou-a excitada. Ele estava tão afetado por isso quanto ela, suas pupilas estavam bem dilatadas enquanto a olhava. Era diferente, sentir isso do que apenas ler sobre. Podia ver a força de seu desejo, podia senti-lo.

Com cuidado, medindo suas reações, Mishca tomou seu rosto entre suas grandes mãos, seus polegares acariciando suas bochechas, apenas observando-a até que nenhum dos dois podia suportar mais.



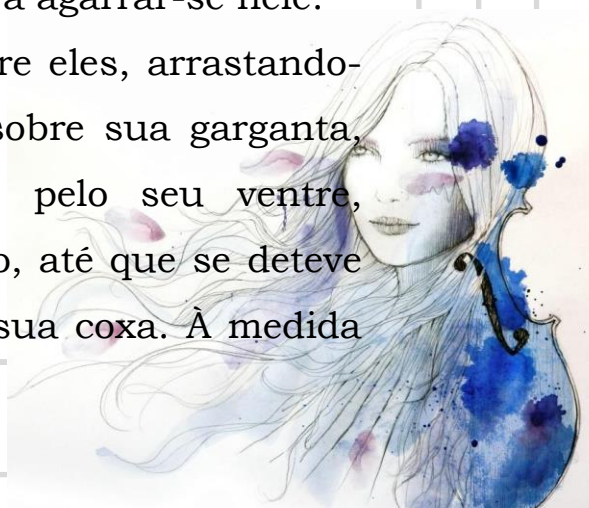
A princípio, era só um ligeiro roçar de seus lábios contra os dela, como se fosse a primeira vez de novo. Ele recuou, só por um segundo, traçando seus lábios com o polegar antes de chocar-se neles novamente, sem hesitação.

Passando um braço ao redor de sua cintura, lentamente deslizando sua mão sobre suas costas, Mishca a puxou para si até que esteva colada contra ele. Ela suspirou em sua boca, enlaçando seus braços ao redor de seu pescoço para puxá-lo mais para baixo. Tornou-se desesperador um momento depois, com eles não podendo chegar perto o suficiente. Ele a empurrou para trás com facilidade, e quando a parte de trás de seus joelhos atingiu a beirada da cama, ela riu baixinho, e ele lhe deu um leve empurrão.

Agora, Lauren entendia a diferença no número de fios enquanto agarrava um punhado dos lençóis que cobriam a cama de Mishca. Logo a seguiu, acomodando-se entre suas pernas enquanto pairava sobre ela com os braços esticados.

Ele agiu calmamente, pressionando beijos prolongados ao longo de sua mandíbula e acariciando seu pescoço. Lauren deu um suspiro assustado quando sentiu sua língua passar em um local sensível abaixo de sua orelha, uma área que não tinha nem ideia de que poderia fazê-la ter essa reação, enquanto soltava o tecido para agarrar-se nele.

A mão de Mishca escorregou entre eles, arrastando-se para baixo, na frente de seu corpo, sobre sua garganta, parando para deslizar entre os seios, pelo seu ventre, alegremente mergulhando em seu umbigo, até que se deteve onde a curva do quadril encontrou com sua coxa. À medida



que sua mão desviou perigosamente para a parte interna da coxa, Lauren sentiu uma súbita de onda de pânico.

— Você está tensa — Mishca sussurrou, acalmando seus movimentos, seu sotaque mais grosso do que jamais tinha escutado.

— Eu... é.... bem, sou virgem — soltou antes de perder a coragem.

— Você é? — Sua pergunta foi bastante inocente, mas quando o sentiu sorrir contra seu pescoço, golpeou ligeiramente seu braço, fazendo-o rir. — Eu já sabia, *moy dorogoy*.

Ela bufou — Como todo mundo sabe disso? É como se estivesse escrito em minha testa.

Mishca apoiou seu peso em seus cotovelos, ainda sorrindo. — Isto não quer dizer que eu não te deseje mais.

Lauren desviou o olhar, sentindo-se envergonhada. — Mas não quero te decepcionar. Comprou meu vestido e....

Franzindo a testa, interrompeu-a — Por que isto é relevante?

Com um dedo embaixo do queixo, ele levantou seu rosto para olhá-la nos olhos. — Você pensou que eu iria querer seus favores sexuais em troca do vestido? Você me insulta.

— Nunca foi minha intenção.

Mishca suspirou com um sorriso irônico. — Talvez tenhamos ido muito rápido, certo? Da próxima iremos mais devagar. Deus sabe o que você pensaria se te comprasse diamantes.



Capítulo 13

Complicações Inesperadas

Brilhantes raios de sol entravam pelas das frestas da cortina azul marinho, acordando Lauren quando ela se virou, sentindo o calor em seu rosto. Espreguiçou-se, sentindo o lado da cama onde Mishca dormiu na noite anterior, mas estava surpreendentemente vazio, o lençol levemente frio. Sentou-se limpando seus olhos e olhando ao redor do quarto. Estava quieto em todo o apartamento, e quando chamou por Mishca, ele não respondeu. Então viu um bilhete dobrado na mesa a seu lado.

Fui buscar o café da manhã, voltarei logo. M

Com essa tranquilidade, levantou da cama, indo ao banheiro. Estava impecável, muito mais brilhante à luz do dia. Lâmpadas delineavam o espelho, resplandecendo a vida em sua entrada, inclusive o chão de ladrilhos aquecido abaixo de seus pés descalços. Havia um lavatório duplo com acessórios de prata, uma grande ducha com múltiplos jatos, e uma enorme banheira de hidromassagem.

Encontrou uma pilha de toalhas limpas em um gabinete, e uma série de escovas de dente novas em uma gaveta. Tentou não pensar muito nisso, perguntando-se com quantas pessoas, quer dizer mulheres, ele se divertiu.



Despiu-se de suas roupas, girando os inúmeros controles para abrir o chuveiro.

Se alguma vez fosse rica e livre para desenhar a casa de seus sonhos, definitivamente teria que ter um chuveiro como este.

Assim que terminou, procurou por algumas roupas no armário enorme dele, esperando que não se importasse em emprestá-las.

Encontrou umas calças de moletom soltas e as colocou, rolando a cintura algumas vezes para que não caíssem. Realmente ele tinha uma grande quantidade de camisetas brancas em uma das gavetas, e todas cheiravam como ele.

Vestida, deu uma volta pelo apartamento. Ao contrário do esquema de cores mais frias que predominava no quarto de Mishca, as salas de estar e de jantar foram ambos decorados em tons mais quentes. Combinando poltronas de couro marrom, almofadas vermelho, piso de madeira marrom escura, e as ocasionais bugigangas, que parecia que nunca foram tiradas do lugar que estavam agora. Ali também havia uma exposição de arte da cozinha que rivalizava com qualquer uma que ela viu.

Cortinas vermelhas escuro pendiam das janelas do teto até o chão, sustentadas longe do vidro por ganchos de bronze, revelando uma vista espetacular sobre o parque e água abaixo.

A campainha tocou de repente, seguido por dois golpes secos na porta.



Pensando que era Mishca que precisava de ajuda com as sacolas, Lauren se apressou, um sorriso já em seu rosto, mas rapidamente se apagou ao ver o homem em frente dela.

Ele era mais velho, provavelmente trinta e tantos anos, com uma barba e cabelo negro oleoso preso em um rabo de cavalo baixo. Poderia tê-lo achado menos intimidante se não tivesse o físico como o de um lutador profissional, com uma cicatriz irregular desde sua têmpora até o canto de sua boca.

Ele fez uma careta para ela, coçando seu rosto. Lauren percebeu as tatuagens no dorso das mãos. Pequenos "x" ao longo dos nós de seus dedos — alguns com o dobro do número — e, entre todas as coisas, havia um gato em um chapéu.

— Quem é você? — Perguntou, seus olhos escuros olhando-a de cima a baixo. Era russo, seu sotaque muito mais acentuado que o de Mishca, mas não viu nada semelhante entre os dois.

— Hum, eu uh... — Lauren não podia encontrar as palavras corretas enquanto olhou para o quarto e de volta ao seu rosto, imaginando se poderia chegar a seu telefone antes que ele a agarrasse.

— Você é uma das garotas? — Perguntou quando ela não respondeu.

— Garotas? Que garotas?



Ele estreitou os olhos para ela, esticando a mão para agarrá-la, mas a voz de Mishca e sua aparição repentina o fez recuar. Estava levando uma sacola plástica cheia de comida e um suporte de café, porém o mais importante, ele não parecia contente em ver o homem.



Mishca estava saindo do elevador quando viu Gerard, um dos homens de seu pai, alcançando Lauren. Seu medo era evidente e não poderia culpá-la. Gerard era um homem grande, e desconhecido para ela, um experiente assassino com zero remorso.

— *Ostanovit*[39]!

O homem deixou cair suas mãos sem contestar, movendo-se para trás quando Mishca andou para ficar na frente dela. — O que você está fazendo aqui? — Perguntou em russo, consciente de que Lauren continuava à espera atrás dele.

— O *Pakhan* quer te ver neste lugar na Avenida 43.

A mandíbula de Mishca apertou quando ele se virou e entregou a comida e bebidas para Lauren, dizendo em voz baixa — Você poderia me dar um minuto, por favor?



[39] Ostanovit – Pare.

No que diz respeito a ordens, essas foram claras. Olhou curiosamente além dele, para onde Gerard estava de pé. Não precisou de outra ordem, girando sobre seus calcanhares e indo para a cozinha.

— Não sabia que arranjou uma *suka*[40]. Ela é grosseira não? Devo ensinar-lhe suas regras?

Mishca fechou a porta atrás dele. Agarrando a camisa do homem, puxou-o para frente até que estivessem a apenas poucos centímetros de distância. — Chame-a assim de novo e vou pôr uma bala em sua cabeça.

Empurrou-o para trás, recuperando seu controle. Gerard tinha pelo menos uns quarenta quilos a mais que ele e era conhecido por suas habilidades de combate, mas Mishca tinha patente, e em seu mundo, a posição tinha prioridade.

— *Izvini*[41].

Nada irritava mais Mishca do que uma reunião convocada como se ele fosse um cão bem treinado. Sabia que seu pai o mantinha sob vigilância constante — como fazia com a maioria dos homens sob seu comando — mas deveria ter pensado melhor antes de enviar um de seus executores à sua porta, especialmente quando ele não estava por perto... a menos que essa fosse sua intenção, afinal.

Mandando Gerard de volta com uma rápida mensagem para o *Pakhan*, Mishca entrou no apartamento, pensando na melhor mentira para contar a Lauren.



[40] Suka – cadela.

[41] Izvini – Desculpe.

Não era ingênuo, ele sabia que ninguém em sã consciência deixaria este assunto para lá, e julgando pelo olhar que Lauren deu antes de sair, sabia que teria perguntas.

Estava sentada no bar, vestida com uma camiseta e uma calça dele, vê-la assim o fez sorrir por razões que não estava preparado para considerar.

Não deveria se preocupar com ela. Seu mundo não permitia o luxo de permanecer em um relacionamento monogâmico com apenas uma garota. A maior parte dos Vors escolhia uma mulher que já conhecesse o estilo de vida, a pessoa passava o tempo junto e não havia problemas. Ou não tinham uma mulher de maneira nenhuma, passando seu tempo em um dos muitos estábulos, onde as mulheres estavam muito menos dispostas, mas não tinham escolha a não ser obedecer. O que os levava a menos perguntas e menos bagunça para limpar a longo prazo.

Mishca estava feliz com seu arranjo atual. A maioria das garotas pulavam felizes em sua cama, sua reputação o precedia. Ele transava e seguia adiante. Era assim que funcionava para ele.

Até Lauren. Ele não estava pronto para afastar-se, não até que conseguisse ter mais dela. Não era luxúria, era mais profundo que isso. Queria ver até onde iria, apesar de saber as consequências que suas ações poderiam trazer. Sim, ele estava ferrado.



— Quem era? — Lauren perguntou virando seus olhos dourados para ele. Sempre achou peculiar sua cor. A sombra incomodando a memória sem uma forma clara.

Pensou que poderia ter sido em outra ocasião que tinha visto olhos como os dela, mas isso foi a tanto tempo que poderia estar equivocado.

— Meu... tio — disse simplesmente, tirando as embalagens de comida da bolsa. Isso era tão perto da verdade quanto poderia ser. Gerard era família, apenas não no sentido clássico da palavra — Em algumas ocasiões meu pai esquece que os telefones celulares existem e o envia para me recordar de nossas reuniões de almoço.

Sorriu distraidamente em sua tentativa de humor, mas podia ver as engrenagens rodando em sua pequena e linda cabeça. Era malditamente curiosa.

— Como dormiu a noite passada? — Perguntou em uma tática para mudar de assunto.

Desta vez ela tinha um sorriso genuíno. — Bem. — Mais silêncio.

— Não sabia o que você gostaria.

— Não sou exigente com comida. Obrigado, Mish.

Ele andou em volta dela para pegar uns pratos, garfos e facas, colocando-os para eles. Um incômodo silêncio caiu sobre eles enquanto colocava a comida e no momento em que se sentaram, ele estava tentando pensar em algo para dizer que reduzisse a tensão entre eles.

Mordeu uma das panquecas e ele fez um gesto à comida com o garfo, perguntando — Está bom?



— Nada poderia dar errado com o café da manhã, Mish — disse sorrindo docemente. Esperou um momento, e então perguntou — Tem muitas pessoas em sua família?

Uma das regras do *Vory v Zakone*, era abandonar toda a família. Os Vors se converteram em sua nova família. — Poderia se dizer que sim.

Ela olhava melancólica enquanto tomava um gole de seu suco de laranja.

— Eu gostaria de ter uma família grande. Sempre fomos minha mãe, Ross e eu.

— Você não tem avós?

— Tão surpreendente quanto parece, meus avós de ambas as famílias morreram quando eu era mais jovem, eu tenho uma tia por parte de minha mãe que vive na Inglaterra.

— Então deve ser muito próxima de seus pais.

Um olhar de dor atravessou seu rosto, mas ela balançou a cabeça, olhando para seu prato. — Sim, eu sou.

— Eu...

O telefone de Lauren tocou, interrompendo-a. Ela se desculpou correndo de volta até o quarto para pegar seu telefone. Enquanto ela estava lá, Mishca mandou uma mensagem de texto para Vlad, dizendo onde deveriam se encontrar.

Apenas alguns minutos depois ela voltou, parecendo um pouco verde. — Era minha mãe.

— Oh, está tudo bem?

— Ela virou olhos receosos para ele.

— Não é bom?



— Ela quer te conhecer quando estiver aqui para ação de graças. — Tossiu, apoiando seu cotovelo na mesa enquanto sorria.

— E você está nervosa?

Ela fez uma careta, mas não negou. — Não estou totalmente nervosa, apenas... Você quer conhecê-la?

— É claro, ela é sua mãe.

— Mas...

— A pergunta é: você quer que eu conheça sua mãe?

Lauren sorriu e quando o fez, todo seu rosto se iluminou. Quando o fez, sentiu como se seu coração estivesse encolhendo. Vê-la assim, vestida com sua roupa, sorrindo para ele com tanta felicidade, que ele queria pôr esse sorriso em seu rosto todos os dias.

— É claro que quero.

— Então, isso é tudo o que importa.

Mishca encontrou Mikhail em sua sala de caça, um lugar afastado na parte de trás do restaurante onde não podiam ser ouvidos ou interrompidos. Um guardanapo estava enfiado na gola de sua cara camisa enquanto cortava um pedaço de carne perfeitamente cozido em frente a ele.



Apesar de sua atitude ser bastante agradável, com apenas um olhar para ele ninguém sabia que havia algo diferente sobre o homem, algo que o fez se destacar no meio da multidão, apesar de sua idade. Poderia ter sido o número de tatuagens que cobria seu corpo, embora a maior parte fosse feita com bom gosto, fazendo parecer que tinha apenas algumas, quando boa parte de seu corpo estava coberto, como os que foram tatuados em seus dedos como anéis permanentes.

Se não fosse pelo fato de que o lado do restaurante onde estavam sentados, estava vazio, Mishca poderia acreditar que isto não era uma reunião de negócios.

Mishca se sentou no banco em frente a ele, pedindo uma bebida ao garçom, que pairava ansiosamente nas proximidades. Ele não se incomodou em tentar começar um pequeno bate-papo, escolhendo em seu lugar esperar por Mikhail para começar, não tinha certeza para onde se dirigiria esta reunião improvisada.

— Será que ela chegou em casa com segurança? — Mikhail perguntou depois de engolir outro pedaço de bife, delicadamente limpando os cantos de sua boca com o final de seu guardanapo.

Mishca arqueou uma sobrancelha, controlando sua irritação enquanto jogava com uma moeda entre seus dedos.

— É obvio, fui seguido até lá também?



Agitando seu garfo, Mikhail sacudiu sua cabeça. Era um locutor animado, sempre usando suas mãos enquanto falava, enfatizando suas palavras. O garçom voltou com a bebida de Mishca, colocando-a na mesa antes de sair correndo para longe.

— Faço o que qualquer pai faria para proteger seu filho.

Revirando seus olhos, Mishca perguntou em russo — Ou um *Pakhan* monitorando seu Capitão, certo?

Encolhendo seus ombros. — Ah, algo assim.

— Não há nada para me proteger. Eu nunca fiz você duvidar de mim antes, por que agora?

Mikhail comeu outro pedaço de carne, seus frios olhos cinzentos perfurando Mishca.

— Uma mulher pode ser uma bênção e uma maldição em nosso mundo, Mishca. O que você sabe sobre essa garota?

— Se está perguntando se eu a verifiquei a resposta é não. É de uma pequena cidade de Michigan. Não tem uma família grande, mas duvido que me chamou aqui por isso. O que você descobriu?

Mikhail sorriu, mas não comentou quando ele sinalizou para um dos seus homens para entregar um grande envelope. Usando uma faca de manteiga, abriu-o, virando seu conteúdo no prato em frente a ele.



Ali estavam fotos, centenas delas — a maioria de Lauren — e algumas páginas digitalizadas, uma delas era de uma reportagem que era de pelo menos uma década atrás, e uma série de documentos. Ignorando no momento as imagens, ele leu a notícia.

— Seu pai foi assassinado? — perguntou sentindo uma pontada em seu peito pelo que ela deve ter passado. Perder um parente era duro, tê-lo assassinado era brutal.

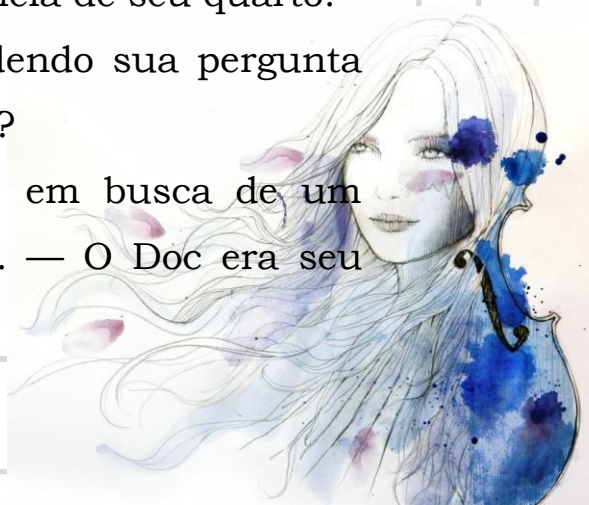
Ninguém tinha um passado lindo — mesmo o seu era feio quando ele pensava sobre isso — mas não viu isso em Lauren. Memórias dolorosas como esta corroíam lentamente, e às vezes a pessoa que você se tornou é apenas uma c da pessoa que costumava ser, mas ela parecia ser muito bem equilibrada.

Normalmente isto não o teria incomodado, mas enquanto olhava para a certidão de nascimento, histórico escolar, provavelmente tudo o que poderia saber a respeito dela, sentia-se.... mal.

Soltando-os, ele pegou as fotos. Havia algumas onde ele e Lauren estavam juntos, rindo, sem saber que alguém os fotografava, mas a maioria eram apenas dela, caminhando para sua aula, comendo, e até mesmo umas poucas de seu apartamento fotografando-a através da janela de seu quarto.

— Sim — disse Mikhail, respondendo sua pergunta — Mas, você reconhece o nome de seu pai?

Mishca pegou de volta o artigo, em busca de um nome e quase amaldiçoou quando o leu. — O Doc era seu pai?



Mikhail assentiu uma vez.

Há quase vinte anos viu o Dr. Cameron Thompson pela primeira vez, ele foi o médico particular dele e de Alex. Nunca fez a conexão entre Lauren e o Doc, sobretudo porque não sabia de onde era o homem, ou outros aspectos de sua vida. Quando o chamavam, o doutor apenas aparecia após um tempo, sem fazer perguntas.

— Ela sabe sobre nós? — Perguntou Mikhail.

Então era disto que se tratava esta reunião, não sobre a vida pessoal de Mishca. Mikhail não se preocupava com quem Mishca estava, mas se de alguma forma comprometia seu negócio, então se transformava em um problema.

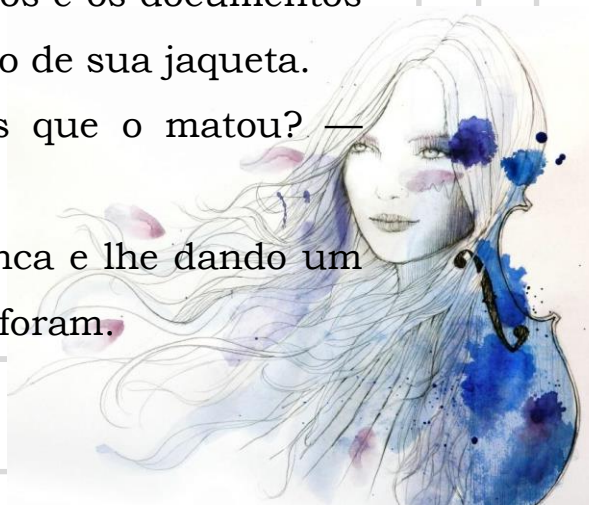
— Não acredito, ela deveria estar com o quê... cinco anos quando seu pai foi assassinado, certo? Duvido que ele tenha falado algo sobre seu trabalho. Além de que qualquer conexão que tínhamos com ele, foi excluída após sua morte.

Mikhail deixou seu guardanapo na mesa, atirando um montão de dinheiro sobre ela. — Fale com ela. Descubra. Estou te permitindo verificar esta situação porque apesar de tudo está em seu território. Não faça eu me arrepender. Conhece as consequências.

Mishca assentiu, colocando as fotos e os documentos de volta no envelope, guardando-o no bolso de sua jaqueta.

— Foi um de nossos assassinos que o matou? — Perguntou Mishca olhando para seu pai.

Batendo a mão no ombro de Mishca e lhe dando um pequeno sorriso, Mikhail e seu homem se foram.



Capítulo 14

Nunca retroceder

— Que porra de ideia foi essa, afinal? — Perguntou Tristan indignado quando se sentou no sofá.

Para a Noite das Bruxas, Mishca estava dando uma festa temática em seu clube e convidou a todos para ir. Ao invés de cada um escolher sua fantasia, ideias diferentes foram escritas, dobradas e jogadas em um vidro para que pudessem escolher. Não teria sido tão ruim se fossem potes separados para os rapazes e as meninas, mas em vez disso, todas estavam juntas.

Âmbar estava vestida como um aluno de Hogwarts, com um manto e uma varinha, que ela tinha especialmente encomendados para a ocasião. Piper era uma coelhinha da Playboy, desafiando a altura com seus saltos, cristais Swarovski incrustavam todo o seu sapato. Tristan disse que ela os falsificou. Lauren, com um pouco de coragem líquida, era uma enfermeira sexy, com uma boina branca com uma cruz vermelha, presa em seu cabelo.

Suas fantasias eram bem decentes, não exatamente o que esperavam, mas eram definitivamente melhores do que as dos meninos.



Matt era uma fada, com shorts prateado cintilante e asas fluorescentes. Rob foi o mais sortudo dos três, indo como um pirata, mas logo que Tristan entrou no apartamento, os assobios começaram.

Usava uma calça vermelha de couro justa combinando com um espartilho, seu cabelo loiro preso em um rabo de cavalo baixo. Amber usou suas habilidades para pintar seu rosto com diferentes tons de roxo, azul e vermelho.

— Quem escreve uma porra dessas: “prostituta moribunda”, como fantasia de Noite das Bruxas? — Ele estreitou seus olhos na direção de Lauren. — Foi você, não foi?

Ela riu, levantando suas mãos. — Nunca imaginei que você seria o eleito. Se isso ajuda, eu acho que você está muito sexy.

— Sim, está melhor — concordou, lhe dando as costas enquanto lutava abaixar um pouco sua calça — Beije a minha bunda.

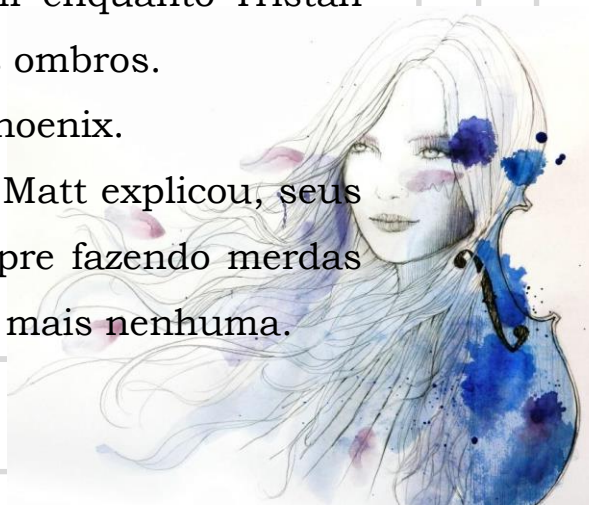
— É sério que tem um bolinho tatuado em seu traseiro?

— O que?

Ele realmente parecia chocado com a revelação. Todos se esforçando bastante para não rir enquanto Tristan correu para o espelho, olhando sobre seus ombros.

— Maldito seja! Eu vou matar o Phoenix.

— Seu companheiro de banda — Matt explicou, seus olhos brilhavam divertidos. — Estão sempre fazendo merdas como essa. Estou surpreso que não tenha mais nenhuma.



— Como você não percebeu?

Tristan jogou suas mãos para cima e foi se servir de uma dose de whisky.

— Provavelmente, ele fez em alguma noite depois que eu estava desmaiado. Nunca lembro de porra nenhuma na manhã seguinte. — Depois de seu terceiro gole, soltou o copo — Vamos antes que eu mude de ideia.

Havia lobisomens, vampiros, um homem na melhor fantasia de Jack Sparrow[42] que Lauren já viu. Tinha até o jeito de andar que somente Johnny Depp podia fazer.

Teias de aranhas estavam penduradas pelo teto como se fosse uma tapeçaria gigante, aranhas falsas grudadas nelas, pelo menos esperava que fossem falsas. As luzes da pista não estavam alternando esta noite, apenas as vermelhas iluminando o ambiente. Fumaça saía de uma máquina, a névoa se espalhava sobre o piso.

— Olá, marinheiro — um homem na casa dos quarenta anos disse a Matt. Ele era baixo e gordo, e usava calças curtas e um suspensório vermelho cereja. Os pelos de seu peito em completa exibição.



[42] Jack Sparrow é um pirata fictício criado pelos escritores Ted Elliott e Terry Rossio, e interpretado pelo ator Johnny Depp.

Os olhos de Matt se arregalaram comicamente, fazendo Tristan e Lauren abafarem uma risada.

O homem passou uma mão nos ombros de Matt, indo embora enquanto articulava “me ligue”.

— Se eu não gostasse de você, eu te mataria agora — disse para Lauren.

— Não posso culpá-la — disse Tristan passando um braço por seus ombros. — Está tão malditamente sexy vestido como uma fada.

— Vai se ferrar!

— Não se preocupe, vamos chegar a isso mais tarde.

— Onde estão seus companheiros de banda? — Perguntou Lauren para Tristan antes que Matt pudesse fazer outro comentário.

Tristan recebeu uma ligação depois que saíram do apartamento, seus companheiros de banda perguntando para onde eles iriam.

Olhando através da multidão, um crescente sorriso se formou quando apontou para o bar. Se tivesse procurado sozinha, teria sido capaz de adivinhar quais dos homens faziam parte da banda.

Os três estavam fantasiados, todos usando macacões vermelhos. Quando eles se viraram que ela entendeu o que eram. Em seus peitos, havia grandes círculos brancos, com letras negras dentro. Cada um deles era uma ”Coisa”[43].



[43] Personagens do The Cat in the Hat, que é um livro para crianças escrito e ilustrado por Theodore Geisel com o pseudônimo de Dr. Seuss, e publicado, pela primeira vez, em 1957.

A “Coisa 1” os viu primeiro, dando uma cotovelada na “Coisa 2”. Era certamente o mais alto do grupo e parecia ter um monte de tatuagens, que iam até seu pescoço. Tinha um sorriso fácil e grandes olhos avelã.

— Que porra você supõe que é? — Perguntou para Tristan quando se juntou a eles no bar.

— Coloque a culpa nela — disse batendo os punhos com ele — Lauren, este é Uriah, cantor, guitarrista e a única pessoa sã no nosso grupo.

Ele estendeu a mão. — Prazer em conhecê-la, amor.

Ela piscou em surpresa por seu sotaque. — Olá.

A “Coisa 2”, que não era tão alto como Uriah, mais como Mishca, tinha cabelo castanho ligeiramente ondulado nas pontas e luminosos olhos verdes. Quando falou, as barras de prata em sua língua brilharam com a luz.

— “Isso” é Phoenix e uma dor na minha bunda — a última parte foi dita alto o suficientemente para captar a atenção do outro garoto.

— Foi quem tatuou um bolinho em seu traseiro?

Uriah deu uma gargalhada. — Isso foi genial.

— Sim. Lembre-me de devolver o favor. E esse bastardo egoísta ali é Gabriel.





A “Coisa 3”, Gabriel, estava de lado com uma loira arruivada sentada em seu colo. Ela estava carrancuda, gesticulando, aparentemente decepcionada com sua fantasia, mas ele estava virando garganta abaixo uma garrafa de Bud light[44], parecendo alheio a seu desgosto.

— Prazer em conhecê-los.

— Está aqui com Tristan? — Perguntou-lhe Uriah, pegando sua bebida.

— Não, bem que eu gostaria — disse Tristan sorrindo — há um russo em algum lugar por aqui esperando por ela.

— Por que você nunca o chama pelo seu nome? — Perguntou Lauren.

— Onde está a diversão nisso? Oh, falando do cara.

Virando-se viu Mishca vindo em sua direção, mas ele não estava fantasiado. Alcançando-a, beijou o topo de sua cabeça.

— Ei. — Ela o apresentou aos amigos de Tristan. — É um prazer conhecê-los. Peçam o que quiser e diga para Jesse que eu que mandei.

— Você — disse Phoenix apontando para Lauren, provavelmente sem se dar conta que estava ligeiramente bêbado. — É minha nova melhor amiga.

Cambalearam para longe, indo para a pista de dança, parecendo completamente ridículos quando se uniram a algumas garotas aleatórias no meio da multidão, mas caíam mais um em cima do outro do que realmente dançavam.



[44] Budweiser, também conhecida popularmente como Bud, é uma cerveja do tipo Lager americana, fabricada pela empresa Anheuser-Busch, fundada em 1876 por imigrantes alemães. Tem sua versão light, a Bud light.

— Estou feliz que pôde vir — disse Mishca levando-a para uma cabine vazia.

— Você realmente sabe como ficar à parte. Por que não está fantasiado? — Perguntou quando ele se sentou ao seu lado.

Tirou o rádio de seu cinto, colocando-o na mesa. — Porque isto é trabalho para mim, entretanto estou feliz que você esteja aqui. Estou agradavelmente surpreso.

— Você poderia ser meu paciente — sussurrou em seu ouvido, excitada quando ele endureceu. Ela se sentou de lado em seu colo, sentindo seu pulso, depois sua testa, mas os olhos dele estavam em seu peito.

— Você faz boca a boca? — Perguntou olhando-a com esperança, fazendo-a rir.

Com a música bombando e a baixa iluminação, o momento íntimo foi ficando fora de controle, pelo menos para Lauren enquanto inclinava sua cabeça para trás, expondo sua garganta para Mishca que roçava os lábios pelo seu pescoço.

Ele recuou depois de algum tempo, apenas para vê-la observando-o. Neste momento, estavam em sincronia, ela viu o que ele queria e tinha certeza, que seus olhos refletiam o mesmo desejo. Não hoje, mas quando tivessem outra oportunidade, ela ficaria feliz em transar com ele.



Mishca muito raramente, ou nunca, bebia o suficiente para ficar embriagado. Não só era parte do código que seguia, como também em sua linha de trabalho, se alguma vez perdesse sua concentração por um instante, isso poderia ser a sua morte. Por esta única razão, se os dois homens que circulavam por ali pensaram que ele estava muito distraído para notá-los, estavam tristemente enganados.

Para crédito deles, não os percebeu a princípio, perdido no momento com Lauren sentada em seu colo no canto escuro do clube, mas talvez isso fosse uma evidência da vigilância desleixada.

Envolvendo um braço ao redor da cintura dela, ele a sustentou firmemente enquanto tirava de seu bolso seu Blackberry, enviando uma rápida mensagem para Vlad e para dois de seus homens para encontrá-lo no beco atrás do clube em dez minutos.

Não poderia confiar que os dois não tentariam algo apesar da multidão ao redor —ambos eram jovens e estúpidos o suficiente — para pensar que indo contra ele, teriam vantagem nas fileiras da máfia.

— Ei — sussurrou no ouvido de Lauren. Em qualquer outro momento, teria apreciado a emoção de senti-la tremer em resposta a ele, mas tinha que lidar com isso primeiro — Eu preciso sair para fazer uma ronda e pegar umas bebidas. Espere por mim aqui.



Ela assentiu e ele sorriu, incapaz de resistir ao impulso de pressionar um beijo rápido bem abaixo de sua orelha, inalando o aroma floral de sua pele, antes de deixar que saísse de seu colo.

Passando pela multidão que lotava a pista de dança, Mishca parava, ocasionalmente, para falar com alguns clientes que o elogiavam por fazer outra grande festa. Atendia a cada um com o mesmo nível de cortesia, não querendo deixar que os dois soubessem que foram vistos. Chegou a porta dos fundos com certa facilidade, saindo para o frio o ar da noite.

Fazia por volta de dezesseis graus, um frio significante quando a brisa soprava. Encostou no solitário poste do beco, sua lâmpada estava queimada há muito tempo.

Tirando do bolso um isqueiro prateado — presente de seu pai em seu vigésimo aniversário. *A front praecipitium a ergo lupin*. Um precipício a frente, lobos atrás. Essa era a mesma frase que tinha tatuado em seu braço, uma espécie de lema de família. Já que seu sobrenome literalmente significava lobo, Mikhail sempre pensou no latim dizendo-o quando era apropriado, especialmente em consideração a seus inimigos.

Acendeu o isqueiro, olhando a chama cintilar e dançar por um momento antes que se apagasse. Fez isso três vezes até que a porta se abriu, batendo na parede enquanto os dois homens, não muito mais velhos do que adolescentes, vieram correndo para fora, parando quando o viram.



Mishca lhes deu uma rápida olhada, notando as tatuagens correspondentes em seus braços, bandeiras irlandesas com uma caveira incrustada na imagem, uma data debaixo delas.

Eles não eram da máfia irlandesa, ao menos não oficialmente — de outra maneira não seriam tão tolos para virem atrás dele sem ao menos um exército — mas tinha uma boa ideia de onde vinham suas ordens. Suspirando, guardou o isqueiro, sabendo que isso terminaria rápido.

Os dois poderiam ser irmãos. Ambos tinham características semelhantes, mesmo formato de nariz e cor de olhos, mas o mais jovem dos dois parecia um pouco mais cauteloso, trocando o peso de um pé ao outro, travado na parte de trás enquanto seu irmão passou para a frente corajosamente.

O mais velho, com cabelo castanho claro e o nariz escorrendo, retirou uma pistola de modelo antigo, em um movimento brusco. Quando entrou no facho da luz da lua, Mishca pôde ver que ele não conseguia manter as mãos firmes, sem dúvida, efeito das drogas, cocaína se tivesse que adivinhar.

Limpando seu nariz com a manga de sua camisa, apontou a arma para ele, sem perceber que sua mão tremia tanto que poderia não estar mirando ninguém. Ele sorriu como um louco.

— Serei uma lenda — murmurou, provavelmente pensando que não poderia escutá-lo.



— Não da maneira que você imagina, eu aposto — respondeu, colocando as mãos nos bolsos de suas calças, ainda à vontade.

O loiro deu um passo para frente, esperando ele vacilar com o cano da arma em contato com seu peito, mas se havia uma coisa que Mikhail lhe ensinou, foi nunca retroceder.

Se for para morrer nas mãos de seus inimigos, não se acovarde, não implore, apenas sorria e lhe dê as boas-vindas como a um velho amigo.

A ideia sempre o aterrorizava. Nunca quis morrer, pelo menos não de maneira sangrenta como algum dos homens que estiveram do outro lado da sua arma. Jurou a si mesmo que nunca imploraria por nada.

O loiro zombou, trocando a arma de modo que ele pressionava contra a sua testa. — Pensa que não vou atirar?

Não tinha que chamar a atenção para si mesmo, sobretudo porque se ia disparar, já o teria feito. Por que insistia em falar?

Mishca sorriu lentamente. Pelo canto do olho, viu Vlad e dois de seus homens com suas armas em punho, dois apontando para a cabeça do irmão, e outro ao loiro.

Arqueou uma sobrancelha, acenando com a cabeça para trás do loiro, que foi suficientemente burro para se virar e olhar. Em um piscar de olhos, golpeou-o, agarrando seu dedo indicador, fazendo-o ficar de joelhos na calçada.

— Perdão, cavalheiro — desculpou-se — mas parece que estamos sem tempo.



O loiro engasgou, lutando para se levantar. — Tiii... — Porém parou quando percebeu de que estavam em minoria, e não por serem apenas adolescentes que roubaram a pistola de seu pai. Engolindo em seco, seu pomo de Adão subia e descia enquanto olhava para trás para Mishca. O desespero era claro em seus olhos.

— O.... olha, eu não... nós não...

— Chega — ele pegou a arma a seu lado — Implorar não vai te ajudar agora.

O irmão deve ter adivinhado o que ia acontecer porque começou a protestar em voz baixa, mas calou-se quando Vlad encheu sua boca com um trapo sujo, abafando seus sons de protesto.

Golpeando-o com o pé, ele chutou o loiro de costas até que estava quase ao lado de seu irmão. Apontando disse — amordace-o!

Se tivessem vindo apenas para confrontá-lo, então possivelmente poderia ter tido clemência. Aceitando o fato como a sua ideia distorcida de iniciação, ainda mais agora que estava mais comprometido com o trabalho. Não tinha sua posição porque era o filho do *Pakhan*, mas sim porque a mereceu. Uma vez que as estrelas estavam sobre o seu coração, esforçou-se dez vezes mais, sabendo que precisaria provar aos que pensavam que suas estrelas eram um direito de nascença.

Agora? Era respeitado e não podia deixar dois idiotas como estes arruinarem isso. As lições tinham que ser ensinadas.



— Traga-o.

Vlad e John lutaram com o irmão mais novo até que ele estava de joelhos em frente ao seu irmão, suas expressões espelhando um ao outro.

Não havia dois homens que reagissem da mesma maneira frente a uma possível execução. Alguns imploravam e suplicavam, tentando negociar uma saída, prometendo um montante obsceno de dinheiro ou algo que seu carrasco pudesse desejar. Outros ficavam em pé, parados — ou ajoelhados como neste caso — já aceitando seu destino, mas permanecia o medo em seus olhos, e até mesmo um pouco de arrependimento. Estes dois? Preocupavam-se mais um com o outro e Mishca usaria isso.

— Dê minhas lembranças ao Declan.

Mudando sua mira alguns centímetros, atirou no irmão mais novo no ombro, o impulso da bala o lançou de costas. Ele bateu no chão duro, gemendo de dor por trás da mordaça, mas ao menos estava vivo.

O loiro gemeu em protesto, dando puxões bruscos para chegar a ele, mas Vlad o manteve firme, sustentando-o no lugar. A camisa do mais novo já estava escurecendo com sangue, ficando cada vez mais encharcada.

— Não se preocupe — disse Mishca civilizadamente, enquanto limpava a arma de qualquer impressão digital, com a ponta de sua camisa — Seu irmão viverá, mas precisa ver um médico.



Agarrando sua mão, colocou a arma nela, envolvendo seus dedos ao redor. Ele pareceu não entender a princípio, olhando primeiro para a arma, como se fosse estranha para ele, e depois para Mishca.

— Deixe-o ir.

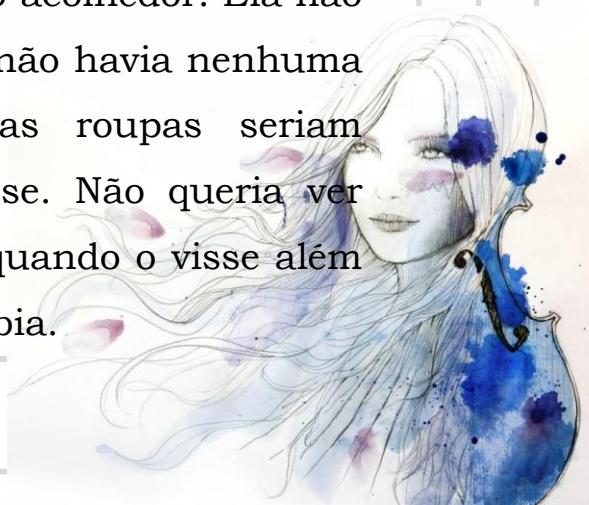
Vlad recuou, permitindo que ele se apressasse para ajudar seu irmão. Desculpou-se uma e outra vez, colocou os braços do irmão mais jovem em volta de seus ombros enquanto o levantava e o arrastou para fora do beco sem olhar para trás.

— Como você sabia que ele não ia atirar, Capitão? — Perguntou John quando guardou sua arma, olhando para Mishca de forma calculada.

— Seu irmão mais novo significa mais para ele do que impressionar o Declan. — Olhou ao redor e logo para sua roupa. — Limpem qualquer evidência.

Com essa ordem brusca, deixou seus homens no beco, retornando ao clube, indo para o bar pedir uma vodca para ele e uma soda com lima para Lauren.

Mishca a encontrou no seu canto, conversando com Amber sobre a batida forte do baixo na música. Quando o viu, iluminou-se, colocando seu cabelo detrás de sua orelha, e ele não pôde evitar lhe devolver o sorriso acolhedor. Ela não sabia nada sobre o que acabou de fazer, não havia nenhuma evidência nele — mesmo assim, essas roupas seriam queimadas — e não queria que soubesse. Não queria ver nenhuma outra expressão em seu rosto quando o visse além desse doce sorriso com que sempre o recebia.



— O que tomou tanto de seu tempo? — Perguntou quando estavam suficientemente perto para ouvi-la sobre a música alta.

Entregou-lhe o copo, tomando um gole do seu. — Longa história.



Capítulo 15

Novas Lembranças

Não havia nada como o inverno em Nova York. Embora nevasse com a mesma frequência que em Michigan, talvez até mais, havia algo na maravilhosa paisagem nevada que transformava Nova York em algo especial. As luzes piscando, os cristais pendurados em postes de luz, o gelo escorregadio que cobria os bancos do parque.

Mas, apesar da beleza que estava do lado de fora da janela de Lauren, ela estava muito preocupada para realmente apreciá-la. Teria se encantado de poder desfrutar do clima, sentir a neve gelada entre seus dedos, mas este dia em particular marcava um acontecimento que mudou para sempre sua vida e embora fosse mais velha agora, a dor nunca diminuiu, nunca demandou menos que toda a sua atenção.

Acordou às seis da manhã, dormindo um minuto, e acordando no seguinte. Era como um despertador interno que acontecia de despertá-la todos os anos, e crescia como uma dor física em seu interior. Assim em vez de sair e fazer bonecos, ou turismo pela cidade como originalmente faria assim que começasse a nevar, resignou-se a apenas deitar na cama.



De acordo com seu livro de psicologia, havia cinco etapas para o luto: o isolamento, a raiva, a negociação, a depressão e a aceitação. Cada ano, Lauren experimentou da primeira à quarta, mas a última sempre lhe escapava, não importava o quanto a desejasse. Com a aceitação, teria que enfrentar o inevitável.

Fazer as pazes com a morte de seu pai.

Parecia bom. Era algo que ela esperava obter um dia, mas esse dia não viria até que ela tivesse respostas. Não, ela não se lembra do que aconteceu naquela noite, mas o mistério de tudo foi um fator importante por que ela não poderia deixar passar. O dia em que os assassinos de seu pai fossem encontrados, finalmente começaria a avançar, mas até então, estava presa em um círculo que nunca terminava.

Vibrações em sua mesa de cabeceira chamaram sua atenção, fazendo com que percebesse que alguém estava ligando. Provavelmente era Susan checando-a. Ambas tinham suas próprias maneiras de seguir em frente.

Enquanto Lauren ficava de mau humor, Susan se jogava em suas costuras, ou talvez começasse a cozinhar sem parar. Normalmente só estariam separadas por uma escada, mas agora, estando a milhares de quilômetros de distância, tudo parecia ser maior, ao menos no que dizia respeito à ela.



Uma única lágrima caiu ao pensar em sua mãe, recordando os anos logo após o assassinato. Lauren sofria por ela, sabendo que ela tinha muitas lembranças de seu casamento e o tempo que viveram juntos, mas ela só tinha breves flashes de memórias, o esboço de um sorriso, o cheiro de sua loção pós-barba.

Pegando a imagem de sua mesinha de cabeceira, rolou sobre si mesma, segurando a foto contra seu peito enquanto tentava mandar sua mente de volta, querendo lembrar o que sentia nos braços de seu pai quando ele a abraçava. Nunca pediu nada, nem para Susan e nem mesmo para Ross, mas no fundo de sua mente, sempre desejou que tivesse um pouco mais de tempo, apenas o suficiente para que não precisasse se esforçar tanto para lembrar dele.

Lauren ouviu a porta da frente abrir e fechar. Não deu atenção, pensou que fosse Rob vindo ver Amber, mas quando vários pares de pés soaram fora da porta de seu quarto, olhou para cima surpresa.

Amber bateu, abrindo a porta para dar uma olhada. — L? — Ela hesitou, sabendo a razão pela qual Lauren esteve com um humor tão miserável durante todo o dia. Aventurou-se mais cedo, tentando animá-la, mas não a obrigou a sair da cama.

— Sim?

— Mishca está aqui. Eu hum.... Bem, apenas não quero mandá-lo embora. — Ela esperava que ele fosse capaz de ajudar.



Lauren piscou momentaneamente desconcertada enquanto pegava seu telefone, verificando as chamadas perdidas dele. Com certeza, as chamadas que ela presumiu serem de sua mãe eram realmente de Mishca.

Limpou seu rosto, disfarçando qualquer evidência de seu choro, mas sabia que era provavelmente inútil. Era uma chorona horrível. Seu rosto ficava vermelho e manchado, e seus olhos inchavam. Mas não ia correr para o banho e se arrumar. Hoje não se tratava de impressionar ninguém. Ela, entretanto, penteou seu cabelo para cima para tirá-lo de seu rosto.

Mishca tomou o lugar de Amber na porta, com uma expressão indecifrável enquanto a olhava. Seu cabelo estava afastado de seu rosto, as mechas rebeldes ligeiramente úmidas pela neve que caía lá fora. Ele ficou bastante tenso, com suas mãos enfiadas nos bolsos de seu casaco preto.

— Eu estava preocupado — disse depois de algum tempo — Queria ter certeza de que estava bem.

Lauren se sentou, ainda segurando a foto. — Eu estou bem. — A mentira que dizia, desde que compreendeu o que significava o dia de hoje, escapou de seus lábios com facilidade.

Ele assentiu, mas não parecia convencido. — Você realmente está bem? — Ela encontrou seu olhar, criando uma batalha de vontades. Ele não disse mais nada, não estava implorando para que respondesse, se não estava preparada, e ela apreciava isso. Mas o que ele não disse com



palavras, seu corpo demonstrou. Não, não a forçaria a responder, mas não a deixaria até que falasse com ele.

Mas o que poderia dizer quando seus pensamentos estavam em crise? — Eu estarei bem melhor amanhã.

Um músculo tremeu em sua mandíbula, mas não era de irritação. — Quer que eu vá embora, então?

Lauren o observou. Mishca a observou. Ela decidiu antes que ele pudesse dar um passo para trás.

— Não, eu quero que você fique.

Entrando no quarto, fechou a porta, tirou seu casaco, e o colocou sobre o encosto da cadeira. Movendo-se, ela cedeu espaço em sua cama para que ele pudesse sentar, checando para ter certeza de que não havia nenhum lenço de papel usado.

Ele tirou suas botas, subindo na cama e deslizando para trás até que suas costas estavam contra a cabeceira. Então, abriu seus braços. Ela sorriu, sentindo as lágrimas em seus olhos. Neste momento, não o trocaria por ninguém no mundo. Como podia recusar o que ele estava oferecendo? Ela se aninhou em seu peito, apoiando a cabeça em seu ombro, e o abraçou pela cintura.

Podia sentir a frieza de suas mãos através de sua camisola, mas o resto dele estava surpreendentemente quente. Escutou a batida constante de seu coração, deixando que silêncio se assentasse entre eles. Mas ele pareceu notar sua mudança enquanto passava suas mãos para cima e para baixo em suas costas, as lágrimas caindo lentamente.



Esse conforto foi sua ruína. Guardou isto, toda a dor, a raiva, a frustração, engarrafada em seu interior, com muito medo de ter que enfrentar verdadeiramente tudo isso. Mishca não se queixou de como o agarrava com força, encharcando sua camisa com lágrimas. Seu telefone tocou insistentemente, mas apenas o tirou de seu bolso e o desligou. Depois de algum tempo, Lauren tinha certeza de que seus soluços se acalmaram o suficiente para que se tentasse falar, soaria razoavelmente compreensível.

Esta não era uma conversa que esperava ter, não queria ver piedade em seus olhos. Era inevitável, e Lauren podia entender porque as pessoas reagiam assim, mas há uma diferença entre a empatia e a compaixão. Era pena que odiava ver.

Inalando e exalando com força, levantou o porta-retratos, que ainda segurava com força em suas mãos, mostrando a fotografia no interior. Era uma velha foto polaroide[45], uma das últimas fotos que tirou — por isso sabia — com seu pai. Eles estavam na praia, ela sentada em seus ombros. Segurava um balde cheio de conchas no ar, com um sorriso triunfante, mostrando que faltavam seus dois dentes da frente. Ele sorria assim também, seu cabelo castanho claro desordenado, seus olhos dourados, que herdou, olhando para ela. Eles pareciam tão felizes, tão livres.



[45] Polaroid (marca da Polaroid Corporation) é o nome de um tipo de plástico que serve para polarizar a luz. Construíram a primeira câmara fotográfica comercial de impressão instantânea, Câmera Polaroiad, e as fotos tiradas com ela levavam seu nome.

— Meu pai. Ele mu... — engolindo o nó na garganta, tropeçando com a palavra — ...morreu quando eu era pequena.

A mão de Mishca se deteve brevemente em suas costas e ele pareceu ficar tenso debaixo dela quando inclinou o porta-retratos para ter uma visão mais próxima. Talvez estivesse chocado por sua declaração.

— Eu sinto muito. — Ele parecia sincero, diferente dos rostos conhecidos em Michigan, que se encolhiam quando a viam, pensando que ela queria que eles se desculpassem a cada vez que se viam.

Assentiu contra seu peito.

— Hoje é o aniversário de sua morte.

Ele suspirou, apoiando seu queixo sobre sua cabeça, murmurando suaves palavras em russo. Não era assim que imaginou lhe contar. Sabia que o tema chegaria eventualmente, e já tinha planejado o que ia dizer — o mesmo que disse a Amber — mas a diferença era que agora tudo estava saindo, abruptamente.

— Disseram-nos que foi uma tentativa de roubo que deu errado ou algo assim. Os homens que fizeram isso nunca foram capturados, mas não houve muita evidência de qualquer modo.





Apesar das promessas de Ross de encontrar o cara que fez isso, ao longo dos anos, as pistas se perderam, e ficaram com nada mais que especulação. Houve momentos em que ela foi gritando à delegacia, exigindo respostas, gritando a qualquer um que visse para fazer algo, qualquer coisa para pegar os maus elementos, mas não havia nada mais que eles pudessem fazer. Um dos detetives sempre chamava Ross e ele a levava para casa, consolando-a o melhor que podia enquanto ela chorava no banco do passageiro.

Depois de um tempo, Lauren se sentiu culpada. Desde que seu pai morreu quando tinha cinco anos, como não haviam encontrado um suspeito nos últimos onze anos, não tinha muito o que Ross pudesse fazer. Ele continuou trabalhando incansavelmente, todas as horas da noite, querendo lhe dar suas respostas, porque sentia que ela merecia. Finalmente lhe pediu para parar, quando começou a passar mais tempo procurando nos arquivos da polícia que desfrutando de seus dias de folga em casa.

— Só tinha cinco anos nesta época e não me lembro de muita coisa. — Ficou olhando um botão na parte da frente de sua camisa. Não se lembrava da noite ou do tempo antes dela.

— E é por isso que você sente isso ... culpa, porque você não se lembra do seu pai.



Quando ele disse as palavras que a atormentaram durante anos, ela concordou. — Eu gostaria de poder. — E não importa o quanto tentasse trazer essa noite de volta a sua mente, a cada vez sentia-se mais longe.

Mishca se moveu assim eles estavam cara a cara de novo.

— Do que é que você se recorda sobre ele?

Voltou a olhar a foto, sorrindo com nostalgia.

— Lembro apenas de que ele me amava mais do que qualquer outra coisa no mundo.

— Então isso é tudo o que importa — ele disse gentilmente — eu sei o que é perder um ente querido, *moy dorogoy*, e às vezes ter apenas uma vaga lembrança é o melhor.

— Quem você perdeu? — Perguntou cautelosamente.

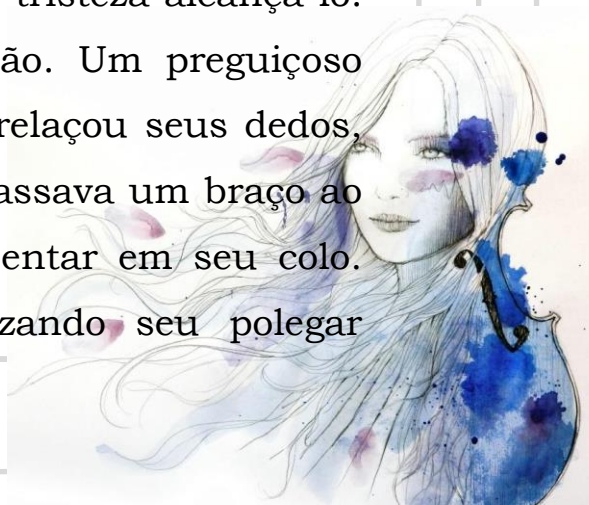
— A minha mãe.

— Sinto muito — disse em resposta.

Ele beijou sua testa, apoiando sua cabeça contra a cabeceira da cama enquanto olhava para o teto.

— Ela me ensinou que a vida era cruel, mas era para eu ser forte e perseverar. Não importa o quão ruim se pareça às vezes, teria que aprender com isso.

Lauren se levantou, sentindo sua tristeza alcançá-lo. Tirando a foto, ela estendendo-lhe a mão. Um preguiçoso sorriso curvou os lábios dele quando entrelaçou seus dedos, beijando o dorso da sua mão enquanto passava um braço ao redor de sua cintura, puxando-a para sentar em seu colo. Empurrou seu cabelo para trás, deslizando seu polegar



debaixo de seus olhos para enxugar as lágrimas. Pegando sua mão, inclinou-se para frente, pressionando sua boca na dele, tentando transmitir seus sentimentos nesse simples ato.

Ele assumiu o controle do beijo como sempre fazia. Sua língua deslizou para fora, enrolando com a dela. Aproximou-se mais dele, gemendo em sua boca enquanto sua mão ia mais para baixo, puxando-a rente a ele.

Depois de alguns momentos, ele se afastou um pouco, sussurrando — Tenho uma ideia.

Se isso significava que parariam por aqui, não estava segura se queria. — Qual?

Mishca colocou-a a seu lado, pegando seu telefone, deixando-a confusa enquanto saía do quarto. Lauren olhou com desconfiança para suas costas, perguntando-se o que ele estava planejando. Não podia ouvir a conversa que estava tendo, mas quando voltou parecendo triunfante, olhou-o esperando por uma explicação.

Ele sorriu ante a expressão em seu rosto. — É uma surpresa. Levante-se e vista uma roupa bem quente. — Com isso, ele lhe piscou e saiu de seu quarto.

Pensando em todas as possibilidades, Lauren pegou um par de jeans e seu suéter verde favorito, trocando-se rapidamente. Calçou um par de pesadas botas, agarrou seu casaco e seu cachecol, e se reuniu com Mishca na sala de estar antes de saírem.



IN THE BEGINNING

VOLKOV BRATVA 1

Um vento gelado soprava na noite, queimando o rosto de Lauren. Flocos de neve caíam suavemente no chão e nuvens pesadas se dispersavam com o passar do céu noturno. Mishca pressionou um botão no chaveiro, destravando o Range Rover estacionado a alguns quarteirões abaixo. Carros ao longo da rua estavam cobertos de neve, um caminho feito entre eles por uma máquina limpa-neve.

— Onde está Vlad? — Perguntou Lauren enquanto subia no banco do passageiro, esfregando as mãos.

— Eu dei a noite de folga para ele. — Apertou um botão para ligar o carro, girando alguns outros para ligar a calefação ao máximo.

Saíram à rua quase deserta, dirigindo-se para a cidade. Era quase dez horas em uma terça-feira à noite, e devido à neve, o tráfego era mínimo.

Mishca estacionou perto das Avenidas 59 e 6ª, perto do zoológico no Central Park. Pulou do carro, dando a volta para abrir sua porta. Ela pegou sua mão e saltou, quase caindo quando escorregou no gelo. Ele sorriu, segurando-a firme. Já era muito tarde da noite para que fossem ao zoológico, sabia disso, mas o que ele teria planejado?

— Mish, o que estamos fazendo aqui? — perguntou pegando sua mão.

— Estamos quase lá.



Levou-a do outro lado da calçada, em direção à escada. A neve cobria por completo a grama uma vez vibrante. A água congelada presa à borda do lago, formando intrincadas figuras de pingentes de gelo que brilhavam como cristais.

Quanto mais se aproximavam do nível inferior, mais brilhantes eram as luzes artificiais que se viam, brilhando sobre a....

— Não acredito — disse Lauren — uma pista de gelo.

Ele pareceu orgulhoso por sua escolha. — É agradável, não é? Alguma vez patinou sobre o gelo?

— Nunca fiz patinação de nenhum tipo.

— Então aprenderemos juntos. Pegarei os patins se me esperar aqui.

De uma cabine perto da entrada da pista, Mishca alugou um conjunto de patins, e Lauren se sentou nos bancos, olhando para os outros patinadores. Havia uma família de quatro pessoas ao longo da parede leste, os pais ensinando a suas filhas a patinar. A mais jovem das duas caiu, aterrissando duramente sobre o gelo, mas não chorou, em vez disso, limpou as calças e começou de novo.

— Não se preocupe — disse Mishca juntando-se a ela — Só te deixarei cair duas vezes.

Lauren desatou os cordões, tirando suas botas.

— Esperemos que você não tombe comigo.



Ele riu, e quando os dois colocaram seus patins, ajudou-a a entrar na pista. Agarrando-se em seus ombros, ela deu pequenos passos, tentando não olhar para os casais que passavam rapidamente por eles, provocando-a por mal se moverem alguns centímetros de onde começaram.

— É só você e eu aqui. — disse, segurando em sua cintura. — Ignore todo o resto.

— Sério, eu não quero cair — disse, olhando para seus pés cautelosamente.

Sorriu, travesso. — Use a dor como uma lição de aprendizagem.

Ela bateu em seu braço, quase tropeçando enquanto ele evitava o golpe. — Você não é engraçado.

À medida que a noite avançava, pensou menos no que perdeu e mais no que havia ganho. Uma vez que pegou o jeito, ao menos o suficiente para manter seu equilíbrio, giraram em círculos no centro da pista, com flocos de neve intrincados caindo a seu redor como se estivesse chovendo estrelas. Pela primeira vez, esta noite significou algo mais para ela, uma noite que tinha agora muito melhores memórias que durariam toda sua vida.

— Obrigado por isso — sussurrou, sorrindo.

Ele pressionou seus lábios em sua testa, segurando-a perto. — *Vse duly vas, moy dorogoy.*[46]



[46] Tudo por você, minha querida.

Capítulo 16

Ação de Graças

— Pensei que Ross viesse — Lauren disse quando estava ao lado de sua mãe, cortando batatas. Ela podia não ser uma grande cozinheira, mas ajudava com a preparação.

— Tem um novo caso. Já sabe como ele fica.

O voo de Susan aterrissou há seis horas, e apesar da demora e do tempo que passou no avião, estava agitada, correndo pela cozinha para terminar o último de seus pratos. Não fizeram um peru, pois sua mãe tinha muito medo de deixá-la cozinhar depois do incidente do ano passado, portanto compraram um pronto.

O fogão estava cheia de comida. Tortas, guisado de feijão verde, pães caseiros, milho. Tudo o que poderiam comer estava ali.

Lauren parou de cortar, olhando para toda a comida.

— Não acha que fomos um pouco exageradas, mãe? Somos apenas nos três.

— Nunca será muita comida, querida. Além disso, quando eu for embora ainda terá o que sobrar. Deus sabe o que você tem comido. — Deu um olhar aguçado aos menus da geladeira.



— O quê? — Seu estômago não era plano como o das modelos da Vitória's Secret, mas também não era gordinha. Ao menos acreditava que não.

— Deixe-me adivinhar. Comida para viagem, hambúrgueres, porcarias... Estou perto?

Lauren riu de verdade. — Talvez alguns, mas Amber cozinha muito bem.

— Graças a Deus por isso. Afinal, a que hora ele chegará?

— Eu disse a ele por volta das seis. — Olhou o relógio. — São cinco agora. Susan deixou o descascador, limpando uma fina capa de suor de sua testa.

— Vou tomar um banho rápido.

— Está bem. Eu posso lidar com isso.

Susan parecia tão assustada com a perspectiva, ficou congelada em seu lugar, com os olhos arregalados. Lauren fez uma careta, apontando o descascador para ela.

— Vamos lá, é apenas um purê de batatas. Deixou-me fazer isto antes.

— E de algum jeito você conseguiu fazer com que ficasse mais doce que a torta de maçã.

Ela revirou os olhos e se virou para a pia. — Isso foi apenas uma vez e eu te disse, pensei que estivesse usando o sal.

— Querida, se tivesse usado a mesma quantidade de sal que usou de açúcar, teria nos deixado com a pressão alta.



Às quinze para as seis a campainha tocou. Depois de um último olhar no espelho, Lauren correu para a porta, ignorando a suave risada de Susan quando abriu a porta com muito entusiasmo. Mas valeu a pena, ver Mishca de pé do outro lado, segurando um buquê de rosas brancas.

— Estas são para sua mãe — sussurrou enquanto entrava.

Ela sorriu, seu coração se reconfortando diante seu gesto. — Você lembrou.

Semanas atrás, depois de buscá-la uma noite no trabalho, ele perguntou qual era a flor preferida de sua mãe. Deveria saber que faria algo assim.

— Eu nunca esqueceria. — Deu-lhe um rápido beijo na têmpora, passando por ela, tirando o casaco e pendurando-o no gancho.

— Obrigado por vir — disse.

— Não há outro lugar onde prefira estar.

— Oh, o que vocês dois estão fazendo aqui? — Perguntou Susan enquanto virava a esquina do corredor — Não o retenha... Mishca — disse o nome em voz tão baixa, tão abruptamente que ambos olharam para ela com surpresa.

Seu sorriso desapareceu por um momento, recuperando-se, deu outro enorme, um que usava socialmente, parecendo mais com uma careta. Secou as mãos na parte da frente de sua calça, estendendo uma a Mishca. Podia-se ver o ligeiro tremor que percorria seu braço.



— Olá, sou Susan, a mãe de Lauren. Você deve ser Mishca Volkov.

O jeito que disse seu nome fez Lauren pensar. — Mãe, você conhece o Mish?

Mishca limpou a garganta. — Não, não acredito que tivemos esse prazer.

Mas sua voz tinha vestígios de... alguma coisa. O que estava acontecendo?

— Mamãe?

Susan pareceu livrar-se de qualquer névoa em que estava imersa, recobrando a compostura.

— Só estou surpresa querida. Não esperava que ele fosse tão... alto.

— Mas como você sabe o nome dele? Eu não acho que eu tive a chance de te dizer.

Ela riu, apesar de parecer estar tensa. — Você disse. Acredito que me recordaria de um nome como Volkov. — Uma última coisa foi dita a Mishca, seu olhar decidido conforme encarava-o com relativo rancor.

Ele não parecia preocupado, entretanto Lauren pensou ter visto o músculo de sua mandíbula saltar.

— Se me derem licença. — Susan caminhou rapidamente para a cozinha sem olhar atrás, deixando-a mais confusa que nunca.

— Eu sinto muito — desculpou-se, não sabendo exatamente pelo que se desculpava. — Ela estava bem há uns minutos, emocionada por te conhecer. Eu... nem..., me dê um segundo.



Lauren foi â cozinha e pegou uma jarra da parte superior do balcão para pôr as flores. Quando terminou, viu Susan assassinando uma batata.

— Mãe?

Susan não pareceu escutá-la em um primeiro momento, concentrada inteiramente em sua tarefa. Somente após chamá-la novamente, com a voz mais alta, foi que finalmente olhou para cima.

— Sim?

Lauren franziu a testa enquanto gesticulava de volta para a sala, onde Mishca continuava esperando. Manteve sua voz baixa. — O que foi aquilo?

A mãe olhou de para a pia. — O que quer dizer? — Não a olhou nos olhos porque sabia que ela seria capaz de ver a verdade em sua expressão. Eram os mais terríveis dos mentirosos.

Lauren empalideceu.

— Por favor, não me diga que vocês dois tiveram um caso. Além do fato de que estou saindo com ele, isso seria grave. O que Ross diria?

Isso foi o suficiente para romper a tensão na cozinha quando Susan riu.

— Não. Eu falei, você me disse seu nome uma vez. Não posso fazer nada se você tem péssima memória. Agora, peça a ele que venha ajudar a pôr a mesa. Estou quase terminando o jantar.



Mas Lauren não podia simplesmente ir embora. Havia mais nisso do que Susan queria contar, ela tinha certeza de que nunca mencionou Mishca pelo nome.

— Mãe, há algum problema? Pode me dizer.

Susan suspirou, envolvendo Lauren em um abraço.

— Só queria que seu pai estivesse aqui.

A compreensão chegou até Lauren quando devolveu o carinho.

— Tenho certeza de que ele está nos olhando agora. Você acredita que ele teria aprovado o Mish?

Susan sorriu, com os olhos lacrimejando.

— Para sua preciosa menina, claro que não, mas nunca se sabe. Poderia ter gostado, suponho que teremos que ver isso no jantar. Agora, deixe-me terminar para que possamos comer.



Lauren pôs a mesa para três com a ajuda de Mishca, levando os pratos com a comida. Ele estava atipicamente silencioso, perdido em seus pensamentos e seguindo suas instruções. Tentou não pensar muito em seu comportamento estranho, mas uma pequena parte dela estava relutante em esquecer o assunto.



Susan se sentou à cabeceira da mesa, Lauren e Mishca um ao lado do outro. Eles deram as mãos enquanto Susan agradecia.

— Obrigado pela comida que estamos a ponto de receber. Sei que o pai de Lauren... — Os dedos de Mishca apertaram imperceptivelmente ao redor dos de Lauren — estaria tão orgulhoso como eu estou de tudo o que ela conquistou. Amém.

Parecia que este jantar estava indo de mal a pior. Enquanto as travessas eram passadas e eles se serviam, ninguém dizia uma palavra. Era como se uma nuvem escura estivesse sobre eles, absorvendo toda a alegria da sala.

— Não posso aguentar mais — disse Lauren — O que você sabe que eu não sei?

— Lauren...

— Acredito que a minha reputação me precede. — Interrompeu Mishca com um sorriso autodepreciativo, embora seus olhos continuassem duros. — Você é a primeira pessoa que nem sequer sabia o meu nome.

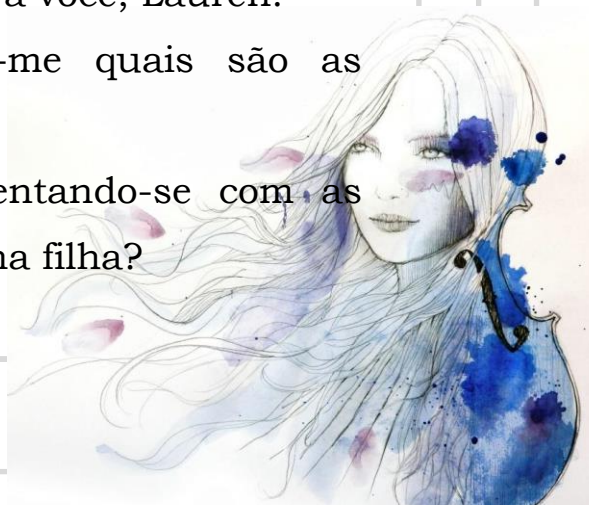
— Mas minha mãe sabia? — Perguntou secamente — Em Michigan?

Encolhendo seus ombros. — Isso acontece.

— Eu só quero o que é melhor para você, Lauren.

— Então, por favor, pergunte-me quais são as minhas intenções. – disse ele.

Susan limpou sua garganta, sentando-se com as costas retas. — O que você quer com minha filha?



— Sua companhia. Eu gosto de pensar que ela me faz ser uma pessoa melhor.

— E, o que a sua família acha disso? Como se sentem a respeito desta relação?

Para Lauren faltava algum detalhe importante, mas não sabia qual era. — Eu ainda não conheci sua família.

— Por falar nisso, convidaram-na para as férias de natal, se ela não for passá-las com você.

— Não...

— Sim — disse Susan com um gesto definitivo — ela estará.

— As férias são de três semanas, mãe. Posso passar metade com você e o resto com Mishca.

— Não acha que é um pouco cedo? — Perguntou Susan, seus olhos atormentados enquanto olhava para sua única filha.

O medo que viu aí deu a Lauren um descanso.

— Mesmo assim ainda quero ir. Quero conhecê-los.

Quando não pôde pensar em qualquer outro argumento, Susan ficou em silêncio. Lauren sabia que ela queria dizer algo mais, mas claramente não queria esticar o assunto, porque sabia que não adiantaria nada. A teimosia tinha sido herdada.

— Se me derem licença um minuto — disse Lauren olhando para os dois, indo até seu quarto para pegar o telefone. Talvez em sua ausência, eles pudessem falar sobre o que quer que fosse.



Mishca limpou sua boca com o guardanapo, colocando-o sobre a mesa e voltou sua atenção em Susan. Ela estava esperando, ele sabia, até que Lauren não pudesse escutá-los.

A primeira vez que a viu, não a reconheceu imediatamente, centenas de pessoas entravam e saíam de sua vida todos os dias, mas quando disse seu nome com tal desprezo óbvio, soube imediatamente. Não foi fácil lembrar que ela era a esposa do Doc, que era como ele a conhecia.

Tinha-a conhecido.

Era uma noite fria de outono, Mishca estava com seu braço costurado depois de um acidente no parque infantil. Por sorte, Doc estava na cidade por uns dias e foi capaz de encontrá-los na mansão. Só levou uns quinze minutos, quinze pontos de sutura ao todo, mas enquanto isso, um enigma surgiu.

Ele ouviu gritos, palavras rudes abafadas dentro da sala. Doc olhou para cima, piscando quando terminou de enfaixar seu braço.

Ele não teve a chance de lhe agradecer antes que a porta fosse aberta e o segurança de seu pai os olhasse.

— Vamos — disse Anthony a Doc — O *Pakhan* quer te ver.



O rosto do Doc empalideceu enquanto ele ajustava a gravata, saindo do quarto. Catja, apareceu alguns segundos depois agarrando a mão de Mishca levando-o para fora da casa, como sempre fazia quando seu pai estava fazendo negócios.

Estavam quase na porta da frente quando a viu. Era muito mais jovem, com o cabelo mais longo e um ou dois tons mais escuros. Ladeada por dois dos maiores seguranças que trabalharam na mansão, parecendo ainda menor do que já era.

Seus olhos se encontraram, os marrons assustados com os azuis curiosos. Ela se abraçava apertado, como se tentasse esconder a si mesma.

— Mishca — sua mãe o repreendeu por olhá-la fixamente.

Nunca apreciou se esconder atrás das saias de sua mãe. Erguendo a cabeça, dirigiu-se à mulher misteriosa, fazendo como seu pai lhe instruiu.

— Eu sou Mishca Volkov.

Seu medo se desvaneceu, ao menos o suficiente para lhe dar a mão, mas ela deu um passo para trás quando Mikhail entrou na sala.

— Pai, quem é esta mulher?

Mikhail apoiou a mão em cima do cabelo de Mishca, seu olhar frio indo de Doc à mulher. — Acredito que é a esposa do doutor Thompson, não é mesmo?

Essa foi à única vez que a viu, até esta noite, mas dificilmente esquecia um rosto.



— Não sei o que você quer — ela começou com a voz quase um sussurro — ela não sabe de nada, eu juro. Por favor, não a machuque.

Ele teve que ranger os dentes para manter a calma. — Eu nunca a machucaria.

Ela o olhou furiosamente. — Vocês levaram meu marido, seu pai. Não vou deixar que isso aconteça a ela também.

Apoiou as mãos na mesa, olhando-a a queima roupa, assegurando-se de que entenderia suas próximas palavras com clareza.

— A morte de Doc não tem nada a ver com a *Bratva*, se tivesse, não teríamos tomado cuidado com as pontas soltas?

Levou um segundo para compreender o que ele dizia, mas quando o fez, seu rosto ficou vermelho.

— Você era apenas um menino, poderia saber?

Ignorou isso. — O que te faz pensar que fomos nós?

— Ele foi testemunha de alguma coisa, algo para sua família. Eu...

— Do que vocês dois estão falando? — perguntou Lauren voltando para a sala.

Susan se fechou, sua fachada despreocupada aparecendo, mas ele viu pelo o que isso era.

— Sua mãe está preocupada com a sua segurança. — Viu-a endurecer, os olhos brilhando. — Eu disse a ela que você tem a minha proteção.



Essas palavras significavam uma coisa para Lauren, mas para Mishca e ela... Entendeu o significado oculto. Ela não gostava dele — que mãe iria? — mas não podia interferir sem revelar o que sabia. Até que Lauren se afaste dele por sua conta própria, não havia nada que pudesse fazer.



Duas semanas depois...

Quando Mishca olhou para cima, Lauren cochilava tranquilamente, com os lábios entreabertos. O livro de psicologia que lia ainda estava aberto em seu peito, sua caneta pendurada em seus dedos soltos. Sorriu ao vê-la tão relaxada em sua cama e pensava nela deitada ali noite após noite, se ela queria.

Fechou o livro, colocando-o no chão ao lado da cama junto com a caneta, finalmente a cobriu com uma manta. Ela esteve estudando arduamente pelas últimas três horas — era muito melhor aluna que ele quando estava na universidade — assim merecia um descanso.

Mishca estava tentado a descansar também, deixando a papelada para outra noite, mas seu Blackberry tocou. Era um número estrangeiro, o mais provável era que fosse seu pai chamando de um telefone descartável. Se fosse isso, significava que era negócio *Bratva*.



Saiu do quarto, fechando a porta em caso de Lauren acordar. Olhando para trás, checou-a antes de atender a chamada.

— Sim? — Respondeu.

—Precisamos nos encontrar, nosso local na Cozinha do Inferno. Uma hora.

Mikhail desligou antes que Mishca pudesse dizer uma palavra, o celular pré-pago, provavelmente o jogou no lixo. Detectou um tom de raiva na voz dele e isso só podia significar uma coisa.

Alguém estava invadindo seu território.

Mishca enviou um texto rápido par Vlad. Colocou seus sapatos e vestiu seu casaco. Antes de sair de seu quarto, deu um beijo na têmpora de Lauren, cuidando para não despertá-la. Só esperava que pudesse limpar o sangue de sua roupa quando retornasse.



Mishca chegou na cena primeiro, encostado a um poste de luz, desejando ter uma bebida. Apesar de ser três em ponto, ainda era muito cedo para lidar com esta merda. Vlad estava na esquina, certificando-se de que ninguém que não estava autorizado viesse por trás do armazém, onde ele estava esperando.



IN THE BEGINNING

VOLKOV BRATVA 1

Espalhados no beco estavam dois corpos, seus membros caídos em ângulos estranhos, ambos com dois buracos de bala no peito. Não havia cápsulas que Mishca pudesse ver, e julgando quão perto os tiros foram, tinha que ter sido um assassino profissional. Sem dúvida, experiente. Mesmo para um beco, isso estava muito limpo. Havia uma série de pistoleiros na folha de pagamento de Mikhail, mas não tinha ideia de quem fez isto.

Ele manteve as mãos nos bolsos, acompanhando atentamente cada movimento que fazia apenas no caso de tudo não ter sido removido. Não tinha certeza se eles chegaram aqui primeiro, ou se a polícia foi contatada, mas de qualquer forma, era melhor prevenir do que remediar, e isso precisava de ser limpo rapidamente.

Ouviu passos suaves de caros sapatos de couro italiano bem atrás dele. Não precisou se virar para saber que Mikhail e Viktor acabavam de chegar.

— Eles não são nossos — disse Mishca enquanto apontava, mostrando as tatuagens em seus antebraços. — Parece que Declan está saindo para jogar.

Declan O'Connell era o único herdeiro do império de seu pai, muito parecido com Mishca, embora tecnicamente fosse segundo na linha de sucessão, mas só havia uma pequena diferença entre eles. O grupo em que concorriam.



Haviam diferentes organizações que lutavam pela venda na cidade de Nova York, grandes como a Coisa Nostra e a *Vory v Zakone*, mas para cada uma, tinha divisões menores espalhadas ao redor das cidades, e inclusive através dos estados. Entretanto, Declan pertencia à família O'Connell, parte da máfia irlandesa em cima de Staten Island.

E suas famílias se odiavam.

Tinham uma grande rivalidade, a luta constante pelo poder os mantinha em guerra. Ao mesmo tempo, seus pais tinham um entendimento bastante... Mútuo para conservar a paz, mantendo seus negócios em segredo para não atrair a atenção dos federais, mas enquanto que Mishca entendeu as regras e seguiu o exemplo de seu pai, Declan não se preocupava com elas.

Mishca e ele tinham a mesma idade, mas Declan prosperou em meio ao caos de tudo, tratar a sua posição como um filme de máfia ruim. Não se preocupava com os custos ou consequências, deixava destruição em qualquer lugar que fosse. Não selecionava cuidadosamente quem trazia, ao invés de contratar alguém de confiança para um trabalho, deixava seus negócios abertos para que qualquer um pudesse se infiltrar.

Mishca pensou nos dois que enfrentou fora de seu clube. Pensou a princípio que era apenas um truque para irritá-lo, mas agora parecia que Declan estava tentando enviar uma mensagem. Mas, o que ele poderia estar tentando



provar ao matar seus próprios homens e deixá-los em sua porta?

— Duvidoso —Viktor interveio, esfregando seu cavanhaque — ele é apenas uma criança, não?

Mishca fez uma careta. Viktor era da velha escola, negando-se a acreditar que alguém com menos de cinquenta anos era de valor quando se tratava de negócios. Mishca aceitou, não só porque Viktor era seu tio, mas sim porque seu dinheiro e o poder falavam por si mesmo.

— Ele tem um suprimento infinito de armas e idiotas que estão dispostos a trabalhar para ele. — Mishca mexeu em uma das pernas dos homens mortos. — O que fará com isto?

— Não foi por isso que te chamei aqui — disse Mikhail abordando ambos. — Me siga.

O interior do armazém estava maduro com o cheiro de cadáveres e ao contrário do lado de fora, o chão do lugar estava cheio de caixas, balas não utilizadas, e manchas cor de ferrugem no chão.

Já sabendo o que esperar, Mishca colocou um par de luvas de borracha que Viktor lhe entregou, conferindo o gatilho de sua arma em suas costas, sempre preparado para algo ou qualquer pessoa.

Passaram por cima dos corpos, Mikhail suspirando com a visão. Não era remorso, mas estava nervoso com a quantidade de trabalho que precisa ser feito.

Subiram as escadas para o telhado, saíram e viram o homem que fez uma ameaça à Mishca.



Era Abram Aganoff, esparramado no chão como os outros, com sua arma ainda na mão. A única diferença era que tinha uma ferida de bala na cabeça.

Seus olhos estavam abertos, vazios, olhando para cima como se pudesse ver o céu. Embora, fosse mais que provável que nunca veria esse paraíso com seus pecados. Sua pele era de um tom pouco natural, a temperatura de congelamento tornando partes de seu corpo azul.

— Há quanto tempo ele está aqui? — Mishca perguntou examinando o resto do telhado.

Viktor olhou seu relógio. — Não ouço falar dele há algumas semanas.

— Chame Droija, diga-lhe que necessitamos de seus serviços. — Quando Viktor se afastou para seguir a ordem, Mikhail virou-se para Mishca. — Escutei que trará a garota para o jantar.

Maldita fosse Alex e seu bocão. Mishca tentou não parecer preocupado. — Isso é um problema?

Seu pai não respondeu imediatamente, apenas o estudou, daquela estranha maneira que fazia. — Espero que saiba o que está fazendo, Mishca. Se souber sobre seu pai...

— Não saberá. — Apesar que parecia que tudo se deslocava pouco a pouco para a superfície. Vendo Susan novamente... — Nós estaremos na mansão no final da semana.

— Cuide da família — advertiu Mikhail, acenando para seus homens para que trouxessem o carro. — Todo mundo está vindo.



Capítulo 17

Solar Volkov

— Não é tão grande, amor.

Lauren não tinha nenhuma dúvida de que Mishca era rico. Era uma suposição bastante simples pelas roupas que usava, sua segurança pessoal, caramba, até mesmo seu apartamento, mas não estava totalmente preparada para seu patrimônio familiar.

Quando começaram o sinuoso caminho pelo atalho de pedra até sua casa de infância, tentou não ficar boquiaberta com o tamanho da mansão estilo Tudor, ou os acres de terra.

Chegaram ao topo, circulando uma enorme fonte de pedra. Uma estátua da Virgem Maria se situava no centro do lago de água congelada, blocos de gelo reluzentes se formaram em suas mãos, no lugar de onde se supunha que a água deveria fluir. A neve que o rodeava causou um efeito caleidoscópio, lançando cores no entorno branco.

A propriedade estava isolada, seus vizinhos a mais de um quilômetro de distância. Mesmo o bosque dos arredores era o suficientemente denso para que através das árvores, uma pessoa não pudesse ver nada mais que a neve e as cascas das árvores.



Mishca mencionou que outros membros de sua família na Rússia viriam também, mas Lauren não viu nenhuma evidência deles, já que seu carro era o único no caminho de entrada. Talvez eles fossem os primeiros a chegar.

Vlad e Mishca abriram suas portas ao mesmo tempo, Vlad foi para o porta malas para pegar suas malas, Mishca deu a volta no carro para lhe abrir a porta. Tentou se acalmar, puxando as extremidades de seu cachecol quando lhe ofereceu a mão, levando-a até os degraus de pedra da porta de carvalho. Quando tocou a campainha, o contundente som ecoou em toda a casa.

— Não há necessidade de se preocupar — sussurrou Mishca tranquilizadoramente. — Vou manter os lobos presos.

Ela apertou sua mão em sinal de gratidão. Um mordomo vestido impecavelmente lhes abriu a porta, dando um passo para um lado permitindo que entrassem.

— Senhor, senhora — disse saudando-os, inclinando a cabeça — O senhor e a senhora Volkov estão no estúdio aguardando sua chegada. Posso pegar seus casacos?

— Obrigado, Albert — disse Mishca entregando os casacos. Logo depois de outro movimento de cabeça, Albert tinha ido.

— Isto é incrível. — Sussurrou Lauren com assombro enquanto observava o impressionante interior.



Uma escada em espiral conduzia ao segundo andar, um lustre de cristal enorme estava pendurada no teto, atraindo a atenção, tanto para ele quanto para a pintura inspirada no renascimento, o chão era de um mármore negro, onde se via linhas na cor dourada.

— Venha, vamos dar uma volta mais tarde.

Ele a levou por um longo corredor, mostrando vários retratos de família pendurados, com molduras de ouro, parando ao chegar ao de uma mulher com um longo e farto cabelo preto. Tinha um sorriso amável, e Lauren sabia quem era antes de que Mishca dissesse seu nome. Os mesmos olhos eram os mesmos.

— Catja, minha mãe — disse com tanto orgulho e adoração, que Lauren não se daria conta da tristeza com que Mishca a olhava, se não o tivesse observando cuidadosamente.

— Ela era linda.

— Era — disse ele em frente ao retrato de novo. — Tento recordar a pessoa que era antes de adoecer, para não esquecê-la.

— Lembre-se que ela o amava. É tudo o que importa. — Isso o fez sorrir, trocando seu estado de ânimo sombrio quando a abraçou. — É uma bonita pessoa, *moy dorogoy*.

Por um segundo, a culpa ofuscou a dor em seus olhos, mas Lauren não tinha ideia do porquê sentia essa emoção.

— Aham!



O momento se rompeu quando Anya apareceu no corredor, olhando entre eles, e logo mais à frente, para o retrato. Fez uma careta de desgosto, mas rapidamente ocultou seus verdadeiros sentimentos, sorrindo para Lauren.

— Lauren, bom vê-la novamente. Mishca, seu pai está esperando.

E assim, os olhos de Mishca se limparam, mas Lauren não pôde notar a mudança, agora que o sangue corria por seus ouvidos e o coração pulsava em um ritmo selvagem. Este era o momento que tinha esperado e temido tanto.

O estúdio do pai de Mishca mostrava a verdadeira decadência do estilo Tudor. As paredes estavam todas recobertas de madeira, só deixando nuas as janelas que permitiam uma vista da fonte. Também havia estantes, com pilhas de livros encadernados em couro ao longo das prateleiras. Alguns pareciam mais velhos que outros e teve que reprimir a vontade de passar seus dedos no dorso deles.

Mas o mais importante, era o homem sentado atrás da mesa de madeira de cerejeira. Ele estava com quase sessenta anos pelo que Mishca havia dito, mas apenas olhando-o, não teria adivinhado. Seus olhos eram cinza escuro, com o cabelo preto grisalho nas têmporas. Ao vê-la, sorriu, ficou de pé, era apenas uns centímetros mais baixo que Mishca, e deu a volta na mesa, estendendo sua mão.

— Deve ser Lauren — disse com frieza, seu sotaque muito mais grosso que o de Mishca, por isso Lauren teve que se concentrar para entendê-lo. — É bom finalmente pôr um rosto ao seu nome.



— Prazer em conhecê-lo, senhor Volkov — disse, pegando em sua mão. Tinha um aperto de mão firme, apesar de sua idade, e era bastante imponente. Enquanto que Mishca era magro, ele era forte como um touro.

— Por favor — disse, agitando uma mão. — Não há necessidade de tais formalidades, me chame Mikhail. Sei que já conheceu minha esposa, Anya.

— Sim — respondeu sorrindo a Anya.

— Por favor, sente-se — ofereceu Mikhail, apontando para as cômodas poltronas que se agrupavam perto da lareira.

— Devo confessar — continuou depois que todos estavam sentados — quando Mishca me disse que traria uma garota aqui, fiquei surpreso. Nunca conheci nenhuma das garotas dele.

As sobrancelhas de Lauren dispararam enquanto olhava Mishca. Um músculo se contraiu em sua mandíbula, mas não fez nenhum comentário.

— Deve estar muito interessado em você para trazê-la aqui.

Mishca brincou. — Vai assustá-la assim.

O rosto de Mikhail formou um sorriso, suavizando seus olhos. — Tolice. É uma hipótese razoável, não?

Eles entraram em uma acalorada discussão em russo, apontando um ao outro, mas enquanto Mishca parecia estar cada vez mais zangado, Mikhail só parecia divertido.



— Quer algo para beber, Lauren? — Perguntou Anya interrompendo-os, e se aproximando de um antigo balcão de bebidas, que mantinha várias garrafas de um líquido escuro âmbar e algumas garrafas de água.

Olhou para Mishca e Mikhail, sacudindo a cabeça.

— Não, estou bem. Obrigado.

Mikhail voltou sua atenção às janelas ao ouvir um carro se aproximar.

— Parece que sua irmã chegou. Pode acompanhá-la?

Mishca hesitou, seus olhos oscilando para Lauren, mas finalmente ficou de pé e saiu sem olhar para trás.

— Vai ter que desculpar meu filho — disse Mikhail conversando enquanto aceitava a bebida de Anya — o amor pode cegar um homem.

Ela sentiu-se momentaneamente desconcertada com o que ele dizia. Para ser honesta, nunca pensou que estivessem nessa fase em seu relacionamento.

— Não acredita? — Perguntou lendo sua expressão. — Você é mais importante para ele do que acredita.



Mishca estava sério enquanto saudava sua irmã na porta, tentando não demonstrar sua frustração. Alex estava saindo da limousine com o motorista, que Mikhail enviou para ela, sem prestar nenhuma atenção enquanto enviava mensagens de texto. Percebendo sua chegada, apontou para a parte de trás do carro.

— Pode pegar minhas malas, Mish? — Perguntou Alex olhando fixamente para o telefone, completamente alheia ao fato de que ele estava de cara feia para ela.

— Por que traz tanta merda? Só vai ficar aqui por uma semana.

— Porque vou ficar em sua casa até eu voltar à escola. — Ela revirou os olhos, como se tivesse feito a pergunta mais estúpida do mundo.

Mishca arrastou quatro das seis malas do porta malas do carro, jogando-as no chão.

— Ei! Isso é Prada.

— Dane-se! Quem te disse que podia se convidar para a minha casa?

— Qual a porra do seu problema? Conseguiu que papai te chutasse no traseiro? — Ria enquanto lhe perguntava, e em qualquer outro momento, Mishca teria rido também, mas agora não estava de humor.

Pegou as duas últimas malas. — Estou bem.

—Onde está Lauren? Não disse que a traria?

— Está lá dentro com Mikhail e Anya.

Ela entendeu. — Pare de se preocupar tanto. Não vão matá-la as suas costas.



— Às vezes me pergunto se você caiu de cabeça quando era pequena. — Recolhendo sua bagagem, ele foi para a porta, parando quando foi tocado no braço.

— Sério. Ela vai ficar bem. Nada vai lhe acontecer aqui. É só uma semana, o que de pior pode acontecer?

Isso fez Mishca se sentir um pouco melhor, mas ainda podia escutar as palavras de seu pai em sua cabeça, durante a conversa sobre Lauren.

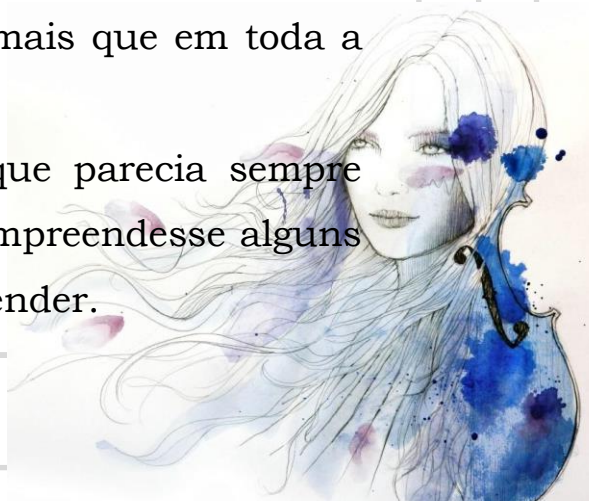
Ela se parecia muito com seu pai.

Desconcertou-o perceber que ele não reparou nisso quando a conheceu, ou talvez até tenha e não quis reconhecê-lo.



No momento em que Lauren e Mishca desciam para jantar, depois de terem se instalado em seus respectivos quartos, mais pessoas se reuniram na outra sala. Todos eles estavam vestidos formalmente, as mulheres usando joias caras — embora não tão luxuosas quanto as da apresentação de gala. Nos últimos quatro meses, Lauren pensou, sacudindo a cabeça, tinha se arrumado mais que em toda a sua vida.

Mishca, com ar de autoridade que parecia sempre ter, apresentou-a a todos, embora não compreendesse alguns dos nomes, o russo puro era difícil de entender.



Lauren conheceu pessoas novas em muitas ocasiões, o que às vezes podia ser um pouco incômodo, o clima da sala mudaria o suficiente para fazer com que todos se sentissem à vontade. Mas não aqui. Sentia o ambiente estranho, como se todo mundo estivesse em guarda, mas isso apenas ao redor dela. Quando pensavam que não estava prestando atenção, olhavam-na descaradamente, sussurrando em seu idioma.

Se ficaria com Mishca, sem dúvida, teria que aprender algum idioma estrangeiro do latim ao russo.

Talvez, como Mikhail havia dito mais cedo, Mishca nunca trouxe uma garota para casa para conhecer sua família. Isso explicaria todas os olhares estranhos que estava recebendo. Não sabia se sentia-se especial por ser tão importante para ele, ou nervosa porque não parecia estar causando uma boa impressão.

Quando Anya anunciou que o jantar estava servido, todos encheram a nova sala, sentando-se na elegante mesa de jantar.

Era própria da realeza, com capacidade para dezenas de pessoas, cada extremo estendendo-se a ambos os lados da sala. Velas altas e vermelhas ardiam em uma preciosa peça central de porcelana e talheres de prata estavam colocados diante das robustas cadeiras.

Mikhail sentou-se à cabeceira da mesa, Anya à sua direita. Mishca levou Lauren a um par de cadeiras à esquerda de Mikhail, mas outro homem estava se preparando para sentar-se ali também.



— Demetry, permita que Mishca e Lauren se sentem ali —ordenou Mikhail, detendo o homem.

Demetry não o questionou, simplesmente cedeu a cadeira para Lauren, e logo tomou assento no lado oposto.

Uma vez sentados, tal como o tinha feito durante o balé, Mishca pôs a mão em sua coxa por debaixo da mesa, o calor de seu contato a fazia sentir-se tranquila.

Parecia que todo mundo superou a comoção pela presença de Lauren, falando em voz baixa com seus vizinhos, embora Lauren não entendesse uma palavra. Olhou a seu redor procurando Alex, mas não estava na opulenta habitação, ao menos não ainda.

— É alérgica a algo? — Mishca se inclinou para lhe sussurrar ao ouvido.

— Agora seria um terrível momento para me perguntar, não? — Perguntou sorrindo.

Ele sorriu, encolhendo os ombros. — Nunca é muito tarde.

— Não pode começar sem mim, irmão — disse um homem entrando na sala.

Talvez fosse seu sorriso enorme, ou a forma em que parecia exigir a atenção enquanto caminhava, mas o que quer que fosse, pôs Lauren nervosa. Tinha os mesmos olhos cinzas que Mikhail, mas era completamente careca.

Usava uma gola alta preta e calças pretas, com sapatos de couro, obviamente, caros. Era pálido, em uma cor que quase parecia antinatural, mas além disso, havia algo



escuro no homem, como um mal irradiando-se que Lauren não compreendia.

Sentou ao lado de Anya, seu sorriso crescendo cada vez mais enquanto a olhava, ao que ela endureceu. Pelo menos não era só fria com Lauren.

— Desculpe o atraso! — Gritou Alex, correndo para o seu assento ao lado do homem.

Ela olhou por cima da mesa, sorrindo calorosamente para Lauren, que sorriu de volta, sentindo-se melhor agora que tinha Mishca e Alex ali com ela.

— Oh, olá — disse o homem olhando para Lauren. — Não acredito que nos tenham apresentado.

Lauren olhou para Mishca, cujo sorriso fácil desapareceu de novo.

— Lauren, este é meu tio, Viktor. Viktor, Lauren.

Os pratos chegaram, colocaram uma bandeja a frente de cada um dos convidados, mas o olhar do Viktor ficou em Lauren, como se soubesse que a deixava desconfortável e apreciasse isso. Em um determinado momento, inclusive inclinou a cabeça para um lado, como se estivesse estudando um inseto sob o microscópio.

— *Eto moray devushka*[47]. — Poderia ter sido a maneira que Mishca enfatizou as palavras que fez com que toda conversa na mesa parasse. Todos olharam em sua direção.



[47] Eto moray devushka - É uma menina decente.

Viktor sorriu e Lauren pôde assumir que as palavras foram dirigidas a ele. — *On ao ne odin iz nas*[48].

O que Viktor havia dito fez com que a mão de Mishca apertasse a coxa de Lauren, não o bastante para feri-la, mas suficiente para fazê-la apertar seus dedos, tentando acalmá-lo.

— *Ostorozhny dyadi*[49].

— É suficiente, Viktor — disse Mikhail. Ele abriu a boca para dizer algo mais quando Mikhail o interrompeu e disse — *Eto Moy Zakaz.*[50] — Ele imediatamente fechou a boca.

A tensão era tão espessa, que Lauren teve o impulso de fugir, sentindo que era a razão por trás de tudo isto.

— E todo mundo, por favor! — Falou Alex com um sorriso irônico. — Evitem falar em russo. Lauren e eu não podemos entender nada.

Isso aliviou o ambiente, pois todos riram baixinho. Alex piscou para ela e Lauren sorriu agradecida, sem saber ao certo, quão verdadeiras as palavras de Alex foram, mas apreciava.



[48] On a ne odin из нас - Não é uma de nós.
[49] Ostorozhny dyadi – Tio cuidado.
[50] Esta é a minha ordem.

Mishca sentou ao lado de seu pai, olhando como o fogo lambia as grades de ferro que o continham, as chamas amarelo e laranja bem acesas. Estas pareciam refletir seus inquietos pensamentos.

Um segundo copo descansou entre o par, mas em lugar da usual vodca que era o normal em suas bebidas, este álcool era escuro, o líquido ambarino brilhava na tênue luz da sala. Parecia que Mikhail o esperava.

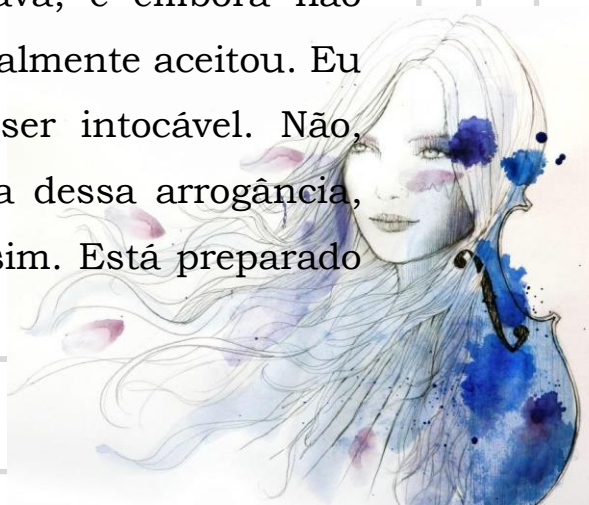
— Você foi imprudente Mishca — disse Mikhail rompendo o silêncio entre eles.

Suspirou. — Sei que a *Bratva* vem primeiro, *Pakhan.*

— Quando estamos aqui, só sou um pai guiando seu filho. — Mikhail abaixou seu copo. — Ela é importante para você, todos podem ver.

Mishca se esticou e enfrentou a seu pai. — Pai...

Mikhail levantou a mão. — Houve um tempo em que a *Vory v Zakone* não acreditava no matrimônio, para abandonar a sua família, melhor não ter uma. Mas amava sua mãe. Fui capaz de seguir meu caminho quando me mudei da Rússia. Casei-me com ela e me deu um filho, te abandonei? Não, te dei esta vida — fez um gesto ao redor — não é tão bonito, mas é nosso mundo, Mishca. Catjia conhecia deste mundo. A vida que levava, e embora não estivesse de acordo com suas práticas, finalmente aceitou. Eu era como você, arrogante, acreditando ser intocável. Não, você não pode ser prejudicado por causa dessa arrogância, mas esta garota por quem se preocupa, sim. Está preparado para enfrentar isso?



Mishca não sabia o que dizer. Não pensou na *Bratva* quando trouxe Lauren aqui para o feriado, para que se encontrasse com sua família. Essa foi a maldição. Em um momento de descuido, não pensou em seu posto, e por isso, pode ter criado mais problemas.

— O que está dizendo? Devo deixá-la? — Poderia realmente fazê-lo? Mesmo com o pensamento, apertou as mãos. Não queria desistir dela mais do que queria mantê-la em perigo.

Mikhail suspirou, bebendo o último gole de seu whisky. — Ela é sua responsabilidade, Mishca. Se quiser mantê-la na ignorância, é sua decisão, mas lembre-se que qualquer movimento que faça contra nós, terá que se encarregar.

Quer dizer, se alguma vez falasse com a polícia a respeito deles, mesmo que apenas desse um nome, eles pediriam por sua morte... e Mishca teria que apertar o gatilho.



O som da porta de seu quarto rangendo ao abrir fez Lauren parar na cama, olhando freneticamente ao redor procurando uma arma ou algo que pudesse usar como tal. Inclusive sem uma, Mishca estava no quarto do lado e poderia estar aqui em questão de segundos.

Mas à medida que a luz do corredor iluminou a figura na porta, deixou escapar um suspiro de alívio, quando ele entrou no quarto, fechando a porta.

Estava sem camisa, só com uma calça de pijama solta, o cabelo deliciosamente despenteado como se tivesse se deitado na cama sem poder descansar, igual ela.

— O que está fazendo? — Perguntou-lhe em voz baixa enquanto subia à cama, procurando-a para segurá-la contra seu peito.

— Sou um rosto conhecido. Pensei que poderia me querer perto.

Ela sorriu, ficando de lado para que seus dedos pudessem percorrer seu abdômen. — Ou talvez entrou por outras razões?

Suspirou, acariciando seu quadril. — Nunca levei isso como garantido.

Suas sobrancelhas se elevaram ante seu tom sério. — O que quer dizer?

— Isto. —Enfatizou enquanto apertava a carne nua, que foi exposta por sua camisa. — Ter você comigo, te segurando. Quero ficar com você assim.



Lauren ficou sem palavras, não tendo certeza do que dizer a respeito de sua confissão. Não tinha nenhuma dúvida de que se preocupava com ela, caramba, podia ver em seus olhos, a forma como o canto de sua boca se levantava quando algo o divertia. A maneira como sempre lhe enviava um texto para lhe dizer bom dia e boa noite, inclusive nos dias em que estava dormindo e não seria capaz de lhe responder por horas.

Mas não sabia da profundidade dos sentimentos por ela e quase podia deduzir o que tentava lhe dizer, o significado oculto de suas palavras. E a realidade desse pensamento a assustou. Não porque não se sentia da mesma maneira, mas sim porque lhe dava medo.

— Diga-me — disse mudando de assunto — o que é o que você sempre quis fazer?

— Mmm... — Pensou por um momento. — Sempre quis ver a aurora boreal. — Olhando-o nos olhos, perguntou — Alguma vez a viu?

— Não que recorde.

Riu em voz baixa. — Tenho certeza que saberia se a tivesse visto. São bastante memoráveis. Ou isso é o que ouvi.

— Talvez um dia possamos vê-la juntos, certo?

— Eu adoraria. — Foi muito mais fácil de dizer quando não era no contexto que devia.

Recostaram-se, só aproveitando a companhia um do outro, escutando os ventos uivantes de fora, mas à medida que a mente de Lauren começou a vagar, pensou na conversa durante o jantar.



— Mish — começou hesitante — o que foi tudo aquilo no jantar?

Ele ficou tenso e poderia dizer que não queria responder, mas suspirou, cedendo.

— Meu tio muitas vezes diz o que pensa, mesmo quando sua opinião não é pedida.

— O que disse?

— Nada de importante.

Muito similar à como os detetives trataram Lauren quando era uma adolescente, na delegacia de polícia quando deu outro nome para que investigassem. Escutar isso de Mishca, a fez se afastar dele.

— Não sou uma menina — disse com um pouco de amargura em seu tom. — Não vou sofrer uma desilusão, se souber que não vou conseguir agradar a todos de sua família.



Mas o que ela não entendeu, que era mais do que se agradasse ou não sua família. Era uma pessoa de fora, ignorante de seu mundo, mas pensou que tendo visto tantos outros colocarem as suas mulheres nisto, seria mais fácil para ele fazê-lo, por causa de sua posição. Entretanto, depois da conversa com seu pai, Mishca estava preocupado pelo que tinha começado.



Apesar de toda aspereza de Mikhail e sua lealdade à *Bratva*, nunca daria voluntariamente informação a respeito de Lauren, sabendo que se algo acontecesse a ela, afetaria Mishca, mas os outros não se importavam. E não importa que lhes proibisse de falar dela a alguém, uma vez que saíssem da mansão, alguém falaria.

Especialmente com o que aconteceu com Viktor no jantar. Mishca era grato por Alex ter interrompido o acalorado debate entre eles, fazendo-se de ignorante, embora falasse russo com fluidez igual ao resto deles.

Tinha a esperança de que nunca tivesse que lhe contar o outro lado de sua vida, mas agora com o repentino interesse de Viktor, teve que tomar uma decisão.

— Perguntou-me quem era e por que estava aqui. Não sabia que eu ia te trazer.

Ao menos isso era uma verdade parcial. Viktor perguntou quem era Lauren, mas não o porquê, e provavelmente não se importava, mas fez questão de ressaltar que ela não era um deles, quer dizer, a menos que Mishca dissesse que Lauren estava sob seu amparo, qualquer um poderia atacá-la. Teria muito prazer em dizer isso, mas a menos que fosse parte deste mundo, não poderia protegê-la. Era a porra de um círculo sem fim.

— Sim, meio que deduzi quando chegamos aqui, depois de ver a reação de seu pai — disse secamente — Eu meio que pensei, você sabe, uma vez que é a sua casa, você poderia ter mencionado isso a eles.

— Vem aqui.



— Não.

Tentou rolar para longe, a cama grande dando-lhe muito espaço para pôr distância entre eles, mas antes que pudesse chegar muito longe, um braço saiu disparado, agarrando seu pé.

Lauren gritou chocada, tentando se soltar. Ele se manteve firme, gostando de como ela se esforçava, ficando com o rosto vermelho.

— Mish, não.

Viu o temor repentino em seu rosto, a forma como sua luta aumentou. Sabia, sem dúvida, por que estava tão nervosa.

— Tem cócegas, Lauren?

Revirou os olhos. — É obvio que não.

Mishca utilizou sua mão livre para passar os dedos pela sola de seu pé. Ela puxou com força, quase capaz de soltar-se, mas ele segurou mais apertado, rindo de seu sorriso zangado.

— Faça isso e farei com que se arrependa — ameaçou.

Se ao menos fosse movido por ameaças, até poderia considerar seu aviso. — Poderia ter ficado a meu lado e não ficou.

— Estava sendo um id....

Ela gritou, explodindo em um ataque de risos enquanto ele fazia cócegas em seu pé, observando com diversão como tentou em vão fugir. Só parou quando ela cobriu a boca para abafar o riso, seus olhos brilhantes,



divertidos. Vê-la assim, tão livre e feliz, desejou coisas que não deveria.

Ao baixar o olhar para ela, não pôde resistir à tentação de beijá-la. Não teve que explicar sua necessidade, parecia lê-lo com facilidade, enquanto lambia o lábio inferior, tomando-o entre seus dentes. Inclinou-se sobre ela com braços paralelos, observando cada uma de suas reações antes de baixar seus lábios nos dela, quase sorrindo quando a sentiu abrir-se imediatamente para ele.

Passaram uns segundos antes que o beijo passasse de suave a apaixonado e desesperado. Transmitiu tudo o que sentia por ela através de suas ações, desejando que soubesse que era tudo para ele, mesmo se não pudesse dizer. Rompeu o beijo, sentando-se. Seus olhos vagaram pelo seu rosto, suas mãos viajaram por suas coxas até chegar aos quadris.

Lambeu os lábios, a ação fazendo-a tremer em antecipação ao desejo que viu em seus olhos.

— Somos os únicos neste andar? — Perguntou, ignorando o coração disparado em seu peito.

Ele entendeu o que queria dizer e assentiu afirmando.

Mordendo o lábio, pegou a barra de sua camisola, tirando-a pela cabeça. Vendo a dúvida em seus olhos, ela colocou sua mão no meio do seu peito, sentindo o batimento do coração regular. — Eu... eu quero.



Isso era tudo o que faltava para convencê-lo.

Pegou os cordões de suas calças, uma vez que ele se sentou, mordendo o lábio na concentração, desfazendo o nó até que afrouxou. Sua ereção esticava o tecido, lhe dando uma clara indicação de quão grande era em realidade. Poderia nunca ter tido relações sexuais antes, nem mesmo perto disso, mas sabia que seu tamanho era impressionante.

Ele não se apressou, deixando-a que levasse seu tempo despindo-o, mas não estava tranquilo com o ritmo lento. A mão que ele tinha em seu quadril apertou ligeiramente, quase possessivamente, quando ela começou a deslizar suas calças. Os músculos de seu abdômen eram muito mais marcados do que imaginava, uma trilha escura de pelo acentuava-se conforme a roupa caía.

Todo seu corpo se esquentou quando ele a olhou com luxúria e quase desejava que ele tomasse o controle, ao menos, aliviaria sua vergonha o suficiente para continuar. Como se lesse seus pensamentos, ele apoiou seu peso sobre um braço estendido, os tendões do bíceps esticados, enquanto se inclinava para ela. Com sua mão livre, pegou a bochecha, virando seu rosto para cima, até que olhasse em seus olhos. Só quando teve sua atenção foi que, finalmente, beijou-a.



Não era como qualquer um dos beijos já trocados. Este, estava cheio de paixão desenfreada. Era como se em um minuto ela estivesse no controle do momento, e logo estava renunciando a ele. Mal sentiu o tecido em suas mãos, logo o deixou cair, envolvendo seus braços em volta dele.

Mishca trocou seu peso, chutando as calças, jogando-a para os pés da cama. Separou suas pernas, pondo sua mão no meio, sentindo o calor que irradiava dela, enquanto acariciava a parte mais íntima através de uma fina camada de algodão.

Estava nervosa, sim, mas não era como o pânico que sentiu a última vez que estiveram juntos na cama. Este era o nervosismo derivado de uma nova experiência.

Ele recuou o suficiente para enganchar os dedos ao redor do cós de sua calcinha, tirando-a delicadamente, o ar fresco beijou sua pele nua. Jogou-a por cima do ombro, para onde a camisola estava. Em vez de retornar a sua mão lá, moveu seu corpo até que estavam pressionados juntos. Ela podia sentir sua pulsação lá, a carne tocada parecendo palpitar.

Não tirou o sutiã completamente, apenas abaixou as taças até que seus seios ficaram expostos ao seu olhar. Apalpando um, puxou o mamilo do outro em sua boca, sugando delicadamente no início antes de morder com força suficiente para fazê-la ofegar seu nome.



Ela Inclinou seus quadris para cima lutando contra sua espera, e por um glorioso minuto, estava no ponto, em sua entrada, em só um impulso estaria dentro dela. A mão que tinha em seu cabelo segurou mais apertado, amaldiçoando, mas por razões que só ele conhecia, recuou.

Praguejou palavrões, beijando a curva de seu pescoço, sussurrando. — Não aqui.

Quis amaldiçoar porque estava segura de que isso era o que queria. Queria ele. — Mish...

— Shh, cuidarei de você.

Não sabia o que isso significava, mas à medida que sua mão deslizou sobre seu ventre e logo entre suas pernas, soube que a ideia era bastante boa. Mishca não hesitou, com audácia, acariciando com um dedo para baixo sobre o feixe de nervos antes de pressionar um dedo dentro dela.

Foi tão repentino, tão inesperado, que se arqueou, ofegando com a sensação. Deu-lhe um momento para se acostumar à repentina invasão, movendo lentamente seus dedos dentro e fora capturando seus lábios de novo.

O pensamento racional fugiu, como se a única coisa em que pudesse se concentrar era o prazer que lhe dava.

Gemeu, incapaz de fazer nada mais que aceitá-lo. Cada vez que seus dedos entravam mais fundo, curvados de uma maneira que a fez romper o beijo e praguejar.



Ele riu baixinho, sabendo quão bom era, mas ela não poderia culpá-lo no momento. A princípio, observava-a, lendo em seu rosto cada reação ao que ele habilmente fazia, então olhou mais para baixo, sua própria necessidade queimando brilhante em seus olhos, enquanto ele assistia o que estava fazendo e a maneira como ela ondulava os quadris cada vez que se retirava.

Querendo fazer algo por ele também, estendeu a mão, envolvendo seus dedos ao redor de seu membro tensionado. Ele perdeu seu sorriso triunfante, gemeu, um som gutural profundo vindo de sua garganta, que a fez estremecer.

Não tinha ideia do que fazer, ou qual a melhor maneira de tocá-lo e hesitou, com medo de fazer algo errado, que a envergonhasse.

Envolvendo sua mão ao redor da dela, ele apertou ligeiramente, e logo lhe mostrou a melhor forma de acariciá-lo. Lento no início, só um suave deslize para cima e abaixo, mas quando ofegou, xingando baixinho enquanto olhava para o teto, os músculos de sua garganta endurecendo conforme cerrava os dentes, foi suficiente para fazê-la se sentir audaciosa, acelerando suas ações.

Mishca fechou os olhos, os dedos que tinha dentro dela combinando com seu ritmo.

Lauren podia sentir então, uma sensação se construindo em seu interior. Não conseguiu manter sua mão sobre ele, agarrando os lençóis. Olhou-a, suas pupilas se dilataram tanto que quase não se via o azul de seus olhos.



Ele estava falando em russo por cima de sua cabeça, mas o olhar em seus olhos era suficiente para deixá-la sem fôlego. Tirou seus dedos, deslizando-se por seu corpo até que pôde sentir as pontas de seu cabelo fazer cócegas no interior de suas coxas.

Separou mais suas pernas, abrindo-a ao seu olhar voraz. Por um momento, levantou o olhar, deslizando sua língua ao longo de seu lábio inferior antes que levantasse suas pernas por cima dos ombros.

Mishca não entrou imediatamente como pensou que iria, em vez disso usou sua língua na parte interna da coxa, demonstrando o que faria com ela.

— Mish... — Sua voz era rouca, necessitada, como nunca esteve antes e teve o efeito desejado sobre ele.

Teve que segurar seus quadris para estabilizá-la, mantendo-a no lugar enquanto a consumia. Ela gemeu sem fôlego, quando mergulhou sua língua dentro dela, lentamente, habilmente, levando-a tão ao limite que se retorceu, envolvendo seus dedos nas sedosas mechas de seu cabelo.

— Não pare. Não pare. Não pare — ela entoou uma e outra vez, fazendo-o reagir com entusiasmo, tão desesperado para fazê-la gozar.

Foi só alguns momentos mais tarde, quando essa sensação na boca de seu ventre se estendeu pelo resto dela. Quando seus gritos ficaram mais altos, ele cobriu a boca com a palma da mão, abafando os sons energéticos.



Gozou forte, duro, agarrou-se a ele como se fosse sua âncora. Foi a maior experiência de sua vida e amou terem compartilhado. Ele recuou, olhando-a com uma expressão indecifrável, embora um sorriso saísse de seus lábios. Ainda estava duro, quase dolorosamente, mas quando ela tentou chegar até ele, interceptou sua mão, levando-a aos seus lábios para beijar.

— Isto não foi para mim.

— Mas...

— Confie em mim — disse sem fôlego, baixando o olhar para suas pernas. — Temos toda a semana.



Capítulo 18

Olhos Bem Abertos

Estava mais quente que de costume quando Lauren despertou, o forte braço em seu corpo era uma boa explicação do porquê. Diferente da última vez que passaram a noite juntos, Mishca ainda dormia ao seu lado, com seu rosto bem relaxado.

Ele não se mexeu quando ela se virou em seus braços para observá-lo melhor, e traçar suavemente seu queixo, a barba fazia cócegas nas pontas de seus dedos. Apesar da escuridão que ainda os rodeava, podia ver com absoluta clareza. Aproveitou para estudá-lo de verdade, sabendo que poderia não ter outra oportunidade.

Começou ao longo de sua mandíbula, até que chegou à pequena fenda no queixo que estava escondida em sua barba. Tentou não tocar em seus lábios, ainda completamente afetada pela noite anterior. Lembrou como suas mãos a acariciaram, seus beijos suaves enquanto descia por seu corpo, e como lambeu e mordeu o interior das coxas, subindo em direção ao seu centro, seus gemidos masculinos ainda a faziam estremecer.

Balançando a cabeça, sabendo que seu rosto estava corado, Lauren continuou passando seus dedos até o pomo de Adão, desceu por seus ombros, detendo-se debaixo de sua



clavícula, na estrela de oito pontas. As linhas da estrela se elevavam ligeiramente, podia ter imaginado, mas enquanto seguia as linhas, Mishca pareceu tremer, mas quando olhou para cima para ver se o tinha acordado, seguia com os olhos fechados.

Apertou os olhos, tentando descobrir qualquer mudança, mas ele ficou completamente imóvel. Afastando-se não chegou tão longe, já que enganchou a mão com a sua, pressionando-a contra seu peito.

— Estava gostando disso — sussurrou Mishca, espiando com um de seus olhos azuis, sorrindo com carinho.

— Poderia ter me dito que estava acordado — sussurrou.

— E arruinar a diversão?

Apoiou-se sobre os travesseiros, de frente para ele. — Bom dia.

— É um grande dia — disse, beijando-a brevemente. — Você gostaria de um passeio pelos jardins?

— Parece muito bom.

— Então é hora de levantar-se.

Seguindo seu próprio conselho, Mishca tirou os lençóis, ficando em pé, espreguiçando. Era todo músculo, todo o caminho a seu...

— Mish!

Olhou-a com um sorriso de cumplicidade. — O quê?

— Está... está nu.

—Se não se lembra, você também está.



Bom, tinha razão. Observou-o caminhar até o banheiro, bebendo-o com o olhar. Uma coisa que Mishca tinha sobre qualquer outro cara que Lauren conheceu, era seu físico excelente.

Os acres de terra atrás da mansão eram muito mais interessantes do que Lauren, em princípio, pensou. Quem quer que tivesse feito o paisagismo tinha muita imaginação, a elaboração dos arbustos em várias formas e tamanhos, criando um labirinto em torno da passagem de pedra.

Mishca se adiantou, conhecendo o caminho no labirinto melhor que ela. No momento em que o alcançou, estava de pé no alto, com as mãos atrás de suas costas.

— Vai jogar uma bola de neve em mim? — Perguntou-lhe olhando com desconfiança, em busca de qualquer arbusto onde pudesse se agachar atrás, no caso de estar planejando um ataque.

— A ideia me passou pela cabeça, mas venho em missão de paz. Isto, é para você.

Deu-lhe uma flor pequena, só uns dez centímetros de altura, com pétalas amarelas brilhantes que floresceram como uma tulipa.



— É um acónito de inverno. Só cresce nos meses mais frios. Como sabia que viria, pensei que seria gentil lhe dar isso.

— Obrigado.

Ele era atencioso, atento e sempre conseguia fazê-la sorrir. Era quase muito bom para ser verdade, mas Lauren não achou que ele tentava fazer alguma coisa com ela neste momento. Passaram meses e ele teve muitas oportunidades — a noite anterior, por exemplo — mas não parecia querer mais do que ela estava disposta a lhe dar.

— É doce de sua parte.

— Há mais por aqui.

Seguindo-o, caiu justo em sua armadilha. Várias bolas de neve foram jogadas nela pela direita. A risada triunfal de Alex enchendo o ar. Olhou para Mishca acusadoramente.

— Pensei que éramos uma equipe — disse, fazendo todo o possível para parecer chateada enquanto lhe dava as costas, agachando-se para recolher sua flor que caiu.

— Lauren, eu... estou.

Pegou um punhado de neve, mas não se incomodou em fazer uma perfeita bola, só a lançou nele. Voou por todos lados, batendo contra seu rosto e peito. Depois correu rapidamente, fazendo uma bola para jogar em Alex.

Ela saiu do caminho da bola, antes de que pudesse ser atingida, o que só deixou os dois na batalha.

— Você não quer guerrear comigo — ameaçou Mishca, fazendo sua própria bola de neve.



— Quer apostar nisso? — Provocou, recuando para ficar protegida.

— Não se esqueça da última vez que apostou contra mim, também ganhei.

— Teste-me.

— Quem for o mais atingido perde.

— Sim, e o que eu recebo quando eu ganhar?

Caminhou para ela, inclinando-se para sussurrar em seu ouvido. — Se conseguir, darei o que quer.

Sabia o que estava insinuando, mas tinha que perguntar — E o que quero?

—Eu — disse simplesmente — dentro de você.

Então, ele deixou cair a neve que mantinha embaixo de sua camisa.

Durante horas, lutaram, só parando quando ambos ficaram cheios de neve. Lauren estava tremendo, envolta em duas mantas, sentada em frente da televisão quando Mishca foi em busca de chocolate quente. Não havia um claro ganhador, ou Mishca era tão mau perdedor que se negou a admitir que o último golpe atingiu seu pé.

— Está se divertindo? — Perguntou Anya enquanto se aproximava. — Eu disse que falaria novamente quando Mishca estivesse ocupado.

Disse, mas isso não significava que Lauren não podia esperar outra coisa. — Uh, sim, estou. Tem um lar muito agradável.



A estudou passando suas unhas contra o braço de sua cadeira. — Diga-me, o que faz uma garota como você com um menino como Mishca? Sejamos honestas, não é seu tipo usual.

— Suponho que terá que perguntar isso a ele. — Ela mesma tinha se perguntado durante meses, mas eventualmente tirou de seu pensamento, já que não lhe dava nenhuma razão para duvidar de seus sentimentos.

— E sobre seus segredos? Confiou-lhe isso?

— Mishca não esconde nada de mim. — Ao menos não acreditava nisso.

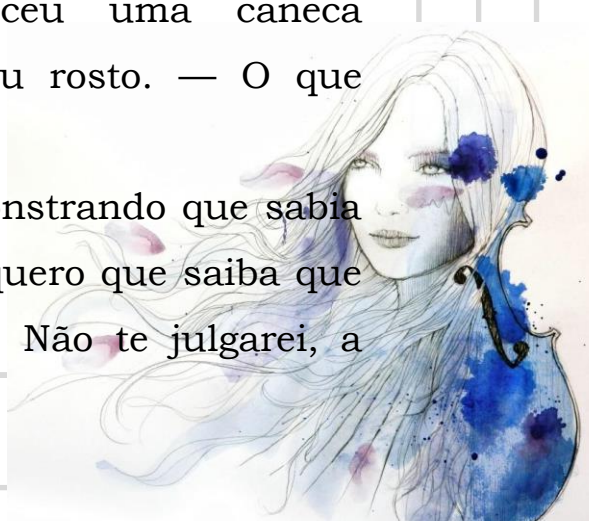
— Se isso fosse verdade, você saberia do que estou falando, mas a julgar por essa expressão confusa de cordeiro degolado, duvido. Talvez não signifique tanto para ele, como pensa. Pense nisso.

Se seu objetivo era lhe arrancar a felicidade que sentiu ao estar ali, o alcançou. Ficou olhando o lugar onde Anya esteve, ouvindo suas palavras mentalmente outra vez.

Que segredos poderia estar escondendo? A maior parte de seu tempo passava no clube ou com ela..., mas não sabia se realmente estava lá, como dizia, disse-lhe uma pequena voz em sua cabeça.

— Lauren? — Mishca ofereceu uma caneca fumegante, não tirando os olhos de seu rosto. — O que aconteceu?

— Nada... — deu um olhar demonstrando que sabia que estava mentindo. — Eu... Bem, só quero que saiba que pode falar comigo sobre qualquer coisa. Não te julgarei, a



menos que seja um assassino em série em suas noites de folga.

Sentou-se junto dela, abrindo seus braços para ela afundar. — O que te faz pensar que estou ocultando algo?

— Anya, ela disse...

— Anya era amante de meu pai antes que se tornasse sua esposa — disse rapidamente, com clara irritação — Pensa que todo mundo tem segredos.

— Só estou dizendo. Se tiver segredos, pode me dizer, não vou te julgar por causa deles.

Ele assentiu, ligando a televisão, mas não precisava ser um gênio para ver que não acreditou nela.



O tempo juntos na mansão estava chegando ao fim, e apesar de sua apreensão anterior a respeito de conhecer sua família, Lauren sentiu-se quase à vontade ao seu redor, graças em parte por Alex e Mishca.

Passaram a maior parte do dia entretendo Alex e embora Mishca tenha protestado, assistiram a alguns de seus recitais de balé. Lauren estava impressionada pela habilidade que Alex possuía e que ela não se gabava disso.

Seus dedos traçaram sobre as estrelas, trazendo de volta as lembranças de um dia que ele jamais esqueceria. — Têm algum significado?



Fazia anos, sentou-se ante um seleto número de homens, presenças suficientes para fazer que seu coração disparasse no peito, apesar de sua atitude calma. Mikhail estava sentado entre eles, mas nesse momento, não era seu pai, mas sim o Pakhan.

Fez o juramento, respondeu a tudo, e depois de só uma hora, deram seu consentimento a ele. Um ancião levava um kit com o que Mishca estava muito familiarizado. Fez uma tatuagem no passado, mas depois dessa noite, quatro mais se uniriam à frase em seu braço.

Duas estrelas sobre seu coração, a marca de um Capitão. Duas estrelas nos joelhos, os símbolos que significava que nunca se inclinaria ante qualquer autoridade.

— Sempre alcançar as estrelas.

— E isto?

As dragonas nos ombros dele não tinham um verdadeiro significado, ao menos não para a *Bratva*, mas ele as fez como um símbolo de sua posição.

Encolheu seus ombros e lhe disse — Lembra-me à pátria. Este — disse apontando para sua única tatuagem que não tinha nada que ver com a *Bratva*, e tudo a ver com sua mãe — foi uma homenagem à minha mãe.

Era um pôr-do-sol com pássaros voando sobre o horizonte. Para cada um dos raios do sol, havia uma letra, soletravam o nome de sua mãe em russo. Representava a liberdade, ela poderia ter aceito o estilo de vida de seu pai, mas sabia que ela odiava, e odiava mais que Mishca logo se unisse a ele.



Por essa razão, sacrificou-se mais do que ele poderia ter imaginado. Se não podia salvar a ambos, podia salvar a um deles...

— Quer ouvir a história?

Ela sorriu e concordou.



Em algum ponto, enquanto ele falava, Lauren adormeceu aconchegada em seu ombro. Por um momento estava feliz, não queria se mexer. Sua mão repousava no centro de seu peito, sua perna por cima dele. Complementavam-se. Passando os dedos por seu cabelo, Mishca se obrigou a lembrar por que isto era uma má ideia. Já não podia mais fingir que não estava apaixonado por ela. E devido a isso, teria que decidir o que faria.

Teve o cuidado de se desembaraçar de seu abraço, beijando o topo de sua cabeça, antes de sair de sua cama. Fez uma pausa, assegurando-se de que não a tinha despertado, saiu do quarto, indo ao corredor para ver a única pessoa com quem podia falar.

Sentia como se estivesse em cada parte dele. Ela confiava nele, de maneira inequívoca, lhe fez desejar que não houvesse segredos entre eles, que não soubesse nada de seu pai. Ela sabia tanto sobre sua morte quanto ele, mas não lhe disse que conheceu o homem por anos, ainda era uma



mentira, não importava como tentou justificar em sua cabeça.

Chegou ao quarto de sua irmã, franziu a testa, pegando o cheiro acre flutuando através de sua porta. Às vezes se perguntava se ela alguma vez pensava em parar. Empurrou a porta, fechando-a atrás de si.

Alex saltou rapidamente, mas não tentou esconder o cigarro que fumava. Estava no batente da janela, com uma perna pendurando para fora, o ar frio soprando.

Franziu o cenho. — Você vai ficar doente.

Ela se sentou, tomando uma longa tragada de seu cigarro. — Alguma vez adoeci? Além disso, não há remédio para isto.

Não se preocupava com o que acontecia na vida de Alex. Na maior parte, ela era tranquila, ia à escola, trabalhava, punha muita disciplina em seu balé, mas também tinha uma vida social que, contudo, não aprovava. Não podia lhe dizer como viver sua vida, sobre tudo com a forma em que estava vivendo.

— Então, não vai agarrar uma bunda esta noite? — Perguntou-lhe depois de que não respondeu.

Mishca caiu em sua cama, não menos envergonhado por suas palavras, mas sabendo que se Lauren tivesse ouvido, estaria vermelha. — Não sabia que era voyeur Aleksandra.



Ela lhe mostrou a língua. — Não é como se me dessa muita opção, irmão. Deus, tive que pôr fones de ouvido para não escutar a farra. — Sacudiu a cinza de seu cigarro, vendo revoar até o chão. — Por que está aqui?

— O pai de Lauren... trabalhou para nós.

— Não me diga? Ela sabe?

Deu-lhe um olhar suave.

— Não, suponho que não. Você... Espera. Não lhe disse? Mishca, tem que dizer a ela.

Abaixou a cabeça. — Não posso. Mesmo se quisesse, sabe como funciona isto. Se eu lhe dissesse, isso significaria...

— Teria que falar com papai. Sim, sei, mas você tinha que ter certeza, certo? — Perguntou olhando-o. — Digo, para trazê-la aqui, você tinha que saber que este era o passo seguinte. Quero dizer, o que esperava? Eventualmente, ela vai saber o que você faz além de ficar sentado atrás de uma mesa.

— Não precisa saber.

Apagou seu cigarro, sacudiu suas pernas, para que pudesse vir sentar-se ao seu lado. — Que merda está acontecendo com você? Há uns meses, esta não teria sido uma questão, mas agora está... Oh, meu Deus.

Mishca a olhou, não gostando da forma como seu sorriso crescia. Praticamente podia ver a conclusão a que chegou. — Não fale.



— Você a ama — disse em voz tão baixa como se o conceito de amar alguém fosse tão absurdo que não podia ser possível, mas não podia negá-lo.

— Alex...

— Não tem que negar, ao menos não para mim. Eu gosto dela. É óbvio que é como ela se sente sobre você.

— Não tenho dúvida disso, mas nunca é assim tão simples, e há mais risco se entrar nisto cegamente, você sabe do que falo.

Estendeu seu pé até que o apoiou em seu braço, uma ação que sabia que ele odiava. Alex suspirou profundamente. — Vou te dar o melhor conselho que escutei, e o melhor de tudo? Vou dar isso grátis. Está preparado?

Olhou-a fixamente, assentindo, disposto a escutar algo que evitou já por um tempo.

— Só diga como se sente, merda, se sentir o mesmo dela, fale com papai, obtenha sua bênção, lhe diga a verdade. De qualquer maneira — disse, indo procurar outro cigarro, voltando para seu lugar no batente da janela. — Vai ter que lhe dizer a verdade com o tempo.

Tinha razão e reconheceu que, pela primeira vez não tinha ideia de como isto podia resultar.

Com a decisão de não pensar sobre isso, aproximou-se de Alex e lhe beijou a testa. — Obrigado.

— Isso é o que me pagará.

Antes de sair de seu quarto, tirou-lhe o cigarro da boca, jogou-o pela janela, rindo quando golpeou a parte de trás de sua cabeça quando saía.



Amanheceu muito rápido, mas despertar junto à Mishca valia a pena. Hoje era seu último dia e não pôde evitar sentir-se triste. Foi só uma semana e já estava de volta, sentiria mais falta do que pensava.

Em sua honra, Mikhail reuniu todos para um café da manhã especial. Desde seu primeiro dia, tornou-se mais caloroso, pelo menos tanto quanto possível. Não parecia ser um homem afetuoso por natureza, mas foi gentil ao falar com Lauren toda vez que estava perto.

Anya era fria como sempre e Viktor não lhe prestou atenção como se não estivesse perto dele.

Arrastando-se para fora da cama, Lauren entrou no banheiro, para lavar o rosto e escovar os dentes. Quando saiu, Mishca tinha desaparecido.

Tudo estava bastante tranquilo na mansão, embora pudesse ouvir às pessoas caminhando na parte de baixo enquanto todos se preparavam para o café da manhã.

— Não a reconhece?

Lauren só podia ouvir Anya falando com alguém e quando olhou por cima do corrimão, viu Viktor e ela e em um canto, nas sombras olhando um para o outro. Não quis escutar às escondidas — não realmente de todo modo — mas



não pôde evitar perguntar-se de quem estavam falando. Quem ele deveria reconhecer?

— Passou mais de uma década, Anya — sussurrou Viktor — não deveríamos ter esta conversa aqui.

— Se ela souber...

Lauren quase saltou fora de sua pele quando sentiu os braços de Mishca ao redor de sua cintura, atraindo-a de novo em seu quente abraço.

— O que está fazendo? — Perguntou-lhe em seu ouvido.

Empurrou a estranha conversa que Anya e Viktor estavam tendo, para o fundo de sua mente e deu a Mishca toda sua atenção. — Estava te procurando. — Isso em parte, era verdade.

Sua mão deslizou por debaixo de sua camisa, roçando seus dedos sobre seu estômago. — Vamos, tenho algo para você.

Talvez fosse sua voz, que ainda era áspera e rouca como no sonho, que fez Lauren ruborizar, ou o que suas palavras prometiam.

— Isso não era o que tinha em mente — disse sorrindo ante sua reação.

Levou-a para seu quarto. Este era muito diferente do que tinha na cidade. Enquanto que este último parecia ser um reflexo dele, o primeiro era um reflexo da riqueza que possuía.

— Feche os olhos.



Fez o que lhe pediu, sentindo-o deslizar além dela. Estava de volta em um segundo.

— Certo.

Ela abriu os olhos.

Segurava uma caixa grande e azul, uma fita branca brilhante enrolada e atada em um laço elegante. Reconheceu a cor da marca de centenas de anúncios e, embora soubesse que era sem dúvida caro, não estava pensando em não o aceitar.

— Pensei que dissemos, nada de presentes — sussurrou enquanto o colocava em suas mãos.

Ele sorriu. — Você disse nada de presentes, mas eu nunca aceitei isso. Desde que estará em Michigan para o Natal, pensei em lhe dar isso agora.

Tirou as fitas para levantar a tampa. Descansando em uma almofada branca, estava um bracelete de ouro, pendurado no extremo havia um pequeno ovo envolto como um presente. O ovo em si era maior que o polegar de um bebê e tinha pedras preciosas claras incrustadas ao redor.

— É lindo — disse com assombro quando o tirou da caixa e o atou ao redor de seu braço.

— Fico feliz que gostou.

Ela sorriu. — Eu adorei. — Quando o olhou, franziu a testa de repente. — Isto não é exageradamente caro, não?

Passou a mão pela barba áspera de sua mandíbula. Por sua vida, não podia entender como sempre a arrumava para manter a mesma quantidade de pelo facial.

— Defina o quanto foi caro.



Olhou-o fixamente.

— Não foi nenhuma fortuna — disse.

— Tomarei isso como um sim. Agora me sinto mal porque meu presente não é tão bonito como este.

— Pensei que havia dito nada de presentes? Além disso, seja o que for, estou agradecido.

— Sei, diz agora — murmurou olhando para longe. — Espere aqui.

Correu ao seu quarto, pegando o embrulho do fundo de sua mala. Balançando com ansiedade, o entregou.

Mishca ficou muito mais entusiasmado para rasgar e arrancar o papel do que pensou que ficaria. Seu sorriso aumentou ainda mais quando tirou a foto emoldurada, rindo do que estava gravado atrás.

“Para melhores primeiros encontros.”

Bolas azuis adornavam a frente da foto que Amber tirou deles antes do encontro.

— Duvido que alguma vez ganhei algo tão importante como isto, e antes que me contradiga, sim, é o melhor presente, já que vem de você.

Sorriu, aliviada já que ele gostou. Envolvendo seus braços em torno de seu pescoço, o beijou, sentindo-se a garota mais feliz do mundo.

— Meu Deus, vocês podem parar? — Perguntou Alex atrás deles, enrugando o nariz. — Alguém poderia ficar grávida só de olhá-los. Ou alguém já está.

O rosto do Lauren ficou ruborizado quando golpeou o braço da Mishca. — Disse que éramos os únicos neste andar!



— Ou ele disse para que você não mudasse de ideia — falou amavelmente.

— E se Alex quer seu presente, lhe darei problemas — gritou Mishca a sua irmã.

Lauren olhou, constrangimento substituindo a felicidade que sentiu um momento antes.

Parecia envergonhado, levantando suas mãos. — Posso explicar.

— Sim, claro. — Revirando os olhos, girou em seu calcanhar e foi para o café da manhã.



Diferentes tipos de comidas foram colocados no centro da mesa, mais do que o que foi no jantar várias noites atrás. Todos se sentaram no mesmo assento da primeira noite, Lauren achou estranho. Era quase como se tivessem atribuído lugares.

Quando serviram a comida e as bebidas, Viktor ficou de pé abruptamente com seu copo. Mishca olhou ao seu pai por um segundo antes que ele também levantasse o seu, e todos olhassem em sua direção.

— Ofereço um brinde — declarou Viktor olhando a cada um, parando mais demoradamente em Lauren, e logo acrescentou. — Ao meu irmão e à sua encantadora esposa Anya por me permitirem ficar em sua casa.



Logo se voltou para Mishca e Lauren, embora seu olhar estivesse fixo nela com uma intensidade que não entendia. — E a meu sobrinho, que você encontre felicidade em cada novo desafio. A todos, *Suzhenogo konyom ne ob "edyesh*[51].

Assim que as palavras saíram de seus lábios, a taça de Lauren de suco de laranja deslizou de seus dedos frouxos, partindo em muitos cacos, espalhando em todo o chão de madeira. Alguém suspirou, os garçons correram para limpar a desordem, mas a mesa e todos seus ocupantes desapareceram e Lauren foi rodeada pela escuridão, só via uma pequena porção da luz que brilhava através da parte inferior da porta.

Seu medo era tão penetrante que quase podia tocá-lo. Ouvia uma conversa baixa, uma das vozes reconhecia como sendo de seu pai, lembranças longínquas correndo de novo ao presente. Era como se a névoa que sempre pairava sobre certas memórias, essa noite finalmente houvesse se dissipado.

Outro homem estava falando, dizendo palavras que havia trazido tudo de volta, logo um estalo forte causado por algo, ou alguém, bateu contra a porta, fechando-a de repente. Saltou ante o som agudo, mas cuidou de não fazer ruído.

— "Não importa o que ouça, não importa o que aconteça, não faça nenhum ruído, ok?"



[51] Tradução: Você não pode escapar seu destino (mesmo) com um cavalo. Significado: Você não pode mudar seu destino.

Nesse momento, lembrava-se de seu pai, sorrindo tristemente, as linhas em seu rosto, junto a seus olhos enrugando-se, ele a olhou como se esta fosse a última vez que o faria.

— “O papai te ama muito, querida”.

Suas mãos estavam vazias, mas ela ainda podia sentir a textura da manta de feltro que sempre levava. O aroma do sangue cobria o ar, a medida em que passava pela porta, arrastando-se lentamente para ela. Não havia lugar onde ir, no limitado espaço do armário. Só podia olhar para baixo, para ele, sem poder fazer nada, enquanto o líquido espesso empapava suas calças.

Tocou-o em uma tentativa de afastá-lo dela, sua mente infantil sem saber que outra coisa fazer. Chorou ao ouvir a porta bater, esperando que seu papai a deixasse sair, mas quando ele nunca chegou, apenas ficou ali, não querendo quebrar sua promessa.

— Lauren!

A voz preocupada de Mishca trouxe-a de volta ao presente. Ela piscou, baixando a vista para sua mão, vendo o líquido frio no chão. Suco de laranja, sem sangue.

Estava chorando silenciosamente, com os olhos ardendo. Todos a olhavam fixamente, com curiosidade, mas estava muito assustada para sentir-se envergonhada.

— Sinto muito — disse a ninguém em particular, empurrando sua cadeira para trás para fugir da sala.



Fingiu que não ouvir os rumores, ignorando o chamado de Mishca, mas quando dobrou a esquina, olhando para trás uma última vez, era a Viktor a quem se dirigia.

Não parecia preocupado como os outros. De fato, havia algo frio e calculado em sua expressão, que fez que o medo se centrasse no peito dela. Só ele podia saber por que Lauren reagiu daquele jeito.

Era a voz que recordava.



Chegaram ao aeroporto com tempo de sobra, mas em vez de gastar seus últimos poucos minutos, conversando alegremente, ela se sentou silenciosamente no banco do passageiro, olhando o movimento dentro e fora do aeroporto. Sua mente estava muito preocupada com a noite que seu subconsciente enterrou, para perceber que Mishca a olhava.

Queria confiar nele, pelo menos para perguntar o que significavam aquelas palavras, mas se conteve. Queria pensar, que estava muito aflita para perguntar, mas uma parte dela sabia que não ia tocar no tema porque tinha medo de qual poderia ser sua resposta.

Não eram só as palavras, mas o fato de que era a voz de seu tio que ouviu alta e clara que a fez não falar sobre isso.



Em troca, virou-se para ele e disse — não quero perder meu voo.

Assentiu, abrindo as portas do carro para lhe ajudar com sua bagagem. Na entrada, ficaram um frente ao outro, alheios às pessoas ao seu redor, analisando-se, isso fez com que ganhassem um par de olhares.

— O que aconteceu? — Perguntou antes de que pudesse se afastar.

— Eu.... Não foi nada.

— Não foi nada. Por que não me diz?

Negou com a cabeça, olhando além dele. — Falaremos quando eu voltar.

Ele suspirou, quando se deu conta que não ia dizer nada. — Avise-me quando chegar, sim?

— Está bem.

Assentiu de novo e se inclinou para lhe dar um beijo rápido nos lábios, um que devolveu hesitante, com a esperança de acalmar a dor que viu em seus olhos e o medo que tinha em seu coração.

Mas enquanto ele se afastava, colocava seus óculos de sol e subia de novo em seu carro, sentiu que não poderiam estar mais longe do que estavam nesse momento.



Capítulo 19

Lar Doce Lar

Havia uma coisa que Lauren sentia saudades em seu lar, além da Susan e Ross, era a tranquilidade de sua vizinhança. Vivendo em Nova York durante os últimos cinco meses, tinha acostumado ao frenético ritmo da vida na cidade, o fedor do escapamento e os sons constante das buzinas escandalosas, mas era agradável poder escutar os pássaros, e respirar o aroma das flores de cerejeira que estavam atrás da casa.

Originalmente, a visita a Michigan seria apenas para umas curtas férias, o tempo justo para estar com sua mãe e Ross, antes do próximo semestre, mas depois do incidente no café da manhã, seu tempo lá seria mais como uma fuga. Planejava ficar por uma semana, mas depois de ter uns dias de descanso do trabalho, e concordar em fazer turnos extra quando retornasse, resolveu ficar o resto das férias.

Sua antiga casa trazia muitas más lembranças para que ela ficasse ali. Só demorou um mês para que Susan e ela se mudassem a uma casa muito menor, de dois dormitórios nos subúrbios da cidade. Era de azul claro, com um envolvente alpendre branco, a pintura descascando dos lados. A garagem estava atrás da casa e a utilizavam principalmente como despensa.



Podia ser pequena, mas era tudo o que necessitavam. Desde que chegou, Lauren pôs em dia seus assuntos com Susan, passando horas falando de seu trabalho e a vida de volta a Nova York, embora evitasse falar de Mishca e sua mãe não puxasse o assunto. Quando estava perto, ela a ajudava a manter sua mente fora dele, mas depois que saiu para comprar alguns mantimentos e passou algum tempo sozinha, ele foi o primeiro em que pensou.

Lauren ligou como prometeu, mas agora, passados alguns dias, não sabia nada a respeito dele. Cada vez que tentava entender por que reagiu daquela forma a voz de Viktor, a conclusão era sempre pior que a anterior.

Passou mais de uma década e racionalmente sabia que poderia ter se enganado com aquela voz, mas foi difícil tranquilizar sua própria memória. Talvez quando retornasse a Nova York, pudesse perguntar a Mishca a respeito do que Viktor havia dito.

Pelo que sabia, poderia ser um dito popular na Rússia, palavras que desejassem uma boa saúde e prosperidade... mas, o que se não fossem?

Como ficar sentada não estava ajudando, Lauren levantou, e foi até a garagem em busca de uma caixa com suas velhas coisas. Agora o espaço em seu quarto abrigava máquinas de costurar e tecido.



Viu umas quantas caixas com seu nome nelas em uma prateleira superior. Ao não encontrar um banquinho, se esticou até as alcançar, seus dedos logo roçando a parte inferior delas. Fazendo um movimento rápido, pegou uma por uma, pondo-as no chão ao seu lado. Quando tocou na última, que era mais pesada que o resto, e pôde finalmente girá-la para seus braços, gritou, porque uma caixa menor, que estava em cima da outra desabou, quase atingindo seu rosto.

O conteúdo se espalhou, imagens, botões, canetas e roupas. Eram coisas de seu pai. Reconheceu sua camiseta de Stanford, assim como o bracelete de couro que tinha papai soletrada em miçangas coloridas.

Agachou-se junto a todas as coisas velhas, as lágrimas acumulando-se em seus olhos. Suas mãos tremiam enquanto apertava o suéter em seu peito. Enterrou sua cara no tecido e quando fechou os olhos, quase podia sentir o aroma quente e familiar trazendo de volta faíscas de lembranças.

Colocando-a no topo de uma das caixas, começou a mexer dentro da mesma, colocando alguns artigos que planejava pegar com o resto das coisas. Levantando outras camisetas, um livro caiu ao chão.

Na verdade, não era um livro, viu depois de o estudar de perto, mas era um diário encadernado em couro. Lauren folheou as páginas, sabendo que as palavras escritas apressadamente não eram de sua mãe. Voltou para a primeira página, ela tentou ler a caligrafia de estilo médico.

5 de agosto de 1992



Hoje, trouxemos Lauren para casa depois de duas semanas no hospital. Nasceu prematuramente, e preocupava Susan, que frequentemente chorava, acreditando que era sua culpa, embora eu tentasse convencê-la do contrário. Não houve efeitos prolongados no bebê e quando deram-lhe alta, ela novamente chorou.

Mais tarde naquela noite, quando minhas garotas dormiam, não havia nenhum pai mais feliz que eu. Lauren abriu os olhos, piscando para mim com toda a maravilha que sentia um recém-nascido e o amor que sentia por ela só cresceu. Apesar de ser a imagem de sua mãe, ela tem meus olhos.

Abandonando sua busca, Lauren pegou o diário de volta, e levou para seu quarto, envolvendo-se nos pensamentos de seu pai. O início das anotações era de muitos anos atrás, a última do dia em que morreu. Ela não se atrevia a ler essa, mas leu todo o resto.

Parecia feliz, ao menos isso foi o que percebeu de suas anotações, mas depois de seu quarto aniversário, o estilo de sua escrita mudou, era como se pudesse sentir o desespero em suas palavras, e o cansaço triste causado pelas circunstâncias.

21 de Junho 1996.

Fui chamado outra vez pelo Chefe e poucas coisas tinham mudado nesses anos. Voluntariamente aceitei esta forma de vida porque não tinha outra opção, mas não com Lauren, não sei quanto mais posso continuar.



— Esse é o diário de seu pai? — Perguntou Susan a Lauren, assustando-a.

Fechou-o, passando a mão sobre a capa dele. — Sim, encontrei na garagem. Nunca me disse que o tinha.

— Já faz anos que não via suas coisas. Esqueceu que estavam aí. — Susan olhou para onde o suéter de seu pai estava dobrado na mesa. Ver isto causou dor e Lauren quase sentiu culpa por não o ter guardado. Só porque não se lembrava de nada, não significava que sua mãe tivesse esquecido.

— Sinto muito, não pensei que chegaria tão cedo em casa.

— Não se desculpe, coração. Fico feliz que o encontrou, mas é melhor descer e me ajudar a cozinhar. Não é Dia de Ação de Graças um evento único na vida?

Riu. — Com certeza, descerei em um momento.

Na cozinha, Lauren pegou a panela, enchendo-a com água antes de colocá-la na chama do fogão. — Mamãe?

— Mmm?

— Meu pai gostava de ser cirurgião?

— Era sua vida — disse com uma risada — Vivia e respirava seu trabalho. Por quê?

Tirando um guardanapo do suporte no centro da mesa, dobrou-o e desdobrou, formando diferentes forma. — Quando li seu diário, parecia que se cansou disso. Disse que estava tendo problemas com seu chefe.



O garfo na mão de Susan quicou em cima da mesa quando o soltou. Pareceu agitada por um momento. — Bom, seu pai era uma pessoa muito fechada, assim pode não ter me dito tudo.

— Sim, suponho.

— Oh, antes que esqueça. Thomas me ligou. Quer saber se você quer ir almoçar com ele amanhã. Disse que nunca atende o telefone.

Lauren amaldiçoou baixinho, Susan pegou sua bolsa para procurar seu telefone e conectá-lo a um carregador.

— Eu disse a ele que tem o hábito de deixá-lo descarregado.

— Ahamm. Diga-lhe que sim para mim. Vocês dois não decidiram ficar juntos ainda?

— Lauren!

— O que? — Perguntou levantando suas mãos. — Fala como se ninguém mais estivesse pensando nisso. Estive esperando essa conversa por anos. Nenhum dos dois quer falar disso.

Pela primeira vez em sua vida, viu Susan ruborizar-se. — Thomas e eu somos apenas amigos.

Riu. — É por isso que é tão formal quando se trata dele? Thomas isto, Thomas aquilo. Quando era pequena, estava acostumada a chamá-lo também de Ross. Assim é como comecei a chamá-lo. O chamava de detetive quando não estava perto.

Lauren sentiu um pano que a atingiu. — O que? O que eu disse???



Susan quase derrubou a panela de macarrão, negando com a cabeça. — Onde errei com você?

— Lembra-se uma vez no ensino médio, quando cortei o cabelo, tentando ter o estilo da moda, que todos as outras tinham, e te convenci que me deixasse faltar por uma semana? — assentiu. — Li cada um dos livros de romance que tinha em casa. Parece que todos eles tinham um detetive quente como herói.

— Haviam só dois.

— Acho que oito.

— Quatro.

— Definitivamente mais de dois.

Desta vez, Lauren não se incomodou em fugir, quando outra toalha quase chegou até ela.



Mais tarde nessa noite, Lauren adormeceu rapidamente, Susan esgueirou-se em seu quarto, levando o diário de volta ao seu escritório. Acendeu a luz do abajur, que iluminava sua cadeira, pegou o diário, passou seus dedos pelas páginas carinhosamente, recordando como Cameron estava acostumado a sentar-se ali por horas e escrever nele.

Foi até a última página escrita no diário, naquela noite em sua mesa. As palavras nessa página a tinham



torturado. Com todas as coisas dele empacotadas, esqueceu-se disso até hoje.

Parecia, que independentemente de tudo o que fez para tentar protegê-la disso, Lauren estava descobrindo a verdade.

Colocando a última página entre seu polegar e dedo indicador, arrancou-a do diário, colocando-a na gaveta de sua mesa. Não se enganou, Lauren saberia a verdade mais cedo ou mais tarde, mas a protegeria disso tanto tempo quanto pudesse.



Capítulo 20

O Velho Restaurante

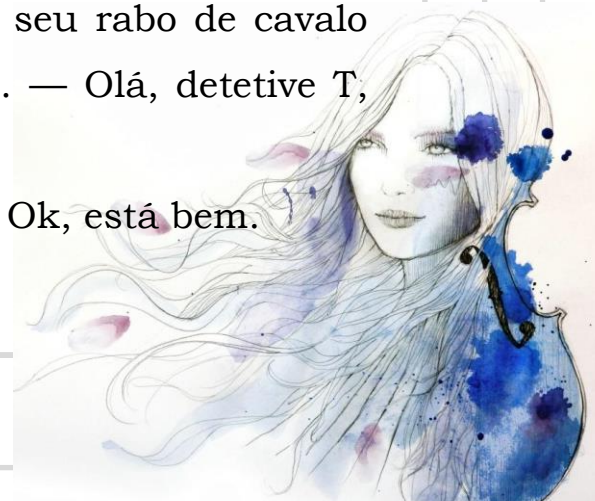
O restaurante da Tia Sally era um buraco incrustado na cidade rural de Lauren, mas servia alguns dos maiores hambúrgueres que ela já tinha provado, inclusive melhor que todos os restaurantes incríveis de Nova York. Estava tão animada com as lembranças: os clientes assíduos sentados nas cabines de vinil, escutando uma das canções pop pelas quais Sally era tão aficionada.

Ross e Lauren sentaram-se em seu lugar de costume junto às janelas, Ross no lado direito onde tinha uma visão clara da entrada. Sempre agindo como policial, inclusive quando estava de folga.

Eles leram o menu, mais por costume do que por necessidade, embora já soubessem o que iriam pedir. Por cima de seu cardápio, Lauren viu Christina, uma garota que conhecia da escola secundária, patinar na direção deles, tirando a familiar caderneta rosa pink para anotar seus pedidos.

Sorriu calorosamente para Ross, seu rabo de cavalo loiro balançando por cima de seu ombro. — Olá, detetive T, quer o de sempre?

Ele fechou o menu, olhando-a. — Ok, está bem.



Rabiscando o pedido, Christina preparou um sorriso para Lauren também, mas hesitou uma vez que a reconheceu. — Lauren Thompson, certo? Não te vi desde sua graduação. Como está?

— Bem.

— Ouvi que mudou para Nova York? Como está lá?

— Ocupada — disse — E você, como está?

— Se lembra de Justin Rogers? — Perguntou, seu rosto praticamente brilhando.

Para falar a verdade, Lauren não se lembrava de ninguém da escola secundária, mas assentiu educadamente de todo modo.

— Nos casamos em outubro passado. — Mostrou um pequeno anel de diamantes, mas pela forma em que estava explodindo de felicidade, não importava o tamanho.

— Isso é genial. Estou feliz por você — disse, e realmente estava. Depois de um pouco mais de bate papo e de colocá-la em dia, Christina patinou longe para entregar seus pedidos. Ia pegar sua água quando Ross agarrou seu pulso, assobiando com a visão de seu bracelete.

— Presente de Natal? — Perguntou ele com um sorriso conhecedor.

— Minha mãe te disse?

— Ela poderia ter mencionado um novo namorado, mas estava esperando que me dissesse tudo sobre ele — disse Ross tomando um pouco de seu café.



Antes poderia ficar envergonhada, tonta, disposta a lhe contar tudo sobre Mishca, mas não podia, não agora, não quando não estava segura de como eles estavam.

Encolheu os ombros. — Ele é só um rapaz que conheci.

— Um rapaz? Quantos anos tem?

— Vinte e quatro.

Ele fez um ruído, desaprovando. — Não é um pouco velho para você?

— Não entre em modo pai, Ross. Quatro anos não é muita diferença.

— Uh huh, e o que ele faz?

Ela estremeceu, sabendo que não ia gostar de sua resposta. — É dono de um clube. Em sua defesa, continuou antes que ele pudesse interrompê-la, é um clube muito agradável.

— Não é um clube de strip-tease?

Riu. — Não, não é um clube de strip-tease.

— Foi à escola?

— É graduado.

— Filhos?

— Não acredito.

— Alguma irmã?

— Uma, seu nome é Alex.

Ross deslizou a xícara para o lado quando apareceu Christina, para preenchê-la. — Sempre se pode julgar um homem pela forma em que trata a sua irmã.



— Então ele é um rapaz genial — disse, embora sua voz soasse triste, inclusive para ela. Mudando de assunto, disse — encontrei algumas coisas velhas de meu pai o outro dia. Estava pensando que talvez você possa dar uma olhada nos arquivos do caso.

Ocorreu-lhe que ela poderia ter visto as palavras nos arquivos dos dias em que foi à delegacia de polícia, e como não podia as pronunciar então, seu subconsciente tinha unido a voz de Viktor a elas.

Ele franziu o cenho, lhe dando o olhar policial. Quando era uma menina, intimidava-a o suficiente para fazer que pensasse em cada palavra que dissesse, mas agora só a fez sorrir. — Por que quer fazer isso?

Felizmente, teve um momento para pensar em uma resposta adequada que poderia influenciá-lo quando Christina chegou com sua comida.

— Não faria mal, não? — Perguntou — Pense, uma nova olhada poderia ajudar.

Isso ganhou uma risadinha. — Não é um policial, Lauren, e não disse nada a respeito de tentar se tornar uma.

— Quero lê-los. Só tinha cinco anos quando aconteceu e acredito que sou o suficientemente madura para entender o que há ali.

Ela olhou para seu prato, mexendo seus ovos com o garfo enquanto esperava o veredicto. Poderia superar se ele não o desse?



Estava tramando maneiras de convencê-lo quando finalmente suspirou e disse — Por que não. Quando volta para casa?

— Depois de amanhã.

— Está bem, vamos fazer um trato. Já que vou para Nova York investigar um caso durante as próximas semanas, deve dar-lhe tempo suficiente para ver tudo, mas quando voltar, o mesmo ocorre com seu caso.

— Está certo.

Ele resmungou algo inteligível, claramente não gostava da ideia absolutamente, mas se dedicou a conversar a respeito de suas ocupações, porque não queria que lhe dar a oportunidade de mudar de opinião.



Em um dos carvalhos gigantes do outro lado da rua do restaurante da Tia Sally, um homem desajeitado com o cabelo castanho claro e uma boca cheia de amarelados e torcidos dentes se sentou em um dos ramos da árvore mais grossa, se ocultando entre as folhas. Qualquer pessoa que passasse embaixo não seria capaz de detectá-lo, ele estava especialmente incumbido de um trabalho.



Podia ver tudo o que lhe rodeava claramente com a ajuda de sua câmara digital, uma lente especial de longo alcance unida à frente da mesma. Enquanto apontava a câmara, ajustando-a para enfocar a imagem, tirou fotos da garota com o policial.

Tinha-lhe sido atribuída a vigilância dela e não esperou nada substancial dele. Igual a muitos casos de outras meninas, achou que a veria indo as festas com seus amigos ou dormindo por aí.

Mas isto?

Isto era algo maior do que já havia encontrado antes. Tirou o quente telefone de seu bolso, amaldiçoando, pois esteve a ponto de deixar cair o pequeno dispositivo eletrônico, quase deslizando de seus dedos dormentes.

Conseguindo segurar firme o telefone, discou o número um para seu Chefe, escutou-o chamar durante muito tempo antes que finalmente o atendessem, o homem no outro da linha permaneceu em silêncio, apenas se ouvia o som constante de sua respiração.

O fotógrafo não perdeu o tempo. — Temos um problema.



— Você não está falando sério. Está chorando, mãe? — Perguntou Lauren enquanto permanecia junto ao carro de Ross, olhando por cima de seus ombros.

Poderia ter se sentido mal, mas quando Susan se afastou, secando a umidade delatora de suas bochechas, não pôde deixar de rir um pouco nas costas dela.

— Sinto que estou te perdendo de novo.

— Vou estar de volta daqui a alguns meses, para o verão. Um dia você realmente poderá me ver fora do ninho totalmente, em vez de balançando na borda.

Susan esteve com os olhos chorosos durante todo o dia, correndo pela casa como uma louca, enquanto preparava uma porção de coisas para que Lauren levasse. Agora, tinha papel higiênico suficiente para durar uns meses. Desde que sua mãe passou seu tempo livre vendo The Walking Dead[52], comprou tudo se preparando para o apocalipse antes do tempo. Por que isso significava comprar toda a mercearia local, Lauren não sabia.

Havia umas quantas caixas cheias de roupa velha, coisas de seu pai, e material escolar para o próximo semestre. Tudo encaixado no porta malas do carro de Ross. Estava feliz que ele fosse neste fim de semana, porque se não, a maioria destas coisas teriam sido deixadas, pois o preço do excesso de bagagem seria surreal.

Susan puxou Lauren para um abraço, apertando com força. — Por favor tome cuidado — sussurrou.



[52] The Walking Dead é uma série de televisão dramática e pós-apocalíptica norte-americana.

— Sempre.

— Tenham uma boa viagem os dois. Ligue-me quando chegar. — Despedindo-se uma vez mais, e se foram.

— Você sabe — disse Lauren depois de algumas horas. — Tenho habilitação, se quiser pode descansar.

— Lembra da última vez que te deixei dirigir? — Perguntou Ross, dando-lhe uma olhada.

Sabia exatamente aonde ia com isto. — Eu tinha quinze anos e acabava de tirar minha permissão de aprendiz! Não pode continuar pensando que sou tão ruim.

— Saiu da estrada nos levando para uma rua deserta —comentou secamente — E antes que o diga, não. Não me lembro do esquilo de ficção que viu.

Restava dizer que Lauren não chegou a dirigir absolutamente. Ficou acordada, entretanto, conversando. Passou muito tempo desde que falou sobre ele e do que estava planejando fazer no ano seguinte.

Ele pensou em se retirar da polícia por algum tempo, mas os velhos hábitos eram difíceis de morrer e não estava disposto a abandoná-los.

— O que vai fazer quando se aposentar? Comprar um barco?

— Poderia comprar um. — disse com um sorriso — Pegá-lo nos fins de semana e ir pescar.

— Mamãe ama pescar. — Ela não tinha nem ideia se Susan sequer sabia pescar — Poderia levá-la contigo. Só estou dizendo que vocês dois juntos... — Ross ligou o rádio.



Ao ajudá-la a levar suas malas, tiveram que fazer outra viagem para trazer os arquivos. — Acredito que é a última.

— Em que hotel ficará? — Perguntou Lauren juntando seu cabelo em um rabo de cavalo.

— Não é longe daqui, está do outro lado da ponte.

— Não me disse em que caso estava trabalhando — disse Lauren enquanto desciam.

— Sabe que não posso discutir uma...

— Investigação em curso. Sim, sei.

Ele riu. — Ensinei bem. Certo, bom, é melhor que vá e me registre.

— Obrigado de novo, Ross.

Abriu os braços quando ela o abraçou, batendo em suas costas, sem jeito. — Não se meta em problemas. Espero que encontre o que está procurando nos arquivos.

— Eu vou te ver em breve.

Entrou deslizando em torno dos pacotes de papel higiênico que se encontravam na sala. Estava muito ansiosa para olhar todas as caixas e averiguar o que havia em cada uma.

Lauren acreditou ouvir a porta de Amber se abrir quando entrava no seu.



— Por que todo esse papel higiênico? — disse Amber a Lauren quando estava fechando a porta.

— É uma longa história — respondeu-lhe. — Prometo que te conto depois.

As caixas que estavam no meio da cama, eram como um farol que a chamava, mas era o desconhecido de seu interior o que a deixou nervosa. Dentro delas estavam as respostas a todas as suas perguntas.

Respirando fundo, levantou a primeira tampa, deixando-a num lado da cama. Haviam centenas de documentos, em nenhuma ordem em particular. Começou a repassar minuciosamente cada peça, classificando tudo.

Parecia como se estivesse em meio de uma sessão de estudo intenso, com todos os papéis espalhados ao seu redor. Em cima da mesa, haviam arquivos da apólice do seguro de vida de seu pai e das informações que os oficiais anotaram. No princípio da investigação, a polícia assumiu que Susan estava por trás da invasão, tentando fazer com que parecesse um assalto para se aproveitar do seguro de vida. Rapidamente abandonaram essa teoria quando as evidências não sugeriram isso.

Mas o curioso eram os documentos contraditórios. No arquivo que encontrou na caixa da garagem, o seguro de vida era de só dois milhões de dólares, mas a apólice que estava no arquivo da polícia era o triplo dessa quantia.



Queria acreditar que era um erro de digitação, mas por outro lado, isso explicaria como pôde se dar ao luxo de frequentar à Universidade de Nova York e pagar por seu apartamento sem nenhum tipo de assistência.

Na frente dela estavam as declarações das testemunhas, ao menos meia dúzia, que em realidade não forneceram nenhuma informação proveitosa. Pelo que Lauren podia reconstruir em sua mente, os homens tinham ido e voltado em menos de dez minutos, não estava muito surpreendida pela falta de algo útil.

Surpreendentemente, porém, não havia fotos da cena do crime em nenhuma das caixas, provavelmente Ross as tirou.

Mesmo passando por cada página, não havia nada que levasse o caso de seu pai à família de Mishca, além do que ouviu naquela noite. Uma parte dela se sentiu aliviada por isso, mas outra parte não estava muito disposta a abandonar as suas suspeitas. Parecia, inclusive depois de percorrê-lo de cima a baixo, que ainda não estava mais perto de encontrar os assassinos de seu pai do que o estava antes.

No passado, desistiu, mas agora, estava muito determinada para parar.



Capítulo 21

Ross

Havia poucas coisas no mundo que importavam ao detetive Thomas Ross. A primeira era seu trabalho.

Fazendo sua carreira de oficial de patrulha a detetive de homicídios, Ross trabalhou do começo ao final, de cada um dos últimos quinze anos. Era um detetive condecorado e ganhou elogios por seu serviço no Departamento de Polícia de Michigan.

Entretanto, em segundo lugar vinha sua família. Sua irmã Marie e seu sobrinho Jonathan eram tudo para ele, mas mesmo sua irmã acreditava que seu verdadeiro amor era Susan e Lauren. Sem uma esposa e filhos próprios, estava praticamente casado com a polícia, até que as encontrou.

Ainda recordava seu primeiro caso como detetive de homicídios, talvez todos os primeiros casos eram assim sentimentais...

O detetive Ross estava sentado em sua nova mesa, bebendo um café velho de dois dias, enquanto tirava da caixa de papelão os objetos para decorá-la: um par de fotos, uma de sua irmã e sobrinho, outra de seus pais com a borda desfiada e escura devido aos anos.

Arrumava as coisas quando recebeu a ligação. Um possível 187.



Ele e seu companheiro, o detetive Louise Mitchell, nesse momento, pegaram o carro em direção a 415 rua 83 norte, a casa do Dr. Cameron Thompson e sua esposa, Susan, onde três patrulhas já estavam esperando do lado de fora, com luzes intermitentes e sirenes a todo volume, atraindo a atenção dos vizinhos que se reuniam em torno da fita amarela de advertência, tentando descobrir o que estava acontecendo.

Deu uma fria inclinação de cabeça ao oficial que mantinha a todos afastados, deslizando-se por baixo da fita e entrando na casa. Ross descobriu o corpo imediatamente, encolhido, enrijecido enquanto o médico forense olhava superficialmente, enumerando seus achados aos oficiais ao redor.

Passou uma mão pela cara, afastando-se da grotesca visão, respirando pesadamente pelo nariz e exalando pela boca. Não havia nada que realmente lhe preparasse para o cheiro de carniça. Enquanto que o bom doutor ainda estava relativamente fresco, o aroma de morte ainda flutuava pesadamente no ar.

Ross não vomitaria, embora para ser justo, nenhum dos outros oficiais teria importado. Era seu primeiro caso, depois de tudo, os novatos sempre se perdiam quando tinham sua primeira vítima. Como oficial de patrulha, nunca teve a desgraça de ver um corpo morto.

De fato, o assassinato do médico foi o primeiro de seu tipo na pequena cidade adormecida. Isso poderia explicar por que havia tanta gente.



Mitchell bateu no seu ombro e se agachou junto ao médico forense. — O que temos?

— Três feridas de bala no peito. Parece que uma se alojou em seu coração, estava morto antes de cair ao chão.

Ross pigarreou, enxugando o suor que pingava de seu lábio superior. Tinham que fazê-lo juntos. — Quem nos chamou?

Um dos uniformizados a sua direita falou, olhando seu bloco de notas. — A mulher do lado, Tammy Morgans. Chamou as sete e quinze da noite, disse que pareceu ouvir disparos, sua audição não é o que costumava ser.

Ross assentiu. — Muito bem, pergunte pela área. Veja se alguém mais sabe de algo.

— O que está acontecendo?

Ross deu a volta, e viu uma mulher gritando, correndo para a casa, mas o oficial atrás da fita a agarrou antes que pudesse ir mais longe.

Era delicada, não mais de um metro e sessenta, cabelos castanhos claros até os ombros, que estavam em desordem, enquanto lutava para passar pelo oficial. Embora fosse pequena, estava numa grande briga. Era Susan. Reconheceu-a, frequentemente a via pela cidade, fazendo compras com sua filha.

Ross saiu da casa, fazendo gestos aos oficiais para que a deixassem passar. Não havia nenhuma maneira fácil de lhe dizer o que aconteceu ao seu marido. Olhou-o agradecida enquanto corria para ele, agarrando a correia de sua bolsa com força.



— Onde está Cameron? Está bem? Lauren está bem? — Suas perguntas saíram rapidamente, uma depois de outra, mas a última atraiu sua atenção.

— Sua filha não está com você?

Seu rosto empalideceu enquanto corria para a casa, deixando cair a bolsa na grama. — Lauren? Lauren!

Ross correu de volta na casa, gritando ordens aos outros oficiais. — Há uma garota desaparecida! Obtenham uma foto recente com Susan. Alerta Amber[53], agora!

A sala virou um caos, já que a situação passou de mal a pior. Ninguém queria reconhecer que as horas passadas antes de que se dessem conta, punham em perigo a vida de Lauren.

Um ruído repentino no armário fez todos congelarem onde estavam. Pouco a pouco, os agentes pegaram suas armas, o médico forense ajudou a tirar o corpo fora do caminho, enquanto Ross se arrastava para a porta, indicando aos homens que esperassem o seu sinal.

Levantou a mão, contando lentamente até três antes de forçar para abri-la, disposto a levantar sua arma, mas não havia necessidade.

Do outro lado havia uma menina de pijama, enrolada em uma manta ensanguentada. O sangue seco cobria suas mãos, impressões digitais sangrentas cobrindo o rosto, onde



[53] Um Alerta AMBER é um sistema que usa os meios de comunicação para avisar a população assim que uma criança é seqüestrada. Teve origem nos Estados Unidos em 1996. AMBER é oficialmente sigla de America's Missing: Broadcast Emergency Response (Desaparecimento na América: Transmissão de resposta de emergência), mas foi-lhe dado este nome em homenagem a Amber Hagerman, uma criança de 9 anos raptada e assassinada em Arlington, Texas, em 1996.

deve ter esfregado suas lágrimas. Ainda encharcou suas calças, onde o sangue escoou por debaixo da fresta da porta.

Ross guardou a arma, ajoelhando-se para ficar ao nível de seus olhos. Eram de uma cor avelã, estavam chorosos e só podia imaginar o horror que deve ter testemunhado no armário. Cristo, quanto tempo esteve aí?

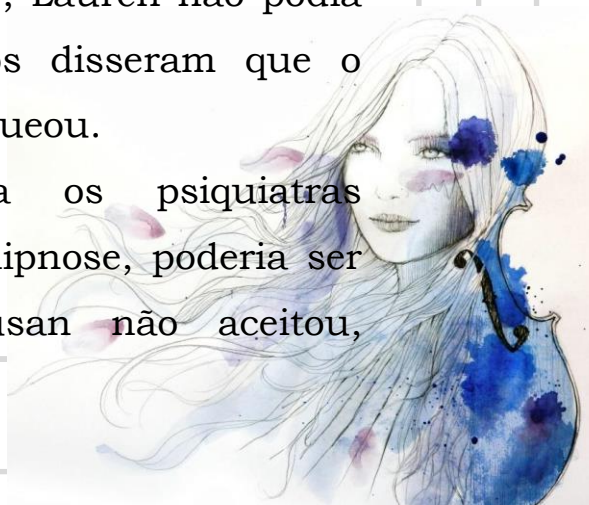
— Está tudo bem — disse suavemente, tentando manter sua voz baixa. — Agora está a salvo. Não vou te machucar.

Com um pouco mais de persuasão, ela finalmente se arrastou para ele, envolvendo seus pequenos braços ao redor de seus ombros.

Abraçou-a com força contra seu peito, sem lhe importar o sangue que estava manchando sua roupa. Não era importante, ternos eram substituíveis. Protegeu-a para que não visse o corpo de seu pai, que está sendo compactado para o preto saco para transportar cadáver. Quando chegou o momento de entregá-la a sua mãe, sentiu que gostou de poder apertar-se a ela, desejou manter o horror desse dia longe por um pouco mais de tempo.

Nunca souberam quanto tempo ficou no armário, nem tampouco conseguiram alguma descrição física dos assassinos. Não que não quisesse ajudar, Lauren não podia lembrar nada sobre o dia. Os médicos disseram que o acontecido fora tão traumático, que o bloqueou.

Não podiam ajudar, embora os psiquiatras pensassem que a pondo em estado de hipnose, poderia ser capaz de revelar algum detalhe. Susan não aceitou,



argumentando que se Lauren não se lembrava de seu pai sendo assassinado, melhor não obrigá-la a isso.

Entretanto, disseram que um dia suas lembranças voltariam, talvez quando estivesse pronta para enfrentá-lo, ou se experimentasse um trauma que o desencadeasse, mas até então, não havia nada que se pudesse fazer.

Depois de anos, e dezenas de suspeitos, não estiveram nem perto de encontrar os homens que fizeram aquilo, por isso o caso foi considerado oficialmente terminado, e foi colocado em uma sala cheia de outros processos que caíram no esquecimento até que alguma nova prova se apresentasse como evidência.

Foi um dos poucos casos que ficou com Ross. Embora Lauren tivesse seguido sua vida, tanto quanto podia, era agora uma universitária que desfrutava de sua vida, ele ainda sentia como se tivesse falhado com ela. Foi por isso que a cuidou, mesmo quando todos pensaram que estivesse muito próximo delas.

Mas, como não poderia? Gostava de pensar que foi o primeiro rosto amável que viu depois dessa terrível experiência, e ela o tratou como tal. Tentou manter distância, vê-las como qualquer outra família vítima de violência, mas Lauren ligava frequentemente, só para ver como estava, o que estava fazendo, se tinha capturado a algum menino mau, e com os anos, parecia que sua relação só se solidificou.

Nunca soube exatamente como descrever. Ross nunca poderia ser seu pai, e nunca se iludiu pensando que



pudesse ser, mas cuidou dela como um, e a amava como se fosse o seu próprio.

Susan não se importava, frequentemente o animava a passar mais tempo com ela. Pensava nele como uma boa influência.

Seu amor por elas era por isso, e quando Lauren lhe pediu os arquivos de seu pai, foi resistente a princípio. Algumas pessoas acreditavam estar preparadas para conhecer todos os detalhes de um crime horrível, mas até mesmo o mais experiente dos detetives não podia lidar com eles. No entanto, ele os entregou, decidindo que era o bastante madura para enfrentar o que encontraria lá dentro, mas tirou as fotos da cena do crime.

Desde que estava em Nova York por apenas uns dias, duas semanas no máximo, não viu mal em deixá-la olhar, pensando que não ia ter tempo suficiente para ver tudo.

Estava ocupado ajudando em um caso da polícia de Nova York. Homicídio muito parecido com um caso que trabalhou há alguns anos. Ele e o detetive Marco Rodríguez, um detetive de homicídios porto-riquenho que parecia recém-saído da academia, foram questionar uma potencial pista hoje, mas ao invés de levar o suspeito à delegacia de polícia, foram falar com ele em sua casa.

Ross achou bastante estranho, já que sempre transportou pessoas da maneira antiga, mas Rodríguez explicou que tinham que tratar isso com delicadeza, esse homem que interrogariam era importante em Brighton Beach.



Esperava também que pudessem encontrar algo incriminador lá.

Rodríguez assobiava enquanto estacionava o carro, saindo para inspecionar o entorno. Os jardins eram tão impressionantes quanto a própria mansão, mas Ross não foi movido por nada disso.

Existiam coisas que o dinheiro não podia comprar.

Rodríguez tocou a campainha da porta, dando um passo trás. À medida que andavam pelo caminho, advertiu Ross que Mikhail Volkov e seus associados eram suspeitos de vínculos com mafiosos. Embora houvessem acusações contra ele e seu irmão Viktor de vários crimes, incluindo lavagem de dinheiro e crime organizado, a justiça nunca teve provas suficientes para acusá-los.

Mesmo os federais tentavam levar esses tipos para prisão, mas pareciam intocáveis. Se havia uma testemunha disposta a depor, desaparecia e nunca mais se sabia dela, e devido a sua antiga vida na Rússia, muitos dos imigrantes achavam Brighton Beach um lugar onde não podiam confiar na polícia para nada.

Mas Ross gostava de acreditar que todo mundo escorregava. Estava na natureza.

Uma anciã vestida com um uniforme de empregada deixou-os entrar depois de ver suas credenciais, guiando-os pela casa até que chegaram a um escritório onde um homem e uma mulher esperavam.



Reconheceu Mikhail pelas fotos da vigilância que mostraram na delegacia. Ross não era um homem baixo, tinha um metro e oitenta, noventa quilos principalmente de músculos, e só quarenta e três anos, mas Mikhail era pelo menos dez anos mais velho que ele, talvez uns cinco centímetros mais baixo e uns vinte e dois quilos mais gordo. Era como um bulldog para Ross Shepard.

— Ah, detetives. — ele falava com um sotaque pesado, tornando difícil para Ross compreendê-lo.

O acento mais exótico que escutou até hoje, em sua vida, foi em uma adolescente de uma zona rural do Sul do Alabama.

— Bem-vindos à minha casa.

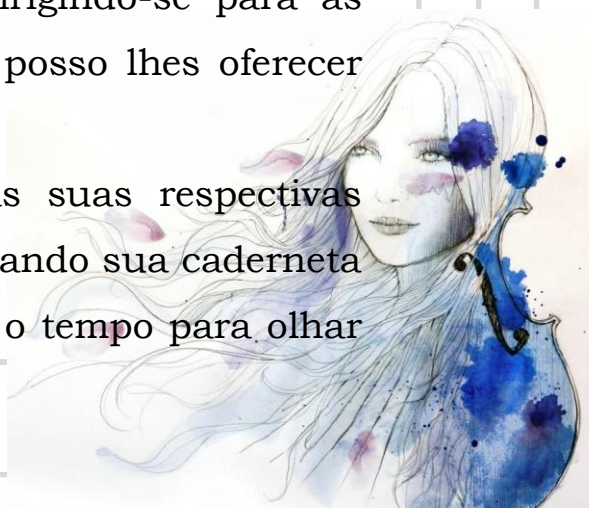
Rodríguez estendeu a mão. — Sr. Volkov, sou o detetive Marco Rodríguez, e este é meu parceiro, o detetive Thomas Ross. Obrigado por nos receber. Só temos algumas perguntas.

— Certamente. Anya, você nos dá licença?

A loira de pernas longas a sua direita tocou-lhe ombro com carinho, abandonou o escritório, mas não antes de olhar Ross por cima, seus olhos estalando como o fogo verde.

— Por favor — disse Mikhail dirigindo-se para as macias cadeiras de couro — Sentem-se, posso lhes oferecer algo para beber?

Ambos recusaram, sentando nas suas respectivas cadeiras. Rodríguez não perdeu tempo, tirando sua caderneta e disparando perguntas. Ross aproveitou o tempo para olhar



a sala: estantes duplas, uma mesa imensa e estátuas em miniatura no suporte da chaminé.

Havia um copo cheio com uma variedade de canetas e lápis, um peso para um peso de papel de vidro fosco, e uma pasta de Manila parcialmente escondido sob uma pilha de folhas. Tinha uma sensação, e seu instinto nunca se equivocava, que era algo importante, mas sem uma ordem de busca, duvidava que Mikhail estivesse disposto a mostrar-lhes.

Ross estava voltando a atenção ao fim da conversa, quando alguém chamou e a porta se abriu para mostrar uma versão mais magra e muito mais jovem de Mikhail.

— Não sabia que tinha companhia — disse o rapaz preparando-se para sair.

— Tolice, Mishca. Entre. Estes são o detetive Rodríguez e o detetive Ross, este é meu filho Mishca.

Ele acenou para eles e os vinte anos de trabalho na polícia disseram a Ross que este moço não era inocente. Nos poucos casos de crime organizado que Ross encontrou antes de que fossem entregues aos federais, os familiares dos acusados afirmaram que eles não sabiam nada sobre o trabalho de seu ente querido, mas este? Sabia. Porra, nem sequer perguntou por que os detetives estavam ali. Esse foi seu primeiro erro.

Apostaria seu distintivo que Mishca era parte da mesma máfia russa igual a Mikhail.

— Precisa de algo, Mishca?



Olhou-os de novo, depois de volta para seu pai. — Vou voltar para a cidade.

Ross estava de pé junto com Rodríguez quando as seguintes palavras de Mikhail os detiveram em seco.

— Oh, Lauren está de volta de Michigan?

— Ela...

— Thompson? Lauren Thompson? — Teve que perguntar Thomas, não que estivesse esperando uma afirmação. Quais eram as probabilidades? Thompson era um sobrenome bastante comum, e não havia nada que fosse particularmente especial em seu nome, mas Ross não acreditava nas coincidências.

— Você a conhece? — Mikhail soava um pouco incrédulo.

Ross apertou os olhos nos homens. Era bom lendo pessoas e sabia sem dúvida que Mikhail descobriu isso. Tinha que saber sobre a relação de Ross com Lauren. Por que se não, para que iria perguntar? Considerando que o rapaz parecia ligeiramente surpreso, o pai parecia achar toda a situação divertida.

— Lauren está um pouco longe de sua casa, não? — Comentou Mikhail pensativamente enquanto se aproximava de uma garrafa de whisky antigo, tomando um gole.

Já no limite, Ross ficou tenso. — É uma ameaça?

— Thomas — assobiou Rodríguez, mas Ross estava muito centrado no homem diante de si para prestar atenção à advertência do outro detetive.



— Não é uma ameaça — disse Mikhail enquanto se encolhia, terminando um copo com líquido escuro — Trata-se de uma simples observação.

Observação o caralho. — Acredito que será melhor se seu filho se afastar de Lauren até que esta investigação tenha terminado.

Desta vez não foi Mikhail quem falou.

— Não estou sob investigação, detetive — disse Mishca avaliando-o com frios olhos azuis. — E não sou bom acatando ordens.

Resmungou algumas palavras em sua língua, sem dúvida, algumas desagradáveis, antes de que Mikhail pusesse fim.

— Basta, Mishca. Os detetives já estavam de saída, e se vocês cavalheiros tiverem outras perguntas para mim, por favor entrem em contato com meu advogado.

Ross estava soltando fumaça quando saíram da mansão e entraram no carro, tirando seu telefone para ligar para Lauren, mas Rodríguez o puxou de sua mão, sem esperar que se acomodasse.

— Qual a porra do seu problema, Ross? Sabe quem enfrenta?

— Tenho que voltar — disse, afivelando o cinto de segurança, pegando seu telefone.

— Quem é Lauren Thompson afinal?

— Minha... filha. Ela é minha filha.



Capítulo 22

Escolhas

Mishca saiu do banho, a luz de seu telefone celular acendendo enquanto cruzava o quarto, esfregando a toalha pelo cabelo. Estava esgotado, passou suas últimas duas semanas na mansão trabalhando em propostas, assegurando-se de que seus homens fizessem seu trabalho em sua ausência. Vlad retornou a Manhattan cedo, dando ordens em seu lugar, e estava grato por isso.

Sua mente fixou-se na rápida saída de Lauren, o modo como se apavorou no café da manhã, não podia entender o porquê. Nunca lhe explicou o que aconteceu, por isso não pôde dar a ninguém uma resposta quando perguntaram.

A viagem de volta do aeroporto tinha sido longa e a forma como o olhou antes de entrar no aeroporto... pareceu, ver medo.

Mas, o que tinha para temer?

A única razão em que podia pensar era o brinde. *Suzhenogo konyom NE Ob'edyesh*[54]. De forma mais simples, significava que uma pessoa não podia brigar contra o destino. Era o cartão de visita de Viktor e o dizia tão frequentemente, que era conhecido por isso em seus círculos. Se gabava



[54]Significado: Você não pode mudar seu destino.

dizendo antes de cada um de seus assassinatos, mas Mishca nunca estava perto para ouvi-lo.

Já vestido, empacotou as últimas de suas coisas, levando-as até seu carro. Vlad estava ali, fumando seu cigarro, como normalmente fazia quase de hora em hora.

Mishca viu um carro estacionado na garagem, mas não prestou atenção enquanto parava ao lado de seu motorista. — Isso ajuda? — Perguntou, assinalando ao cigarro em sua mão.

— Faz o que se supõe que tem que fazer. Continua preocupado? — Vlad o conhecia melhor que qualquer outro, e inclusive se Mishca pensasse em silêncio, sempre podia dizer se seu Capitão estava incomodado.

— Por que não tem esposa ou mesmo uma acompanhante? Posso contar em uma mão as vezes que te vi com uma mulher.

— As mulheres são criaturas complicadas. Não muitas são capazes de aceitar este estilo de vida. Sua mãe era única.

Assentiu. — Mas não era feliz. Posso dizer.

— Há uma grande diferença entre ela e sua Lauren. — Mishca olhou para Vlad, esperando por sua explicação.

Deixando cair seu cigarro, pisoteou-o com sua bota, exalando uma longa baforada de fumaça. — Você não é seu pai.

Batendo em suas costas, Mishca entendeu. — Me dê um minuto. — Entrando na casa, Mishca virou em um



corredor, dirigindo-se ao escritório de seu pai, sorrindo ao retrato de sua mãe. Deteve-se uns poucos metros depois.

Anya passeava pelos ladrilhos de mármore, fazendo barulho e andando bem devagar, aumentando a irritação de Mishca. Raramente a via quando vinha aqui, a maior parte do tempo estava com Mikhail, e se não estava com a merda mundana que ela pensava que era importante, encontrava-se com Alex.

— O que está fazendo? — Perguntou.

Fez um som de irritação, aproximando-se para lhe sussurrar — Há detetives aqui interrogando Mikhail.

Isso era... surpresa. Passou um tempo desde que sua última infração o tinha levado à polícia. Nunca havia provas suficientes em seus crimes para vinculá-lo a eles.

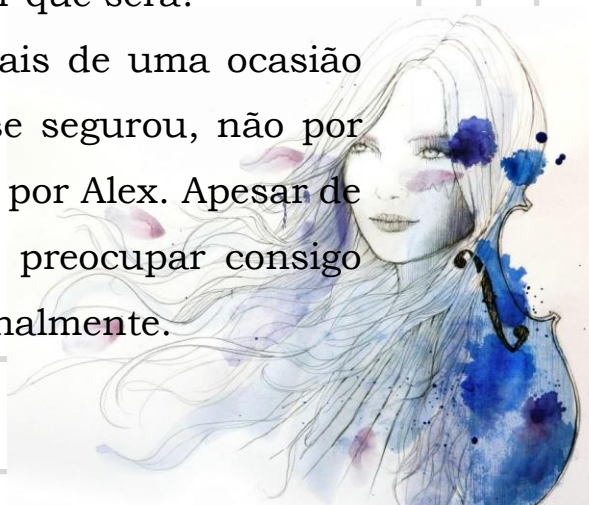
— Oh? O que disseram?

Deu-lhe um olhar que dizia que pensava que fosse idiota. — Mikhail pediu que eu saísse. Se entrar ali, poderá averiguar.

— Tenho certeza de que meu pai é completamente capaz de cuidar de si mesmo.

— Não é como se tivesse algo melhor para fazer. Alex me disse que sua preciosa Lauren não está falando com você. — Sorriu timidamente. — Pergunto-me por que será?

A mão de Mishca tremeu. Em mais de uma ocasião desejou estrangulá-la até a morte, mas se segurou, não por seu pai, simplesmente a substituiria, mas por Alex. Apesar de Anya ser uma verdadeira cadela e só se preocupar consigo mesma, Alex amava a sua mãe incondicionalmente.



E nunca o perdoaria se a matasse.

Passando por ela, bateu uma vez na porta de seu pai antes de abri-la.

Os dois homens lá dentro pareciam policiais. Não só por como estavam vestidos, mas pela maneira em que um deles observava a sala, não de forma apreciativa, mas procurando qualquer evidência que ajudasse seu caso.

Como se pudessem encontrar algo de todo modo.

— Não sabia que tinha companhia — disse Mishca tranquilamente, preparado para sair, se seu pai o ordenasse.

— Tolice, Mishca. Entre. Estes são o detetive Rodriguez e o detetive Ross.

Inclinou sua cabeça, descartando-os como outra dupla de policiais procurando uma ascensão ao apanhar a sua família.

Não eram os primeiros, e não seriam os últimos.

Por que cacete Anya mandou-o ali? Seu pai não estava muito preocupado com a investigação, ou qualquer que fosse a razão pela qual esses homens estavam ali, não estavam progredindo e não tinham nenhuma evidência porque se o fizessem, a SWAT[55] invadiria o lugar.

Para uma mulher acostumada ao seu estilo de vida, Anya parecia preocupar-se sem nenhuma razão.

— Vou voltar para a cidade.



[55] SWAT é um acrônimo em inglês para Special Weapons And Tactics ("Armas e Táticas Especiais"). Nos Estados Unidos, SWAT é o nome dada a uma unidade de polícia altamente especializada nos departamentos das grandes cidades.

Tomou essa decisão há um momento, uma desculpa do porquê estava interrompendo sua reunião, mas enquanto estava ali, poderia passar pelo bairro de Lauren e ver se estava de volta.

Não faria mal.

— Oh, Lauren está de volta de Michigan?

— Ela...

— Thompson? Lauren Thompson? — Perguntou o policial com um fio em sua voz.

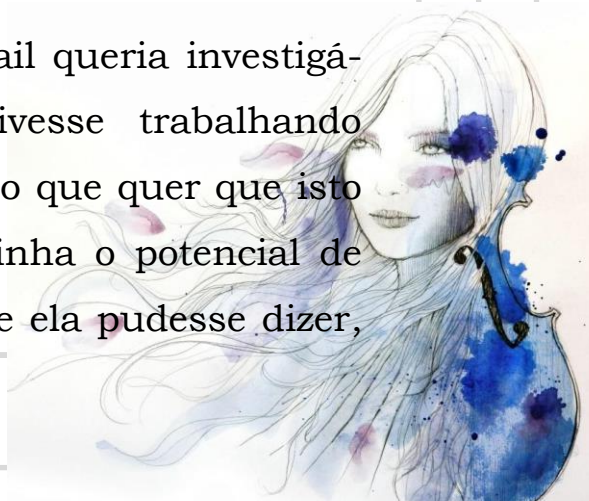
Mishca o olhou surpreso, perguntando-se como poderia conhecê-la. Duvidou que Mikhail tivesse contado se soubesse.

Ross, pensou, finalmente juntando todas as peças. Recordou vagamente que Lauren mencionou alguém com esse nome. Só que não havia dito que era policial, até porque não tinha nenhuma razão para contar-lhe. Parecia que Mikhail sabia da relação de Lauren com o detetive, mas, por que não havia mencionado antes?

— Você a conhece? — Perguntou.

O detetive Ross voltou seus olhos assassinos para Mishca, um olhar a que se acostumou ao longo dos anos, mas tinha coisas mais importantes para se preocupar, do que se gostava do homem ou não.

Esta era a razão pela qual Mikhail queria investigá-la. Apesar de que duvidava que estivesse trabalhando secretamente para os federais, se isso — o que quer que isto fosse — transformou-se em algo mais, tinha o potencial de fazer estragos. Não havia nada nocivo que ela pudesse dizer,



mas era as omissões que poderiam potencialmente prejudicá-los.

Se perguntassem a ela a respeito das quintas-feiras que passou em reuniões, ou quem ela viu, seria suficiente para iniciar uma investigação que perturbaria seu pai. E se Mikhail fosse ameaçado, as pessoas morreriam.

.

— Acredito que será melhor se seu filho se afastar de Lauren até que esta investigação tenha terminado.

Mishca se enfureceu ante a autoridade que o homem pensava ter sobre ele. — Não estou sob investigação, detetive — disse Mishca, olhando-o por cima, deixando que o homem soubesse que não o estava intimidado no mínimo. — E não sou bom acatando ordens.

Já estava no fio da navalha com tudo o que estava acontecendo com Lauren, e não tinha tempo a perder com um policial de cidade pequena querendo ferrar com ele.

Uma vez que se foram, Mishca passou a mão por seu cabelo, preparando-se para a reação de seu pai.

— Sabe o que isto significa, não? — perguntou Mikhail quando estavam sozinhos.

Seu coração começou a bater mais rápido, sua mente já via o pior resultado possível. Isto já não era a respeito de sua relação com ela, mas sim por sua posição no *Bratva* e o que ia fazer para protegê-la.

— Ela não é uma ameaça, Pakhan. Contou-me sobre o detetive. — Em parte.



— Anya me disse que você não está pensando com clareza no que diz respeito a esta garota, que você está deixando que suas emoções o guiem.

Mikhail lhe mostrou uma série de fotografias da vigilância, eram de Lauren almoçando com o detetive. Foram tiradas de longe, mas ele podia ver que estava feliz.

— Sabe o que é que me diz isso, Mishca? — Perguntou, tocando a pilha. — Diz que Anya pode não estar errada.

— Permita-me falar com ela primeiro — disse tão perto de implorar como pôde. — Verei o que sabe.

— Não é só isso, vai cortar todo contato com esta garota. Estava disposto a aceitá-la por causa de seu pai e porque você se preocupava por ela, mas já não mais. Isto termina esta noite. Eto Moy Zakaz.

Não podia discutir, sabendo que era a melhor oferta que teria, e que se nunca mais pudesse vê-la para que ela vivesse, a contra gosto aceitaria.

Mikhail parou. — Acredito que devamos lidar com isso agora.

O tempo acabou.



Capítulo 23

Rompimentos mordazes e fatos frios

Lauren podia contar em uma mão a quantidade de vezes em que Ross esteve tão bravo com ela que começasse a gritar.

Uma vez, quando tinha doze anos e foi para o lago sozinha no meio da noite, assustando tanto sua mãe, que ligou para a polícia em estado de pânico, mandando um grupo de resgate que consistia em quase toda a cidade. Outra, quando ela matou aula e terminou no mesmo restaurante no qual Ross estava tomando um café.

Mas essas vezes eram nada comparadas a ira de Ross agora. Quando ouviu o estrondo persistente à porta, pensou em ignorá-lo a princípio, sabendo que ninguém inteligente quereria suportar este tipo de ruído no meio da noite, mas Ross gritou seu nome do outro lado, fazendo-a se sentir como uma criança com problemas, embora não tivesse nem ideia do que tinha feito.

Ele entrou abruptamente, sua cara vermelha, com os olhos arregalados enquanto se equilibrava sobre ela. — Perdeu a cabeça?

Surpresa, ela sacudiu a cabeça, fechando a porta atrás dele. — O que eu fiz?



— Mishca Volkov! — A maneira em que o disse, como se só o nome fosse uma maldição a fez recuar ante sua fúria, mas não de medo.

— Como você conhece Mish? — Estreitou seus olhos para ele. — Esteve me vigiando?

Isso só pareceu enfurecê-lo mais.

— Isto não é uma piada, mocinha. Tem alguma ideia com quem está envolvida? Quem é seu pai?

Ross se sentou no sofá, a estrutura interior rangendo sob seu peso, esfregando as têmporas em círculos agitados.

— Do que está falando? — Perguntou, sentando-se na frente dele, encostando seus joelhos no peito.

Ele suspirou pesadamente, olhando-a nos olhos. Via-se o conflito em seu rosto, que ela já não pensava que isto era só um truque para saber mais sobre o rapaz com que estava namorando.

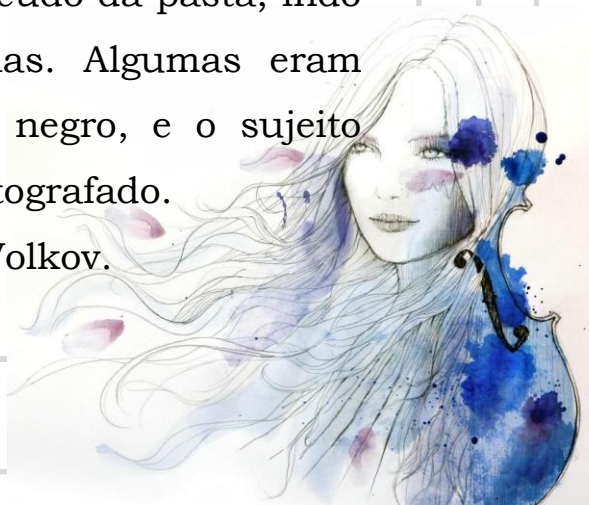
Com um puxão, abriu uma pasta e jogou sobre a mesa, indicando-a com um gesto de cabeça. — O que sabe do *Vory v Zakone*?

Ela o olhou, seu cenho franzido pela confusão. — Vor o que? O que é isso?

— Em russo significa Ladrões em Lei. A máfia russa.

Lauren olhou atentamente o conteúdo da pasta, indo rapidamente através de várias fotografias. Algumas eram coloridas, outras estavam em branco e negro, e o sujeito claramente não sabia que estava sendo fotografado.

E o tema da maioria era Mikhail Volkov.



Normalmente estava rodeado de homens de aspecto rude com ternos pretos, sempre de pé com suas pernas separadas, as mãos juntas em frente deles. Sempre havia dois deles, que pareciam estar de guarda perto de Mikhail, mas não lembrava de vê-los no jantar.

Sua mão congelou no ar quando ela chegou a uma dúzia ou quase isso. Estas eram todos de Mishca.

Ela olhou para Ross. — Não entendo.

— Mishca e seu pai estão na Máfia Russa.

Chegou um momento em que certas suspeitas faziam sentido. Realmente pensava que isto era o resultado delas? É obvio que não, mas... tinha sentido.

Vlad, seus telefonemas enigmáticos, as reuniões todas as quintas-feiras. — Isso não é possível — sussurrou, mas uma parte dela sabia que Ross estava dizendo a verdade. Que motivo teria para mentir? — Como sabe? E não me dê nada circunstancial.

Olhou-a penetrantemente, mas parecia haver uma faísca de humor em seus olhos. — Fico feliz de que te tenha ensinado algo.

Ele espalhou as fotos sobre a mesa, apontando para as várias tatuagens que os homens tinham. — As tatuagens em seus corpos — explicou — são como suas histórias de vida. Vê esta? — Apontou uma nas costas do homem na frente da câmera. — Cada uma destas — bom, do que quer que estas coisas sejam chamadas — sorriu para isso — cada



uma representa um número de anos que passaram nas GULAG[56]... prisões russas.

Mostrou-lhe outra tatuagem e a familiaridade a fez conter o fôlego. Esticou sua mão, contando cada ponto só para ter certeza, não querendo acreditar.

— As estrelas significam que o portador é um Capitão, uma das mais altas patentes que podem receber. — Ross podia lê-la com facilidade e não importa o quanto tentou disfarçar sua reação, soube que ela já tinha visto. — Jesus, Lauren. Sabe no que se meteu?

— Eu... — Sacudiu sua cabeça, sabendo que ela não tinha uma melhor resposta para ele. — Não sabia.

— Como podia não saber? — Perguntou Ross, soltando seu temperamento. — Não te ensinei nada?

— Não é minha culpa! — Exclamou, soltando a foto em cima de outra de Mishca. — Não me lembro de nenhuma lição sobre como verificar tatuagens com significados ocultos.

— Como o conheceu?

— Simplesmente nos conhecemos um dia...

Estreitou seus olhos, apontando-a acusadoramente. — Lauren Delilah Thompson, esteve envolvida em algo ilegal? Diga-me agora mesmo ou que Deus me ajude, vou ...

---

[56] GULAG - Direção-geral dos campos e instalações de detenção - Campos de trabalho forçado da ex-União Soviética (URSS), criados após a Revolução Comunista para abrigar criminosos e "inimigos" do Estado, funcionou entre 1930-1956.





— Foi em um café — disse apenas por cima de um suspiro — Nos conhecemos em um estúpido café... simplesmente aconteceu.

— Não importa, você...

Alguém tocou a campainha do apartamento.

Ross tirou a pistola, colocando uma mão no seu braço antes que ela pudesse se mover, e foi olhar pelas janelas.

— Não vejo seus carros. Continue.

Pressionou o botão. — Sim?

— Sou o detetive Rodriguez, do departamento de polícia de Nova York, estou procurando Lauren Thompson.

Lauren olhou para Ross esperando por confirmação antes de deixar subir o detetive. Começou a mordiscar a unha de seu polegar, passeando pela sala. No momento em que houve uma forte batida em sua porta, estava já com outra unha na boca.

Ross olhou pelo olho mágico antes de guardar sua arma, abrindo a porta.

O detetive pareceu surpreso ao ver Ross ali, mas ao entrar no apartamento, seu olhar varreu o local até que se deparou com as fotos espalhadas sobre a mesa de café e se indignou.

— Perdeu a cabeça? Não pode lhe mostrar isso! — Começou a guardar as fotos de novo na pasta, colocando-a debaixo do braço, como se isso pudesse fazê-la esquecer do que viu. Estavam gravadas a fogo em sua mente agora.



— Ela está em perigo agora! — Vociferou Ross, fechando a porta com força. — Eles sabem sobre nossa relação.

A boca do detetive Rodriguez fez uma firme linha. — Você ainda é um policial. Poderia estar comprometendo a investigação.

— Ela é minha maior prioridade agora — respondeu Ross.

— Sabe se alguém te seguiu até aqui? — Perguntou em um tom mais calmo, tentando fazer com que raciocinasse. — Eu duvido que ela saiba alguma coisa, mas você correndo para cá poderia fazê-los pensar que sim.

O detetive Rodríguez desviou o olhar de Ross, vendo que Lauren estava ali de pé desejando que tudo isto fosse uma espécie de brincadeira.

— Lauren, suponho? Sou o detetive Rodriguez.

Ela apertou sua mão e o olhou com receio. Tinha esse olhar que Ross estava acostumado a ver quando tinha que falar sobre o caso de seu pai, como se soubesse de algo que poderia feri-la.

— Preciso que me diga tudo o que sabe sobre os Volkov.

— Eu te disse — interveio Ross — ela não sabe de nada.

Ainda não estava satisfeito.

— Não sei nada. Eu só conheci pai de Mishca durante as férias.



— Você ouviu alguma coisa fora do comum? Eles fizeram algo? Sabe tão bem quanto eu — disse ao Ross quando fez ameaça de protestar — que não vai correr nenhum risco se houver a mínima possibilidade de que possa incriminar a um deles.

Ela balançou a cabeça, mas se lembrou da conversa secreta entre Viktor e Mikhail no corredor antes de que Mishca a afastasse.

— Tenho que chamá-lo para conversar.

— Você não pode. Eles nem sequer podem suspeitar que ela poderia ter falado com você, isso é para protegê-la, não posso deixar isso acontecer. Não faz diferença o que ela me diga, não tenho jurisdição aqui.

Enquanto conversavam, seus pensamentos voaram quando ela se sentou no sofá, deixando cair a cabeça entre as mãos. Nunca poderia imaginar o rumo dos acontecimentos.

Não se deu conta de que estava tremendo até que Ross se agachou na sua frente, esfregando seus braços para cima e para baixo.

— Nada vai te acontecer. Não permitirei.



Foi só uns minutos depois que eles saíram que houve outra batida na porta. Desde que a campainha não tocou, ela assumiu que haviam voltado porque se esqueceram de algo, mas Mishca estava do outro lado.

Em retrospectiva, definitivamente podia ver o aspeto mafioso na forma como ele se portava. Sempre vestido de maneira impressionante. Nenhuma atitude absurda. O guarda costas formidável, que inclusive agora estava de pé ao seu lado. Mishca não tinha tatuagens em suas mãos, ou qualquer uma visível, a menos que estivesse em mangas curtas, mas em Vlad, havia mais do que notou antes.

Agir calmamente. Esse era o truque para se assegurar de que não suspeitassem de nada. Deu um passo para o lado, não confiando em sua voz nesse momento. Passou perto dela, mas Vlad ficou imóvel no corredor.

— Não sabia que estava em casa — começou Mishca, sem se incomodar em sentar-se absolutamente. — Até que Thomas Ross passou mais cedo pela mansão.

A pistola enfiada na cintura de seus jeans parecia esquentar enquanto dava um cauteloso passo para trás. Ross a tinha dado antes de ir fazendo-a prometer que a utilizaria se fosse necessário.

Uma emoção brilhou em seus olhos, mas ele olhou para baixo antes que pudesse lê-la corretamente. Desabotoou sua jaqueta, abriu-a, girando em um círculo lento para ela ver.

— Posso dizer pela sua cara que já falou com ele. Não estou aqui para te machucar.



— Não é verdade — disse depois de um tempo, sua voz embargada — Mish, diga que não é verdade.

— Não é por isso que estou aqui.

Mishca não era alguém que evitava uma pergunta, isso Lauren sabia bem, ao menos até que ela pensou nas perguntas que lhe fez, que inadvertidamente tratavam de sua família.

— Então, o que você quer, se você não está aqui para me calar?

Estremeceu como se o tivesse golpeado, quase parecia zangado com ela. — Não sei o que é o que pensa que sabe, mas não quero que faça algo de que se arrependa.

— Está bem. Que mais pode dizer sobre isso?

Ele olhou para ela. Ela observou-o. Nem dispostos a confessar o que sabiam. Um golpe forte na porta a sobressaltou. Vlad abriu a porta.

— Rebecca está esperando por você no carro.

Lauren engasgou, disparando um olhar acusador a Mishca. — Rebecca? A Rebecca de uma só noite?

Olhou para ela, inabalável, e encolheu os ombros. — Você e eu não estamos dando certo.

Era a coisa correta a fazer, terminar as coisas antes que fosse muito tarde para ela, mas isso não impediu que suas palavras a cortassem.

— Por que está fazendo isto? — Perguntou impotente, sem saber se estava perguntando por que estava rompendo com ela ou por que estava com Rebecca. De qualquer maneira, queria uma resposta.



— É a única maneira — sussurrou, tentando transmitir um significado mais profundo que ela não captou.

— Bem. Acabou.

— Lauren...

— Nunca te conheci — disse, interrompendo-o — duvido que algo que me disse era verdade de qualquer maneira.

Pareceu momentaneamente surpreso com suas palavras, como se esperasse seu protesto, mas precisava que ele soubesse que, embora tenha dito como se sentia, não diria nada do que sabia a ninguém.

Depois de vários segundos, ele balançou a cabeça, parecendo irritado, mas aceitando suas palavras. Mesmo quando o viu sair pela porta, esperava que voltasse.

Isto, tudo isto, estava se convertendo em um montão de merda com a qual ela não sabia como ia lidar.

Mishca permaneceu no corredor, olhando para a porta fechada do apartamento. Quase desejou ter feito isto há meses, antes significassem algo um ao outro. Ver o medo em seus olhos, fez seu coração se contrair, e queria arrumar isto, mas tinha que afastá-la.

Ordens eram ordens.



Haviam juramentos que fez, regras que seguiu toda sua vida, mas seu olhar de pura agonia ressoou em sua mente, alimentando sua agitação.

Por uma fração de segundo, quis mandar tudo à merda. À merda o juramento. À merda seu pai.

Mas então, pensou nela e a realidade da situação em que ele estava. Era muito complicado, muito bagunçado. Ele viveu e respirou o código, desobedecendo seria a morte certa, dele e dela. Ela não pertencia a esta vida de caos.

Esmurrando a parede, amaldiçoou a sua situação, e o buraco agora aberto nela. Vlad olhava sem fazer nenhum comentário, mas Mishca pensou, pela primeira vez nos últimos cinco anos desde que Vlad trabalhava para ele, que viu simpatia nos olhos do homem mais velho.

Dando um último olhar à porta, Mishca saiu do edifício sem mais incidentes, entrando no Rolls Royce de seu pai.

Mikhail olhava pela janela, quando se juntou a ele. Com um movimento de sua mão, o motorista entrou no tráfego noturno.

— Sei que não está de acordo, filho — disse Mikhail depois de um curto tempo. — A *Bratva* é sua primeira prioridade. Nunca esqueça. Estes sentimentos que acredita ter, irão com o tempo.

Mishca zombou. Mais tarde, poderia olhar para trás e pensar que a dor de sua mão o deixou ousado enquanto olhava a seu pai, ressentindo-se pela vida que compartilhavam.



— Foi assim que fez com minha mãe? Esqueceu-a quando se casou com sua puta?

Nunca antes duvidou em atender um pedido dele. Nunca antes faltou com o respeito descaradamente ao *Pakhan*, mas estava de saco cheio.

Mikhail o olhou com olhos frios, com a cara impassível como sempre, embora houvesse um brilho de ira em seus olhos. — Vigie sua boca, menino. Uma vez é perdoável.

Viajaram em silêncio, os numerosos semáforos iluminando-os juntos.

— Confia na garota? — Perguntou Mikhail. Mishca pensou em seu tempo juntos.

— Com a minha vida.

— Então lhe dê tempo.

Sem saber a que se referia, ou como responder, simplesmente voltou a olhar pela janela.



Capítulo 24

Medo

Lauren seguiu Ross pelas escadas, ajudando-o a carregar uma das caixas de arquivos com as informações de seu pai. Por dias revisou todo o caso, lendo cada detalhe até que seus olhos se nublaram pelo cansaço.

Ross estava voltando para Michigan depois de sua curta estadia, embora ainda estivesse preocupado que Mishca se aproximasse dela, mas garantiu-lhe que ela não. Depois da conversa deles, duvidava que Mishca fosse até ela.

Eles pararam ao lado do caminhão de Ross, colocando as caixas em seu teto. Tirando as chaves de seu bolso, procurou até que encontrou a certa, destravando-o.

— Falei com Rodriguez. Ele vai ficar de olho em você.

— Não é necessário, Ross. Estarei bem.

Colocou os arquivos do caso no teto do carro, guardando suas chaves. — É para minha sanidade mental.

Suspirou, esfregando seus braços. — Sinto por tudo isto. Não acredito que possa piorar mais. Vai dizer a mamãe sobre Mishca?

— Acredito que seria melhor não mencionar. Manter você fora da mira vai ser difícil o suficiente.

Lauren olhou a caixa em cima do carro. — Aposto que meu pai estaria decepcionado.



Os olhos do Ross ficaram quentes, seu fácil sorriso torcido voltou e a olhou. — Não conhecia bem seu pai, Lauren, mas estou certo que estaria orgulhoso de tudo o que conquistou.

— E você, Ross? Está orgulhoso?

— É obvio que estou. — Sorriu, balançando a cabeça. — Você apenas tem péssimo gosto para homens

Se não estivesse rindo, Lauren talvez teria visto o taco de beisebol antes que batesse contra a cabeça de Ross. O impacto foi tão grande, que ele tropeçou, a parte de trás de sua cabeça batendo contra a janela traseira do carro, quebrando o vidro.

Gritou, tentando alcançar Ross enquanto seus olhos reviravam e desabava para frente. O homem com a máscara de esqui não parou, balançou o taco de beisebol e bateu na lateral do corpo de Ross. A adrenalina correndo em suas veias a fez sair disparada para frente, atirando-se nele.

O taco de beisebol voou de suas mãos enquanto eles caiam no duro asfalto. Recuperou-se primeiro, juntando suas mãos e pondo a maior força no golpe que pôde.

Outro homem com uma máscara similar apareceu atrás dela, agarrando seu rabo-de-cavalo e puxando-a para trás. Levantou o punho e a dor se espalhou pelo seu rosto apesar de não ter visto o golpe vir. O sabor metálico do sangue estalou em sua boca, sua bochecha destroçada pelos dentes, mas não deixou que isso a detivesse.



Sua visão estava turva, logo que conseguiu distinguir algo que pudesse ajudar a identificar se alguém sobreviveu, se lembrou do que Ross lhe ensinou. Cravou as unhas no braço dele, ele gritou, sentiu a carne rasgar, ele amaldiçoou e a deixou cair.

Gritou tão alto quanto pôde, com o coração acelerado, esperando e rezando para que alguém a ouvisse.

O agressor se voltou para ela, envolvendo as mãos ao redor de seu pescoço, apertando com força suficiente, parando seus gritos abruptamente.

Lauren sempre ouviu que se não entrasse em pânico enquanto lhe estrangulavam, podia conservar o oxigênio suficiente para encontrar uma maneira de se liberar, mas a menos que fosse das operações especiais, não havia forma de não o fazer. Seus pulmões gritavam por alívio, mas não importava o quanto o arranhasse, não conseguiria.

Lutou, rasgou sua camisa, deixando descoberta a tinta negra de uma tatuagem que tinha três pilares em forma de cúpula e uma cabeça de tigre em sua garganta.

Empurrou-a, grunhindo enquanto apertava com mais força, mas em sua necessidade de imobilizá-la, deixou-se vulnerável. Lauren levantou seu joelho e o cravou em seu testículo, e igual a muitos homens antes, ele caiu como um saco de batatas, agarrando-se e dando ordens a seu cúmplice.

Por um surpreendente instante, congelou-se, reconhecendo o sotaque áspero, mas o pôs no fundo de sua mente, arrastando-se tão rápido como pôde para onde Ross



estava imóvel, pinçando no cinto em sua cintura, agarrou a arma que ela sabia que levava ali.

Sem pensar duas vezes, virou e disparou.

Agacharam-se e correram, tentando escapar com os arquivos do caso de seu pai. Enquanto corriam, a tampa caiu, derramando os papéis e pastas por todo o chão.

— Ei! Ei!

Lauren relaxou de alívio, paralisando novamente em seguida, olhando para a rua, quando ouviu pés correndo para ela e Ross. Os assaltantes se foram desaparecendo atrás de uma das casas de pedra.

Cuspiu mais sangue no chão, o sabor acobreado lhe dando náuseas.

— Eu chamei a polícia! — Disse alguém de algum lugar acima dela, mas sua tontura foi piorando.

Piscou várias vezes, tentando clarear sua visão o suficiente para ver, mas só podia distinguir a forma imprecisa de um homem inclinado sobre ela.

— Está ele... está bem? — Perguntou, assinalando aonde acreditava que Thomas estava deitado. — Está vivo?

Sua resposta foi afogada pelas sirenes que se aproximavam. Tentou se levantar, mas o mundo se converteu em um torvelinho, girando a seu redor. Perdeu o equilíbrio, mas o homem a pegou, ajudando-a calmamente a se deitar.

— Só fique aqui — ordenou, lhe dando uma palmadinha na mão. — Nem pense em se mover.



Respirando profundamente, as lágrimas se formaram em seus olhos quando a adrenalina da luta diminuiu, mais dor tomando seu lugar. Apertou sua cabeça, com uma dor de cabeça palpitante fazendo-a sentir como se seu crânio estivesse abrindo.

— Senhorita? Pode me ouvir?

Uma luz brilhante atingiu seus olhos, fazendo sua dor de cabeça piorar. — Sim. — Disse a quem supôs que fosse o paramédico. — Posso ouvi-lo.

Ainda seguia falando, mas o sangue que fluía em seus ouvidos a afogava. Mais pessoas foram aparecendo. Podia ouvir seus murmúrios e desejava que pudesse ver, mas quando foi levantada em uma maca, gritou de dor, mas logo foi sugada para um abismo que a consumiu.

Lauren despertou com o sinal sonoro constante da máquina a sua esquerda, vendo a luz branca brilhante subir e descer com cada pulsar do seu coração. Não reconheceu imediatamente o que a rodeava, mas não era difícil de adivinhar com as paredes brancas e as luzes cegantes que brilhavam do teto.

Um vaso cheio com um buquê de flores estava sobre uma mesa, um pequeno cartão branco enfiado no ramo. Uma cadeira estava junto a ela, uma jaqueta de couro marrom



descansando no respaldo da mesma. Amber e Rob estavam sentados próximo ao seu quarto, falando amigavelmente com a enfermeira, enquanto liam uns papeis. Tristan e Matt estavam a um lado, Tristan dava voltas pelo quarto, um cigarro apagado pendurando em seus lábios, Matt escrevia em seu notebook.

Ignorando a aguda dor que começou em seu braço, Lauren se empurrou até sentar, permanecendo consciente da via intravenosa nela. Seus repentinos movimentos chamaram a atenção de Tristan que abriu um sorriso, apontando para ela. Todos correram à cama, ignorando o olhar da enfermeira, enquanto tentavam entrar primeiro.

— Como está se sentindo, senhorita Thompson? — Perguntou uma vez que finalmente ficou à frente.

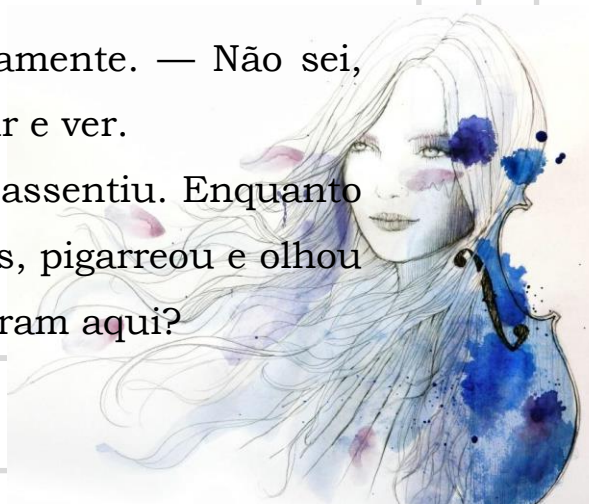
— Tenho uma enxaqueca, mas estou bem. Como está meu... —deteve-se justo antes de dizer pai — ...como está o detetive Ross?

— Entrou em cirurgia não faz muito tempo. Ele deve entrar em recuperação em breve. — Um repentino brilho de tristeza em seus olhos fez Lauren se perguntar quão grave era o problema.

— É muito grave? Sei que o golpe foi muito forte em sua cabeça.

Sorriu, embora um pouco forçosamente. — Não sei, mas assim que terminar com você, posso ir e ver.

Mais calma no momento, Lauren assentiu. Enquanto a enfermeira comprovava seus sinais vitais, pigarreou e olhou para seus amigos. — Quanto tempo estiveram aqui?



Amber sentou-se ao seu lado, seus olhos vermelhos e inchados de chorar. — Rob e eu chegávamos quando a ambulância estava saindo.

Matt lhe deu um sorriso cansado. — Nos chamou desesperada, não podíamos entender nenhuma palavra do que falava. Dez minutos depois, Rob finalmente entendeu, ficamos aqui depois disso.

Lauren levantou a mão para tirar o cabelo do rosto e pela extremidade do olho, viu Tristan estremecer. — O que está acontecendo?

Tristan fez uma careta, tocando-a com seu polegar. — Uh, bom. — Levou suas mãos a sua garganta.

— Tristan! — Exclamou Amber, fulminando-o com o olhar.

— O que? Não sabia de que outra forma explicar.

Lauren tocou delicadamente a pele ao redor de sua garganta, fazendo uma careta com o contato. Foi suave, mas lhe doía quando tocava em volta. Só podia imaginar como estava.

A enfermeira pediu licença, prometendo vê-la mais tarde. —Lembra de algo? — Perguntou Rob suavemente.

O ataque passou pela mente de Lauren, quase podia sentir que acontecia de novo. Antes que perdesse a coragem, transmitiu os detalhes do ataque como se lembrava, tentando reconstruir tudo o que aconteceu. Não tinha sentido.

— Os assaltos são comuns em Nova York — falou Matt.



— Sim, mas eles não levaram nada — disse Amber olhando para Rob. — Talvez não tiveram a oportunidade.

— De qualquer maneira — disse Lauren — Estou a salvo agora. Suponho que se esqueceu de mencionar esta parte, Amber.

Riu. — Vivi em Nova York por cinco anos. A má sorte deve ser de sua parte, L.

— Vou ao refeitório — anunciou Matt. — Lauren, quer algo?

— Ela não pode comer — disse Amber como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. — Não deveria esperar pela ordem do médico?

Lauren sorriu, apertando a mão de Amber. — Não me operaram. Não houve necessidade.

— Cara, já que vai sair — disse Tristan enquanto se sentava — Traga-me um desses pudins... não os de chocolate, são horríveis. De baunilha. Ah, e olhe se tiver as pequenas colheres.... Não espera, chama-se uma colher-garfo. Quero uma colher-garfo.

Matt sacudiu-o, voltando-se para Lauren com as sobrancelhas levantadas. — Não, estou bem. Obrigado.

Saiu. Amber e Rob o seguiram.

— Chamaram a minha mãe? Não quero apavorá-la.

— Muito tarde para isso. O que ouvi por último foi que estava vindo no primeiro voo disponível. Amber queria chamar a seu russo, mas...



— Não — disse Lauren abruptamente, fazendo com que Tristan arqueasse uma sobrancelha — Nós, uh, terminamos.

— Vocês estavam muito próximos, não? Estou certo que se preocupará se souber que está ferida.

Isso seria verdade... se não estivessem nessa situação atual. Além disso, prometeu a Ross que não falaria com ele novamente. — Talvez mais tarde, mas não vou ligar para que venha correndo aqui também.

Tristan deixou passar, pondo suas pernas sobre a beirada da cama. — Avise-me.

Recostando-se, Lauren fechou seus olhos, mas os abriu de novo um momento depois, vendo a imagem de seu agressor. Tudo isto era um sonho ruim, isso era o que ela desejava, embora soubesse que tudo era muito real.

O mundo que ela achava que estava separado deste, estava agora muito integrando com o seu. Todo seu passado parecia um dia de campo em comparação com o que ela se meteu.

— Lauren.

Lauren abriu seus olhos, vendo o detetive Rodríguez colocar sua cabeça pela porta, olhando primeiro para Tristan e logo para ela. Fez bastante bem em ocultar sua careta de dor ao vê-la.

— Estou aqui para pegar sua declaração.

Tristan parou, agarrando sua jaqueta. — Já volto.



Rodriguez tirou sua caderneta e uma lapiseira pequena, parando aos pés da cama de Lauren. — Não sei se lhe informaram, mas o doutor obteve células epiteliais, pele, de debaixo de suas unhas. — Sorriu — Boa garota. Assim agora, preciso tomar sua declaração.

— Está bem. — Lauren abriu sua boca, pronta para contar toda sua história, mas não sabia por onde começar.

— Pode me dizer por que o detetive Ross estava em seu apartamento?

— Deixou-me ver os arquivos do caso de meu pai. Como ontem à noite era sua última noite na cidade, veio para buscá-los. Meu pai foi assassinado em um assalto a nossa casa em Michigan, faz quinze anos — explicou — Estava ajudando-o a levar os papéis para o carro quando nos atacaram.

— Quantos assaltantes tinham? — Perguntou, tomando notas.

— Dois pelo que pude ver. Um tinha um taco de beisebol, o outro uma arma.

— O que pode dizer sobre seus rostos?

Fez uma careta, fechando os olhos, tentando recordar claramente. — Tinham tatuagens. Não pude ver ambos, mas um deles tinha os olhos castanhos escuros, quase negros.

Assentiu, escrevendo mais. — Pediram algo?

— Não, eles... — interrompeu-se, recordando os papéis que caíam por toda parte — Levaram os arquivos do caso de meu pai.



Franziu o cenho, tentando pensar em uma boa razão para que o fizessem. A probabilidade de que eles soubessem sobre seu pai, especialmente com sua separação ao mesmo tempo...

Suzhenogo konyom ne ob "edyesh. O sotaque. As tatuagens. As palavras de Ross se reproduziram em sua mente ao pensar nas tatuagens de seu atacante. Os pilares eram os do Kremlin. Se o que ele havia dito era verdade, cada pilar representava um número de anos que o portador passou no cárcere, o que significava que tinha que ter passado pelo menos vinte anos.

— Lauren? Está bem?

Ela olhou para Rodriguez, vagamente ouvia o aparelho que monitorava seus batimentos cardíacos aumentar o assobio, indicando que seu coração ia mais rápido. Se tinha alguma dúvida sobre Mishca e sua vida secreta, desapareceu.

Lauren não podia mentir, não quando Rodriguez ia averiguar a verdade de todos os modos. — O que me atacou, ele parecia russo.

Rodriguez congelou, sua lapiseira suspensa sobre o papel enquanto a olhava. Não tinha que lhe explicar mais para que ele entendesse o que estava dizendo.

— Tem certeza? Poderia ter soado parecido e....

— Soou idêntica a voz de Mishca, embora a voz fosse um pouco mais grave.



Rodriguez limpou a garganta, fechando sua caderneta. — Escute, Lauren. Não quero que mencione isto a ninguém exceto a mim. Uma vez que o médico te dê alta, quero que vá à delegacia de polícia e lá falaremos mais.

Acariciando lhe a mão, ele lhe deu um sorriso triste antes de sair.



Capítulo 25

Irritação Justificada

Lauren da porta, observava Thomas dormir, as ataduras envoltas firmemente ao redor de sua cabeça, faziam com que a culpa que carregava fosse ainda maior. Tudo isto, era falha sua. Se Lauren, não estivesse saindo com Mishca, se não tivesse ido ao jantar de Natal, quando sua mãe a advertiu que era muito cedo, eles não estariam assim.

Estavam todos em perigo ou só ela e Ross? Apesar de não querer acreditar, parecia uma coincidência que fossem atacados não muito tempo depois de que ele começou a investigá-los e Mishca se inteirou de sua conexão com a polícia.

Não podia deixar de se perguntar se isso era uma mensagem ou se seu destino era morrer naquela noite. Não parecia que a ameaça fosse terminar logo e se não fosse pelo homem que saiu justamente de seu apartamento, poderiam não ter vivido para ver outra manhã.

Lauren não queria correr o risco de acordá-lo, ficava fora do caminho para que as enfermeiras e os médicos pudessem monitorá-lo. Pelo menos, de acordo com o que lhe disseram, o inchaço em seu cérebro tinha diminuído, mas ainda não tinha despertado, mesmo depois de três dias.



— Lauren — Susan veio correndo para ela com os braços abertos. — Oh, querida, você está bem?

— Estou bem, mãe — disse, contente em que ela estivesse ali. Apesar de suas palavras, Susan olhou cada centímetro de sua filha, não podia culpá-la, e quando terminou, ambas choraram.

— Jesus, o que aconteceu?

Lauren lhe contou tudo o que aconteceu naquela noite, poupando-lhe os detalhes terríveis de tudo. Contou tudo o mais rápido possível, porque não queria deter-se em uma só parte.

— Estou contente que esteja bem. Como está Thomas?

Negou com a cabeça, olhando para a cama de hospital de Ross. — Saiu da cirurgia, mas não despertou ainda. Ele ficará bem, certo? Quero dizer, ele foi baleado uma vez e quase não piscou.

Isso fez Susan sorrir. — Estou certa que ele fez mais do que isso. E sim, eu tenho certeza que ele ficará bem, mas o que está acontecendo com você, Lauren? Thomas me disse que estava investigando o seu caso do seu pai. Você quer falar sobre isso?

Lauren olhou para outro lado, não estava segura de como responder. — Eu... pensei que me ajudaria a dar um encerramento.

— Tem que saber que agora nós temos que conversar sobre várias coisas. Lauren, o que não está me dizendo?



Não podia lhe contar. Suas ações já tinham provocado que atacassem a alguém que amava, não podia se arriscar dessa maneira, mas tampouco podia mentir.

— Mãe, durante o Natal nos Volkov...

Seu telefone tocou, era um número desconhecido com um código da área de Nova York. Agradecendo a sua boa sorte, respondeu ao primeiro toque.

— Olá?

— Lauren? É o detetive Rodríguez da polícia de Nova York.

— Sei quem é.

— Nós gostaríamos que viesse à delegacia de polícia para responder algumas perguntas mais.

— Sim, claro. Eu estarei lá.

Desligou, guardando o telefone na bolsa. — Tenho que ir à delegacia de polícia, mãe.

Susan a olhou preocupada. — Está tudo bem?

— Sim — disse sacudindo a cabeça. — Só querem me fazer algumas perguntas mais. Voltarei logo.

— Mas, Lauren.... Espere, o que ia dizer sobre Mishca? — Lauren se virou e olhou a sua mãe, e viu a súplica em seus olhos e um temor que tentava desesperadamente ocultar. Foi então quando tomou uma decisão.

— Não é nada, mãe. Falaremos mais tarde.



Susan ficou ao lado de Thomas, alternando entre arrumar as flores que havia trazido, verificar seu telefone para ver se havia alguma mensagem de Lauren, e sentar-se inquieta no incômodo assento a sua cabeceira.

Mas seus pensamentos eram um caos, porque sabia que os segredos do passado estavam a ponto de serem revelados, e as precauções necessárias que tomaram para garantir sua segurança e de Lauren se desmoronavam. Nunca pôde esquecer o dia que descobriu a verdade...

Susan olhou para o homem, que era seu marido há dez anos, sem saber o que dizer, como abordar o assunto que temia falar há duas últimas noites. Seu primeiro instinto foi ignorar, como fez, mas parecia que quanto mais tentava esquecê-lo, mais pesava em sua mente.

Cameron se sentou no final da cama, com as mãos cruzadas em seu colo observando-a. Tinha bolsas sob os olhos, e a parte branca de seus olhos estava ligeiramente rosada. Talvez se tivesse sido uma melhor esposa, poderia ter notado a tensão em que se encontrava seu marido, mas se desculpou disso alegando suas longas horas no hospital.



— O que é o que faz para eles? — Perguntou Susan, fazendo uma careta enquanto passava a mão pelo ventre inchado, sentindo que o bebê chutava.

Durante anos tinha querido ter um bebê, pronta para formar uma família com o homem que amava. Agora, com o que enfrentavam, com as coisas que ela sabia, tinha medo do mundo que traria para seu bebê.

Cameron suspirou, esfregando a ponte de seu nariz. — Seu filho, Mishca. Trabalho como seu médico particular.

— Mas por que? São criminosos. Por que não lhes diz que não quer?

— Não é tão simples assim — disse suavemente.

— Então me explique, isso me ajudará a entender.

Pelas próximas horas, isso foi o que fez, explicou-lhe tudo o que foi possível sem violar o contrato que tinha com Mikhail e seus associados. Susan tentou ser compreensiva, mas a única coisa que sentia era uma tristeza esmagadora. Deveria ter se dado conta do segredo de peso que carregava ao longo dos anos, mas a única coisa em que se preocupou foi pelo tanto que o queria.

— É por isso — disse, quando terminou. — Que não posso só lhes dizer não. Quando se tem uma dívida com homens como estes, são seus proprietários até que a pague.

Ele parecia muito medo ao encará-la, tocando seus ombros para que a olhasse nos olhos. — Não pode dizer uma palavra disto, Susan —disse, com uma intensidade repentina que estava ausente de suas palavras anteriores — Se o fizer, vão... homens como eles não podem ter pontas soltas.



— Cameron...

— Prometa-me — exigiu, apertando-a um pouco mais. Depois do seu assentimento, suspirou e deixou-a ir, aceitando sua palavra.

Depois daquela noite, nunca falaram dos Volkovs outra vez, mas agora, dois deles levavam o segredo.

Susan nunca mais foi a Nova York depois desse fim de semana, e cada vez que Cameron se aventurou a sair de casa a altas horas da noite, ou não voltava para casa durante o dia, sabia onde estava.

Ela não sabia se ela estava melhor sabendo, ou fingir que nunca perguntou.

Apesar de seu trabalho criar tensão em seu casamento, as coisas começaram a melhorar depois do nascimento de Lauren. Talvez porque o Chefe da máfia russa se sentia sentimental por causa de seus próprios filhos, não chamou Cameron tanto como o fazia antes.

As mudanças em Cameron foram refrescantes, a nuvem de desespero que o seguia a todas partes se dissipou lentamente. Quando não se encontrava no hospital, estava em casa, dando banho em Lauren, atendendo-a e foi o melhor pai que Susan poderia ter querido.

Então tudo começou a desmoronar quando Lauren tinha quatro anos. Mikhail solicitou a Cameron mais que nunca e Susan o viu cair em pedaços de novo. Foi só um ano depois disso que voltou para casa para encontrá-lo.... morto.



Assim que o viu, soube quem tinha feito aquilo. Por meses viveu com medo de que viessem atrás dela e de Lauren. A maioria das pessoas estariam relaxadas, pensando que estavam a salvo, mas Susan sabia muito, assim, ficou em guarda, observando tudo e a todos os que estavam ao redor delas. Investigou tudo o que pôde para aprender mais sobre a organização criminosa secreta.

Se precisava da confirmação de suas suspeitas, conseguiu no dia que Mikhail Volkov apareceu em sua porta.

Rogou e suplicou pela vida de sua filha, jurando que era inocente e não tinha nada a ver com tudo isso. Em lugar de matá-la, simplesmente se sentou, com seus valentões gigantes rodeando-o, e lhe ofereceu uma grande soma em dinheiro. Com suas conexões, Mikhail tinha sido capaz de acrescentar uma quantia exorbitante ao seguro de vida que Cameron tinha deixado há anos. Se assinasse na linha pontilhada, seria um contrato entre eles, jurando seu silêncio para nunca trair a oferta que lhe dava.

Desde aquele dia, nunca tinha visto ele ou qualquer um que carregasse o sobrenome Volkov novamente... ao menos até o dia de Ação de Graças. Seu primeiro instinto foi dizer a Lauren que ficasse longe dele, mas, como poderia fazê-lo sem a colocar ainda mais em perigo?

Agora, já era muito tarde e tinha parte da culpa de tudo o que aconteceu a Lauren e Thomas. Apesar das evidências e do que sabia, no fundo, mantinha os segredos do passado ocultos daqueles que mais amava, mas estava na



hora de saberem a verdade e ela teria que enfrentar as consequências.

— Susan?

Thomas piscou ao abrir os olhos, fazendo uma careta, protegendo-se da luz que o cegava. Ela segurou uma de suas mãos entre as dela, e apesar de sua intenção de lhe assegurar que estava bem, agora foi ele quem acalmou seu choro.

— É preciso mais que um delinquente com um taco de beisebol para me derrubar — disse com voz rouca, dando um charmoso e quente sorriso.

Alguns dias pensava que vivia desse sorriso e não sabia o que faria se nunca o visse outra vez, mas tinha que lhe dizer a verdade, embora depois, sabia que se afastaria.

Limpou a garganta. — Falei com Lauren, ela...

— Como ela está? — Perguntou, soando repentinamente alerta. — Está ferida?

— Só um pouco. Diz que está bem, mas sabe como é Lauren. Está mais preocupada com você.

— Ela é forte — disse, lhe apertando a mão — Igual a sua mãe.

— Thomas, há... há algo que tenho que te dizer. Algo sobre...

— É bom ver que está acordado, detetive — disse o médico ao entrar no quarto, interrompendo-a.



Sentou-se deixando que o médico verificasse os sinais vitais de Thomas. Isto lhe deu um momento para pensar em como explicar. Os olhos do Thomas ficaram nela enquanto o doutor trabalhava, com um brilho curioso, e a testa franzida. Sempre teve bons instintos, era capaz de saber quando algo a inquietava.

Uma vez que estavam sozinhos novamente, Thomas ficou em uma posição mais cômoda. Só tinham uns poucos minutos antes que os detetives chegassem para conseguir sua declaração.

— O que é, Susan? Pode me dizer qualquer coisa, já sabe.

Olhou para a porta, assegurando-se de que os detetives não estavam saindo do elevador. — Nem sequer conte ao departamento, Thomas.

Isso chamou sua atenção. — O que está acontecendo?

Ela o olhou nos olhos, sentindo o aperto familiar na boca do estômago ao pensar em seu falecido marido. Era agora ou nunca. Não podia deixar que o passado se repetisse.

— Há algo que acredito que deve saber a respeito de Cameron...



Os dois homens sendo conduzido pelo policial uniformizado olharam para Lauren enquanto passavam, resmungando em russo. Pensou que pareciam vagamente familiares, talvez os tivesse visto no jantar de Natal, ou só de passagem quando estava com Mishca, mas não podia reconhecê-los.

— Reconhece algum desses homens? — Perguntou o detetive Rodríguez, inclinando a cabeça em sua direção.

— Não — disse Lauren, olhando para longe deles — Nunca os vi antes. Quem são?

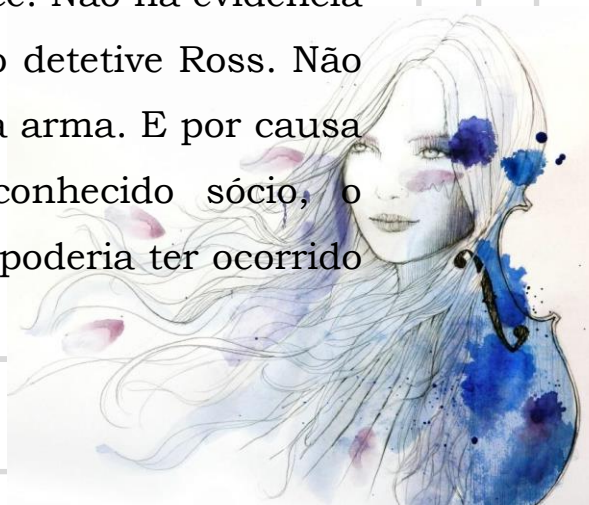
Se o detetive ouviu o leve tremor em sua voz, deve ter atribuído aos nervos mais que à mentira que dizia.

— Só pessoas de interesse da justiça, por agora. — Deu a Lauren um olhar significativo e compreendeu o que acabava de dizer.

— Sei que isto é difícil para você neste momento, mas se houver algo mais que possa me dizer, sem importar o pouco importante que pareça, pode ser capaz de ajudar a pôr como suspeitos estes homens.

— O que quer dizer? — Perguntou Lauren confusa. — Tem seu DNA. Como isto não está claro?

Ele suspirou, esfregando a testa. — O mais grave que podemos acusá-los é do ataque contra você. Não há evidencia física para conectá-los ao ataque contra o detetive Ross. Não encontraram testemunhas oculares nem a arma. E por causa da relação com Mishca Volkov, um conhecido sócio, o advogado pode argumentar que o assalto poderia ter ocorrido em um momento anterior.



Negou com a cabeça. — O juiz não pode provar?

— Não vamos desistir, Lauren. Não até que o tenhamos esgotado todos os ângulos que pudermos.

Rodríguez repentinamente franziu o cenho, apertando sua boca da maneira que Ross fazia quando via alguém que não gostava.

— Que porra ele faz aqui?

Lauren olhou na direção onde Rodríguez olhava e quando viu o homem elegantemente vestido, perguntou-se o mesmo. Viktor Volkov e outro homem com uma maleta caminhavam pelo corredor como se fossem os donos do lugar, sem deter-se até que desapareceram para onde foram os homens que viu antes. Rodríguez, fazendo um gesto perguntou a um dos oficiais que acompanharam Viktor. — Que porra faz Volkov aqui?

— Segundo ele, os bandidos russos que você trouxe há poucos momentos o chamaram, e logo chamou seu advogado.

— Inacreditável.

Os homens saíram de cabeça erguida. Quando olharam em direção a Lauren, um deles com uma tatuagem na cabeça de um tigre sorriu, com olhos frios e ameaçadores.

Em vez de seguir os homens, Viktor falou em voz baixa ao ouvido do advogado, logo cruzou a sala até que estava a uns poucos metros de distância de Lauren e do detetive Rodríguez. Vestia calças negras e uma camisa abotoada branca, aberta no colarinho. Uma fina corrente de ouro brilhava nesse espaço.



— Lauren, é bom te ver. — Estendeu sua mão como se fossem velhos amigos, como se não tivesse vindo e resgatado os dois homens que a atacaram.

— Se afaste Volkov — ordenou Rodríguez, dando um passo para frente, interpondo-se entre eles, forçando Viktor a retirar sua mão.

Riu parecendo totalmente divertido enquanto olhava entre Rodríguez e Lauren. — Escolha sabiamente, garota. — Com um aceno, Viktor se virou para sair, detendo-se na metade do caminho. — Ah, e Mishca te envia saudações.

Lauren sentiu cair o fundo de seu estômago ouvindo essas palavras, e uma raiva tão profunda a encheu até o ponto de abandonar todo pensamento racional.

— O que quer que seja que está pensando, não é uma boa ideia — disse Rodríguez, enquanto ela agarrava sua bolsa.

Não se importava com isso, tinha que vê-lo.



Seu coração estava acelerado, a cadência ecoando em seus ouvidos enquanto tomava o elevador até o décimo segundo andar. Estava tremendo, pelos nervos, a ira e o frio, no momento em que chegou a porta do apartamento de Mishca.



Não tinha mais nada a temer depois de tudo o que fizeram para ela e sua família e recusava-se a ser covarde diante deles.

Cerrando o punho, golpeou a porta até que se abriu, aparecendo um jovem que a olhou com uma expressão perigosa, mas bajuladora a qual se acostumou quando se tratava dos homens na vida de Mishca. Podia cheirar ao álcool nele, mas o ignorou enquanto passava, entrando no apartamento.

Haviam vários homens ali, todos sentados em torno de Mishca que se estava sentado com um copo na mão. Todos se colocaram ao seu redor, como um exército rodeando ao general. Era como se o visse pela primeira vez.

O rapaz que abriu a porta gritou para ela, atraindo a atenção de Mishca para eles. Por uma fração de segundos, pareceu aliviado, mas logo ficou irado, o que fez com que sua raiva aumentasse. Estava zangado porque ela sobreviveu?

Deixou o copo, abrindo a boca para falar, mas antes de que pudesse mover-se ou pronunciar uma palavra, Lauren irrompeu para ele, atraindo sua mão para trás, e lhe dando uma bofetada com tanta força como pôde reunir. Sua cabeça girou para um lado, mas mesmo assim não formulou um som, só moveu sua mandíbula.

Seus homens fizeram ruídos de queixa, ficando de pé para pegá-la, mas Mishca levantou a mão detendo-os. Alguns eram claramente maiores que ele e vê-los praticamente curvarem ante seu comando só confirmou o que já acreditava.



Mishca realmente era *Vory v Zakone*.

— Lauren... — deteve-se em seco, jogando um olhar sobre seu rosto, e logo para baixo sobre seu corpo. Sem dizer uma palavra, agarrou-a pelo braço e a arrastou até seu quarto, fechando a porta. — O que te aconteceu no rosto?

Ela zombou, livrando-se de seu agarre. — Como se não soubesse.

Ele levantou sua cabeça tão de repente, que ficou petrificada em seu lugar. — O que. Aconteceu?

— A *Bratva*.

Se ela não estivesse olhando-o, poderia não ter visto, o ligeiro estreitamento de seus olhos enquanto apertava os dentes. A ira se desvaneceu repentinamente, substituída por uma tristeza que a consumia.

— Mentiu para mim — disse, com sua voz embargada — mentiu. Foi você? Pediu que o fizessem? Assim é como funciona, não é verdade? Você faz as exigências e lhe seguem como cães.

— Não sei do que está falando.

Lauren riu amargamente. — Não? Onde vai cada quinta-feira no início do mês? Por que precisa de um guarda costas pessoal que parece que passou a metade de sua vida na prisão?

Moveu-se para tocá-la, mas com um olhar em seu rosto, levantou as mãos, embora isso não o deteve de igualar seu olhar, que poderia ter sufocado a um homem mais débil.

— Preciso que pare de fazer perguntas. Agora.



— Não sou um deles — disse, apontando para a porta — eu não respondo a você.

— Tome cuidado. Pode ser que não responda a mim, mas se continuar com isto, terá que responder a alguém mais.

— Danem-se você e suas ameaças de merda. O que mais vai fazer? Enviar mais homens para que ataquem a mim e ao Ross? — Empurrou-o e ele permitiu, inclusive dando um passo atrás, apesar de saber que poderia ter se mantido firme. — Nunca disse nada a ninguém.

— Do que está falando, Lauren? — Perguntou, parecendo realmente confuso. — Por que acredita que mandei alguém para que te atacar?

— Porque eram da Rússia. E se não são, por que Viktor foi resgatá-los?

— Eu não te faria mal — sussurrou.

Sacudiu a cabeça, agarrando a maçaneta da porta. — Já o fez. E Mishca... — voltou a olhá-lo, sentindo que seria a última vez — Não tinha que enviar a mensagem através de Viktor. Poderia ter sido o suficientemente homem para me dizer isso você mesmo.

Com isso, foi e nunca olhou para trás.



Capítulo 26

Capitão, meu Capitão.

Uma vez, quando Mishca era um menino, um valentão do bairro quebrou seu brinquedo favorito, um dos poucos presentes que recebeu de seu pai em seu aniversário. Era muito grande para ir a sua casa e chorar para sua mãe, embora o desejasse, sabendo que ela arrumaria isto. Mas uma das lições favoritas de seu pai, escolheu esse momento para aparecer em sua mente.

Se um homem te golpear, lhe devolva o golpe duas vezes.

Então, ao invés de ficar triste com a perda, Mishca ficou furioso, mas não era nada comparado com o que sentia agora.

Ver as contusões, a dor em seus olhos o deixou louco, e qualquer *ublyudki*[57] que fez isto, iria reembolsá-los na mesma moeda.

— Precisa de algo, Capitão?

— Vocês — apontou para os dois homens na porta da frente — encontrem tudo sobre o ataque a Lauren Thompson. Quero respostas dentro de uma hora.

Ficaram ali parados, hesitantes, pouco acostumados a ele gritando ordens, a menos que se referisse



[57] Ublyudki – filho da puta

especificamente aos *Bratva*. As emoções não tinham lugar no seu mundo, e quando esses sentimentos tornavam-se voláteis conseguiria que o matassem.

Agarrando a garrafa de whisky a sua direita, Mishca a lançou aos dois, o cristal rompendo-se contra a porta entre eles. — *Eto Moy Zakaz*[58]!!

Eles estremeceram, abrindo a porta e desaparecendo antes que outro objeto pudesse ir voando contra eles. Mishca era conhecido por sua pontaria e se falhou, foi de propósito.

— No que está pensando? — Perguntou Vlad.

O problema era... ele não estava. Não podia pensar. Não sabia por que isto aconteceu, mas sabia que era sua culpa.

E a única coisa que ele poderia fazer agora era esperar.



Em Brighton Beach, frente ao cais, a Volkov *Bratva* possuía um armazém comercial, utilizado como companhia fictícia, era utilizado como um açougue. Este contava com mais de 1800 metros quadrados e era um negócio próspero de dia, e uma câmara de tortura de noite.



[58] Esta é minha ordem.

Na parte traseira do armazém tinha uma escada oculta, conduzindo para o porão que estava destinado a ser utilizado como uma câmara frigorífica, entretanto, servia para um propósito mais desagradável.

A pequena sala úmida tinha encanamentos que corriam no teto, gotas de água escapavam deles sobre o piso de concreto, destacando as velhas manchas de cor de ferrugem. Dois robustos ganchos pendurados entre os encanamentos, capazes de suportar o peso de um animal morto, assim, as diferentes pessoas que tinham sido penduradas ali ao longo dos anos não tinham esperança de que as correntes e ganchos cedessem.

Um gelado ar frio soprava pelas frestas da ventilação superior, fazendo que os atuais habitantes na sala tremessem, mas não só devido ao frio. Tinham seguido as regras, nunca cruzar com nenhum homem em sua linha de trabalho.

Não entendiam por que estavam aqui, os dois foram levados sem lhes dar uma explicação, só que eram procurados pelo Capitão. Mas uma coisa que eles sabiam era que se estavam ali, morreriam.

A rangente porta de aço foi aberta, Vlad entrou primeiro, depois Mishca. Ele carregava uma cadeira dobrável de alumínio, sentou-se contra a parede, ficando atrás dos dois homens pendurados nos ganchos.



Um deles, Ivan, de trinta e cinco anos, tinha uma cabeça de tigre tatuada em sua garganta, uma marca que o distinguia como um assassino para sua organização. Tinha a marca há tanto tempo que Mishca nem podia recordar, mas nunca entendeu como Ivan a conseguiu tão jovem. A maioria dos homens nunca a receberam, mas não estava sob o domínio de Mishca, ele não questionava isto.

O outro, Anatoly, era tão cruel como grande, pesando mais de cem quilos. Era um dos homens preferidos de Viktor, fazendo nada e tudo o que lhe pedia. Não lhe importavam as regras de seu mundo, preocupava-se somente pelo dinheiro.

O que soube sobre eles ouviu dos homens, o que era pouco, só que estavam sob o mando de Viktor no Brooklyn.

Ivan virou seu corpo, tentando olhar para trás, mas da forma como foi acorrentado, era quase impossível. Entre os dois, ele era o elo mais fraco.

Mishca cruzou as mãos em seu colo, em relação aos homens, deixou escoar as emoções de dentro dele. Se faria isto, tinha que ser impessoal. Já não era a respeito de Lauren, e sim sobre território e as consequências de suas ações.

Só um deles seria capaz de sair desta sala vivo porque duas pessoas eram uma responsabilidade. Um deles tomaria o castigo pelo ataque ao policial e a Lauren. Qual deles seria, dependia unicamente deles.



Manteve sua voz calma enquanto falava. — Tem uma oportunidade para falar. Só uma. Não, não olhe-o pedindo ajuda — virou-se para Ivan quando ele olhou de relance para Anatoly. — Ele não pode te ajudar neste momento.

Ivan rapidamente virou sua cabeça, olhando para a parede. —Veio ao meu território sem minha bênção. Explique.

Anatoly permanecia obstinadamente silencioso, mas o corpo do Ivan estava tremendo. Foi inteligente, decidiu responder — Estávamos seguindo ordens, Capitão.

— *Zatknis*'[59]! — Anatoly sibilou ao parceiro, silenciando-o.

Mishca se levantou, flexionando seus dedos enquanto rodeou o homem que o olhava obstinadamente. Anatoly sabia que enfrentava à morte e Mishca estava a contragosto impressionado, provavelmente, mais ainda se as circunstâncias que os trouxeram aqui não fossem tão graves.

— Então, você não vai falar? — Perguntou Mishca em russo, dando ao homem uma oportunidade a mais. — Tenho maneiras de te fazer com que fale.

— Nada que não tenha sentido antes. — Anatoly se jogou contra as correntes, tentando liberar-se, mas suas tentativas eram em vão, Mishca viu algo em seus braços.

Havia arranhões ao longo de seus braços e mãos, crostas sobre eles, quase curadas. Em sua mente podia ver a cara de Lauren, os hematomas escuros em suas bochechas,



[59] Zatknis' – cale-se.

ao longo de sua mandíbula e os rastros de dedos ao redor de sua garganta.

Apertando os dentes, tentando não pensar, agarrando-o pelo cinto, arrastando pelo local, já que as correntes deslizavam facilmente ao longo dos encanamentos. O homem tentou chutar, mas suas pernas estavam amarradas com uma corda.

Quando estavam longe o suficientemente de Ivan, para que não pudessem ser ouvidos, Mishca chegou atrás dele, tirando uma reluzente pistola de prata, verificando a trava, olhando as balas que eventualmente iriam para o homem, depois que terminasse com ele. Era uma arma especial, a primeira que comprou, o número de série estava apagado.

Ainda não teve o prazer de usá-la. Não podia pensar num melhor momento que este.

A mostrou ao homem acorrentado. — Isto é para mais tarde, depois de cortar seus dedos e te fazer sofrer.

Anatoly ainda permanecia obstinadamente silencioso, mas seus olhos o delataram. Não pôde ocultar seu medo.

— Conte-me. Quais foram as suas ordens?

Vlad trouxe um kit de ferramentas, colocando-o na mesa. Mishca tirou sua jaqueta, passando-a para Vlad. Colocou um par de luvas novas, retirando um cortador do kit. Pegou uma longa lona de plástico, deixando-a cair ao chão, debaixo de Anatoly e era grande o suficiente para pegar qualquer respingos de sangue.



Levou a navalha para a camisa de Anatoly, cortando-a ao meio e expondo seu peito. Tinha a marca da *Bratva* sobre seu coração, um sinal que o fazia intocável.

Mishca levantou o cortador. — Fale.

— *Ya ne predam moy kapitan*[60]— disse olhando para a navalha e recuando.

Mishca sorriu. Ele não queria trair a seu Capitão? — Onde está agora, seu Capitão? Por que não está aqui para responder por você?

Anatoly sacudiu sua cabeça, olhando para frente, negando-se a responder outra vez.

— Bem.

Mischa pegou a navalha, cortando a marca em seu peito, rasgando sua carne. Anatoly gritou, golpeando contra suas correntes, tentando escapar da dor. Quando a marca foi claramente desfigurada, Mishca o deixou cair na lona de plástico.

Fechando suas mãos, Mishca o golpeou na mandíbula, desfrutando do rangido satisfatório do osso debaixo de seu punho. Não parou, golpeando sua outra bochecha, em seguida uma em seu lado, seu estômago, e outro em seu plexo solar.

Mishca nem sequer estava sem fôlego.

Anatoly grunhiu de dor depois do terceiro golpe, apertando a mandíbula para aguentar outros golpes. Quando Mishca finalmente lhe deu um tempo, Anatoly cuspiu o sangue que cobria seus dentes.



[60] Ya ne predam moy kapitan – Eu não vou trair meu Capitão.

— Não tem que responder — disse Mishca enxugando a testa. — Como nossas tatuagens, seu corpo conta a história — Segurava sua cara, assegurando-se de que tivesse toda sua atenção. — Quantas vezes você bateu nela? Quantas vezes ela pediu que parasse? Quantas vezes...?

Deteve-se antes de dizer as próximas palavras, sabendo que quando estivessem fora de sua boca, nunca voltariam, e melhor, não estava preparado para escutar a resposta. Mas a pergunta agora estava incomodando-o.

— Quantas vezes me chamou pedindo ajuda?

Mishca podia ver o momento do reconhecimento nos olhos do homem enquanto elevava sua cabeça surpreso. Também viu um brilho de arrogância quando se deu conta do que realmente se tratava isto. Não tinha nada mais que perder neste momento.

— Chorou pelo *svin'ya*[61] — disse, elevando os cantos de sua boca. — Brigou com tudo o que tinha, mas *suka ne mog borot'sya*[62]. Meu Capitão... disse que poderia fazer o que quisesse com ela. Se não tivesse sido pelas testemunhas, a teria tomado. — Riu obscuramente, o som afogando Mishca. — Eu gosto quando gritam.

Quase imaginou Lauren no chão, esse animal sobre ela. Tinha visto algumas das garotas que Viktor mantinha em sua casa no Brooklyn, seus olhos vazios e atormentados como se recordassem noite após noite serem tomadas contra sua vontade.



[61] svin'ya - porco
[62] suka ne mog borot'sya – cadela não poderia lutar

Mishca se sentiu gelado ante a admissão do homem, o que planejou fazer...o que queria fazer a Lauren. *Devushka*[63]?

Sem outra palavra, Mishca pegou sua arma, puxou o gatilho, e esvaziou o cartucho no peito do homem, guardando umas quantas para a sua virilha.

Mas sua ira não estava apaziguada, em realidade, só cresceu. Estava além da razão neste momento, a única coisa em sua mente era Lauren e os odiava pelo que lhe fizeram, e sentiu uma forte emoção quando imaginava, mas não podia decidir se era amor ou ódio.

Embainhando sua arma, deixou o homem sangrando, passou por cima de Anatoly que estava gemendo dolorosamente.

Vlad estava parado, silenciosamente julgando as ações de Mishca embora nunca diria nenhuma palavra em voz alta.

Pegando uma faca, cortou a camisa do homem e cortou um caminho através do peito dele, seus gritos de dor caindo em ouvidos surdos. Não tinha que perguntar nada, Anatoly falou livremente, algo para deter a tortura.

— Juro que não sei, Capitão. Juro-o! Estávamos... estava só seguindo ordens, por favor. Viktor nos disse quando e onde.

— Tocou-a? — Mishca grunhiu tão forte que sua voz ecoou.

— N-Não, fui pelo policial. Isso é tudo. Juro.



[63] Devushka – menina.

Não acreditou. Apontando, disparou no homem em ambos os joelhos, seus gritos de dor fazendo Mishca sorrir, embora a culpa e a amargura o consumissem.

— Suficiente, Mishca.

Entrando na sala agora estavam Mikhail, Viktor, e seus homens. Mishca estava tão enfurecido que viu vermelho, tirando sua arma e apontando-a no coração de Viktor.

Viktor não se assustava facilmente, Mishca sabia bem disso, mas jurou que antes que deixassem este congelador, faria o homem sentir.

Não se afastou, não era um covarde, mas por um rápido segundo, quase imperceptível, fraquejou.

— Guarde a arma, Mishca — disse calmamente mas firme Mikhail. A mão direita de seu homem, Sebastián, foi para o seu quadril onde sua própria arma descansava.

Era o *kryshas*, de Mikhail, seu assassino e braço direito. Se Gerard não estivesse disponível, então este era o homem que Mikhail chamava.

Só porque seu pai lhe deu uma ordem direta, Mishca baixou sua arma. Viktor passeou pelo local, olhando o corpo pendurando flácido, sangue caindo dos múltiplos buracos em seu torso, logo depois deu a volta atordoado querendo explicações sobre o soldado.

— Por qual razão você tem meus homens acorrentados como maldito gado, menino? — Bradou Viktor, parando defensivamente. — Não estavam sob seu comando.



— entraram em meu território e quase assassinaram a porra de um *politseyskiy*[64]! — Atreve-se a agir em meu território? A partir de agora, estão sob meu comando.

Viktor chupou seus dentes, olhando Mishca de acima a abaixo com ódio disfarçado. Não havia amor entre os dois, especialmente quando ambos estavam na linha para subir ao trono uma vez que Mikhail se retirasse. Já que a posição raramente podia ser tomada à força, a indicação era feita por Mikhail. A vantagem parecia ser de Mishca conforme nos últimos anos a relação de Viktor e Mikhail ficou tensa.

— *Dostatochno*[65], Mishca, — disse Mikhail levantando suas mãos. Sentou na cadeira vazia na sala, acendendo um charuto. — Diga-me do que está falando.

— Estes dois — explicou Mishca, apontando primeiro a arma para Anatoly, depois a Ivan — receberam ordens para eliminar o policial e a garota com ele.

Viktor zombou. — Nunca te diriam tal coisa.

— Mas vão me dizer — disse Mikhail com ar de um homem que era a última autoridade. Olhou para Ivan, nivelando o olhar com o dele que era um homem mais baixo. — Quais foram suas ordens?

Ivan olhou para Viktor impotente, mas inclusive ele sabia que não podia negar responder uma pergunta do *Pakhan*. — Deram-nos um endereço e fotografias. Nos disseram para tirar os dois.

— Tirá-los? Quer dizer matá-los.



[64] Politseyskiy – policial.
[65] Dostatochno – suficiente.

— Sim, *Pakhan*.

Mikhail voltou sua atenção para Viktor. — Ordenou um ataque sem minha autorização? — As palavras eram enganosamente calmas, mas o significado por trás disso fez Viktor limpar a garganta. Agir sem autorização significava a morte.

— É obvio que não. Eles... interpretaram mal minhas ordens. Era para impedir o *politseyskiy*. Precisávamos tirá-lo do caminho. Disse a meus homens que pegassem os arquivos que levava.

— Oh, e a garota o que era? Um maldito dano colateral? — Estalou Mishca, seus dedos desejando pressionar o gatilho.

Viktor podia mostrar seu aborrecimento para Mishca, já que eram do mesmo escalão. — Só se importa porque era sua *shlyukha*[66]. Não se cansou de ficar *mezhdu eye nog*[67]?

Antes que Mishca pudesse disparar um tiro nele por esse último comentário, Mikhail estalou seus dedos.

— Seu raciocínio é sem importância. O fato é que há um policial no hospital e duvido que a excelência de Nova York diga que é algo menos que um atentado contra ele. Ou seu homem paga por isso ou você pagará. Mishca, venha comigo.



[66] Shlyukha – cadela.
[67] mezhdu eye nog – entre as pernas.

Com a ordem dada, Mikhail se dirigiu para a porta, mas parou em seu caminho e virando seus olhos cinzas de aço para Viktor. — E a próxima vez que souber que você ordenou um ataque contra alguém sem meu conhecimento. Tirarei suas estrelas.



Capítulo 27

O Interrogatório

Através de um espelho unidirecional, Lauren via o homem na cadeira de rodas, com os punhos algemados à mesa de metal atarraxada ao chão. A última vez que o viu, tinha o sorriso arrogante de um homem que sabia que caminhava livre, mas agora, seus olhos estavam baixos, sua pele suada e cinza, para não falar do fato de que já não podia andar. Sua atitude sarcástica ficou para trás, substituída por um medo tão profundo que seus olhos não podiam deixar de observar ao seu redor a pequena sala, como se sentisse os olhos sobre ele. Tinha razão, o olhava desde que o detetive Rodríguez a chamou, mas os homens que verdadeiramente temia não estavam.

Seu advogado estava sentado junto dele, e inclusive parecia um pouco nervoso, constantemente brincando com o nó da gravata ou olhando o relógio de ouro que tinha no pulso, inclinando-se em intervalos para sussurrar ao ouvido do cliente. Ivan observava o vidro, procurando seus olhos. Sabia que não podia vê-la, mas se afastou de todo modo, esfregando os calafrios dos braços enquanto respirava profundamente, tentando ignorar o medo irracional que sentia em seu coração. A sensação fantasma de punhos lhe



golpeando provocou uma careta de dor, mas se obrigou a empurrar esses sentimentos para o fundo de sua mente.

O detetive Rodríguez estava na sala com ela, com os braços cruzados sobre o peito. Lembrava ao detetive favorito de sua mãe na tv. Tinha o mesmo temperamento quando se tratava de criminosos, mas era amável e atencioso com as vítimas. Estava preocupado, Lauren sabia, sobre o que ia ser revelado. Ross contara a ele sobre seu pai, e tirou suas próprias conclusões a partir disso.

— Você está bem? — Perguntou depois de observá-la um momento. — Precisa de alguma coisa?

Ela negou com a cabeça. — Estou bem.

— Sabe, não tem que ficar aqui para isto. Posso te contar o que ele disser.

O que significava que modificaria o depoimento, tirando todos os detalhes que ela precisava ouvir. Para falar a verdade, não entendia por que estava ali. Sabia que já tinha confessado esta manhã, mas agora tinha novas informações?

Seu estômago revirou quando olhou de novo para Anatoly. Sentiu em seu coração que o que ele diria mudaria tudo o que sabia. Tinha começado a suspeitar deles, Mishca e sua família, que sabiam algo sobre seu pai. Era muito tarde para se afastar.

— Quem é esta, detetive? — Perguntou uma mulher entrando na sala. Usava óculos de aros metálicos, e um terno. Tinha o cabelo preso em um coque apertado, olhos escuros que não perdiam nada, e o comportamento de alguém acostumado a estar no comando.



— Esta é Lauren Thompson, uma amiga do detetive de Michigan.

Arqueou uma sobrancelha. — Maravilhoso. Por que está aqui, agora?

— Acredito que seria melhor se falasse com nosso criminoso em primeiro lugar.

A mulher olhou para Lauren mais uma vez antes de sair da sala, segundos depois, a porta da sala do lado se abriu...



A assistente da promotoria Margaret Thatcher, era uma mulher que levava seu trabalho muito a sério. Acreditava na honra e na justiça, e nos últimos trinta anos em que trabalhou como procuradora para o estado de Nova York, nunca teve a infelicidade de oferecer um acordo judicial a qualquer canalha que chegasse ao tribunal.

Agora, aqui estava, somente com vagos detalhes a respeito de um homem que era tão estúpido para atacar um policial, e queria um acordo para que a suposta informação pudesse amenizar sua pena. Margaret não queria ouvir o que tinha a dizer, e preferia simplesmente lidar com o caso resolvido e nunca deixá-lo ver a luz do dia novamente, mas como o detetive Rodríguez considerou que valia a pena



escutá-lo, aceitou a contragosto, embora não prometeu que ganharia algo com isso.

Ao abrir a porta, a assistente Thatcher entrou na sala de interrogatórios, evitando olhar o suspeito, logo apertou a mão de seu advogado, Roger Givens.

— Sr. Stonosky, declarou-se culpado do assalto a mão, bem como agressão agravada. Que tipo de acordo esperava fazer?

— Tenho informações — disse em voz baixa, como se alguém além dos presentes pudesse ouvi-lo. — Sobre um assassinato.

Ela pegou um bloco de anotações de sua pasta, procurando uma caneta para poder rabiscar uma nota rápida. — E como encontrou essa informação?

Roger limpou a garganta, inclinando-se para frente para dizer — Meu cliente não divulgará nada a menos que lhe tenha concedido o amparo de testemunhas ao terminar esta reunião, assim como a imunidade total.

Margaret sorriu. — Por favor. Roger, sabe tão bem quanto eu, a probabilidade de que isso ocorra. Além disso, pediu-me que escutasse. Se quiser que te dê qualquer coisa, tem que dizer a seu cliente que me dê algo com o que trabalhar.

Enquanto falava, Roger sacudiu a cabeça. — Os homens dos quais meu cliente tem informação são perigosos. Teme por sua vida.



Embora Margaret estivesse inclinada acreditar, depois de tudo, seu cliente estava em uma cadeira de rodas, negou-se a ceder.

Consciente disto, Roger se inclinou para sussurrar no ouvido de seu cliente. Negou com a cabeça firmemente, recusando-se a falar. Margaret tamborilou sua caneta contra seu bloco de notas, já cansada de jogar seu jogo. Esperaria cinco minutos antes de sair...

— Está bem — disse Anatoly, mexendo-se em sua cadeira, fazendo uma careta de dor. — Havia um médico, em Michigan. Thompson ou algo assim.

Ela ocultou sua surpresa, cruzando as pernas enquanto olhava atrás do vidro onde sabia que Lauren e o detetive Rodríguez estavam observando. A garota não podia ter mais de vinte anos. Tinha que ser a filha deste médico.

Fazendo outra nota em sua caderneta, ficou de pé. — Desculpem-me por um momento, senhores.

Saindo, o detetive Rodríguez já estava na porta para encontrar-se com ela.

— Que droga está acontecendo?

Rodríguez limpou a garganta, tirando de uma pasta várias informações e documentos. — Isto estava no carro de Ross. Há cerca de uns quinze anos, o doutor Cameron Thompson foi encontrado morto em sua casa, com três tiros no peito. Zero rastros, sem cabelos, sem fibras, mas as cápsulas das balas foram deixadas no chão.



— Na época o detetive Ross estava encarregado do caso, mas depois de anos sem um suspeito, foi arquivado. — Apontou com o polegar de volta a sala onde Lauren esperava. — Lauren é a filha da vítima e se mudou para cá em agosto e pelo que me inteirei, está namorando Mishca Volkov.

Isso chamou a atenção de Margaret. Pessoas em sua posição tinham como objetivo prender alguém que acreditava-se estar envolvido no crime organizado. Embora não houvesse praticamente nenhuma prova contra o Volkov mais jovem, era muito claro que seu pai estava envolvido em negócios escusos, apesar de não terem provas suficientes para condená-lo.

— Tem que haver uma conexão — continuou Rodríguez. — Agora estou pensando, os russos mataram o doutor e pensaram que Ross encontraria nova evidência para incriminar um deles, provavelmente, um do alto escalão.

— Mas, que razão teriam para matar a um médico de Michigan?

— Não tenho nem ideia, mas estes tipos são muito organizados e desumanos. Anatoly está abaixo na cadeia alimentar, se souber algo a respeito deste assassinato, a ordem deve ter vindo de cima. Se conseguirmos que diga, podemos acabar com ao menos um dos membros do *Vory v Zakone*.

Margaret assentiu, decidindo já como procederia com isto. — O que sabe a garota?



— Nada — disse Rodríguez, encolhendo-se de ombros. — Isso eu sei, não tem ideia no que seu namorado está envolvido, mas se eles se souberem que está falando conosco, pode estar em perigo. Acredito que deveríamos deixar seguranças diante de seu apartamento.

— Consiga isso e peça que fique aqui. Quero interrogá-la depois.

Com um aceno final em sua direção, Margaret voltou para o interrogatório.

— Quero deixar algo muito claro antes que esteja de acordo com qualquer trato — disse voltando a sentar-se. — Seu cliente já se declarou culpado e cumprirá a pena máxima, mas... — ressaltou e Roger protestou — se seu cliente quer passar seus dias em uma prisão de mínima segurança com serviço de proteção constante depende dele.

— E a respeito da imunidade?

— Seu cliente não será acusado enquanto estiver participando ativamente na investigação.

Anatoly ainda parecia duvidoso. — Quero isso por escrito.

Margaret fez um gesto com a mão para o modelo, apontando a um dos homens de dentro da sala, para que tivesse a documentação preparada. Tirando um gravador de sua bolsa, pressionou o botão para gravar.

— Sr. Stonosky, pode me dizer o que aconteceu naquela noite?



Anatoly olhou para Roger, esperando o sinal positivo. — Anos atrás, recebi uma ligação do meu Capitão. Disse que tinha um trabalho para mim. Não lhe fiz nenhuma pergunta, só esperei os detalhes. Voamos para Michigan e fizemos uma visita ao médico.

— Quem é seu Capitão?

— Viktor Volkov.

Margaret anotou. — Você disse, nós. Com quem voou a Michigan?

— Meu Capitão.

— Perguntou-lhe a respeito de sua... tarefa?

Negou com a cabeça. — Você não questiona seus superiores. Você faz, você morre. Além disso, as ordens de matar só são passadas pelo Chefe.

— Quem é o Chefe?

Anatoly passou uma mão pela cara, o medo piscando nas profundezas de seus olhos. — Proteção de testemunhas, verdade?

— Sim, senhor Stonosky.

— O Chefe é Mikhail Volkov.

— Conhecia doutor Thompson de antemão?

— Não, mas o tinha visto em torno do Chefe. Trabalhou com seus filhos, como seu médico.

Isso foi... inesperado. Só podia imaginar o que a garota estava pensando neste momento. — Por quanto tempo foi o doutor Thompson seu médico particular?

— Não sei.



— Está bem. Conte-me o que aconteceu na noite do assassinato.

— Chegamos a Michigan, roubamos um carro, e fomos à casa do doutor. Nos reconheceu, nos deixou entrar. Ninguém mais estava em casa, assim não havia preocupação em ter testemunhas. Então, meu Capitão lhe disparou três vezes no peito.

Um forte golpe no vidro provocou em Margaret uma careta de irritação, odiando ser interrompida em meio a um interrogatório. Desculpando-se, saiu e entrou na sala à prova de som onde Rodríguez estava agachado diante de Lauren, falando em voz baixa com ela.

Margaret havia visto muitos casos em que os filhos escutavam a confissão do assassino de seu pai, e na maioria dessas circunstâncias, choravam, tentando lutar contra policiais para tentar chegar à fonte de sua dor, mas não Lauren.

Ela se sentou no que Margaret assumiu que era um silêncio atordoado, olhando fixamente o chão. Margaret sentiu uma pontada no peito, não gostando desta parte de seu trabalho.

— Talvez ela devesse esperar...

— Pergunte a ele — disse Lauren enquanto olhava Margaret, lágrimas brilhando em seus olhos — o que seu Capitão disse. Antes de que atirasse no meu pai, pergunte-lhe o que disse.

Margaret ficou boquiaberta. — Como sabe que disse algo?



— Eu estava lá, no armário. — Seus olhos se abriram olhando longe. — Falou em russo.

— Se escutasse sua voz de novo, seria capaz de identificá-la?

Lauren assentiu. Ela foi testemunha.

Margaret não sabia se sentia-se eufórica pela informação ou triste. Se pudesse identificar com segurança a voz de Viktor Volkov, que, junto com o testemunho de Anatoly, podia encarcerá-los por toda vida, mas se a máfia russa se inteirasse disto, os dois estariam mortos.

— Posso falar com você em particular, detetive?

Lauren os viu sair, fechando a porta quando passaram. Enquanto assistia a assistente da promotoria interrogar Anatoly, de uma maneira imparcial e objetiva, não esperava nenhuma das informações que ele revelou.

Ao escutar os detalhes, passou mal do estômago, odiando a maneira que Anatoly podia contar a história, sem nenhum remorso, por isso tinha feito. Ela não estava confusa. Sabia que a única razão pela qual confessou, foi porque queria um acordo e para vingar-se deles pelo que fizeram a ele. O único temor que mostrou, foi na hora de mencionar as pessoas envolvidas.

Viktor e Mikhail.



Quando disse o primeiro nome, ficou chocada. Se tivessem conhecido o pai dela, então teriam sabido que era sua filha. Não só porque compartilhava seu nome, mas porque se parecia com ele.

Por que todo o segredo? Por que fingir que não sabiam quem era ela? Nada disso tinha sentido.

Mas quando Anatoly disse que seu pai era o médico de Mishca e Alex, seu coração quase parou. Não só pela tristeza, mas também pela ira e a traição.

Por meses, Mishca lhe sorriu, passou um tempo com ela, beijou-a, mas nunca admitiu conhecer seu pai, embora fosse ciente de que sua família afastou seu pai dela.

A única pergunta era, por quê?

Rodríguez voltou a entrar na sala depois de sua discussão silenciosa no corredor. Ficou a seu lado, os olhos suavizando enquanto punha uma mão reconfortante em seu ombro.

— Precisa de um minuto? — Perguntou enquanto a assistente da promotoria voltou para a outra sala.

Lauren observou-a interrogá-lo, escutando o que estava dizendo, até o último segundo. Viu sua boca formar as palavras, a forma em que pronunciou cada uma, como se tivesse dito uma dúzia de vezes. Repetiram-se uma e outra vez em seus ouvidos, mas diferente da vez que Viktor havia dito, essa era a voz que ouviu há tantos anos. Este era o homem especifico.

Podia escutar, claramente, como o tinha feito então, mas agora era pior.



Pior, porque agora, podia pôr rosto aos homens que levaram seu pai quando era só uma criança.

Pior, porque Ross foi ferido em sua busca pela verdade.

E pior, porque o amor de sua vida sabia de tudo.



Capítulo 28

Primeira Dama

Anya Volkov era tão bonita como era insensível, um fato bem conhecido para quem teve a infelicidade de cruzar com ela.

Nasceu em um pequeno povoado na Rússia — o resultado de um homem mais velho violar uma adolescente. — Anya conhecia intimamente a dura realidade da pobreza, e a cruel condição de onde veio, e mais tarde jurou nunca cair tão baixo como sua mãe.

Mas era só uma menina na época, seu sofrimento não tinha começado realmente. O atrativo de uma vida nova e promissora nos Estados Unidos a fez apelar para a mãe, Nádia. Esperava que com a oportunidade, pudesse proporcionar uma vida melhor a sua filha, do que a que tinha em seu país politicamente oprimido.

Entretanto, como muitas mulheres antes delas, Nádia e Anya foram contrabandeados para o país ilegalmente e sob falsos pretextos. Nadia foi forçada a se prostituir, e desde Anya era apenas uma menina na época — seus captores gostava de acreditar que eles tinham uma consciência — foi obrigada a ver noite após noite, sua mãe ser dopada, através de uma agulha, com um líquido turvo dentro fazendo-a flexível aos homens que pretendiam usá-la.



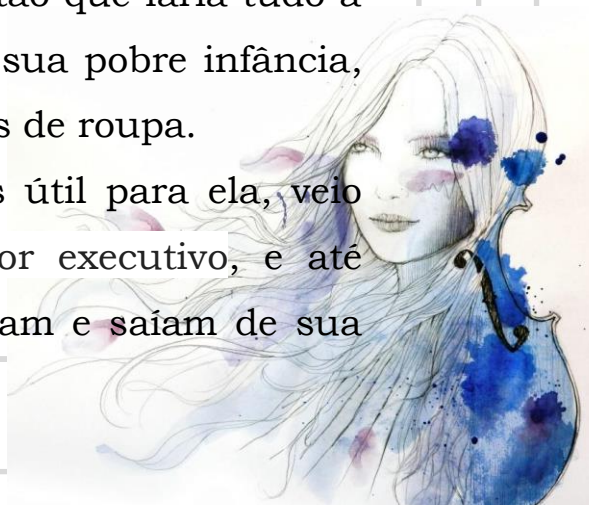
Anya foi exposta a um mundo, do qual sabia muito pouco, onde as mulheres utilizavam seus corpos, os homens indo e vindo como quisessem, mostrando maços de dinheiro. A única conclusão da jovem, processada por sua mente distorcida, foi que através do sexo, o dinheiro prosperaria. Se queria sair, teria que usar seu corpo para conseguir.

Com apenas dezesseis anos — muito depois de escapar de seus carcereiros e deixando sua mãe a sua própria sorte — Anya aprendeu a arte de seduzir os homens. O primeiro homem a sucumbir a seus encantos foi um professor de inglês, que lhe ensinou o idioma deste país e proporcionou-lhe tudo o que ela poderia querer.

Não foi enganada de maneira nenhuma. Sabia o que esperava dela, e que só a manteve devido a sua natureza perversa. Quanto mais velho ficava, mais rápido ficou distante, mas esse não era seu assunto. Anya drenou cada centavo em seu nome e se foi no meio da noite. Não tinha medo que viesse atrás dela, sabendo que enfrentaria uma condenação muito mais longa se ela alguma vez abrisse a boca.

Depois de experimentar pela primeira vez, o gosto da sociedade de classe alta, Anya decidiu então que faria tudo a seu alcance para não voltar jamais para sua pobre infância, implorando por comida e vestindo farrapos de roupa.

Já que o professor não era mais útil para ela, veio um chefe de cozinha famoso, um diretor executivo, e até mesmo um advogado. Os homens entravam e saíam de sua



vida, seu dinheiro deixado para trás, mas para uma mulher como Anya, já não era suficiente. Aborrecia-se com os assuntos dos homens, os via só como um meio para um fim. Queria a emoção da perseguição, a emoção de um desafio.

Foi quando tropeçou com Mikhail Volkov e sua esposa, Catja. Sabia com apenas um olhar que era diferente dos homens que conheceu antes dele, que poderia ser tudo o que ela queria. Havia algo escuro e sedutor nele, que trazia uma parte primitiva dela. Anya teria que tê-lo, sem importar o custo, não importava quem estaria ferido no final.

E embora algumas mulheres achassem a ideia de namorar um homem casado repugnante, ela se divertiu com a ideia, ansiosa para testar as artimanhas que adquiriu pacientemente ao longo dos anos.

Todas as quintas-feiras no início do mês, como um relógio, Mikhail e um grupo de outros homens se reuniam na cidade, frequentando um hotel onde ela se hospedava. Durante meses tentou seduzi-lo, nada parecia chamar sua atenção quando estava no hotel, mas a sorte estava do seu lado. Depois de um pouco de espionagem e suborno, soube que o casal e seu filho de quatro anos, precisavam de uma empregada. Apesar de lhe doer muito cair tão baixo, esfregar os pisos ajoelhada sobre suas mãos e joelhos, a recompensa era muito importante para que permitisse que seu orgulho interferisse.



Anya se humilhava na presença da esposa de Mikhail, mas quando ela saía, estava livre para vagar pela casa como quisesse, usando de seu charme cada vez que se encontrou com Mikhail. Um pouco do seu sutiã aqui, uma visão de sua calcinha ali. O sorriso que o delatava, a ligeira inclinação de seus lábios deixando-a saber que estava finalmente chegando a ele. Parecia querer se mostrar muito devotado, para um marido de seis anos.

Mal Anya começou a trabalhar na casa, Mikhail e ela iniciaram seu caso ilícito. No início, eles se esgueiravam por ali, fazendo amor em todos os cômodos. Logo, nem se importavam se fossem pegos, praticamente jogando na cara de Catja.

Agora, a dona da casa, não era só Catja a receber presentes elaborados e caros, mas havia uma coisa dela que Anya ainda cobiçava, seu anel de diamantes.

Ansiava por finalmente ter um dela mesma, muito maior que o delicado, e tradicional corte do de Catja. Anya começou a arriscar, pensando numa maneira de tirar a outra mulher de cena, sem que as suspeitas caíssem sobre ela, mas não havia uma maneira segura de realizar isto, pois, Catja já não confiava nela.

Mas a sorte estava ainda do seu lado.

Por razões que Anya nunca se preocupou em descobrir, Catja estava morrendo. Naquela fatídica manhã, quando o caixão de Catja baixou à terra, Anya começou a planejar seu casamento dos sonhos. Seis semanas mais tarde, estava casada. Agora, como a mulher da casa, e



conhecedora de todos os aspectos da vida de Mikhail. Anya pedia tudo que queria. Mudaram-se para a mansão fora da cidade, comprando os vinte hectares de terreno que a rodeavam. Se queria um carro, só tinha que bater seus cílios, e desde que o menino que Mikhail adulava não tentava formar qualquer tipo de relação com ela, estava contente em seu encontro feliz e poderoso... ao menos por um período.

Essa felicidade que procurou durante tanto tempo começou a desaparecer, agora que estava imersa na posição de dona de casa. Para ela, a centelha já não estava ali, até que um novo delicioso desafio se apresentou apenas alguns meses mais tarde.

Agora, uma simples *suka* pensava em derrubar tudo pelo que Anya tinha trabalhado? Ela a mataria primeiro.

Quando uma mescla de chuva e granizo caiu das nuvens cinzas de tormenta obscurecendo o céu, Anya se sentou em silêncio no banco traseiro de seu carro com motorista, que habilmente dirigia pelo trânsito do final do dia. Eles estavam a caminho de uma reunião com uma das fontes de Anya dentro da polícia de Nova York.

Quinze minutos depois, pararam em um estacionamento atrás de um salão de jogos de azar em Chinatown — os proprietários amigos dos Bratva — perto um carro de polícia sem identificação. Sempre tinha divertido Anya que à polícia deste país gostava de acreditar que seus carros eram imperceptíveis. De fato, era dolorosamente óbvio a quem o veículo pertencia.



Ajustou seus óculos de sol com tédio enquanto esperava o Oficial Johnny Marciano acelerar o passo. Henry, o motorista, saiu do carro, cascalho triturando sob suas botas quando interceptou Marciano, revistando-o e retirando sua arma, antes que entrasse no carro.

Johnny Marciano estava em seus quarenta e tantos anos, com uma pança de cerveja e um penteado para tampar a careca grotesca. Tinha olhos marrons pequenos e brilhantes e a pele bronzeada de sua herança italiana. Debaixo do braço, levava uma maleta grande que sustentava como ouro precioso. Com uma última olhada rápida ao redor, subiu na parte de trás com ela, a veia em seu pescoço pulsando freneticamente quando Anya o olhou.

Era perigosa em seu próprio direito.

Marciano lhe deu um doloroso sorriso enquanto passava a mão pelos escassos cabelos, colocando a pasta em seu colo. Atrás de seus óculos, podia ver o ligeiro tremor atravessando por seu corpo.

Com um suspiro de impaciência, não tinha tempo para garantias. — Tem o que te pedi?

— Uh, sim — limpou a garganta, usando a manga de sua jaqueta do uniforme para limpar seu rosto. — Disse que eu ia receber o pagamento.

A maioria dos homens, não importa sua ocupação, nem seu desenvolvimento moral, sempre tem um preço. Sempre havia um pequeno e sujo segredo que não queriam revelado, ou o dinheiro que necessitavam para manter a suas



famílias, especialmente os homens na aplicação da lei, suscetíveis ao menos submundo moral do crime.

Marciano, em particular, tinha duas filhas adolescentes com a esperança de ir à universidade, e o dinheiro que ganhava no departamento não podia pagar esses gastos.

Anya retirou um envelope recheado com vinte mil dólares em notas de baixo valor. Esperou até que lhe desse a maleta antes de jogá-lo para ele, olhando com desgosto mal velado, que estava quase babando.

— Confio que isto é tudo o que tem no caso?

— Sim — disse assentindo. — É obvio.

Bateu com uma unha a janela traseira e a porta de Marciano se abriu. Enquanto saía, voltou-se para Anya e disse — Há uma testemunha, uma garota jovem. Acredito que seu nome era Lauren ou algo assim. Pode estar no arquivo.

Os dedos de Anya se apertaram tão forte na maleta que seus nódulos ficaram brancos. Marciano sentindo sua crescente ira, fez uma rápida retirada subindo em seu carro, fugindo a toda velocidade sem olhar para trás.

— Acabamos aqui. — Anya chamou Henry enquanto a porta estava sendo fechada.

Abrindo a maleta, começou a procurar entre os arquivos, lendo as declarações de várias testemunhas. Já sabia sobre o detetive de homicídios que foi agredido e não poderia se importar menos. As testemunhas não tinham visto muito. Nenhuma de suas declarações se sustentaria na corte,



disso estava segura, o testemunho de Lauren ia ser um problema, mas Mishca podia encarregar-se disso.

O que não estava esperando ouvir era sobre o doutor assassinado.

Um evento do passado que ela pensava ter sido enterrado.

Dentro de um bolso havia um gravador de prata com uma fita dentro. Rebobinou para o início, pressionou reproduzir.

— Tenho informações... — reconheceu a voz como um dos homens sob o mando de Viktor. — A respeito de um assassinato.

A maioria dos homens em sua organização eram leais e com muito gosto se jogariam ao fogo para ajudar a um companheiro Vor. A traição deste homem era uma fenda em tudo o que acreditavam e seria tratado imediatamente.

Mas foram as palavras que causaram medo em Anya. Tirou seu telefone e rapidamente discou um número.

— Preciso te ver.

Ela escutou, assentindo, guardando-o depois de obter sua localização. Dando o endereço para o motorista, alcançou um compartimento lateral na porta, tirando uma garrafa de champanhe. Tirando sua rolha, serviu-se uma taça, bebendo o conteúdo em dois goles. Deixando a taça, esqueceu-se de seu status enquanto bebia diretamente da garrafa.



Anya manteve reproduzindo a gravação, sabendo que precisaria convencê-lo de que a garota era um problema e precisava ser neutralizada. Apesar de saber do juramento em que viviam, Mikhail amava seu filho profundamente, mas Anya sabia que se Mishca pusesse em perigo a *Vory v Zakone* esse amor seria posto de lado.

Suspirando profundamente, como há muito tempo não fazia, começou a planejar como se desfazer da única pessoa que poderia destruir tudo.



Anya encontrou Mikhail em seu lugar de sempre, lendo o jornal enquanto comia borsch[68]. Quando ela entrou, deu um tapinha no lugar ao lado dele. Sentou-se no braço de sua cadeira, sorriu, olhando suas pernas enquanto as cruzava, insinuando suas coxas. Algumas coisas nunca mudavam.

— Temos um problema — disse tomando o jornal de suas mãos, substituindo-o pela maleta. — Parece que a garota está falando.

Ele abriu os fechos da maleta, leu as declarações que estavam dentro, sua expressão nunca mudando. O gravador



[68] Borsch é uma sopa tradicional em diversos países do Leste Europeu. Era preparada com ervas ou aveia, com o passar do tempo a beterraba se tornou seu ingrediente principal.

não estava dentro, já tinha sido destruído junto com a gravação a caminho dali.

— Como encontrou isto? — Perguntou deixando de novo na maleta, fechando-a e pondo-a lado.

— Ainda tenho amigos — disse facilmente, não querendo revelar suas fontes. — Mas isso não é importante neste momento. Precisamos consertar isso antes que mais seja feito.

— Arrumar o que? — Perguntou Mishca entrando. Estava bastante diferente da última vez que esteve na mansão.

Anya tinha escutado vagamente que ele e a garota já não estavam juntos e que foi advertido para manter-se afastado dela. Não esperava que tivesse nenhum efeito sobre ele. O último homem com quem terminou uma relação, apenas lhe deu um vago pensamento, mas Mishca estava miserável.

— Parece — respondeu Anya — que sua mulher foi à polícia.

Ele franziu o cenho. — O que quer dizer? Não há nada com que possa ir à polícia.

— Você tem certeza? Não esteve pensando claramente desde que a trouxe para nossas vidas.

— Pai?

Descaradamente ignorando-a, irritando-a e se fosse outra pessoa teria exigido que lhe ensinassem maneiras.



Mikhail lhe explicou o que estava acontecendo, a informação que tinham e o que aconteceria e algo viesse à tona.

— Certamente. Não sabe de nada.

— Então por que está nessas fotos com a polícia de Nova York — perguntou Anya lhe apontando uma das poucas fotos da garota saindo do recinto.

— Como já disse. — Fulminou Anya. — Nunca mencionei nada incriminador. Sim, suspeitou, mas, só depois que esse detetive veio aqui. Nunca mencionou ele.

— Foi descuidado.

— Já é suficiente Anya. — Mikhail tamborilou seus dedos em sua mesa, vendo seu filho. — Viktor respondeu por sua parte nisto. Agora, você tem que responder por sua parte também.

Um espasmo começou na mandíbula. — O que está dizendo?

— Você sabe a reposta a isso Mishca — disse Anya simulando simpatia, mais que ansiando acabar com isto.

Anya nunca se enganou a respeito de sua relação com Mishca. Antes que tivesse Aleksandra, tendia a evitá-la, preferindo passar seu tempo com as babás ou inclusive com esse espantoso doutor. Talvez soubesse de sua relação com Mikhail antes da morte de sua mãe e isso afetou sua relação com ela, mas enquanto tivesse o coração de seu pai, ela podia mais.

Enquanto a verdade não saísse à luz...



— Não vou matá-la — disse Mishca com absoluta convicção.

Ela zombou dele. — Não é opcional.

Sua inquietação se transformou em ira enquanto jogava anos de ódio nela. — Eu não respondo a você, lembre-se de seu lugar.

Ofegando, olhou Mikhail. — Vai permitir que fale comigo assim?

— Se nos desculpar, meu amor.

Anya não cedeu. — Não o....

— Significa que vá. Agora.

Sentindo a agitação na voz de Mikhail, Anya sabiamente parou, passando uma mão em seu cabelo, embora não houvesse uma mecha solta e saiu do escritório. Não foi longe, permanecendo ali para pressionar sua orelha contra a porta, tentando discernir a conversação abafada.

Foi difícil e sua frustração só crescia, até que captou o final da conversa. Por um momento, se preocupou se Mikhail ficaria de seu lado ou não, mas depois deve ter ficado.

A porta abriu antes que Anya pudesse se mexer, um furioso Mishca parou aí. Nesse momento, parecia-se muito com seu pai, mas por diferentes razões. Mikhail era desumano em sua busca pelo poder e frequentemente não tinha piedade, no entanto Mishca estava mostrando esta crueldade, não por poder e sim por uma simples garota.

Como alguém podia amar tanto outra pessoa?



Ele acelerou passando perto dela e se ela fosse uma pessoa melhor, se não tivesse gostado de ver como ele estava saindo, Anya teria ficado quieta e não fazendo com que todos soubessem.

— Estou certa que encontrará outra Mishca. Não era nada especial.

Ele virou tão rapidamente que ela não teve tempo de se mexer antes que sua mão estivesse ao redor de sua garganta, empurrando suas costas contra a parede.

— Um destes dias, *gryaznaya shlyukha* [69], meu pai se cansará de você. — Tentou liberar-se, porém ele segurava forte, apertando sua mandíbula o suficientemente para que ela fizesse uma careta de dor. — E quando o fizer — seguiu, levantando sua cara para cima, assim ela o olhava — não desfrutarei de nada mais do que pôr uma bala em seu cérebro, porque odiaria perder o final.

Empurro-a longe, olhando-a a distância. Não parou de olhar, até que estava fora da vista dela, aí ela respirou profundamente, esfregando com dor sua garganta. Quando tudo isto acabasse, ia fazer Mikhail exilar esse pequeno bastardo para longe dela.



[69] gryaznaya shlyukha – prostituta suja

Capítulo 29

Respostas

Os dias se transformaram em semanas, Lauren fazia todo o possível para evitar Mishca ou qualquer pessoa relacionada a ele. Claro, Nova York era um lugar muito grande, mas a polícia deixou-a um pouco paranoica de que pudesse se encontrar com ele. Constantemente olhava por cima do ombro, a alguns dias um homem ameaçador de negro a seguia, mas nunca se aproximava muito dela, como se estivessem simplesmente lhe fazendo saber que estava sendo observada.

Ross estava fora do hospital, hospedado em um hotel, constantemente vigiado pela polícia de Nova York, no caso de alguém tentar lhe fazer uma visita. Apesar dos protestos de Lauren, um carro patrulha estava estacionado em frente ao seu apartamento.

Estava quase curada, os hematomas deixando lugar a umas marcas um pouco descoloridas, mas ainda podia sentir os golpes quando estava sozinha a noite, igual aos punhos de fantasmas golpeando sua cara.

Só piorava quando pensava em Mishca.

Agora, sentada na sala, esperando que Amber voltasse com a comida, Lauren tentou pensar na vida que agora sabia que ele levava.



Ele não tinha negado quando lhe perguntou, embora não tivesse lhe dado muita oportunidade de dizer nada, mas seu silêncio foi resposta suficiente. Com a forma em que descreveram aos *Vory v Zakone*, esperava alguém desumano, faminto de poder, mas não viu isso... não em Mishca.

Em retrospectiva, podia vê-lo em Mikhail e Viktor, seus gestos, a maneira em que se conduziam. Também explicaria o desaparecimento de Mishca todas as quintas-feiras. Passou um tempo investigando, aprendendo tudo o que pôde sobre a organização secreta. Para sua surpresa, não havia muito neles.

Encontrou o conjunto de regras, um mandato que seguiam, embora partes dele pareciam contradizer com os homens com os quais estava lidando. Igual à lei dos ladrões não tinham uma família. Mikhail tinha uma esposa e filhos, e do que Lauren viu, não parecia como se tivesse abandonado Mishca.

Além das regras, não havia quase nada de valor na internet. Havia um montão de outros criminosos, e não havia nem sequer menções de outros chefes da máfia russa, não encontrou nada sobre Mikhail e o resto dos Volkovs. Não sabia se eram simplesmente máfia russa pelo nome, ou se nunca houve suficiente provas reunidas contra eles para construir um caso.

Mas apesar de tudo, Lauren ainda sentia saudades. Obstinadamente se agarrava à esperança de que Mishca não tivesse nenhuma participação, que não soubesse nada disso.



Não estava preparada para enfrentar a realidade do que ele era.

Seu telefone tocou.

Vendo o identificador de chamadas, atendeu. — Olá, detetive Rodriguez.

— Lauren, preciso que venha à delegacia de polícia. — Seu tom era urgente, fazendo-a imediatamente se sentar.

— Por quê? Minha mãe está bem? E Ross?

— Não, não, eles estão bem. É sobre Ivan Stonosky. Foi assassinado em um ataque à prisão ontem à noite.

Rodriguez seguia falando quando a campainha tocou. — Eu, uh, espera. Minha companheira de andar voltou.

— Precisamos que venha à delegacia, para falar de sua declaração e o caso. Lauren? Lauren, está aí?

Não pôde responder, muito preocupada com a visão de Mishca de pé na soleira, com a boca em uma linha dura. Ele não disse nada, ela tampouco, mas suas razões não poderiam ser mais diferentes.

Ele olhou para o telefone que ela segurava ao seu lado. O detetive Rodriguez seguia falando, mas suas palavras estavam amortecidas.

Ela desligou. — O que está fazendo aqui?

— Precisamos conversar. — Sua voz era grave e desprovida de emoções.

— Não há nada que devamos falar. Acredito que deveria ir.



Começou a fechar a porta, com toda a intenção de acabar com toda a conversa ali, mas ele segurou com a mão, fazendo-a ir para trás.

— Não é opcional.

Mishca deu um passo para ela e ela deu um passo para trás. Repetiram esta dança até que ele esteve o suficiente longe para fechar a porta, trancando-a.

Seus olhos percorreram a sala, procurando em vão uma arma para usar contra ele. Sua bolsa estava apoiada no chão perto da cama onde a tinha jogado algumas horas antes. Se pudesse alcançá-la, pegaria o spray de pimenta que guardava. Havia uma pequena porcentagem de pessoas que não eram afetados por ele, mas esperava que Mishca não fosse um deles.

Fez um gesto para o sofá com uma inclinação de cabeça. —Sente-se.

Ela o fez, não porque tinha ordenado, mas sim porque suas pernas não estavam estáveis. Pelo menos sua bolsa estava ao alcance de sua mão.

Sentando-se na borda da mesa de café, bem em frente dela, inclinou-se para frente, apoiando os cotovelos em seus joelhos, juntando os dedos diante de sua cara.

— Como passou pelo guarda lá de fora?

Seu lábio se curvou para cima.

— Qualquer pessoa pode ser comprada.

A mão de Lauren se apertou reflexivamente em seu telefone. — Ele ainda lembraria se tiver vindo me matar... a menos que já esteja morto.



Ele perdeu seu sorriso. — Não estou aqui para te matar.

— Matou ao Anatoly. — Ante o olhar que cruzou sua cara, zombou. Foi bastante óbvio. — Falei com você, um deles terminou morto, o outro está em uma cadeira de rodas.

Estendeu a mão, o que significava que ia alisar seu rosto como fez tantas vezes no passado, mas quando estremeceu, ele se afastou. — Você nunca deveria ter sido prejudicada.

— Mas não é este quem você é? Você não mata pessoas? — Lauren não sabia o que a fez suficientemente valente para perguntar.

— Como sabe que Anatoly está morto?

Percebeu que não respondeu a sua outra pergunta. Em lugar de lhe responder, encolheu os ombros.

— Tem duas opções. Ou sair da cidade ou morrer.

Ela franziu a testa, quase podia ver seus sentimentos refletidos em seus olhos. Choque, raiva, mágoa. — Faria isso, Mish? Você me mataria?

— Eu nunca iria machucá-la — disse suavemente, lembrando-a por que sempre esteve tão cativada por ele. — Mas não posso controlar o que outros possam fazer. Estou te implorando para esquecer isso.

Tocou suas mãos enquanto dizia as palavras, como se estivesse obrigado. Seu polegar acariciou seus nódulos e por um momento enquanto fechava os olhos, podia imaginar que estavam juntos de novo, felizes e curtindo um ao outro.



Olhando para longe, cruzou os braços sobre seu peito. — Não posso.

Ele amaldiçoou, passando as mãos pelo cabelo. — Pensei que era suficiente. Posso entender sua necessidade de vingança, acredite em mim.

— Do que está falando?

— Anatoly e Ivan — disse, exasperado — Eu cuidei deles.

Seus nódulos estavam descoloridos e tinham uns quantos arranhões e cortes quase que cicatrizados. Não só era o homem que Ross havia descrito ou o menino por quem ela se apaixonou, mas uma combinação dos dois.

— Não é sobre eles — sussurrou.

— Então me diga — suplicou — Deixe que te ajude.

Queria falar. Provavelmente poderia lhe proporcionar mais respostas do que encontraria por sua conta, mas estava muito perto da fonte e com tudo o que estava acontecendo, não sabia se podia confiar nele.

— Sei, Mishca. Sei.

Foi sutil, só um ligeiro endurecimento ao redor de sua boca, mas era tudo o que necessitava. Sabia de seu pai.

— É isso o que estava procurando, confirmação?

— Não, quero a verdade.

— Lauren...

— Quero uma reunião com seu pai.

Ele já estava sacudindo a cabeça antes de que ela terminasse. —Não vai acontecer.

— É necessário.



— Ele te vai matar.

— Não. Me. Importa.

Agarrou-a pelos braços, pondo-a de pé em um movimento brusco. Estava muito surpresa para reagir, deixando-se apanhar e pressionar contra seu peito.

— Eu me importo. Por que não entende?

— Mish...

Beijou-a, tão abruptamente que em um primeiro momento permaneceu imóvel, logo se derreteu sob o ataque, retornando o beijo com tudo o que tinha nela. Segurou-a, com seus braços envoltos firmemente ao redor dela, e se perdeu em seus braços... pelo menos até que retornou seu senso comum.

— Por que não pode deixar passar — perguntou em seu pescoço, segurando-a.

— Faria isso? Se fosse seu pai, deixaria passar?

— Não posso te proteger deles se não me escutar.

Ela finalmente se separou, o frio retornando agora que seus braços não estavam ao seu redor. — Nunca pedi sua proteção, Mishca. Nunca pedi nada disso.

Sua expressão trocou de suplicante a determinado. — Esta é sua última advertência, Lauren. Não lhe pedirei isso de novo. Pare ou te obrigarei a isso.

— Então o faça, porque não vou parar até que desenterre a verdade.

Disse-lhe algo em russo, saindo. Quando fechou a porta, a imagem de Lauren e seu pai caiu da lareira, aterrissando de barriga para baixo no chão. Ouviu o som do



vidro, correndo para pegá-lo. pequenos pedaços de rosto do quadro caiu para o chão.

Foi quase irônico quando o virou em suas mãos. Com o impacto pareceu abrir-se em dois sobre o rosto de seu pai. Virou, tirou o fundo negro, com a intenção de tirar a foto e colocá-la em um dos poucos espaços vazios que ainda tinha em seu quarto, mas quando sua mão foi sobre ele, viu o marcador negro ao longo da parte de trás da foto.

Na quina superior esquerda, uma série de números e letras estavam escritas com a letra de seu pai. Não tinha ideia do que significava, só sabendo que devia ser algo importante para que ele o escondesse em uma imagem que estava feliz em seu aniversário, antes de sua morte.

Só outra peça do quebra cabeças.

— Foi Mishca, que vi indo embora? — Perguntou Amber enquanto entrava pela porta, carregando os sacos para a cozinha. — Pensei que vocês dois tinham terminado.

— Terminamos... Eu, uh, tinha uma de suas camisas aqui e ele queria de volta. — Não podia lhe dizer a verdade sobre o que estava acontecendo.

— E a polícia lá fora? Esteve ali nas duas últimas duas semanas.

— Provavelmente fazendo uma emboscada.

Amber não parecia muito convencida. — Eu estou sempre aqui, só para você saber.

— Obrigado. Vou comer mais tarde. Não estou com muita fome.



De volta ao seu quarto, Lauren procurou nas suas anotações por algo relacionado com o código. Teria se lembrado de algo assim, sabendo poderia significar algo importante, mas não havia nada no diário de seu pai que poderia associar a isto.

Estava a ponto de se dar por vencida, sem saber onde mais procurar, até que seu olhar posou na caixa das coisas velhas de seu pai na prateleira. Havia uma coisa que não olhou com cuidado.

Seu computador.

Carregando-o, ansiosa para ligá-lo. Foi a todos os arquivos óbvios primeiro. Documentos guardados, histórico da Web, vídeos, mas não pôde encontrar nenhuma só coisa que ajudasse. Inclusive procurou no Google o código, pensando que talvez se tratasse de algum tipo de algoritmo complexo que poderia levá-la a algum lugar.

Entretanto, continuava sem encontrar nada.

Ela foi inflexível, porém, que tudo isso estava conectado. O *Vory v Zakone* e seu pai, se deu conta de que estava a ponto de descobrir qual era essa conexão. Se não podia encontrá-lo, só havia uma pessoa que saberia o que fazer.

Fez a chamada, a pessoa no outro extremo atendendo no segundo toque. — Ouça, Matt, preciso um favor...



Levou uns dias para que Matt conseguisse um horário entre seu trabalho, seu turno na escola, e que ambos estivessem disponíveis, foi difícil. A antecipação a havia incomodado, sabendo que estava tão perto da verdade. Quando recebeu a ligação de Matt dizendo que podia passar na casa dela, quase surtou com a oportunidade.

Horas mais tarde, Matt estava na porta, parecendo a morte acalorada, entrou no apartamento com calças de pijama, sua sapatilha converse negras, e uma camiseta que dizia: “Meu nerd parece melhor do que o seu”, levando uma mochila pesada.

— Tenho uma prova amanhã, querida. O que posso fazer por você?

Montou seu equipamento no sofá, já sabendo o básico do que ela queria depois de sua conversa no telefone, embora ela tivesse sido um pouco vaga. Sentando ao lado dele, tirou o velho computador portátil de seu pai, pondo ao lado do outro mais moderno.

— Cristo, de onde tirou essa coisa? É da Idade de Bronze?

Sorrindo, sacudiu sua cabeça. — Era de meu pai. Vai me ajudar ou continuará zombando dele?

— Sim, sim. O que precisa?



— Preciso que dê uma olhada em seus arquivos e....

Parecia que estava lendo um mandato quando disse — A pirataria é ilegal, sobre tudo no bom estado de Nova York, onde se considera um...

— Vou comprar para você o novo Call of Duty[70].

— Bommmmm... — coçou a cabeça. — Há uma possibilidade de um bom tempo na prisão e me refiro a que, sinceramente, acha que realmente posso sobreviver na prisão?

— Tudo bem! — Disse Lauren, lançando suas mãos para o alto apesar que estivesse sorrindo. — O novo Call of Duty e essa espécie de comando a distância especial que queria para seu sistema.

Estralando seus nódulos, sorriu descaradamente. — Não é como se fossem me capturar de qualquer maneira.

Procurando em sua mochila, tirou um disco rígido externo, bem como um cabo USB dupla face que ligava os dois notebooks. Teclou furiosamente e o que estava fazendo fez o notebook de seu pai se iluminar, imitando as ações.

— Acredito que te subestimei — murmurou Lauren enquanto o observava ir sem esforço através de centenas de arquivos.

Riu, não tirando os olhos das duas telas. — O primeiro da classe. Agora, o que estou procurando?



[70] Call of Duty é uma série de videojogos na primeira pessoa. A série começou no PC, mais tarde expandindo-se para os vários tipos de consoles.

Lauren lhe mostrou a foto, apontando o código no verso da mesma. — Acredito que esta é uma contra senha e preciso encontrar qual é o arquivo que desbloqueia.

Assentiu, utilizando o mouse para abrir uma pasta. Abriu outra imagem, esta de Lauren sentada sob a árvore de Natal, com chifres em sua cabeça e um nariz vermelho que brilhava.

— Você era adorável — disse Matt com uma voz estranhamente alta.

— Isso é tudo? — Perguntou Lauren, sentindo como se os resultados de sua busca fossem um pouco... sem graça.

— O que esperava? Planos de guerra militares? — Matt ficou sério quando a olhou. — Estava pensando, sério? Porque tenho a teoria de que nosso governo está se preparando.

Lauren bateu em seu braço, tentando não rir. — Não comece agora com teorias de conspiração. Há algo incomum a respeito da foto?

— Não acredito. Ele olhou para a tela, abrindo as propriedades da imagem.

— Nossa...

— Nossa..., por que nossa?

Fez um gesto à imagem. — Tem tipo um gigabyte.

— E?

Percebendo que ela não tinha ideia do que queria dizer, ele revirou os olhos. — Às vezes me pergunto o que estão te ensinando na escola. Igual ao maldito teorema de



Pitágoras. Quer dizer, sei que estou nos computadores e toda essa merda, mas é só que é inútil e....

— Matt!

— De qualquer forma, a maioria das fotos pesam uns cinquenta megabytes, e isso é bastante grande. Esta é muito pesada.

— E por que é diferente?

Encolheu os ombros. — Não sei. A menos que... — Começou a digitar novamente, arrastando o arquivo da pasta de seu lugar. Pegando o pendrive que tinha preso a uma corrente em seu pescoço, o inseriu, copiando a imagem e mandando para seu próprio computador.

— Tenho um programa que decifra o conteúdo oculto no interior de arquivos de vídeo ou de áudio. Seu pai era um espião ou algo assim? Isso seria bastante genial.

— Era um médico, um cirurgião.

— Muito bem, aqui vamos.

Com uma facilidade ridícula, Matt extraiu o conteúdo, abrindo uma janela cinza com um ponto de interrogação que pedia uma senha. Pegando a imagem, teclou uma série de números e letras e clicou “entrar”. Uma pequena linha apareceu, dando voltas durante vários segundos antes que o quadro se expandisse em uma janela maior.

Ambos se inclinaram para frente para ver melhor a tela, Matt leu o documento em voz alta. — Certo, caso número 24.369. Uma menina, de dois anos, necessita de uma



transfusão de sangue por causa de um acidente. Tem algum sentido para você?

Lauren negou, sem deixar de ler. Entendeu a essência do que o relatório dizia pelo seu tempo como voluntária no hospital, mas o que não entendia era por que isso era o suficientemente importante para enterrar seu pai.

— Diz que o pai declarado não coincidia com a garota... Oh, oh, drama da menina do papai. — Rindo, seguiu lendo. — Ah, aqui estamos. O nome da garota era Volkov, Aleksandra. Ouça, não era Volkov o nome de seu namorado?

E aí estava, a essência.



Capítulo 30

O Encontro Final

Lauren sentou em sua mesa, com os pés apoiados na beirada da cadeira, enquanto mantinha o equilíbrio sobre as pernas traseiras. Viu como os carros passavam e os pedestres felizes viviam suas vidas. Sentia falta dessa bendita ignorância. Uma manhã mudou sua vida e tudo o que acreditava saber. Quase desejava não ido, ter seguido o conselho de sua mãe, mas precisava disto. Inclusive se o que aconteceria destruiria tudo.

Golpes duros soaram na porta, logo se levantou, ficando de pé. Tinha chegado o momento.

Pegou sua bolsa, e a pôs sobre seu ombro, respirando fundo. Não parou um momento para repensar o que estava fazendo. Através do olho mágico, viu os homens que estavam do outro lado, esperando. Mesmo sem suas tatuagens visíveis, era óbvio quem os enviou.

Segurando a maçaneta, se perguntou brevemente se foi assim como aconteceu com seu pai. Se tinha se sentido sozinho, esperando o dia em que o *Vory v Zakone* apareceria em sua porta. Foi por isso que a fez esconder-se no armário, para protegê-la?



Controlando uma nova onda de ira, Lauren abriu a porta, encarando os assassinos com a cabeça erguida. Não podia agir irracionalmente para isto funcionar, tinha que manter a calma.

— Foram enviados para me matar. — Não era uma pergunta. — Mas se o Pakhan, quer a informação que tenho, quero um encontro.

Nenhum dos dois confirmou nem negou suas palavras, só ficaram ali. Reconheceu um deles, Gerard, acreditava que era seu nome, do apartamento de Mishca. Ele resmungou algo a seu companheiro, mas não tirava os olhos de cima dela. Seu parceiro tirou um pequeno telefone prateado, marcou um número e falou em voz baixa. Momentos mais tarde, desligou.

Com um só movimento de cabeça, tinha sua resposta.



Alguns poderiam ter pensado que era a ideia mais estúpida do mundo, entrar no carro com dois assassinos pagos, mas não era como se tivesse muitas opções.

Dirigiram pela cidade, Lauren manteve-se segurando firme sua bolsa, sentindo as pequenas aberturas da pasta dentro. Durante horas leu a mesma linha uma e outra vez, sua mente completamente fundida. Não acreditava que algo



assim fosse importante em sua forma de vida, mas claramente era suficiente para matar.

Pararam na frente a um hotel de luxo, com numerosos veículos pretos estacionados na rua. As pessoas passavam, ignorando por completo a dúzia de homens que estavam junto aos carros. Era tão estereotipado que Lauren teve que se perguntar, por que ninguém questionou sua presença, ou sabiam, como ela sabia agora, e não queriam cruzar com estas pessoas?

Logo que entrou no hotel foi rapidamente escoltada ao conjunto de elevadores. Havia um que era vigiado por um homem com uns fones, com um pequeno vulto sob o paletó. Girou a chave e a porta se abriu, com outro homem esperando. Os que a seguiam, não deixavam que desse um só passo sem que um deles estivesse sobre seus calcanhares. Quando as portas estavam fechando, respirou fundo e esperou poder retornar.

A cada andar que subiam, um sino soava, o som aumentando sua angústia. Seu reflexo no espelho do elevador mostrou o medo em seus olhos e as expressões de pedra dos guardas. Finalmente, chegaram.

Seguiu um dos guardas para fora, e o outro estava na retaguarda.

Não teve tempo para apreciar a opulência da sala, já que viraram em uma esquina, parando em outro conjunto de portas. Eram como postos de controle, e em cada um, um novo grupo de guardas murmurava em seus fones, obtendo a confirmação antes de lhes permitir seguir.



Mas detrás destas portas, só Vlad estava de pé, com um traje completamente negro, com a pistola da cintura à vista. Seus olhos posaram nos dela brevemente, e logo deu uma fria inclinação de cabeça na direção dos homens e a deixaram ir. Eles deram um passo atrás e voltaram a desaparecer nos elevadores.

Antes que Lauren pudesse caminhar, Vlad a deteve, olhando-a pensativo.

— Meu Capitão, disse para não mostrar nenhum medo.

Suas sobrancelhas se juntaram. Seu Capitão, Mishca. Mishca mandou dizer para não mostrar nenhum temor.

Sem esperar resposta, empurrou as portas para abri-las.

Mishca, Anya, Mikhail, Viktor, Alex, e alguns outros homens que Lauren nunca tinha visto antes estavam sentados ao redor de uma mesa circular, com um copo descansando em frente de cada um. Perguntou-se por que Alex estava ali já que duvidava que estivesse envolvida no negócio real.

Todos olharam para ela, pela interrupção, mas só Mishca e Alex se surpreenderam em vê-la. Ele olhou entre ela e seu pai, com a mão sobre a mesa apertando-a em um punho, mas não fez nenhum outro movimento. Era absolutamente evidente que nesta sala, ele não tinha poder, pelo menos não contra seu pai.



Ao vê-los todos juntos, uma grande e feliz, embora criminosa família, fez com o que estava a ponto de fazer ficasse um pouco mais difícil, mas não ia voltar atrás. Foi culpa deles que perdeu seu pai. A verdade que estava a ponto de revelar era tudo o que mereciam e muito mais.

Mikhail fez um gesto para que sentasse na cadeira solitária, girando o anel de prata maciça em seu dedo mindinho. — Não esperava seu pedido. Pensei que a estas alturas estaria morta.

Mishca ficou de pé, falando rapidamente em russo. Mikhail lançou um olhar em direção a ele, seus olhos tornando-se ferozes por um segundo enquanto bradava uma ordem que Mishca sabiamente seguiu. Agarrou a cadeira, e a colocou corretamente, mas não se sentou, em seu lugar pôs suas mãos sobre a mesa, com o corpo tenso.

— Só há um problema com isso — disse Lauren, soando muito mais tranquila do que se sentia — Se me matarem, eles saberiam que foi você. Além disso, tenho algo que quer.

Tirou as cópias das entradas do diário, as colocando sobre a mesa. — Meu pai levava um diário de todo o trabalho que fez por vocês. Nomes. Datas. É suficiente para um homem inteligente. — Embora não tenha admitido que havia muito menos informação do que estava descrevendo.

Mikhail riu. — Isso é o que veio fazer aqui? Ameaçar-me?



— Quero respostas sobre meu pai — continuou. — Estou segura que se lembra dele. — Olhou Mishca então. — Dr. Cameron Thompson. Acredito que o chamava Doc?

Pelo menos teve a decência de parecer envergonhado.

— O que é....

Mikhail elevou a mão para deter Anya.

— Tem todas as respostas, verdade? Em seu pequeno diário.

— Não, eu quero saber por que mandou matá-lo.

A reação de todos foi cuidadosamente controlada, menos a de Alex, só a olhou desconcertada. O rosto da Anya se torceu em uma careta, mas houve um brilho de inquietação em seus olhos. Viktor parecia imperturbável embora olhasse Mikhail pelo canto do olho. Mais surpreendente, Mikhail e Mishca franziram a testa, suas expressões se refletiam mutuamente.

— Mikhail, não temos tempo para a acusação desta garota tola. Mate-a e acabe com isso de uma vez — disse Viktor

— Se eu matei o bom doutor, por que teria deixado você se aproximar de meu filho? — Perguntou Mikhail ignorando o arrebatamento de Viktor.

— Poderia ter pensado que eu nunca fosse descobrir.

Negou com a cabeça. — Então não é tão inteligente como meu filho acha. Diga-me, por que crê que tive algo a ver com a morte de seu pai?



— Um homem, Ivan, foi levado à delegacia de polícia porque me atacou e a alguém que me é importante. Ofereceu informação ao advogado a respeito de um assassinato, o de meu pai. Deu detalhes suficientes para que voltassem a abrir o caso. Disse que o autorizou a matá-lo, enviou ele, outro homem e Viktor para que o fizessem. — Lauren olhou para outro lado. — Um assalto que deu errado. Isso é o que eu cresci acreditando, ao menos até que o ouvi dizer aquela frase no café da manhã. Suponho que realmente não se possa lutar contra o destino.

Havia passado dias averiguando o que significava esta frase. Não sabia falar em russo, mas, depois de tentar e falhar, escutando-a uma e outra vez, por fim tinha o suficiente para encontrar uma coincidência.

— Como sabe estas coisas — perguntou Mikhail, seu tom de voz mais agudo que antes.

— Eu estava no armário. Ninguém sabia que estava ali e isso foi mantido fora do arquivo da polícia.

Pena. Isso foi o que viu nos olhos de Mishca enquanto a olhava, e compreensão. Mas não queria isso dele. Queria manter os dois lados separados para que pudesse continuar com isto.

— Esses homens que fala, são os mesmos que te atacaram e ao outro policial, não?

Ela assentiu.

— Por que faria isto? Você não pode cobrar de um homem morto.



Lauren procurou em sua bolsa, consciente que os guardas foram para suas armas ocultas, mas simplesmente pegou a pasta e a deixou sobre a mesa.

— Meu pai soube que Viktor estava dormindo com sua esposa.

Anya engasgou. — Vai permitir que me acusem destas mentiras? Em meu país, cortariam sua língua.

— Não há necessidade de tais ameaças, Anya. Deixe a menina falar. Se mentir, bom, nos ocuparemos dela, mas sei que não lhe acontecerá nada até que termine. — Mas Mikhail não estava calmo como parecia e Lauren tampouco. Ele só parecia se divertir com tudo isso. — Diz saber desta vida, então conhece meu título. Ninguém se move a menos que eu ordene.

— A menos que estivessem tentando esconder isso de você — replicou Lauren. — Se não o pediu, que razão teria seu Capitão para matá-lo?

— Onde está a prova?

— Não há nenhuma prova! — Exclamou Anya indignada. — Está mentindo.

Lauren olhou a pasta, conhecendo as respostas que possuía, mas em realidade não as necessitava. Toda a prova que precisava estava no quarto.

— Há uma prova viva.

Desta vez foi Mishca quem falou, a confusão clara em sua expressão. — Houve uma testemunha do ato?

— Alex.



— Eu? — Alex olhou para Mishca. — Como eu comecei isto? Era um bebê quando seu pai foi morto.

Fortalecendo sua determinação, Lauren olhou diretamente para Mikhail. — Ela não é sua filha.

Silêncio.

A fachada tranquila de Mikhail passou à palidez, substituída por algo muito mais terrível. — Tolerei este conto... em nome de meu filho. Não vou tolerar o desrespeito.

— Contratou meu pai para ser seu médico particular. Alex precisava de algum tipo de procedimento e o chamou para verificar seu DNA, que não foi compatível.

Todos começaram a gritar em russo, uma conversa que foi bastante fácil de seguir apenas por olhá-los.

— Quem é o pai? — Exigiu Mikhail de Anya.

— É você! Juro.

Viktor pulou de sua cadeira, pegando a arma em sua cintura, mas antes que fizesse outro movimento, os guardas o impediram.

— Você! — Cuspiu Mikhail em direção Lauren. — Termine.

— Houve uma combinação familiar.

— Familiar?

— Viktor. O pai de Alex é Viktor. Quando meu pai tropeçou na verdade por acidente, tiveram que matá-lo.

— Devia ter te matado também! — Cuspiu Viktor, pulverizando saliva por toda a mesa — Você e a sua preciosa puta da sua mulher!



Cansada de sua brincadeira, Lauren correu para ele, mas Mishca a interceptou, abraçando-a com uma força irresistível.

— Já se perguntou por que ele nunca saiu da frente daquela porta? Por que ele nunca tentou correr? Ele estava me protegendo seu filho da puta, e espero que apodreça no inferno!

— Chega. — Mikhail não gritou, mas seu tom continha suficiente autoridade para que o silêncio caísse sobre a sala. — Vlad, leve Viktor à casa de banho.

— Irmão, não. Isto simplesmente não é verdade. Eu nunca.... — As súplicas e maldições de Viktor caíram em ouvidos surdos quando debateu-se pela sala, sua luta não era suficiente para os três homens que o levaram. Alex olhou cabisbaixa, o homem que pensou que era um tio toda sua vida, e depois a sua mãe, que se negou a chorar ou suplicar.

Essa nuvem de ira que emanava de Lauren, enquanto Viktor falava insulto atrás de insulto, se dissipou ao enfrentar agora a cruel realidade do que infligiu a outra pessoa. Quando mais homens entraram na sala, Lauren apertou os olhos enquanto Alex gritava mais forte, tendo que ver sua mãe ser arrastada do lugar também. Embora ela fosse muito orgulhosa, Alex rogou a Mikhail em seu nome, piorando a culpa em Lauren.

Quando se foram, Mishca a soltou, recuando como se estivesse doente. Mikhail a olhou, mas suas feições treinadas em uma máscara de indiferença para que não pudesse obter uma leitura precisa de seu estado de espírito.



— Você sabe mais do que permito, mas sou um homem de honra, e embora seu pai não pôde atestá-lo, foi leal a mim. Por isso, vai viver para ver outro dia. Mishca me jurou que não vai dizer uma palavra à polícia e por isso, espero sua lealdade de agora em diante.

Ficou de pé, fechando a parte da frente do paletó. — Falaremos outra vez sobre o diário, até mais. — Saiu.

Dois golpes e silêncio. Três. Quatro. E com cada um, o quarto parecia menor à medida que ela foi deixada com Mishca. Ele não se moveu, não falou, mas podia ver a ira nele. Mais que isso, entretanto, havia angústia e não sabia se era por ela ou Alex. Lauren se mexeu, com vontade de sair antes que pudesse usar essa raiva contra ela.

— Valeu a pena? — Perguntou Mishca olhando suas mãos.

— Mish....

Saiu disparado de sua cadeira, tomando seu rosto, mas ela não recuou — Responda-me.

Manteve sua cabeça erguida, negando-se a afastar-se dele. — Eu não queria magoar você — sussurrou.

— A mim? — Riu com amargura — Não me fez nada. Mas à garota cuja vida você, porra, arruinou? E para quê? Para vingar seu pai morto. Compreende, ele veio a nós. E é tão ousada a ponto de enfrentar o Pakhan? Você tem sorte que eu te deixe viva!



Era diferente vindo dele que de Viktor. Como um golpe fisico, suas palavras a machucaram até o ponto de que novas lágrimas lhe ardiam os olhos. Levou até a última gota de sua força de vontade para continuar mantendo seu olhar acalorado.

Pegou a arma da mesa, colocou-a na mão dele, envolvendo seus dedos ao redor em seguida, trouxe-a ao peito, segurando-a pressionado contra seu coração.

— Eu não fiz isso — disse surpresa com quão tranquila estava sua voz, mas estava muita cansada para sentir algo mais. — Anya fez. Viktor fez. Não me culpe por merda da sua família. Lamento que tudo isso seja normal para você, mas deixe-me esclarecer uma coisa: seu tio matou meu pai, porque ele estava fazendo sexo com sua madrasta. Meu pai devia dinheiro, sim esse foi seu erro, mas não merecia morrer. Então, deveria te agradecer porque você está me deixando viver? Não preciso dessa merda de você. Vá. — Disse empurrando seu braço. — Faça o que sua família é conhecida por fazer.

Quando soltou sua mão tomou só um momento antes de deixar cair o braço, parecendo envergonhado.

— Laur...

— Não quero nunca mais vê-lo novamente — sussurrou.

Deixou-o na sala e seguiu os homens de Mikhail para fora, respirando profundamente para deter as lágrimas traiçoeiras que estavam esperando para cair, mas não queria parecer fraca na frente deles.



Tudo não ficaria bem, não mais. Ele não apertou o gatilho, mas ainda sentia como se o tivesse feito, como se houvesse um buraco gigante em seu coração.

Odiava-o e se odiava porque o amava, e nunca seria capaz de lhe dizer.



Epílogo

Às 6h desta manhã o corpo de Viktor Volkov, irmão do renomado empresário Mikhail Volkov, foi encontrado em uma lixeira, do lado de fora de um restaurante local. Embora os oficiais encarregados se negaram a comentar como ele chegou até ali, acredita-se que foi um assalto que deu errado....

Era adequado, alguns diriam que foi carma. Mas Lauren não conseguiu reunir energia para sentir nada agora que Viktor estava morto. Ele havia orquestrado a morte de seu pai, o assalto dela e de Ross, e praticamente destruído cada vida que tocou. Mesmo com todo o mal que havia causado, dois erros não fazem um acerto, e agora Lauren estava lidando com a culpa de seu assassinato.

Esta era a mensagem de Mikhail para ela. Uma advertência.

Lauren poderia não ter apertado o gatilho, mas no fundo, sabia que confessando os segredos que há muito tempo tinham sido enterrados, ela o matou.

Estava em conflito sobre tudo agora que sabia que Mikhail e Mishca não tinham nada a ver com o fato, mas isso realmente os desculpava? Sabiam quem era ela, quem era seu pai, e embora Mikhail não lhe devesse nada, pensou que ela e Mishca tivessem algo significativo.



As palavras de Mishca a seguiam. Até podia ver a ira residual em seus olhos, a traição que os separou. A pior parte? Entendeu porque não lhe havia dito, era difícil confessar algo que não sabia, e inclusive podia entender porque gritou o que disse. Naquele momento, não pensou em Alex e em como isto a afetaria.

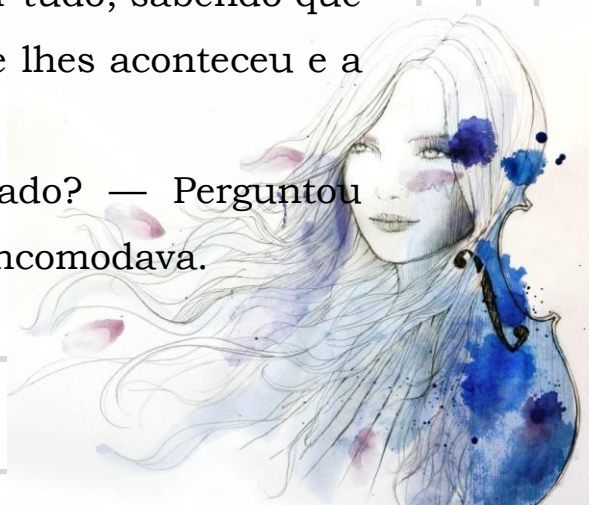
Mas ao mesmo tempo, ninguém pensou em sua família.

Lauren desligou a televisão, interrompendo o repórter que estava cobrindo o homicídio. Passaram meses do confronto e não tinha escutado nada de nenhum dos Volkov. Por isso estava agradecida. Não duvidava que os veria outra vez, depois de tudo tinha algo que eles queriam.

Susan e Ross entraram em sua casa, batendo duas vezes em sua porta antes de abri-la. Ross tinha sido liberado do hospital algumas semanas atrás, mas ainda estava de muletas, seu tornozelo em uma tornozeleira. Parecia melhor, estava mais corado, mas não estava em plena força ainda. Lauren decidiu passar o verão em casa, ao menos até que Ross pudesse ficar em pé, ficou até que o semestre terminou.

Deu um sorriso trêmulo para Ross, sentando-se sobre suas pernas dobradas para enfrentá-los. Ligou chamando para virem, querendo confessar tudo, sabendo que ambos mereciam uma explicação pelo que lhes aconteceu e a verdade que soube sobre seu pai.

— Oh, Lauren, o que está errado? — Perguntou Susan, sempre sabendo quando algo lhe incomodava.



— Mãe... — as lágrimas saíram primeiro, derramando-se e caindo por suas bochechas antes que pudesse dizer as palavras, mas quando o fez, forçou-as a sair entre soluços engasgados.

Quando finalmente contou tudo o que aconteceu — a festa de natal, a visita de Ross, seu confronto na mansão — Susan esteve calada, por tanto tempo, que Lauren temia que a qualquer momento fosse desmaiar. Estava pronta para isso, pronta para as acusações, para a raiva que esperava que sua mãe sentisse por ela, mas o que não esperava era seu profundo suspiro.

— Eu sei, Lauren... Eu sei.

— O que quer dizer com você sabe?

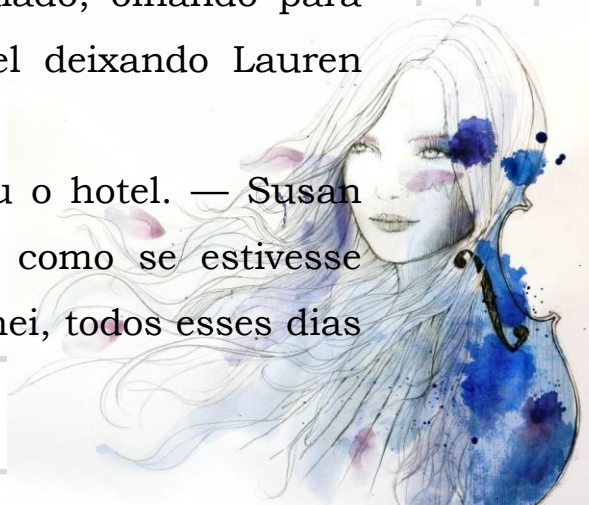
Sua mãe pegou sua mão, apertando-a entre as dela. — Lauren, há coisas sobre seu pai... e eu nunca quis te dizer nada disto. Era melhor deixar no passado.

Lauren fechou os olhos. — Mãe, só me diga.

— O Dia de Ação de Graças, perguntou-me porque estava agindo... estranhamente quando conheci Mishca. Era porque o conheci antes. Anos atrás, antes que nascesse. Seu pai e eu estávamos aqui de visita quando teve uma chamada... uma emergência, disse-me.

Lauren olhou a Ross. Estava calado, olhando para fora da janela, sua expressão impassível deixando Lauren saber que isso não era novidade para ele.

— Segui Cameron quando deixou o hotel. — Susan teve um olhar distante em seus olhos, como se estivesse revivendo. — No começo nunca o questionei, todos esses dias



que tinha que ir, as misteriosas chamadas telefônicas a cada duas semanas. Me cansei de não saber.

— Fomos a um armazém onde um grupo de homens estavam esperando por ele. Eu pensei que poderia esgueirar-me, ver o que ele fazia, mas quando os vi, eu quase desejei que ele tivesse um caso. Isso... eu poderia ter superado. Levaram-me para ver seu Chefe, Mikhail. Mishca estava com sua mãe. Cameron lhes jurou que nunca diria uma palavra do que vi esse dia. — Susan apertou sua mão. — Querida, você tem que entender. Prometi a seu pai que nunca falaria sobre nada disso.

— Então me diga agora — demandou Lauren. — Acredito que tenho o direito de saber.

— Não posso.

— O que quer dizer com não pode? — Perguntou puxando sua mão e ficando em pé.

— Agora, Lauren...

— Nem sequer comece, Ross. Não... Quero dizer, como estão ambos tão calmos sobre isto? Disse que mataram meu pai e vagamente piscou. — Virou-se para Ross. — Nos atacaram e sou a única enlouquecendo.

— Pensa que eu não sabia? — Perguntou Susan, com a voz embargada. — Soube no momento que cheguei a essa casa e o vi, mas não tinha que ter provas? Só tinha o que seu pai me disse e isso nunca teria sido suficiente para incriminá-los. Vivi quinze anos sabendo quem eram os assassinos de Cameron. Sinto-me melhor sabendo que Viktor



foi quem o matou e agora está morto? Sim, mas não muda nada. Seu pai não voltará.

Tudo era uma mentira. Como se fosse a única que não tinha ideia do que estava acontecendo ao seu redor, e foi a única ferida por tudo isso.

Saindo furiosa da sala, Lauren pegou seu casaco, abrindo a porta da frente, e parando de repente quando quase tropeçou em dois detetives, que estavam prestes a bater em seu apartamento.

Ela recuou, respirando profundamente. — Sim? Posso ajudar?

Mostraram insígnias douradas. — Lauren Thompson?

— Sim?

O primeiro limpou a garganta e disse — Sou o detetive Parker, meu parceiro, o detetive Lorenza. Apreciaríamos se pudesse ir ao departamento de polícia e responder algumas perguntas.

Ross saiu cambaleando do quarto atrás de Susan, apoiando-se nas muletas. Quando viu os homens, seu cansaço desapareceu e ficou em pé, com a cabeça erguida.

— Que história é essa? — Perguntou.

— A respeito do assassinato de Viktor Volkov.

Fim



Com uma Licenciatura em Escrita Criativa, London Miller é meio doido com uma caneta e papel, criando fascinantes mundos fictícios onde os meninos maus algumas vezes são os meninos bons. E mulheres que amam. Sua novela de estreia, In The Beginning, é a primeira na Série Volkov *Bratva*.

Atualmente reside no Sul da Georgia onde bebe muito café e passa noites escrevendo.

Para saber mais do London Miller e seus projetos, por favor navegue através de suas as redes sociais:

https://www.facebook.com/londonmillerauthor

https://twitter.com/LMAuthor

http://www.pinterest.com/londonmilleraut/

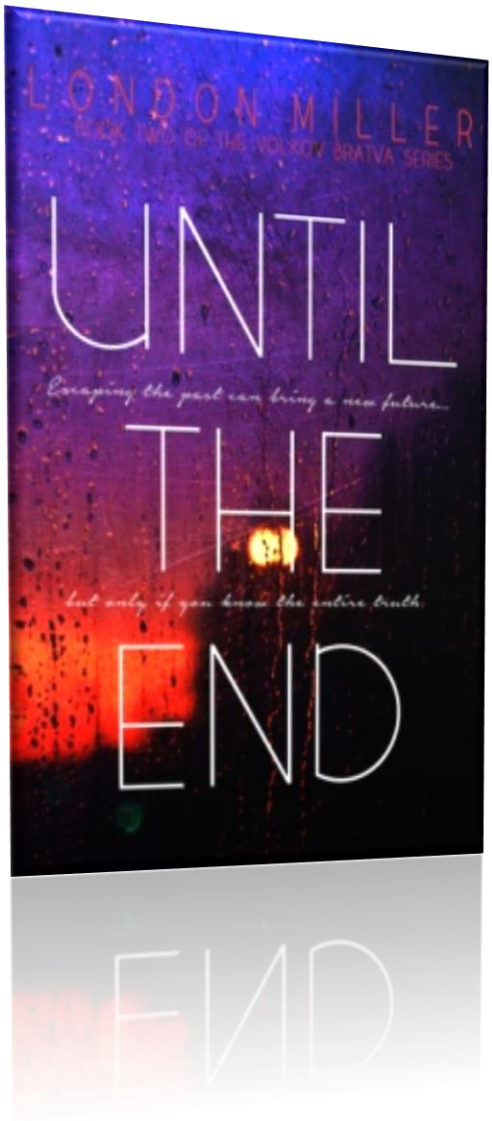
http://londonmiller.tumblr.com/

Ou pode lhe escreva no endereço london.millerauthor@gmail.com



PRÓXIMO LIVRO

Until the End



Lauren Thompson

Depois de conhecer a verdade atrás da trágica morte de seu pai, Lauren jurou nunca voltar a ficar perto de outro Volkov, mas às vezes os assuntos do coração são muito fortes para resistir...

Mishca Volkov

Como um Capitão nos Volkov Bratva, Mishca tinha prometido sua lealdade para os Vory v Zakone, mas logo se encontra em desacordo com a vida que sempre conheceu...

Até o Final

Quando Mishca e Lauren lutam para salvar sua relação, novos obstáculos se apresentam, obrigando o casal a tomar decisões drásticas que podem ou separá-los ou aproximá-los até mais...

***Destinada apenas para público adulto.



Por favor não copiar nossos arquivos no facebook.

Se você viu algum arquivo do PL no Facebook,
sem a nossa autorização,converse com a moderação.

Se você gosta dos livros feitos pelo PL,ajude!

Quem gosta, respeita!

Nõ publique diretamente no facebook,
não exponha o grupo de forma desnecessária.



Não aceitamos reclamações sobre as traduções do grupo.

Se não gostou da tradução,
leia o livro no idioma original.

Equipe de Tradução Pégasus Lançamentos

